

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Gustavo Tanus Cesário de Souza

CONSTELAÇÕES DO POETA NEGRO:
imagens de Adão Ventura no arquivo literário

Belo Horizonte
2017

Gustavo Tanus Cesário de Souza

CONSTELAÇÕES DO POETA NEGRO: imagens de Adão Ventura no arquivo literário

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Pós-Lit) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva.

Belo Horizonte
2017

S729c Souza, Gustavo Tanus Cesário de.

Constelações do poeta negro [manuscrito] : imagens de Adão Ventura no arquivo literário / Gustavo Tanus Cesário de Souza. – 2017.
202 f., enc. : il., fots., color., p&b.

Orientador: Marcelino Rodrigues da Silva.

Área de Concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Referências: f. 166-195.

Anexos: f.196-202.

Apêndices: f. 203.

1. Ventura, Adão – Crítica e interpretação – Teses. 2. Literatura brasileira – Escritores negros – Teses. 3. Poesia brasileira – História e crítica. 4. Memória e literatura – Teses. 5. Escritores brasileiros – Arquivos I. Silva, Marcelino Rodrigues da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: B869.142



pós-lit
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Faculdade de
Letras - FALE



Dissertação intitulada *Constelações do Poeta Negro: imagens de Adão Ventura no arquivo literário*, de autoria do Mestrando GUSTAVO TANUS CESÁRIO DE SOUZA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada/Mestrado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva - FALE/UFMG - Orientador

Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte - FALE/UFMG

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral - CEFET-MG

Prof. Dr. Georg Otte

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 8 de agosto de 2017.

Às minhas mães ancestrais:

«Salubá!, Nzumbarandá»

«A bênção, vó Alice»

«A bênção, vó Rosa»

«A bênção, Roane, minha mãe».

Em memória do poeta Adão Ventura.

Agradecimentos

Ao irmão de Adão, Pedro Ventura e sua esposa Cida, que doaram o acervo do poeta à Luana Tolentino. E a ela pela doação do Acervo do poeta Adão Ventura à UFMG, por sua exemplar militância inteligente e competente na educação pública brasileira.

Ao pessoal do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – NEIA, Prof. Adécio de Sousa Cruz, Thiara, Fernanda, Rafaela, Rodrigo Pires, Luiz, Gustavo, Margarete, Lorena, Laura Oliveira, Guilherme de Paula e Thamyris Rodrigues, pela afeição de compartilhar conversas sobre literatura afro-brasileira; em especial, à Glauciane Aparecida, com quem dividi as angústias, e ao poeta Marcos Fabrício, pelas conversas sobre poesia.

A Naiara Reis, pelas conversas sobre identidade. A Pedro Henrique Silva e Harion Custódio, parceiros desta empreitada; mãos de muitas querelas, contendas, e vice-versa.

Ao Tat'eto Jalabo e a Mam'eto Yaparasilê da Casa de Cultura Lode Apará, pelo direcionamento. Ao Tat'eto Obaziri e família WàánaKavungo, pelo acolhimento e ensinamentos.

Aos professores da Formação Intercultural de Educadores Indígenas – FIEI / FaE / UFMG, em especial aos da área de Línguas, Artes e Literatura, Dra. Maria Gorete Neto, Dr. Marcos Scarassati, Dra. Clarisse Alvarenga e Dr. Guilherme Trielli Ribeiro, pela orientação na formação docente.

Aos alunos e às alunas indígenas – etnias Pataxó, Xakriabá, Pankararu, Guarani, Tupinikim, e Pataxó Hãhãhãe – da FIEI/FaE/UFMG, pela convivência de muitas descobertas sobre história, histórias e representação.

A meus alunos e alunas da Escola Estadual Professora Benvinda de Carvalho, e as minhas alunas e alunos haitianos do Pró-Imigrantes/UFMG, e da Educafro, pelas lições sobre educação e *leçons sur la vie*.

Ao Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte, orientador da bolsa de iniciação científica, generoso na partilha do conhecimento e das oportunidades, pela participação na banca e pelas contribuições para o trabalho. Ao Prof. Dr. Cléber Cabral, pela leitura cuidadosa e pelas sugestões valiosas para a continuidade do trabalho.

Ao grande poeta Oswald de Camargo e aos professores Dra. Yeda Pessoa de Castro e Dr. Henrique Cunha Jr. pelas informações sobre a vida, sobre mundo acadêmico e artístico afro-brasileiro.

À Dra. Antonia Cristina de Alencar Pires, uma verdadeira *griotte*, com todas as suas histórias sobre histórias: disciplina, literatura, poesia, vida literária, e sobre a vida, e parceira de outras pesquisas.

Aos Professores Dr. Adécio de Sousa Cruz e Dr. Josiley Francisco de Souza, arguidores da banca do bacharelado em Edição. Ao Prof. Dr. Marcos Antônio Alexandre, pelo conhecimento sobre performance, em sua performance sobre o conhecimento.

À Prof. Dra. Sônia Queiroz, orientadora de monografia, mentora bastante crítica, apoiadora dos meus projetos.

Ao Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva, meu orientador, que nos possibilitou caminhar com pouco desespero.

A meus tios René e tia Marlene, pelo primeiro contato com as classificações, em sua biblioteca particular, apoiadores do casamento, base para nossos projetos.

A meus irmãos, André e Raquel, por todas as companhias, vivências e sofrências. A minhas sobrinhas. A Helena, pelo desejo de ser arconte dos nossos arquivos familiares, e Mariana, iniciando descoberta do mundo.

A meu afilhado, Thiago, companheiro de jogos, brincadeiras, invenções e maquinações.

A meu avô Maron e minha avó Rosa – meus primeiros contatos com as narrativas –, que partiram nestes últimos anos deste nosso estudo.

A Gabrielle Francinne, companheira, há mais de dez anos, um duplo de base de amparo e estrela-verpertina; motivo pelo qual abro e fecho os livros.

À agência de fomento CAPES, pela contribuição financeira para o desenvolvimento desta pesquisa. Com a esperança de que ela sobreviva ao desmonte do estado, nessa atual ponte para o atraso.

Aos presidentes Lula e Dilma, que nos permitiram experimentar um país menos desigual, em esperançosos tempos que findaram com o golpe de 2016.

Se oriente, rapaz
Pela constelação do Cruzeiro do Sul
Se oriente, rapaz
Pela constatação de que a aranha
Vive do que tece
Vê se não se esquece
Pela simples razão de que tudo merece
Consideração

Considere, rapaz
A possibilidade de ir pro Japão
Num cargueiro do Lloyd lavando o porão
Pela curiosidade de ver
Onde o sol se esconde
Vê se compreende
Pela simples razão de que tudo depende
De determinação

Determine, rapaz
Onde vai ser seu curso de pós-graduação
Se oriente, rapaz
Pela rotação da Terra em torno do Sol
Sorridente, rapaz
Pela continuidade do sonho de Adão.

(Gilberto Gil, 1972).

Resumo

O que se buscou neste trabalho foi fazer uma discussão sobre as imagens do poeta afro-brasileiro Adão Ventura – mineiro, natural de Santo Antônio do Itambé – formadas a partir de três instâncias: sua obra, a fortuna crítica sobre ela e o conjunto de registros documentais que compõem o seu acervo. Foi realizado, ainda, um levantamento exaustivo de seus textos poéticos, dispersos em periódicos, antologias nacionais e internacionais e material audiovisual. Para articular esse conjunto, foi convocada a metáfora da constelação, que permite contemplar figurativamente os modos de produção e organização dos documentos, analisando as imagens que daí possam ser apreendidas, de modo que a representação espacial possibilite a superação das representações lineares do tempo. Essas imagens, bem como suas relações e agrupamentos (idealizado pelo autor, impostos pela crítica e sugeridos por mim), foram organizadas, contrapostas e confrontadas, em uma tentativa de leitura a contrapelo. Pretendeu-se, desse modo, entender os mecanismos de funcionamento do lugar dedicado a Adão Ventura na historiografia literária, em contraste com o lugar idealizado por ele, conforme se pode apreender a partir do estudo de seu arquivo e do manuseio de seus documentos. O estudo das fontes primárias buscou vestígios da atuação de Adão Ventura no campo literário/intelectual de seu tempo, articulando esse *corpus* documental em cinco conjuntos: "Constelações de originais – éditos e inéditos – e o uso de pseudônimos", em que são trabalhados os originais não publicados em relação aos livros editados; "Atuação institucional como servidor público", em que é traçado um perfil profissional a partir da documentação; "O poeta e sua rede de relações", em que é delineada sua rede de relações com outros escritores; "A biblioteca do poeta", em que é feita a análise dos livros que constavam em sua biblioteca; e "Clipagens – série de recortes temáticos", que é a constituição de um fundo documental sobre relações raciais, por meio da clipagem de notícias de periódicos. O uso da metáfora da "constelação" permitiu refletir sobre os modos de organização do universo documental e confrontar sua suposta naturalidade, evidenciando a natureza subjetiva desses agrupamentos. Com os resultados desta pesquisa, pretende-se contribuir para que o estudo do acervo de Adão Ventura, recentemente incorporado ao Acervo de Escritores Mineiros da Faculdade de Letras da UFMG, possa ser relevante para uma reconfiguração da recepção e da memória desse poeta afro-brasileiro, cujos poemas transitam por antologias internacionais e seletas de melhores poemas da literatura brasileira, mas que, na história literária brasileira, ainda carece de maior visibilidade.

Palavras-chave

Adão Ventura. Arquivo Pessoal. Arquivo Literário. Literatura Afro-brasileira. Poesia Contemporânea.

Abstract

This study "CONSTELLATIONS OF THE BLACK POET: images of Adão Ventura in the literary archive" aims at studying the images of Afro-Brazilian poet Adão Ventura – born in Santo Antônio do Itambé, Minas Gerais – formed by three categories: oeuvre, criticism, and the set of documental registers that constitute his archive. Furthermore, we have exhaustively mapped his poetic works, which were scattered among periodicals, national and international anthologies, and audiovisual material. In order to do so, it is necessary to summon the "constellation" metaphor which allows us to perceive, figuratively, the modes of production and organization of such documents. Subsequently, it is possible to analyze the images that can be obtained from this process, in which spatial representation attempts to outdo linear representations of time. The relation between the several different images (as well as their clusters: what was idealized by the author, what was imposed by critics, and what is to be suggested here), these images will be ordered, contrasted, confronted, as to promote a reading that goes against the grain. We therefore intend to comprehend the working mechanisms of Adão Ventura's place in literary historiography, in contrast with such place as idealized by him, according to what can be inferred from the study of his archive and documents. Our study of primary sources sought vestiges of Ventura's acting in the intellectual/literary field of his epoch, articulating this documental *corpus* into five groups: "Constellation of Originals – published and unpublished – and the use of pseudonyms", in which we worked with original, unpublished texts in relation to published books; "Institutional acting, a public worker", in which we traced the poet's professional profile based on documentation; "The poet and his network of relations", which analyzes books found in his library; "Clipboards – thematic series – on Racism and Prejudice", which consists of a documental background on racial relations, carried out by means of clipping pieces of news from periodicals. The employment of the constellation metaphor has allowed us to reflect on the modes of organization of the documental realm, which confront the naturalness of organized systems at the same time that the choice of clusters indicates/signals the subjective disposition of these universes. Hence, this Afro-Brazilian poet's catalogue, which has recently been incorporated to the Acervo de Escritores Mineiros (Library of Writers from Minas Gerais), at the Faculty of Letters in the Federal University of Minas Gerais (UFMG), will be able to reconfigure the reception and the memory of an Afro-Brazilian poet whose poems transit through international anthologies and collections of the best poems in Brazilian literature but which, in Brazil's literary history, still lacks bigger visibility.

Keywords

Adão Ventura. Personal Archive. Literary Archive. Afro-Brazilian Literature. Contemporary Poetry.

Résumé

Constellations du poète noir: images d'Adão Ventura dans l'archive littéraire. Ce travail a pour objectif de mettre en lumière les images du poète afro-brésilien Adão Ventura – né au Minas Gerais, à Santo Antônio do Itambé. Ces images sont construites à partir de trois piliers: l'œuvre, la critique et l'ensemble de registres documentaires qui constituent sa collection. Par rapport à l'œuvre, nous avons réalisé la lecture de six livres de poésie d'Adão Ventura; pour la critique, nous avons convoqué de nombreux textes publiés sur la poésie de l'auteur; et l'analyse des registres documentaires a été faite à partir de sa collection. Pour cela, on a utilisé la métaphore de la constellation qui a permis de représenter de façon figurée les modes de production et d'organisation des documents où la représentation spatiale essaie de surmonter les représentations linéaires du temps. Nous avons également fait l'état de l'art de textes poétiques parus dans les périodiques, dans les anthologies nationales et internationales ainsi que dans des supports audio-visuels. Nous avons l'intention, à travers ce travail, de comprendre les mécanismes de fonctionnement de la place dédiée à Adão Ventura dans l'historiographie littéraire, en contraposition à la place idéalisée par l'auteur lui-même, comme nous avons pu observer à partir de l'étude de sa collection et de l'interprétation des documents. Avec notre étude des sources primaires nous avons cherché des pistes sur la participation d'Adão Ventura dans le champ littéraire et intellectuel de son temps, en organisant ce corpus documentaire en cinq parties: «Constellations des originaux – Éditions et inédites – et l'usage de pseudonymes», où nous travaillons les originaux non publiés par rapport aux livres édités; «Poste institutionnel en tant que fonctionnaire publique» où nous avons tracé un profil professionnel à partir des documents; «Le poète et son réseau», où nous cherchons son rapport avec les autres auteurs; «La bibliothèque du poète noir», où nous avons fait l'analyse des livres qui constituaient sa bibliothèque; «Repérage sur le racisme et le préjugé» qui constitue une source documentaire sur les «relations ethniques» à travers le repérage de la presse périodique. L'usage de la métaphore de la «constellation» nous a permis de réfléchir aux modes d'organisation de l'univers documentaire, qui interrogent la façon naturelle de systèmes organisés, parallèlement au choix des rassemblements qui montrent ou signalent la nature subjective de ces univers. Ainsi, la collection de ce poète afro-brésilien qui a été récemment incorporée à l'Archive des Écrivains du Minas Gerais, de la Faculté de Lettres de l'Université Fédérale du Minas Gerais, pourra contribuer à la critique et à la mémoire d'un poète afro-brésilien dont les poésies font partie des anthologies internationales et d'une sélection des meilleurs poèmes de la littérature brésilienne; pourtant, dans l'histoire brésilienne, son œuvre mérite d'une visibilité plus importante.

Mots clés

Adão Ventura. Collection personnelle. Archive littéraire. Littérature Afro-brésilienne. Poésie Contemporaine.

Lista de Abreviaturas

AEM. Acervo de Escritores Mineiros.

AV. Adão Ventura.

CELC. Centro de Estudos Literários e Culturais.

FALE. Faculdade de Letras.

GENS. Grupo de Escritores Negros de Salvador.

IEB. Instituto de Estudos Brasileiros.

UFBA. Universidade Federal da Bahia.

UFJF. Universidade Federal de Juiz de Fora.

UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais.

PUC-Minas. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

LDC. Litanias de cão.

RL. Revista Literária do corpo discente da UFMG.

SL. Suplemento Literário de Minas Gerais.

IEPHA-MG. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.

RFFSA. Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Sumário

INTRODUÇÃO	17
O Acervo de Escritores Mineiros.....	20
A Coleção Especial/Acervo de Adão Ventura.....	21
Enquadramentos: sobre os métodos de pesquisa	22
Imagens e constelações	26
Um arranjo para este trabalho	29
1. IMAGENS CRISTALIZADAS DO POETA NEGRO.....	30
Nota biográfica de Adão Ventura	31
O escritor em sua obra poética.....	35
O escritor em sua fortuna crítica & algumas considerações sobre o campo literário afro-brasileiro	58
2. REFLEXÕES SOBRE O ARQUIVO LITERÁRIO	81
Arquivos pessoais e arquivos literários	82
A institucionalização e os primeiros olhares do arquivo de Adão Ventura.....	97
O campo literário, o poeta negro e os arquivos	102
3. DESEMPACOTANDO ADÃO VENTURA	111
A descrição e ordenamento dos documentos do poeta	112
Constelações de originais – éditos e inéditos – e o uso de pseudônimos.....	117
Atuação institucional como servidor público	126

O poeta e sua rede de relações	130
A biblioteca do poeta	136
Clipagens – série de recortes temáticos	140
4. CONSTELAÇÕES DE IMAGENS DE ADÃO VENTURA	145
BIBLIOGRAFIA DE ADÃO VENTURA	153
Publicações individuais.....	154
Antologias	154
Periódicos.....	157
Organização	163
Publicações no exterior	163
Traduções inéditas	164
Audiovisual.....	164
REFERÊNCIAS	166
Sobre o poeta Adão Ventura	167
Teórica	184
ANEXOS	196
Anexo A – Cartas de Ferreira Gullar a Adão Ventura	196
Anexo B – Clipagem da programação do evento 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, 1986	198
Anexo C – O poema em prosa "ou simplesmente festa"	199
Anexo D – Duas folhas de rosto: "Ocorrências" e "Sombras de escorpião"	200
Anexo E – Folha de rosto do livro <i>Pó-de-mico, macaco de circo</i> (1984).....	201

Anexo F– Página Folha de rosto, com título "Costura de nuvens", e pseudônimo Zumbi 202

APÊNDICE 203

Apêndice I – Constelações *Litanias de cão* e *Texturaafro* 203

INTRODUÇÃO

Traz luz ao mundano pego
Onde sigo, mudo e cego...
[...]
Constelação flamejada
De toda esta vida ansiada.

(Cruz e Sousa, 1895).

Foi com meus avós Maron Tanus e Rosa do Nascimento que despertei para os arquivos, para a ideia de arquivamento de si e para os processos de constituição de uma memória familiar. Eles mantinham objetos – sem valor monetário, porém com forte valor sentimental – que funcionavam como uma espécie de lastro, como provas para as muitas histórias que contavam. Eu já observava, naquele tempo, que cada um possuía uma maneira própria de guardar e de se relacionar com aqueles "documentos". A partir dessas observações, meu irmão André e eu iniciamos nossas coleções, administradas sob os mais rígidos procedimentos de classificação e organização que conseguíamos bolar naqueles tempos. A nossa coleção de objetos valiosos – folhas de árvores, moedas antigas, pedras e outras quinquilharias encontradas nas ruas onde brincávamos – nos rendiam momentos de planejamento sobre a ação de cuidado deles. A burocracia geralmente ficava a cargo do meu irmão, mais velho do que eu, enquanto eu dava mais atenção às tipologias, às histórias, às narrativas.

De um ponto de vista mais formal e institucional, meus contatos com os arquivos começaram em 2006, ano em que comecei a trabalhar no Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), aprovado em concurso público para a carreira de Técnico de Gestão, Proteção e Restauro. Na condição de servidor do IEPHA-MG, experimentei as rotinas de composição de inventários, os esforços de classificação, as fabulações criadas nas descrições de objetos culturais, as visitas técnicas a acervos de casas de cultura, museus e arquivos públicos, o contato com cerâmicas do Vale do Jequitinhonha, com camarins de igrejas, santos de roca, altares mores e capelas de Nossa Senhora do Rosário, com inventários de patrimônio cultural etc.

Ao mesmo tempo, como estudante do Bacharelado em Letras, cursando a disciplina "Oficina de texto: escrita acadêmica", ministrada pela professora Dra. Sônia Queiroz, tive a oportunidade de auxiliá-la em pesquisa sobre o acervo do professor Nelson Coelho de Senna, cujos documentos estão alocados no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Cursava, naquele momento, outra disciplina, "Literatura Brasileira", ministrada pela professora Dra. Constância Lima Duarte, cuja proposta era a de colaborar para a escritura de verbetes de escritoras e escritores mineiros, que seriam organizados no *Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros*. Aproveitei a ocasião e transformei o trabalho final da primeira disciplina na elaboração de um projeto de pesquisa para a segunda. Esse projeto propunha a escrita de verbetes sobre os escritores Affonso Arinos de Melo e Franco, Pedro Nava, Avelino Fóscolo,

Terezinha Alvarenga, Wander Piroli e de Nelson Coelho de Senna. Este seria meu primeiro contato com uma pesquisa mais sistemática, dentro de arquivos e bibliotecas, em busca de rastros de escritores.

Para a realização das pesquisas sobre esses escritores, frequentei o espaço da coleção especial "Mineiriana", da antiga Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, atual Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais – lugar em que, muitos anos antes, quando eu ainda era um adolescente zunindo pela cidade, buscando refúgio entre as estantes e dentro dos livros, me caiu nas mãos um volume de poesias de Adão Ventura, *Jequitinhonha: poemas do Vale* (1980). Reencontrei-me com aqueles versos, em 2013, quando aquela biblioteca da adolescência passou de local de fugas a objeto de pesquisa da minha monografia do Bacharelado em Edição, intitulada *Africanos e afrodescendentes nas estantes: a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa*.

Ainda em 2013, ingressei como voluntário no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA). Pouco tempo depois, passei a atuar como bolsista de Iniciação Científica (CNPq) no projeto "Afrodescendências na Literatura Brasileira", trabalhando no *Literafro* – portal de literatura afro-brasileira, ambos coordenados pelo professor Dr. Eduardo de Assis Duarte. Naquele momento, trabalhei com diversos escritores, porém Adão Ventura e seus versos atraíram especialmente meu interesse como leitor e pesquisador. Em 2014, pedi a meu orientador de Iniciação Científica para intermediar um contato com o Acervo de Escritores Mineiros (AEM), cujo diretor era o professor Dr. Marcelino Rodrigues da Silva, para que eu pudesse oferecer trabalho voluntário na organização do acervo do poeta, que havia recebido naquela ocasião um novo e significativo conjunto de documentos.

O trabalho no acervo do poeta demandou uma movimentação entre diferentes escalas, do panorama ao detalhe, da particularidade ao mais geral. Esse procedimento de focalização – necessário nas pesquisas em instituições de memória, inclusive para a descrição de itens documentais – sugeria possibilidades diferentes (e às vezes antagônicas) de trabalho: eu poderia optar por mergulhar no texto poético, por perseguir seus rascunhos e originais, por acompanhar o discursos dos críticos de sua obra, ou ainda por utilizar os documentos para a escrita de uma biografia intelectual. Optei por um caminho outro, em que pudesse utilizar alguns dos pontos de referência desses diferentes procedimentos, figurados por meio de diferentes imagens do escritor.

Assim, o que pretendo nesta dissertação é fazer uma apresentação de imagens do poeta afro-brasileiro Adão Ventura formadas a partir de três instâncias: a obra, a crítica e o conjunto de registros documentais que compõem o seu acervo. Para articular essas imagens, foi criada a metáfora da constelação, que permite contemplar figurativamente os modos de produção e organização dos documentos, analisando as imagens que daí podem ser apreendidas, bem como as relações entre elas e seus possíveis agrupamentos: idealizado pelo autor, impostos pela crítica e alguns sugeridos por nós.

O Acervo de Escritores Mineiros

O Acervo de Escritores Mineiros (AEM) – espaço gerido pelo Centro de Estudos Literários e Culturais da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (CELC/FALE/UFMG) – foi criado em 1989, com o recebimento espólio documental da poeta e professora Henriqueta Lisboa. O órgão, que foi idealizado como um "lugar de memória" para preservação e reelaboração de nossa memória literária e cultural, guarda e disponibiliza para consulta acervos pessoais e coleções especiais, compostos por livros, objetos, obras de arte e documentos, em diversas tipologias e suportes, de escritoras e escritores.

Os acervos custodiados pelo AEM estão abrigados no terceiro andar da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais, espaço que foi projetado para uma exposição permanente, a partir de uma concepção museográfica e cenográfica, que busca recriar o ambiente de trabalho dos escritores. Os acervos que estão atualmente sob a guarda dessa instituição são: Abgar Renault (ano da doação: 1997), Família Ávila – Affonso Ávila e Laís Corrêa de Araújo (recebido em 2014, porém com doação ainda por formalizar), Carlos Herculano Lopes (2008), Cyro Dos Anjos (2000), Fernando Sabino (2008), Frei Betto (doação em andamento), Lúcia Machado de Almeida (2008), Murilo Rubião (1992), Octávio Dias Leite (2008), Oswaldo França Júnior (1996), Wander Piroli (2008) e Adão Ventura (2010 e 2014, doação em duas etapas, a segunda ainda por formalizar). As coleções especiais são: Achilles Vivacqua (2009), Alexandre Eulalio (1995), Ana Hatherly (1995), Anibal Machado (1996), Carolina Maria de Jesus (2014), Eugenio Rubião (s.d.), Genevieve Naylor (2001), Graciliano Ramos (s.d.), José Maria Cançado (2008), José Oswaldo de Araújo (1999), Leopoldo da Silva Pereira (2010) e Valkimi Vilela Guimarães (1995).

Visitar o AEM é como adentrar concomitantemente um museu, um arquivo e uma biblioteca. Não apenas pela maneira como foram dispostos os acervos – um caminho museográfico pelo laboratório da escritora e do escritor, seu escritório e sua biblioteca, e pela organização arquivística da documentação –, mas também pela natureza desses "objetos informacionais", desses documentos conservados por escritoras e escritores.¹

A Coleção Especial/Acervo de Adão Ventura

O AEM recebeu, em 2009, uma parte do acervo de Adão Ventura, classificada inicialmente como Coleção Especial, cuja doação foi confirmada, no ano seguinte, pela assinatura do Termo de Doação e a constituição de inventário inicial. Esse conjunto dispunha de 474 itens, que já se encontram tratados e organizados em arranjo definitivo, e está disponibilizado para consultas e pesquisas.

No ano de 2014, dez anos após o falecimento do poeta, foi doado outro conjunto mais volumoso de materiais, que passou por processo de tratamento arquivístico², com a confecção de inventário e a classificação da coleção bibliográfica e documental, a fim de que possa, juntamente com a primeira parte, ser disponibilizado ao público. Com essa segunda doação, o conjunto total dos documentos, livros e objetos de Adão Ventura sob a guarda do AEM deixou de ser considerado uma Coleção Especial e passou a ser tratado pelo órgão como o Acervo do escritor.

Em análise preliminar, naquela época, pude verificar que faziam parte desse último fundo diversos itens bibliográficos e uma grande quantidade de documentos, objetos pessoais, fotografias, correspondências ativas e passivas, oficiais e pessoais, clipagem³ de notícias de

¹ Sobre a história do AEM, ver as dissertações PIMENTA. Arquivos literários, lugares da memória: o caso do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG (2012) e OLIVEIRA. Acervo de Escritores Mineiros: gênese e constituição (2014), defendidas, respectivamente, no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários e no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, ambos da UFMG.

² Fiz, como trabalho voluntário, a descrição e a classificação dos livros e documentos dessa segunda doação, para a constituição *a posteriori* de um inventário completo do acervo de Adão Ventura pelos servidores do AEM.

³ O termo "clipagem" significa tanto a ação de selecionar e arquivar material publicado em jornais e revistas sobre determinado assunto, pessoa ou entidade quanto o produto dessa ação, ou seja, o conjunto do material arquivado.

jornais, rascunhos de poemas e originais dos livros já publicados, além de materiais inéditos, em uma quantidade mais de quatro vezes maior do que a primeira doação.

Acredito que a importância de receber e tornar público o acervo de Adão Ventura ultrapassa a simples exposição e a promessa de acesso aos documentos pessoais do poeta. Ela abarca também a possibilidade que tais documentos contribuam para reconfigurar a recepção e a memória de um poeta afro-brasileiro cujas obras transitam por antologias internacionais e seleções de melhores poemas da literatura brasileira, mas que, na historiografia literária brasileira, ainda carece de maior visibilidade.

Enquadramentos: sobre os métodos de pesquisa

A utilização de fontes primárias armazenadas em arquivos literários, juntamente com as demandas contemporâneas por diálogos interdisciplinares, tem possibilitado novos caminhos para os Estudos Literários. Com ela, abre-se a possibilidade de diluição dos limites do texto constituído, do texto editado e publicado, e de estabelecimento de relações transtextuais desse texto com os documentos arquivados pelo escritor. O complexo processo de produção e recepção de uma obra literária e todos os elementos envolvidos nesse processo encontram nos acervos documentais uma possibilidade de comprovação (BORDINI, 2005). Destarte, ao adentrar o arquivo do escritor, podemos encontrar objetos que portam diversas possibilidades de se constituírem matérias-primas para o desenvolvimento de pesquisas dentro do campo das Letras.

Pensando especificamente em Adão Ventura, essas possíveis produções, que podem ser de grande importância para a construção do conhecimento sobre o poeta e sua obra, se mostram, no cenário atual de pesquisas de Pós-Graduação, pouco numerosas quando comparadas àquelas escritas sobre autores canônicos. Desta forma, sem desprezar os textos literários propriamente ditos, a proposta de análise do arquivo do poeta Adão Ventura é inédita, tendo em vista que nenhuma pesquisa se ateve à sua documentação pessoal, institucionalizada sob a forma de um arquivo literário. Como afirmou Eneida Maria de Souza, as pesquisas produzidas a partir dos arquivos de escritores "têm a qualidade de serem inéditas e originais, uma vez que o objeto de estudo é construído no decorrer do arranjo dos arquivos, da surpresa vivenciada a cada passo do trabalho" (SOUZA, 2010, p. 26).

Sabemos que, historicamente, as imagens públicas de escritores estimularam a conservação e o arquivamento de "provas" e "evidências" que pudessem constar de suas defesas em processos jurídicos⁴. Tal prática articula, conforme Reinaldo Marques, um movimento duplo: "de um lado, [no caso, o escritor] arquivava documentos e papéis, constituindo seu arquivo pessoal e de trabalho; de outro, ao fazê-lo, ele também se arquivava" (MARQUES, 2012, p. 73), forjando uma imagem, ou melhor, diversas imagens de si, pela preservação das memórias relacionadas à sua formação intelectual, às relações afetivas, ao seu ofício etc.

Assim, pretendo neste trabalho desenvolver um estudo acerca das imagens desse poeta afro-brasileiro, trabalhando com documentos que constam de seu acervo, buscando imagens que podem ser construídas a partir desse material e contrapondo-as às imagens que circulam na crítica literária e às que podem ser entrevistas em seus próprios textos. Para tanto, partirei das seguintes questões: Quais são as imagens construídas pela crítica e pela historiografia dos textos de Adão Ventura? Quais são as imagens do poeta que podemos depreender/construir de sua obra? Quais são as imagens que surgem a partir do manuseio dessa diversidade documental? De que modos é possível relacionar essas imagens e conjuntos de imagens?

Minha participação na constituição do inventário descritivo do acervo do poeta foi fundamental para o conhecimento do acervo e a tentativa de uma leitura discursiva dos documentos. Agregando-se a meus conhecimentos prévios sobre o escritor, esse contato preliminar com sua documentação direcionou a pesquisa para a urgência de inquirir os motivos da relativa invisibilidade de Adão Ventura no campo literário, em relação às suas ações para constituir-se como autor. Minha hipótese inicial de trabalho era a de que o acervo de Adão Ventura prefigurasse, por seus materiais diversos, o testemunho de um esforço para a constituição de uma figura do autor (FOUCAULT, 2009).

Forçando-me a ultrapassar os limites das metodologias críticas que se concentram apenas na leitura do texto editado, o trabalho com o arquivo literário possibilitava a utilização de diferentes abordagens: a crítica biográfica (leitura do texto a partir do viés biográfico), a crítica genética (dos documentos do processo de escrita até o texto publicado), a crítica textual (que busca a edição definitiva da obra), entre outras. A opção teórica e metodológica entre

⁴ Philippe Artières (1998, p. 13) trata especificamente do "arquivamento" realizado por Émile Nougier, um jovem apache condenado, que foi instado por um médico a manter a escrita de um diário durante seu período de encarceramento no presídio. Observe-se que se trata verdadeiramente de forjar uma imagem de si, numa espécie de "arquivamento do eu".

essas possibilidades, cuja síntese está colocada abaixo, constitui um quadro bastante representativo de minhas primeiras inquietações.

Em sua versão contemporânea, a crítica biográfica é uma teoria crítica que explora o arquivo do escritor como uma espécie de bastidor da criação literária. Um de seus intuitos poderia ser o de realizar uma (re)constituição da biografia intelectual do autor, perscrutando os episódios vividos pelo criador do arquivo. Para evitar o equívoco da abordagem mimética da crítica biográfica tradicional, no entanto, deve-se ter o cuidado de distinguir os pólos de arte e da vida, por meio de um "raciocínio substitutivo e metafórico, com vistas a não naturalizar e a reduzir os acontecimentos vivenciados pelo escritor" (SOUZA, 2010, p. 26).

A crítica genética é uma metodologia teórica-prática que percebe a obra como resultado de processos criativos, do proto-texto até o texto constituído, buscando, assim, a gênese da escritura, uma dança possível entre o texto editado e os rascunhos, seus documentos de processo. O objeto de pesquisa é a "memória de uma gênese – os retratos temporais do artista", e ela "encontra sua definição ao ultrapassar os limites da obra ao público" (SALLES, 1996, p. 147). Já a crítica textual tem como objetivo consolidar uma edição definitiva do texto original, a que fora pretendida pelo autor, buscando para isso impressões e contextos relativos a ele, necessários para o seu estabelecimento e o seu estudo.

Num primeiro momento, avantei a possibilidade de trabalhar com o método genético, tentando compreender "a relação que as obras mantêm com sua própria temporalidade de ocorrência, ao se estudar o processo gerador por meio de uma análise dos manuscritos" (JURT, 2004, p. 47-48), usando, para isso, o "laboratório do escritor", isto é, seu arquivo. Porém, com o manuseio desses documentos, dispersos de modo caótico, sem arranjo definido, considerei que era mais urgente e produtiva naquele momento uma abordagem descritiva, a fim de fosse possível compor um arranjo para esses itens.

Em momento contíguo, surgiu a ideia de trabalhar com a perspectiva da crítica biográfica, que demandaria outras leituras teóricas sobre esse ferramental metodológico, a fim de se poder realizar uma leitura do texto literário confrontada com aspectos da trajetória de vida do autor. A abordagem da crítica textual, por sua vez, mesmo de um autor pouco trabalhado nas academias, não é algo essencialmente novo, e deixaria de fora as discussões recentes, e bastante necessárias, sobre os arquivos pessoais na contemporaneidade.

Meu interesse se voltava, sobretudo, para as discussões sobre o significado de um arquivo literário de um poeta afro-brasileiro ser incorporado a uma instituição de ensino,

pesquisa e extensão como a UFMG, assim como para as imagens desse escritor que poderiam ser forjadas a partir desses documentos. Acreditava naquele momento, e acredito ainda hoje, que tais discussões – juntamente com o trabalho de organização, classificação e análise discursiva dos documentos de Adão Ventura, a análise crítica de seus livros e o estudo de sua fortuna crítica – nos guiariam, em momento oportuno, até os primeiros esboços de trabalho.

Para a análise dos documentos do arquivo do escritor⁵, mostrou-se imprescindível uma passagem pela discussão teórica sobre a figura do autor e sobre o conceito de arquivo e sua importância para os estudos literários e culturais no panorama contemporâneo. Um panorama marcado pelo retorno da crítica à pesquisa em fontes primárias e aos arquivos de escritores, nos quais a "figura do escritor [...] reaparece com seu traço e resíduo, sua marca autoral" (SOUZA, 2010, p. 25). Assim, o autor deverá ser entendido, segundo Foucault (2009), como uma função discursiva, sendo uma característica do modo de existência, circulação e funcionamento de alguns discursos dentro da sociedade. Seguindo a mesma linha, sua obra, a que trataremos como conjunto de textos poéticos, deve ser vista como uma unidade discursiva, necessária para que a "função autor" possa ser exercida.

Para o conceito de arquivo, o ponto de partida será novamente a reflexão de Michel Foucault (2008), que não entende o arquivo como um depósito de letras mortas e acumuladas, nem como um local de acumulação de documentos, de uma totalidade de textos que foram preservados por uma sociedade. Para ele, o arquivo é antes um sistema, um jogo de regras que, numa cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento dos enunciados, sua permanência e seu apagamento. Assim, o arquivo representaria o conjunto de discursos efetivamente pronunciados em um dado momento. Para sua análise, é necessário fazer uma arqueologia dessa massa documental, buscando compreender suas regras, suas práticas, suas condições e seu funcionamento. Esse conceito de arquivo funda um caminho teórico para o entendimento das relações do poeta com sua produção artística e seu modo de pensar/refletir o mundo, perseguindo os lugares onde a função "autor" é exercida (FOUCAULT, 2009).

⁵ Mais à frente, no Cap. 2, serão discutidas as diferenças entre o arquivo do escritor e o arquivo literário, segundo Reinaldo Marques.

Imagens e constelações

Entender o arquivo conforme a definição de Foucault nos possibilita não apenas trabalhar com a materialidade documental, mas também com as imagens que podem ser construídas por esses documentos (cuja seleção pode fazer parte, no caso dos arquivos pessoais, de um projeto de "arquivamento do eu"). O objetivo desse trabalho não é protegê-las, conservá-las, ou melhor, cristalizá-las, mas descrever seu sistema de funcionamento, suas possibilidades de dizer e o conjunto de enunciados mobilizados por elas (FOUCAULT, 2008).

Sobre os modos de aproximação da nossa hipótese, nossa abordagem do arquivo de Adão Ventura possibilitará analisar diferentes domínios discursivos, no sentido de sistematização e descrição das condições de existência dos signos e enunciados que compõem essa constelação de imagens – um "rizoma de imagens", e suas relações íntimas e secretas, suas correspondências e analogias (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 88). O próprio Foucault utilizou-se dessa palavra "constelação" para designar um conjunto de enunciados. As imagens do escritor serão problematizadas por meio do arquivo literário, tendo como referência a noção benjaminiana de "constelação". Sobre essa noção, os professores Georg Otte e Miriam Volpe afirmam:

Não se trataria apenas de um conjunto (constelação), mas de uma imagem, o que significa, em primeiro lugar, que a relação entre seus componentes, as estrelas, não seja apenas motivada pela proximidade entre elas, mas também pela possibilidade de significado que lhes pode ser atribuída. As diferentes narrativas traçadas sobre os agrupamentos de estrelas através dos tempos seriam, assim, resultado de longas observações, ou então considerações, termo este que tem como origem provável sidera, significando, portanto, leitura de estrelas. (OTTE; VOLPE, 2000, p. 37).

Na tentativa de aprofundar a reflexão sobre esse termo-conceito, foram pesquisadas outras referências bibliográficas em que essa palavra é utilizada e problematizada, em acepções diferentes da noção de conjunto. A intenção não foi a de controlar todos os usos, mas avançar nas questões relativas aos documentos dos arquivos em um arranjo tal que evidencie critérios de seleção, aspectos de uma subjetividade revelada e assumida, que possam funcionar como um referencial para discussões sobre os arquivos, tanto os pessoais e literários, quanto os tradicionais, administrativos.

Nessa busca, entrou em pauta o método de composição poética das *Galáxias*, de Haroldo de Campos (1984; 2004), que operou "caleidoscopicamente" nas zonas fronteiriças

entre prosa e poesia, entre inteligível e ininteligível, entre história e memória, entre política e estética, colocando portanto esses pares em questão. É possível ver, nessa obra-poema de contornos fluídos, uma espécie de épica, uma narrativa que reelabora as noções de tempo e espaço, performatizando no texto literário a ideia foucaultiana de arquivo, no sentido de que carrega, em sua trama, o excesso e a restrição ao mesmo tempo, o que remete à espectralidade do arquivo, não tendo uma fronteira, sendo ele próprio fronteiroço.

A palavra "constelação" também foi utilizada como um operador filosófico por Theodor Adorno e está pulverizada em sua obra, contendo significações diferentes. Esses usos foram objeto de estudo da tese *Filosofia e arte em Theodor W. Adorno: a categoria de constelação*, de Eduardo Soares Neves Silva, defendida em 2006. Nela, o pesquisador observa que esse termo, como um conceito nuclear do filósofo, fora percebido de diversas maneiras por seus comentadores: "parece claro a todos que 'constelação' circunscreve *algo* muito importante, [mas] não houve ainda o esforço sistemático de se determinar o *quê*" (SILVA, 2006, p. 74).

Segundo o autor, são muitos os momentos em que o filósofo utiliza esse termo, com acepções dadas pela crítica que se aproximam da ideia de "conjunto" ou "grupo". Alguns exemplos seriam "a construção de termos compostos como 'constelação de conceitos', 'constelação de teorias', 'constelação de objetos', 'constelação de fenômenos', 'constelação de temas', 'constelação de autores' [...]" (SILVA, 2006, p. 75). Eduardo Silva buscou observar o uso desse conceito, no conjunto dos estudos de Adorno, como uma chave do que o filósofo denominou "modelos de pensamento". Essa análise da filosofia adorniana o permitiu reconstruir três sentidos do conceito:

- 1) "constelação" descreve uma propriedade teórica ou um modo de ser do pensamento, aproximando-se bastante do que vimos ser o sentido dos modelos;
- 2) "constelação" é um aspecto concreto ou modo de ser da coisa, o que nos remete ao enigma que o objeto representa para o pensamento identificante;
- 3) "constelação" é uma forma que desafia a intenção sistemática da teoria, princípio de composição que dá visibilidade ao anti-sistema. (SILVA, 2006, p. 76).

Vemos que tais sentidos afastam-se da simples ideia de conjunto, agregando inclusive outras acepções, que se relacionam a um procedimento metodológico e composicional, as

quais deverão ser tratadas nas sínteses das "imagens" do poeta Adão Ventura, mais à frente neste trabalho. Por meio do arranjo constelar proposto neste trabalho, espero interpretar as imagens do escritor não apenas como metáforas, mas como arranjos, desenhos, idealizações desafiantes que busquem a afirmação e a demonstração de que os documentos não são, de modo algum inócuos e inertes, e das possibilidades de agrupamento dessas imagens, que não são naturais. Assim, a constelação pode, quem sabe, ser um importante operador teórico, inclusive para a leitura de textos contemporâneos.

Como afirma Reinaldo Marques (2012, p. 61), ao longo de sua trajetória o escritor acumula diversas figurações, decompondo-se em diferentes imagens:

[...] o artista da palavra testemunhado pela obra; o intelectual que representa um ponto de vista para a audiência, capaz de dizer verdades ao poder; o polemista, que ataca de forma contundente posições antagônicas, tornando o debate mais animado; fragmentos de vida disseminados em entrevistas, depoimentos, bate-papos, reportagens.

A conservação e a abertura da "intimidade" dos documentos pessoais ultrapassa a simples ordenação, porque envolve permitir que as composições (o mundo arranjado pelo escritor) continuem ativas, "como território primitivo, selvagem e caótico, emitindo imagens, criando outros territórios possíveis de leitura" (SANCHES NETO, 2011, p. 74). A ideia de constelação trabalhada aqui não é orientada para a sugestão de um método a ser empregado, como promessa de atendimento às demandas dos arquivos (que são muito variadas). Ela é uma metáfora cuja intenção é contemplar figurativamente os modos de produção e organização dos documentos, salientando seus traços culturais, portanto, não naturais, e analisar as imagens que daí sejam apreendidas, de modo que a representação (ideia) espacial ensaie a superação das representações lineares do tempo.

Assim, o que mais interessa são as relações entre as diversas imagens a serem contrapostas e confrontadas. Espero, desta forma, avançar na compreensão dos mecanismos de funcionamento do lugar dedicado a Adão Ventura na historiografia literária, em contraste com o lugar idealizado por ele, conforme se pode apreender a partir do estudo de seu arquivo e do manuseio de seus documentos.

Um arranjo para este trabalho

No capítulo 1, "Imagens cristalizadas do poeta negro", são apresentadas as figurações consolidadas do poeta, por meio de uma pequena nota biográfica, por uma leitura crítica de seus livros de poesia e pela análise da sua fortuna crítica. São feitas, também, considerações sobre a literatura afro-brasileira e o campo literário.

No capítulo 2, "Reflexões sobre o arquivo literário", são discutidas as noções de arquivo, arquivos pessoais e arquivos literários. Em seguida, são apresentadas as características gerais do acervo de Adão Ventura e estabelecidas algumas relações entre esses conceitos e o lugar do escritor negro dentro do campo literário.

No capítulo 3, "Desempacotando [as caixas de] Adão Ventura", é feita a descrição e o agrupamento dos itens documentais do arquivo de Adão Ventura, bem como o estudo dessas fontes primárias como vestígios de sua atuação no campo literário/intelectual de seu tempo. O trabalho com esse *corpus* documental se organiza em órbita de cinco conjuntos: "Constelações de originais – éditos e inéditos – e o uso de pseudônimos", em que são estudados os originais não publicados em relação aos livros editados; "Atuação institucional como servidor público", em que se traça um perfil profissional a partir da documentação; "O poeta e sua rede de relações", onde é esboçada sua rede de relações com outros escritores; "A biblioteca do poeta", em que é feita a análise do conjunto de livros que constavam na biblioteca do poeta; "Clipagens – série de recortes temáticos", sobre a conservação de notícias sobre si e sobre outros escritores e a constituição de um fundo documental sobre "relações raciais", por meio do arquivamento de notícias de periódicos.

Nas considerações finais, intituladas "Constelações de imagens de Adão Ventura", é feita uma síntese das imagens do poeta encontradas na crítica e na história literária, bem como das imagens construídas a partir de seu arquivo. É feita também uma comparação entre os dois conjuntos de imagens e uma reflexão final sobre os arquivos literários como testemunho para a constituição da figura do autor.

1. IMAGENS CRISTALIZADAS DO POETA NEGRO

A história
do negro
é um traço
num abraço
de ferro e fogo.

(Adão Ventura).

Nota biográfica de Adão Ventura

eu nasci
mesmo
foi nas águas
de Santo Antônio do Itambé.

mas,
foi no Sêro,
o Sêro de Vicente Naná,
Doutor Tolentino
e Teodoro da Fazenda
que firmei pé
e descobri que o mundo era bem maior.
(Adão Ventura).

É mister explicar a pertinência desta nota biográfica, dizer qual é sua relevância para esta dissertação, diante do panorama atual dos Estudos Literários. Pareceu importante incluir no trabalho uma nota de apresentação de um poeta que não circula muito na historiografia literária brasileira. De maneira geral, as notas biográficas sobre Adão Ventura, como a maioria dos perfis biográficos, concentram informações, sucintas e mais gerais, tornadas fatos naturais por elas, que ajudam a constituir um imaginário sobre o poeta. Esta nossa – derivação de um desejo de biografia que não é o objetivo desta pesquisa – foi composta após a movimentação das fontes primárias de seu acervo e a leitura crítica de outros perfis, em uma ação que confirmou algumas observações presentes nos outros textos, refutando outras. Com isso, é esboçada uma primeira imagem de apresentação do poeta, com algumas novidades em relação a outros perfis.

A apresentação biográfica de um escritor é um dos caminhos pelos quais se pode iniciar a leitura de seus textos e observar os percursos para a sua condição de autor, em consonância com a perspectiva da crítica biográfica contemporânea. Entre o incômodo provocado por seu caráter lacunar e inacabado e a curiosidade de conhecer mais sobre o poeta predileto, esta nota biográfica expressa também o desejo de esboçar uma biografia, estimulado pelo acesso a seu arquivo pessoal.

Adão Ventura Ferreira dos Reis – neto de mulheres e homens escravizados que trabalharam em fazenda e mina – nasceu no dia 5 de julho de 1939, em Santo Antônio do Itambé, antigo distrito do Serro, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Nessa localidade,

viveu até o início da juventude, experiência importante cujas lembranças foram poeticamente trabalhadas em seus poemas. Deslocou-se para a cidade de Belo Horizonte e ingressou nos estudos de Direito na Universidade Federal de Minas Gerais, tornando-se Bacharel em Direito em 1971.

Foi na *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG* que o poeta publicou seus primeiros poemas, antes de editar seu primeiro livro, que é de 1969: "A ausente" (1967), "Malcolm X" (1968), "Poemas/ Móveis a) A cama" (1969), "Poemas/ Móveis b) a cadeira" (1969). No *Suplemento Literário do Minas Gerais*, criado em 1966 pelo escritor Murilo Rubião, trabalhou como jornalista e redator, integrando a chamada "Geração Suplemento"⁶, composta por escritores como Luiz Vilela, Ivan Ângelo, Libério Neves, Sérgio Sant'Ana e Jaime Prado Gouvêa. No fim de 1969, editou seu primeiro livro, *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dêle o azul*, texto com uma prosa poética densa, repleta de imagens, metáforas e alegorias, que até hoje foi objeto apenas de poucas e redutoras leituras críticas.

Em 1973, o poeta foi convidado a participar do Congresso Internacional de Escritores (*International Writing Program*), promovido pela Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, e a lecionar Literatura Brasileira Contemporânea, na Universidade do Novo México. Essas experiências nos Estados Unidos permitiram a ele aprofundar seus conhecimentos acerca das manifestações culturais afro-americanas como o blues, o jazz, a poesia e a ficção negra, além de terem acontecido em um momento de intensas lutas pelos direitos civis dos afro-estadunidenses.

Por ocasião das comemorações do Centenário da Abolição, em 1988, Adão Ventura foi convidado a integrar o Conselho Consultivo do programa nacional Centenário da Abolição da Escravatura, que foi um grupo de pesquisadores e artistas negros que daria apoio intelectual às festividades. Desse grupo participaram, além dele, os músicos Paulinho da Viola, Milton Nascimento e Martinho da Vila, o ator Grande Otelo, além de Abdias Nascimento, que na época era deputado federal, da professora e militante do Movimento Negro Efigênia Carlos Pimenta, entre outros.

Em 1989, foi convidado a integrar a Diretoria de Estudos, Pesquisas e Projetos da Fundação Cultural Palmares. No início da década de 1990, foi nomeado presidente da

⁶ Sobre essa geração, ver: OLIVEIRA. Guimarães Rosa no Suplemento..., 2002; TOLENTINO. Literatura portuguesa no Suplemento Literário do Minas Gerais..., 2006; MAROCA. Nos rastros dos novos..., 2009; NOVAES. O Suplemento Literário do Minas Gerais no arquivo de Murilo Rubião, 2014.

Fundação Cultural Palmares, sendo o segundo presidente dessa instituição, cumprindo o mandato 1990-1994.

No ano de 1993, a convite do *International Visitor Program*, proferiu palestras sobre "Cultura Negra e Educação no Brasil", em universidades norte-americanas: *Howard University*, em Washington, e nas de Indiana e Flórida. Atuou como juiz classista da Junta de Conciliação e Julgamento da cidade de Passos, sul do estado de Minas Gerais, no triênio 1996-1999.

Após o primeiro livro, Adão Ventura lança outra obra de prosa poética, *As musculaturas do arco do triunfo* (1975). Em 1980, lança o livro *Jequitinhonha: poesias do Vale*, que integrava um projeto de escrita poética sobre o Vale do Jequitinhonha, do qual faziam parte os livros *Nas águas do Jequitinhonha*, de Ronald Claver, e *Cantigas de amor & outras geografias*, de Paulinho Assunção, publicados pela Coordenação de Cultura do Estado de Minas Gerais.

Nesse mesmo ano, lançou o livro *A cor da pele* (1980), que até 1988, ano do centenário da Abolição, já tinha alcançado a quinta reimpressão. Em 1985, o poeta lançou seu único livro infantil, *Pó-de-mico de macaco de circo*, que possui dois pequenos textos críticos. Seus últimos livros autorais foram *Texturaafro* (1992) e *Litanias de cão* (2002). Além dessas obras individuais, Adão Ventura participou de diversas antologias, nacionais e internacionais, tendo poemas traduzidos para o inglês, o espanhol, o alemão e até o húngaro.

Recebeu, durante a vida, diversas honrarias e homenagens, como o prêmio literário da *Revista Literária* da UFMG, em 1971; o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, no ano de 1972; e a menção honrosa no Prêmio Fernando Chinaglia, promovido, em 1977, pela União Brasileira de Escritores. Além disso, foi homenageado no XV PSIU Poético, de Montes Claros, em 2001, e recebeu, pela relevância de sua obra, a Insígnia da Inconfidência, em 1984. Postumamente, recebeu ainda a Medalha de Honra UFMG, por ter sido um ex-aluno destaque da instituição.

O poeta faleceu em 2004, aos 64 anos, por complicações devidas a um câncer de estômago. Em seu acervo pessoal, constam uma pequena biblioteca, diversos documentos e objetos pessoais, missivas, clipagem de notícias de jornais sobre várias questões, além de rascunhos de poemas e originais dos livros. Esse acervo foi doado pelo irmão de Adão Ventura, Pedro Ferreira, à professora de História Luana Diana dos Santos, que procurou os professores da Faculdade de Letras Eduardo de Assis Duarte e Constância Lima Duarte, para

entregá-lo à Universidade Federal de Minas Gerais. Hoje, o acervo de Adão Ventura encontra-se nessa Universidade, sob a guarda do Acervo de Escritores Mineiros, ao lado de outros acervos de personagens importantes da história literária e cultural de Minas Gerais e do Brasil.



Fotografia do poeta, local e data desconhecidos. [197-]. (ACERVO ADÃO VENTURA).

O escritor em sua obra poética

É difícil
 extrair novidades de poemas
 no entanto, pessoas morrem miseravelmente
 pela falta daquilo que ali se encontra.
 (William Carlos Williams).

Há algumas considerações preliminares que devem ser feitas em relação ao tratamento dos textos literários⁷ de Adão Ventura. Uma apresentação dos textos poéticos intercalada com comentários sobre o seu modo de estruturação pode sugerir a intenção de uma abordagem imanente do texto, cujo fim seria "apreender a obra literária nela mesma, pedindo-lhe que fornecesse as chaves de compreensão e dispensando por completo a biografia, a história literária e a história propriamente dita" (JURT, 2004, p. 45). É importante dizer que não se busca, aqui, reconstituir as regras de funcionamento desses textos, em termos de princípios estruturais universais, como nas análises realizadas pelas correntes imanentistas da teoria e da crítica literária.

O que interessa aqui tem relação com um modo de pensar sobre esses textos poéticos. Longe de encerrar a plenitude de uma significação, porque não há uma verdade a ser descoberta a que a interpretação daria acesso, busca-se uma aproximação das disposições pós-estruturalistas, ao se perceber o que no texto é indício do trânsito, do movimento oscilatório entre uma presença e a ausência (EAGLETON, 2006, p. 193), que faz aparecer a distância entre o signo e o que dele é empenho de significar. Como uma leitura exequível, busca-se fazer acompanhar esse movimento discursivo, respondendo ao que foi anteriormente tratado, pela crítica, como presença ou como ausência.

Apresenta-se, assim, o texto poético de Adão Ventura, a fim de que o leitor possa se interessar pela leitura desses poemas se, com isso, possa contrapô-los à sua crítica,⁸ transformando as potencialidades do texto em ato de leitura. E mais, que o leitor tenha, desse modo, a oportunidade de agir não pela substituição de leituras em busca da mais atual, como

⁷ Na seção deste trabalho intitulada "Bibliografia do autor", consta uma lista abrangente de publicações do poeta. Algumas informações são complementações que não fazem parte do que comumente se imagina ser seu rol de publicações.

⁸ Ver o próximo subcapítulo, "O Escritor em sua fortuna crítica & considerações sobre o campo literário afro-brasileiro".

se ela fosse necessariamente a melhor. Objetiva-se, assim, evitar que os textos literários sejam vistos apenas como cenário de narrativas críticas – aquelas escritas por meio de ziguezagues entre poesia e informação contextual, com certo imediatismo – que geram "armadilhas" para a leitura.

O poeta Adão Ventura publica seu primeiro livro de poesia, *Abrir-se um abutre ou mesmo depois dêle deduzir o azul*, em 1969. Não era de todo um autor estreante, visto que já havia publicado poemas na *Revista Literária* do corpo discente da UFMG. Esse livro foi impresso nas gráficas da Imprensa Oficial e não possui paratexto⁹ de explicação, análise ou comentário, sendo, portanto, uma primeira travessia na corda bamba do mercado editorial, aparentemente sem amparo de rede de proteção. Algo muito corajoso, tendo em vista a expressão na forma de uma prosa poética de compreensão difícil. Entretanto, se observarmos a dedicatória feita aos escritores Murilo Rubião e Affonso Ávila, percebemos nela a função de uma espécie de "caução moral, intelectual ou estética" (GENETTE, 2009, p. 124), que afiançaria, como já foi afirmado pela crítica, essa alma "surrealista" do poeta. Como se a ficção fantástica daquele ou a vanguarda deste pudessem, se não dar um significado, ao menos apaziguar a relação do leitor com o significante. Como se, não podendo estabelecer uma filiação direta àquelas escolas literárias, o autor quisesse estabelecer um jogo de remissão das cenas e imagens incomuns próprias desse livro a um plano de significação lido pela crítica como muito próximo ao da experiência surrealista.

É plausível imaginar que um período de repressão e censura – lembramos que até 1970 já haviam sido baixados, pela ditadura militar, todos os Atos Institucionais –, de limitação do acesso à informação e à cultura, de perseguição àqueles que destoassem da ideologia conservadora, interferisse no modo de expressão, fomentando o uso de alegorias nos textos poéticos. Recordamos o que Antonio Candido dissera sobre isso: "a violência repressiva, a censura, a caça aos inconformados – certamente aguçou por contragolpe, nos intelectuais e artistas, o sentimento de oposição, sem com isto permitir a sua manifestação clara" (CANDIDO, 2006, p. 256).

O livro se divide em blocos de uma prosa poética elaborada por uma sucessão de imagens, de metáforas, que à primeira vista parecem desconexas, porém são concatenadas de modo a sugerir um enredo. É interessante notar que as divisões, dentro do livro, não possuem

⁹ Paratextos são elementos que estão às margens do texto original e que podem ser determinados tanto pelo próprio autor quanto pelo editor (GENETTE, 2009).

títulos, sendo numeradas (de 1 a 15). Porém, há um índice localizado no final do livro em que essas partes possuem títulos. Assim, um leitor que faça uma leitura mais linear, do início para o fim, e que não recorra a saltos de páginas, não terá auxílio desses títulos, com sua característica de "marca" do texto que possa funcionar como um guia para a leitura.

Em relação ao material poético, vemos um texto literário que comumente intitula-se prosa poética. Porém, nesse livro, há um distanciamento da linearidade prosaica, sendo a escrita enredada por sintagmas mais imagéticos, metafóricos, constituída por uma concatenação de imagens que, à primeira leitura, parecem prender o leitor no nível dos enunciados, não permitindo, ao menos de modo fácil, que ele persiga um enredo. A leitura exige concentração, porque as imagens poéticas estão organizadas de modo aparentemente desconexo. A dita "verve surrealista" refere-se, a meu ver, mais à inteligibilidade dificultada do que propriamente aos automatismos psíquicos, à dita linguagem automática, como um procedimento que fosse capaz de bloquear as ideias, característico daquele movimento poético. Percebemos que o poeta faz escolhas lexicais interessantes: o insólito se cria a partir dos usos "indevidos" das palavras, fora de sua significação habitual. Alguns sintagmas são bastante problemáticos, impondo ambiguidades que contribuem para desestabilizar os significados.

De modo geral, o enredo do livro constrói-se por situações vividas pela voz poética, que se aproxima do que seria um narrador. Este "narrador poético" é uma "personagem", participando das ações. Em busca de uma narratividade que confira sentido à narrativa, o leitor poderá perfazer diversos caminhos na leitura dos versos, sem, no entanto, conseguir, ao menos de imediato, (re)construir uma narrativa. Vejam-se, por exemplo, os versos abaixo.

[...] não havia relógios nem outras perfurações que os identificasse. lygia enxugou pratos com o último dos envelopes. era expressamente proibida a entrada de pessoas de côm naquele RElcinto de segurança. vendem-se empregadas que saibam descascar BACH. ou ainda: sensacional liquidação de lilases especializados em pacto com o amanhecer. tergal também serve para encadernações de corpos humanos. [...]. (VENTURA, 1969, s.p.).

Pelos sintagmas que mimetizam a forma de anúncios, podemos inferir que o narrador-poético lê um jornal. Esses classificados são insólitos, inabituais, as ofertas nos interessam pela crueza. O trabalho doméstico, por exemplo, não é oferecido como força de trabalho livre, mas como venda do corpo, como uma extensão da escravatura. É possível observar essa abordagem em outros momentos – pela escolha lexical, pelo "enredo" que se tece –, com

menções a questões relativas à colonização baseada no empreendimento da escravidão, tornando invisíveis as mulheres e os homens escravizados, como podemos observar do trecho abaixo:

– mãos quebradiças demarcavam canaviais antigos de ferrugem, fábrica de sol em descampados de corpos, pontes retorcidas de pés e suores. também fomos escravos de galeras, redutos de agudas fomes; eu vento – rumo de mim mesmo, eu-habitante dessa máquina de construir sombras, fôlha inanimada de séculos, rosa de árida marca, dobro-me diante dêsse cadáver atravessado de sono, onde cansados cicatrizamos latifúndios de ventres incandescidos. (VENTURA, 1969, s.p.).

A voz poética, para realizar uma leitura sobre a exploração do seu corpo, mescla palavras de diferentes campos semânticos, lendo o empreendimento da escravidão por meio de palavras próprias do modo de produção baseado na exploração da classe operária. Porém, isso não significa colocar em igualdade tais modos de exploração do corpo, mas aproximar os exploradores.

O trânsito de meninos ("de fora, de meio mundo") que "tinham pés", mas "não adiantava porque nas sombras o gerar dos frutos já era tarde", parece dizer sobre o movimento da diáspora, que impingiu a perda do sonho, da magia, do encanto. Falando sobre o medo, há um verso que diz "só os velocípedes em círculos metiam medo lunático nos olhos" (VENTURA, 1969, s.p.), sugerindo um questionamento importante: que medo é esse? Medo como cuidado e preocupação que os mais velhos possuem em relação às crianças? Medo de que se machuquem com este brinquete de crianças, que, por sua composição, marca uma era, um avanço técnico (do ferro ao plástico)? Medo daqueles que outrora foram crianças e brincavam em círculo, ciclos que os transformam de sementes em "reis conjugados e substituídos" (VENTURA, 1969, s.p.). A voz poética conclui: "servos éramos todos: os portais, os saís dos olhos etc." (VENTURA, 1969, s.p.).

A voz poética trata da representação de sua existência. Fala-se de um corpo marcado, no tempo e no espaço, em que se pode perceber os sinais do sofrimento, assinalados pelo "azul" do título do livro, *blues*. São utilizadas expressões e imagens que podem remeter ao passado escravista, na construção de um monumento que representaria a sombra da voz poética.

12. eu existo com este corpo todo, plantado no cereal onde o tempo esqueceu sua marca de ferro em brasa, que por muitos anos permanecerá gravada na pedra onde entalhei minha sombra, onde as sementes secaram o último sumo que existia nos olhos, mesmo de azul. agora eu me sinto o mais deserto de todos, porque o medo me impede de estender as mãos até o rio de teus olhos e dizer corpo inteiro e de testemunho o que se forma dessa descoberta. só me resta o rosto marcado, meus braços foram retorcidos pelo vento. (VENTURA, 1969, s.p.).

Embora existam saltos referenciais que dificultam a interpretação, como se existissem várias histórias sendo enunciadas, as imagens de violência e de agressão, representadas por um poder repressivo, permeiam a narrativa, como podemos ver no exemplo abaixo.

2. lygia tinha os olhos gastos de lágrimas. proibiram-se as entradas e as saídas dos portos e a placa foi violentamente arrancada do peito do cego quando a noite ia cair e inutilizar a presença dos homens. o suco de frutas continua intacto e a mesa será posta na primeira sombra. não a denunciarei aos pássaros nem a condenarei ao roteiro dos ventos. (VENTURA, 1969, s.p.).

O narrador recorda o tempo em que era criança e acreditava ser livre: "[...] um dia eu fôra menino e senti o meu corpo livre penetrar no mundo; as pessoas olhando-nos dissecaram-me de olhos duros, perdidos de existir" (VENTURA, 1969, s.p.). O modo como é observado pelas pessoas lembra a cena em que o jovem Isafias Caminha, personagem de Lima Barreto, em viagem à capital, descobre-se "diferente" dos outros, pelo tratamento desigual e pelos olhares duros que recebe por parte da sociedade.

O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: "Oh! fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!" Ao mesmo tempo, a meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. (BARRETO, 1971, s.p.).

Após a cena da recordação da infância, o livro de Ventura prossegue: "mas uma passagem havia ficado em nós: a passagem que leva de encontro à parede, a passagem que martiriza para o medo" (VENTURA, 1969, s.p.). Restava-lhes – ao narrador e a seus iguais – um corredor que os guiava a uma parede, a um emparedamento que mortifica, aflige, atormenta e leva-os ao medo. Esse trecho remete ao texto de Cruz e Sousa, "O emparedado",

publicado no livro *Evocações* (1898), que fala do estado no qual os negros encontram-se permanentemente imobilizados.

Não! Não! Não! Não transporás os pórticos milenários da vasta edificação do mundo, porque atrás de ti e adiante de ti não sei quantas gerações foram acumulando, pedra sobre pedra, pedra sobre pedra, que para aí estás agora o verdadeiro emparedado de uma raça. Se caminhares para a direita baterás e esbarrarás, ansioso, aflito, numa parede horrendamente incomensurável de Egoísmos e Preconceitos! Se caminhares para a esquerda, outra parede, de Ciências e Críticas, mais alta do que a primeira, te mergulhará profundamente no espanto! Se caminhares para a frente, ainda nova parede, feita de Despeitos e Impotências, tremenda, de granito, brancamente se elevará ao alto! Se caminhares, enfim, para trás, ah! ainda, uma derradeira parede, fechando tudo, fechando tudo – horrível – parede de Imbecilidade e Ignorância, te deixará num frio espasmo de terror absoluto... (CRUZ E SOUSA, 1961, p. 664).

A solução encontrada pelo narrador poético é tornar-se bicho, porque "os bichos não apodrecem tão facilmente como os homens, os bichos não possuem árvores genealógicas, nem livros de linhagens" (VENTURA, 1969, s.p.). São os homens que se beneficiam das linhagens, das castas, das classes; é a história branca que compele e violenta o negro.

Nesse livro, a voz poética faz uma espécie de escrita, não da História, mas de perspectivas históricas (vida e ficção) que são como transparências sobrepostas, colocadas uma em cima da outra e lidas como um enredo único. Como resultado disso, a experiência poética se constrói por meio do extraordinário das imagens e metáforas, do extra-comum, revelando, como pudemos perceber nesses fragmentos, a violência da escravidão, do emparedamento dos corpos – físico, psicológico e textual –, desvelando as "sombras" da pele negra e a invisibilidade gerada e mantida pelas sociedades em diversos tempos da humanidade.

A imagem do abutre é, portanto, a nosso ver, uma metáfora importante para a própria voz poética, cujos poemas são como a "nódoa no brim" de que falava Manuel Bandeira.¹⁰ Essa ave, segundo nossa leitura, perfaz um voo em busca de alimento em estado de putrefação, ou seja, ela busca toda a podridão das sociedades ocidentais, alimentando-se dessa matéria, transformando-a na prosa poética. Ao demonstrar a perversidade das relações humanas, ela realiza uma espécie de autópsia de si e da história.

¹⁰ Ver o poema "Nova poética", publicado no livro *Belo Belo* (1948), que versa: "Poeta sórdido: / Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida." (BANDEIRA, 2009, p. 190).

O segundo livro de Adão Ventura, *As musculaturas do arco do triunfo* (1975), possui uma outra apresentação editorial. O fato de ter sido vencedor de um dos prêmios de literatura mais importantes do Brasil, o "Cidade de Belo Horizonte", no ano de 1972, traz um prestígio que, exibido na folha de rosto por opção editorial, funciona como um lastro para o texto. Esse livro foi publicado pela Editora Comunicação, pelo editor André Carvalho, conhecido por sua ousadia e por ter publicado, nessa mesma década, a inovadora "literatura infantojuvenil" de Wander Piroli, na Coleção do Pinto, que inaugurara o uso de uma linguagem mais realista e de temáticas inusuais para crianças.

O segundo livro de Ventura utiliza o mesmo tipo de linguagem do primeiro, havendo certa homologia em relação à prosa poética dos dois. Este, porém, é um pouco mais acessível à leitura, porque a narrativa é construída por eventos com uma linearidade mais bem definida, ainda que por meio de ações paradoxais. A voz poética, ou melhor, o "narrador poético", em primeira pessoa do plural, narra eventos acontecidos em um tempo que se organiza como um tempo mítico, sem uma especificação exata. O livro se divide-se em três partes: a primeira intitula-se "Livro de Hagbe", subdividida em sete partes numeradas; a segunda é nomeada como "Unidade Segunda", subdividida em "Perspectivas entre duas linhas paralelas", "De algumas das manias de um rico mercador de Memphis" e "Dos porcos e algumas de suas obsessões"; e a última parte traz o título "Unidade Terceira".

A parte intitulada "Livro de Hagbe" inicia-se com uma espécie de intróito poético, como podemos ver abaixo.

desnascido o corpo de Hagbe jurou
possuir na lavratura da pedra, es-
calá-lo nos cipós das mágoas, do-
má-lo na insônia dos anjos, per-
dendo-o nas frustrações do erro.
(VENTURA, 1975, s.p.).

Em busca de uma explicação para esta personagem tratada como "musa", podemos encontrar alguns indícios que talvez sejam importantes para o aprofundamento de uma leitura que busque estabelecer uma espécie de arqueologia da linguagem da poesia de Ventura. Encontra-se, em um vocabulário de história natural Mende,¹¹ a referência a um animal, um antílope pequeno, e a uma planta latifólia: "*Hagbe-wulō*. A very small antelope (? *Neotragus*

¹¹ Membro de um povo que habita Serra Leoa, na África Ocidental.

sp.)" (MIGEOD, 1913, p. 9), e "Hagba (hagbe). A plant. Leaf 21x16 inches, smooth, very tough. Grows on a single tall stalk 4 feet high."¹² (MIGEOD, 1913, p. 52-53).

O livro *Gender and power in Sierra Leone: women chiefs of the last two centuries*,¹³ de Linda Day (2012), faz uma remissão a um ancião chamado Hagbe, que teria narrado a existência de uma líder da região que não exercia seu poder de forma a maltratar seus súditos. Ainda em relação à palavra Hagbe, encontra-se, em uma tese de doutoramento sobre a Literatura Ewe,¹⁴ de Kofi Gbolonyo, defendida em 2009, os significados de texto poético e de um tipo composicional que combina dois tons.¹⁵

Identificamos hadzigbe, nyagbe e vugbe como três categorias conceituais. Hadzigbe (a voz) coloca ênfase na qualidade de uma voz aceitável para cantar. É daí que deriva hagbe (lit. voz da canção / língua, som / língua da canção ou som / língua aceita e considerada como canção). Hagbe também pode significar texto poético. Em geral, na literatura Ewe, o poema é normalmente referido como (palavra escultura música ou uma música palavra composição) *hakpanya*. Em vista disto, **hagbe pode ser considerado como a combinação de tom musical e tom lexical**. (GBOLONYO, 2009, p. 116, tradução e negrito nossos).

A voz poética percorre, na primeira parte do livro, sete blocos da prosa poética, construindo uma narração tão insólita quanto a narrativa poética do *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dêle o azul*, porém com um fio narrativo um pouco mais desemaranhado. Interessante notar que essa voz poética conta-nos sobre ações empreendidas por um coletivo, em um tempo mítico, demarcado algumas vezes pela trajetória periódica do cometa, o "Halley", que é visível quando atinge o ponto mais próximo do sol (seu periélio) em seu retorno, outras vezes pela contagem de ciclos, como em "por sete dias e sete luas, choveram-lhe chuvas de lágrimas na pele" (VENTURA, 1975, s.p.).

¹² Uma planta. Folha 21x16 polegadas, lisa, muito firme. Cresce em um único caule de 4 pés de altura. (Tradução minha).

¹³ Em português, *Gênero e poder na Serra Leoa: mulheres chefes dos últimos dois séculos* (tradução minha).

¹⁴ Língua falada em pelo menos três países da África (Gana, Togo e a República do Benin).

¹⁵ "The Ewe specify other aspects of their musical concept in their expressions. We identify *hadzigbe*, *nyagbe*, and *vugbe* as three categories of this concept. *Hadzigbe* (the singing voice) places particular emphasis on the quality of voice acceptable for singing. It is from this that we derive *hagbe* (lit. song voice/language, sound/language of song, or sound/language accepted and regarded as song). *Hagbe* may also mean poetic text. In general Ewe literature, poem is usually referred to as *hakpanya* (lit. song carving word or song composition word). In view of this, hagbe may be considered as the combination of musical tone and lexical tone." (GBOLONYO, 2009, p. 116).

É sugerido um ciclo de existência entre humanos, a que podemos nomear como mudança de geração, e seus respectivos (e questionáveis?) avanços tecnológicos e culturais: "sentimos que seus signos [dos cometas] baixavam em nós os seus vultos metálicos" (VENTURA, 1975, s.p.). Tal avanço cultural pode ser igualmente percebido no trecho que se segue:

[...] ganhamos todas as guerras sob o uso do fogo implantado na sedimentação dos corpos dos filhos primogênitos. ninguém ultrapassava as fronteiras de nossos braços que, em visíveis tatuagens, ocultavam inúmeras escalas de frustrados sonhos. (VENTURA, 1975, s.p.).

Logo, é narrada uma preparação, como se o narrador poético estivesse arrumando-se para empreender uma viagem ao desconhecido, que é mesmo um lançar-se ao futuro: "armamos as nossas despedidas. colocamos espelhos nas encruzilhadas. polimos os cascos dos cavalos. a enchente geografava os ossos" (VENTURA, 1975, s.p.).

Na primeira subseção, "Perspectivas entre duas linhas paralelas", na parte intitulada "Unidade Segunda", são narrados dois caminhos possíveis: o dos "inventores", os criadores de tecnologias, e o dos criadores da cultura, aos quais se integra o narrador. Esses criadores de cultura, inseridos nessa estrutura que fundamenta as possibilidades de existência, exigiram que "fossem apresentados os principais inventores, eles com suas mãos camufladas de vidro" (VENTURA, 1975, s.p.), mãos que sugeriam a necessidade de transparência dos motivos pelos quais as tecnologias são inventadas:

os inventores eram daqueles que, munidos de árvores genealógicas, sustentavam o templo das perdas e dos haveres. - os servos não, eles eram eventualmente isentos de passaportes, de declarações de amor ou quaisquer outras isenções de suor no rosto. os inventores já nasceram previamente timbrados em seus costumes. (VENTURA, 1975, s.p.).

Vemos que esses inventores davam suporte ao "templo das perdas e haveres", sendo condicionados, em seu *habitus* – um conceito que vincula o comportamento social externo e a subjetividade, integrados a fim de que se possa pensar as ações como algo duplo, não sendo apenas individuais nem condicionadas irrestritamente pela sociedade (BOURDIEU, 1996). Diferentemente desses inventores, que gozavam dos privilégios permitidos e confirmados pela genealogia, os servos eram "eventualmente" isentos de passaportes, o que, pela escolha lexical, "isenção", nos mostra um modo poético de dizer que eles estavam presos, restritos em sua liberdade de trânsito.

A sub-parte que se segue, intitulada "De algumas manias de um rico mercador de memphis", conta a pequena história das manias de um comerciante abastado, colecionador de cavalos. Embora se trate de um mundo em que o familiar e real é trocado sem questionamentos pelo irreal, a ação colecionadora do mercador é bastante comum e humana. Uma ação de busca pela distinção, de preocupação com a extinção do que é escolhido para ser conservado e de negligência em relação ao que considera não interessante, mesmo que isso signifique perpetrar violências diversas contra outros seres vivos.

o mercador possuía uma variada coleção de cavalos. esses cavalos foram todos adquiridos às mais duras penas. - uns, eram ainda procedência legítima do apocalipse. esses, por serem os mais antigos, eram alimentados por pequeninos corpos de anjos, os expulsos da terra. os cavalos mais novos, descendiam em linhagem direta, de velhíssimos reis da babilônia. esses eram tratados com suculentas sopas, extraídas dos resíduos dos complicados alfabetos das línguas extintas. – tais animais tiveram as suas raças destruídas pelas guerras. por isso, o mercador os preservava em luxuosos palácios dotados de acústicas especiais, capazes de guardar, sob registro os seus mínimos gestos amorosos. (VENTURA, 1975, s.p.).

Essas atitudes eram comuns tanto aos mercadores dessa Memphis do poema quanto na homônima cidade egípcia fundada há 3 mil anos, assim como em sua existência moderna, na cidade norte-americana de Memphis, no estado do Tennessee, situada às margens do rio Mississippi, local de mercado de escravizados para todo os Estados Unidos.

A última subseção dessa parte segunda, "Dos porcos e algumas de suas obsessões", guarda uma alusão poética ao poder e à falta de honestidade. Recorde-se que o substantivo coletivo de porco, vara, e a insígnia do poder dos magistrados, vara, são homógrafos. O narrador poético afirma que os porcos não têm partidos, nem filosofias, nem ideologias, sendo apenas porcos.

adoram comidas finas, seus pratos são feitos de ouro, ouro maciço, puro, suas salas são atapetadas e amplas como as de um castelo. suas mesas são constituídas de velhos jacarandás, servidos comodamente em pequeninos pedaços. seus criados, de modernos trajares, são treinados em variadas línguas. – eles nunca se preocupam com colorações partidárias ou filosóficas, suas intenções são puramente gástricas. (VENTURA, 1975, s.p.).

As narrativas poéticas se relacionam ao universo semântico dos "Arcos do Triunfo", que foram monumentos erigidos pelo Império Romano, símbolos de "perfeição" dedicados às suas vitórias militares, ou seja, em comemoração da dominação, da vitória em campanhas de exploração, expansão, colonização etc.

Observa-se, nesse livro, certa opacidade das palavras. Assim, o trabalho de tecê-las em prosa poética é algo difícil, como é árdua a tarefa de perceber as "musculaturas do arco do triunfo", as estruturas desse monumento erigido em comemoração à aniquilação do Outro. Desnaturalizados são o racismo e o preconceito – que atravessam os tempos e são partes estruturantes (musculaturas) da nossa sociedade. Observemos o último poema do livro:

das cabeças nascem os cogumelos
 porque a palha é fosca e o eito
 é árido, porque o estábulo é a
 farsa, e a marca é o malho, por-
 que escuro é o medo e espúria é
 a pele, porque escuso é o encarte
 entre o corpo e o chão.
 (VENTURA, 1975, s.p.).

A voz poética demonstra-nos um sistema cíclico que gesta um medo irrefletido que projeta no sujeito – negro – aquilo de que se tem medo; e, como um efeito perverso desses discursos, deixa desconhecida, recôndita, a sua humanidade.

Em 1980, Adão Ventura publica seu terceiro livro, *Jequitinhonha: poemas do Vale*, cujos poemas, diferentemente dos primeiros livros, contêm uma valorização dos elementos da cultura popular mineira, sendo, segundo o próprio autor, "ligeiros instantâneos de uma viagem cultural realizada no Vale do Jequitinhonha, em outubro de 1979" (VENTURA, 1980, p. 7). A viagem cultural, mencionada pelo autor, foi um projeto acolhido pela Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais, que compreendia o envio de uma equipe multidisciplinar à região, a fim de desenvolver atividades artísticas com participação da população. Essa equipe se dividiu em atividades voltadas à dramaturgia, dança, artes plásticas, cinema, fotografia, música e literatura. Pela equipe literária, foi produzida uma trilogia sobre o Vale do Jequitinhonha, composta pelo livro de Adão Ventura e por *Nas águas do Jequitinhonha*, de Ronald Claver, e *Cantigas de amor & outras geografias*, de Paulinho Assunção.

De modo geral, o livro de Ventura é uma visão poética sobre o Vale do Jequitinhonha, sobre seus habitantes e sua rica cultura. O livro se divide nas partes "Rituais", "Do Alto Vale" e "Tessituras". A primeira é aberta por um poema intitulado "Nota Biográfica" (1980, p. 15), como uma espécie de ritual de tomada de consciência sobre si e sobre o mundo, que legitima a voz poética que seguirá versando sobre aquela região. Vale lembrar que a região do Serro, local de nascimento do poeta, é o início do vale cantado nos poemas.

A este rito de tomada de consciência seguem-se outros como, por exemplo, os ritos populares da religiosidade sincrética negra mineira, no poema "Festa de N. S. do Rosário: danças típicas", que canta as personagens dessa festa – os marujos, caboclos e catopês. Ainda, o ritual do Natal, que é versejado em dois poemas. O primeiro deles é composto por um rol de produtos artesanais típicos das cidades do Vale, na construção de um sentimento de pertencimento a esse local, rico em elementos culturais que estão "na herança, / no sangue, na sombra do cerne dos olhos" (VENTURA, 1980, p. 23). Em outro poema sobre o natal, a voz poética contrapõe os meninos (lerdo, lama, cápsula, corpo) com aquele a quem se dedicam às festas natalinas. Este entra na leitura preconcebido, como recebedor de presentes de reis, e o outro, indefinido, porque representa as crianças do Vale.

O último poema dessa parte chama-se "Procissão". É um poema de poucas estrofes, com a maioria dos versos compostos por apenas uma palavra, trabalhando com homógrafos aproximados: vela para o santo, velar [cuidar] o santo; curvas do caminho, curvar-se ao santo. Vemos que os movimentos dos corpos são integrantes da imagem poética, perfazendo as performances do corpo em procissão.

gente
de velas
na mão

vela-se
ao santo.

entre as
curvas
das ruas

curva-se
ao santo.
no dobrar
das esquinas

dobram-se
ao santo
os joelhos genuflexos
e puros para o milagre.
(VENTURA, 1980, p. 25).

Na segunda parte, "Do Alto Vale", os textos estão carregados de uma linguagem mais metonímica, compondo as localidades por meio daquilo que é sua parte, fazendo uma

circunscrição territorial por seus atores, personagens ou atividades laborais e mágicas. No poema "Paisagens do Jequitinhonha", a voz poética faz inquirições a constituir essas paisagens do Vale. Ela pergunta: quem é aquele que "dança no vento / no ventre das águas / do Jequitinhonha?"; ou "percorre o leve [...] nas margens do Araçuaí?"; ou "Quem detém dos pássaros / o ziguezaguear de vôos / recompondo sombras / sobre lixívias e lavras / de Chapada do Norte?"; e a última questão, "Quem imprime / em argila / a singeleza dos gestos / dos artesãos de Minas Novas?" (VENTURA, 1980, p. 31). Vemos que as paisagens são formadas por perguntas retóricas que a voz poética faz, já sabendo quem são os agentes: a própria natureza do Vale e a realidade social dos seus habitantes.

A voz poética continua a viagem e aproxima-se dos "Teares de Berilo e Roça Grande", que é o penúltimo poema dessa seção, tratando de um tipo de produção típica das cidades de Berilo e Roça Grande. Esses teares são evocados pela voz poética, que os conclama a serem usados para a tessitura do corpo, numa convocação para um exercício de humildade e de busca pela origem: "teça o seu corpo / no tear mais simples / aquele que lhe resta pelo suor e origem" (VENTURA, 1980, p. 37). O último poema, "Chapada do Norte", canta essa cidade, que é parada final da viagem que a voz poética perfaz, falando da "sorte" dessa cidade, município do norte mineiro empobrecido pelo saque de sua riqueza: "Chapada do Norte / saqueada e rota / nos salões da corte. // Chapada do Norte / teu ouro / teu agouro / asma / de fantasmas" (VENTURA, 1980, p. 39).

A última parte desse livro, intitulada "Tessituras", é composta por três poemas a "Iam", uma espécie de interlocutor da voz poética, a quem são declaradas as diferenças culturais entre o interior e os centros urbanos. Recordemos que tal personagem foi retomada e encenada, na década de 1980, na peça "Iam, o palhaço",¹⁶ com direção e texto de Myriam Tavares, que não por acaso é a pessoa a quem o poeta Adão Ventura dedica o livro.

não sei não. mas aqui a gente
conversa assuntos
que na Capital necas/ nadas.
lá é aquela gente correndo
– corredeira sem-fim
pra qualquer decá aquela palha.
(VENTURA, 1980, p. 45)

¹⁶ Há, no acervo do escritor, um documento que trata dessa peça: Iam. Teatro infanto-juvenil: "Pivete" e "Iam, o palhaço", de 20 de julho de 1983 (ACERVO ADÃO VENTURA).

A voz poética faz uma comparação entre a vida no interior e na capital, onde "tudo parece falso – plastificado, / até o amor" (VENTURA, 1980, p. 47). Com esses poemas, uma espécie de revisita-redescoberta da vida no sertão mineiro do Vale do Jequitinhonha, a viagem cultural e o livro se fecham.

O quarto livro de Adão Ventura, *A cor da pele* (1ª ed., 1980; 2ª ed., 1981; 3ª ed., 1984; 4ª ed., 1987; 5ª ed., 1988), é o mais estudado do autor, porque é considerado pela crítica como uma marca de "assunção da cor". Na primeira dedicatória desse livro, o autor direciona a responsabilidade e gera a responsabilidade aos apoiadores (GENETTE, 2009): "A COR DA PELE // é dedicado / aos que lutaram / e lutam / pela causa do negro no Brasil". Assim, Ventura declara seu débito com os precursores que considera responsáveis pela luta e resistência e com aqueles que atualmente resistem. Já na segunda dedicatória, o poeta oferece o livro a seus ancestrais, o avô Teodoro da Fazenda e a avó Dona Justina, aos pais e irmãos, como reforço à sua construção identitária.

O livro transforma em matéria poética a cor negra da pele, expondo por processos metonímicos e metafóricos as reduções preconceituosas e racistas que o corpo negro recebeu como "herança" do sistema escravista, estruturante de relações que ainda hoje são problemáticas. E não trata apenas disso, contendo também poemas que versem sobre modos de construção da identidade e da autoestima. É um livro com uma proposta poética mais direta, e mais legível, e talvez por isso tenha tido êxito maior nas vendas e também na crítica. Ele se divide nas seguintes partes: "livro 1: Das Biografias", com três poemas; "livro 2: Da Servidão e Chumbo", com doze poemas; "livro 3: Raízes", com sete; e, por fim, "livro último", com apenas dois poemas.

Os poemas do "livro 1: Das Biografias" compõem três perspectivas de constituição da voz poética, por meio das quais são articuladas as questões que envolvem a cor da pele, tematizando os modos de perceber as restrições impostas a ela e a construção de sua identidade, baseada nas suas filiações e nos seus ascendentes. Evidencia-se, assim, um caminho de interpretação: "teceram-me a pele" como um problema, produzindo a "sombra de longos muros" que o empareda. Mas está o "sangue / cada vez mais forte", do poema "Um", logo a voz poética retraça o caminho "de pés no chão" até a sua ascendência, no poema "Dois", e constrói-se a partir dessas imagens/ações, no poema "Três".

constituindo-se como esse quilombo interior, lugar de resistência e reflexão. (VENTURA, 1980, s.p.).

O "livro 3: Raízes" traz poemas dedicados aos ancestrs da voz poética. Em um deles, ela ressalta a voz de seu avô, uma voz "sentida" na noite, "falida" pelas portas, "sofrida" pelo sangue adentro. É interessante perceber que essa voz percorre caminhos rumo ao interior, grassa pelo espaço, pela casa, pelo corpo.

TEODORO, MEU AVÔ

sua voz sentida
pela noite adentro.

sua voz falida
pelas portas adentro.

sua voz sofrida
pelo sangue adentro.
(VENTURA, 1980, s.p.).

Já no poema "Minha avó", um dos mais belos e pungentes do livro, a voz poética vai caracterizando sua ascendente, Vovó Justina, e constatando, com certos paralelismos sonoros e visuais, os lugares sociais impostos às mulheres negras: em relação ao trabalho, apesar de forra, lhe restava ser de forno e fogão; em relação à maneira como as mulheres negras eram tratadas, entre o assédio e a violência, ela era "Preta de cama / & cambão" (VENTURA, 1980, s.p.). O livro *A cor da pele* reúne diversas perspectivas sobre a pele negra, sobre os indivíduos e seus corpos, ao mesmo tempo em que versa sobre a história de violências morais, psicológicas e físicas impingidas aos negros, sem a mediação das imagens e metáforas pouco acessíveis dos primeiros livros.

Em 1992, Adão Ventura publicou *Texturaafro*, seu quinto livro, que integra a linhagem de versos mais curtos e diretos dos livros *Jequitinhonha* e *A cor da pele*. Em *Texturaafro*, a voz poética oferece outros modos de perceber e agir sobre a negritude, em um engajamento assumido, já no primeiro poema, "Origem", como parte de um projeto poético (VENTURA, 1992, p. 5). Assim, a voz poética canta as personagens históricas de "Chico-Rei", "Escravo Isidoro" e "Zumbi", que são heróis emblemáticos, partes da trajetória de resistência dos negros.

No poema dedicado a Chico-Rei, a voz poética canta a história da personagem, que era um rei de uma tribo congoleza, escravizado no Brasil. Ele comprou sua liberdade e a de seu filho, e logo adquiriu uma mina de ouro. Assim, pode comprar a liberdade de outros

compatriotas, sendo tratado por eles como o rei que era. É interessante como essa história é cantada no poema, pela informação sobre seu reinado do outro lado do Atlântico, enquanto a sociedade brasileira se aproveitava da instituição escravista. Além disso, a ação de compra da liberdade é fruto de reflexão e planejamento, atividades intelectuais que comumente não são atribuídas aos negros escravizados:

CHICO-REI

& Chico-Rei
chega.
– D'outro lado do mar
está seu império.
Ele ainda ouve
rufares de tambor
e de congado em seus pés.

– Os escravos
carregam liteira/lixeiros
para o cabeleireiro
para o açougueiro,
para o trambiqueiro,
para o contrabandista,
para o fuxiqueiro,
para o traficante.

& Chico-Rei pensa,
matuta:
passos-ante-passos
antepasto
– becos, campainhas,
segredos
ante a seda dos lençóis
e os debruns dos urinóis

– Bruacas de ouro
saem com destino à Corte.
(VENTURA, 1992, p. 12-13).

O poema "Escravo Isidoro" é construído por uma estratégia diferente, que alinha fragmentos de histórias sobre a personagem no mesmo plano do texto. O primeiro fragmento, retirado do livro *Memórias do Distrito Diamantino*, escrito por Joaquim Felício dos Santos,¹⁷ contextualiza o momento da prisão do escravo fugido; já o segundo, retirado da obra *Dianice*

¹⁷ Nascido no distrito do Serro, em 11 de maio de 1822, foi um professor, jurista, jornalista, historiador e político brasileiro. Dentre os trabalhos desse republicano constam o *Projeto do Código Civil brasileiro* de 1882 e a obra *Memórias do Distrito Diamantino* (1ª ed., 1868), em que é relatada pela primeira vez a história de Chica da Silva.

Diamantina, de Fritz Teixeira de Salles,¹⁸ dá a contextura dos castigos impingidos ao escravizado.

ES CRAVO ISIDORO

– *Foi no mês de junho de 1809
que Isidoro entrou preso no Tejuco.
Era triste espetáculo.
Vinha amarrado em um cavalo,
cercado de pedestres,
todo ensopado de sangue.*

Joaquim Felício dos Santos
Memórias do Distrito Diamantino.

*Quebraram-lhe os ossos
pisaram-lhe a carne.
Rasgaram-lhe os olhos
os lábios se uniram
em selo e sinal
arfando silêncio.*

Fritz Teixeira de Salles
Dianice Diamantina.

É noite,
Isidoro destramela
a porta da senzala
– lua clara,
riscos de nuvens cobrem o pico do Itambé.

Isidoro
sai pé ante pé
– dispara.

Ele sabe dos fios das conversas,
da arenga na boca das catas,
ele sabe onde esconder o ouro
e camuflar o fisco.
O diamante é um sonho
que escorrega pelas mãos.

¹⁸ Fritz Teixeira de Salles publicou *Geografia da violência*, em 1957, *Vila Rica do Pilar*, em 1965, *Silva Alvarenga*.antologia e crítica, em 1972, *Literatura e consciência nacional*, em 1973, *Poesia e protesto em Gregório de Matos*, em 1975, entre outros. Adão Ventura dedicou a ele o "Poema de quando da morte de Fritz Teixeira de Salles", publicado na antologia *Signopse: a poesia na virada do século* (1995), organizada por Wagner Torres.

A rebelião está armada
 – meias palavras
 – portas fechadas.

Isidoro é chamado,
 a chibata come.

– Seu corpo é arrastado
 pelas ruas do Tejuco.
 (VENTURA, 1992, p. 15-17).

Dessa forma, o poema – que se constrói com excertos de outras obras incorporados ao texto – volta no tempo anterior ao da crueldade da prisão e do castigo já relatados pelos excertos. Esse artifício, utilizado nos versos que narram as cenas de violência, amplifica o sentimento de temor e angústia pela incapacidade de o leitor libertar o escravizado e, assim, poder modificar a história.

O poema "Menino de rua" aproxima a realidade das crianças moradoras das ruas das grandes metrópoles e da figura heroica de Zumbi. Tal aproximação não canta a resistência desses meninos, a partir da imagem mais comum atribuída ao líder quilombola, mas mostra tanto a necessidade de fuga dos poderes oficiais, com seus "discursos" de violência, quanto a cor da exclusão social, nestes novos tempos.

Ou
 talvez Zumbi
 – menino-tralha
 – o palmo-a-palmo
 e a disputa de um roto sol
 de marquise.

Ou
 talvez Zumbi
 – elo e novela
 de um discurso murcho,
 envernizado de palavras ocas.

Ou
 talvez Zumbi
 e seu quilombo urbano
 – O pega da polícia
 no fuge/rock
 das esquinas.
 (VENTURA, 1992, p. 21).

O poema "Ainda" relaciona-se com o poema "Menino de Rua", por trazer elementos que compartilham a experiência do mesmo tempo e espaço, a cidade dos dias atuais. A polícia

é responsável por parte da dor impingida a esses meninos, a outra parte fica por conta do restante da sociedade. De modo análogo ao poema anterior, a voz poética vê as periferias e as favelas como "senzalas modernas", onde o Estado chega apenas por meio do braço desses novos capitães do mato.

Numa senzala
fa
vela
acesa
– marca de ferro
& fogo
chicote de polícia
– lanhos
nos ombros
– garrote em corte
de morte alheia.
(VENTURA, 1992, p. 25).

Um dos fios dessa textura afro pode ser percebido no tratamento desigual dado às mulheres, figura dono poema "Identidade", no qual a voz poética canta, na primeira estrofe, a despersonalização de sua mãe, "Sebastiana Ventura de Souza", mulher negra que, de seu nome próprio, transmuta-se em uma identidade genérica, "Sebastiana de Tal".

IDENTIDADE

Sebastiana Ventura de Souza
Sebastiana de Minas Gerais
Sebastiana de Minas
Sebastiana de Tal

Vem limpar o chão
vem lavar a roupa
vem enxugar a louça

Vem cantar cantiga
de ninar
para mim.
(VENTURA, 1992, p. 29).

Terminando dessa forma o poema, a voz poética sugere que essa mulher, que é também sua mãe, reconstrói sua *persona* ao ser responsável pelo acalanto da criança, por meio das cantigas de ninar que se prestam para mais do que embalar o sono, funcionando também como um primeiro contato com a tradição oral e com o ritmo próprios de sua formação cultural e identitária.

Como sugere o seu título, o livro *Texturaafro* trabalha diversos fios de uma mesma urdidura: poetizar a história e a cultura das negras e dos negros brasileiros. Porém, de modo diverso de *A cor da pele*, cujo ponto fulcral é a própria pele negra e os efeitos da escravidão e do racismo, esse livro atualiza algumas questões, abrangendo inclusive outras temáticas, além do que foi tratado acima, como a política, cujos atores tendem à conservação do *establishment*, o que prenuncia o sexto livro autoral do poeta, intitulado *Litanias de cão* (2002).

Esse livro é composto por três partes: a primeira, sem subtítulo, possui três poemas; a segunda, que intitula-se "Ars poética", é composta de quatro poemas; e a terceira, "Brasília: ou reflexões sobre o poder", possui 18 poemas. Destacam-se, da primeira parte, os poemas "Fábula", "Limite" e "Dar nomes aos bois", que tematizam as possibilidades e impossibilidades da linguagem. O primeiro trata do procedimento de calar-se de modo covarde em uma situação em que é necessário falar e agir. O segundo realiza uma reflexão metalinguística, tratando das ações e dos limites da palavra. A voz poética canta essas limitações, sobretudo quando a palavra está "sem vestimenta, nua, desincorporada", ou seja, fora da ação poética.

LIMITE

e quando a palavra
apodrece
num corredor
de sílabas ininteligíveis.

e quando a palavra
mofa
num canto-cárcere
do cansaço diário.

e quanto a palavra
assume o fosco
ou o incolor da hipocrisia.

e quando a palavra
é fuga
em sua própria armadilha.

e quando a palavra
é furada
em sua própria efígie.

a palavra
sem vestimenta,
nua,
desincorporada.
(VENTURA, 2002, p. 11-13).

A voz poética tematiza também o serviço burocrático, de maneira geral, em "Funcionário público", (VENTURA, 2002, p. 45) e na vida do poeta, em "Ultraje passeio completo". (VENTURA, 2002, p. 19-21). O primeiro trata de um pequeno funcionalismo público, que não possui holerites de quantias milionárias, daquele servidor local, com seu "sonho / do plano de aposentadoria" e seus afazeres mantenedores da burocracia. Esse tipo de servidor já foi representado na ficção em diversos livros, como, por exemplo, no caso brasileiro, o subsecretário do arsenal de guerra, no *Triste fim de Policarpo Quaresma*, do escritor afro-brasileiro Lima Barreto, ou n'*O amanuense Belmiro*, do escritor mineiro Cyro dos Anjos. Já no segundo há o jogo paródico do título, em que o traje comum do burocrata transforma-se em ultraje para o artista. A gravata, parte dessa vestimenta, serve como uma força que bloqueia sua fala. Esse poema pode ser relacionado à experiência biográfica de Adão Ventura em Brasília, como presidente da Fundação Cultural Palmares, funcionando como uma crítica ao exercício dessa função.

Destaca-se também, no poema "Alfabetização", uma certa aproximação da verve da poética banderiana, visível na atmosfera de uma pequena crônica narrativa, cujos significados tocam em questões mais amplas sobre o ser humano. O poema fala sobre as dificuldades da entrada do negro no mundo da letra, refletindo sobre como ele se integrou à sociedade de classes, organizada em torno da escrita.

ALFABETIZAÇÃO

Papai
levava tempo
para redigir uma carta

Já mamãe,
Sebastiana de José Teodoro,
teve a emoção de assinar seu
nome completo
já quase aos setenta anos.
(VENTURA, 2002, p. 27).

De modo geral, as violências se tornam, nesse livro, matéria poética que integra as cenas cotidianas, como, por exemplo, na "Klu Klux Klan " (VENTURA, 2002, p. 49)

contemporânea dos jovens rapazes de classe média alta que incendiaram o índio Galdino, da tribo Pataxó Hã-hã-hãe, ou na violência "da lâmina ácida / da fome", presente no poema "MST" (VENTURA, 2002, p. 47), ou ainda na violência dos "juros bancários ou a dívida / com o FMI". (VENTURA, 2002, p. 55). Esse livro apresenta diversas nuances do que o poeta nomeou "litanias de cão", apresentando a linguagem trabalhada para o engano, para a dominação, o jogo pelo poder e as violências diversas, do racismo às chacinas, da desigualdade à indiferença por parte dos estados, dos massacres perpetrados pelo capital financeiro e suas políticas de austeridade.

Em trânsito por entre os livros de Adão Ventura, por entre seus poemas, foi possível perceber as "armadilhas críticas" nas quais o poeta foi enredado. Foi possível perceber, também, as modificações nos seus modos de poetizar, um processo cuja característica mais interessante se relaciona mais a uma mudança focal do que a uma suposta progressão temática. Essas modificações dos modos de expressão parecem ter sido marcadas por uma certa tensão e por abandonos de projetos. Isso fica evidente se compararmos, por exemplo, o primeiro livro, *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dêle o azul*, e o mais comentado *A cor da pele*. Porém, ao observarmos o segundo livro, vemos que este possui uma organização narrativa mais linear do que o primeiro. Assim, as modificações parecem ser, para nós, parte de um projeto dinâmico de expressão, e não uma progressão por saltos entre publicações. Convém ainda refletir que o que é dito ser redundante na obra de Adão Ventura é, a meu ver, tão somente uma insistência inexorável – por meio da arte literária – frente a um problema não resolvido, frente a questões não superadas. Dito isto, finalizo este percurso recuperando para essa voz poética a alegoria do abutre em seu livre plano de voo, em sua observação atenta e sua ação sobre a sociedade, esta que possui seus modos de organização e de conservação.

O escritor em sua fortuna crítica & algumas considerações sobre o campo literário afro-brasileiro

Analisar a fortuna crítica de um autor, sem um plano de reflexão e utilização da leitura definidos, é tarefa um tanto perigosa, na qual destacam-se ao menos dois perigos iminentes: sugerir, ainda que sem intenção, um caminho da interpretação que fixe a análise a uma ideia de trajetória evolutiva progressiva; servir como argumento peremptório para validação do texto, prescindindo, algumas vezes, de uma leitura analítica dos textos. Visando evitar esses riscos, questões propostas pela crítica terão efeito também na crítica da crítica, contribuindo para o reconhecimento das limitações interpretativas, das posturas e filiações ideológicas dos críticos, das estratégias e motivações de leitura/interpretação etc.

Uma tendência da crítica atual, apontada por Tzvetan Todorov, baseia-se na formulação de hipóteses de trabalho, em busca por um método, com certa ambição totalizante de encontro de uma suposta unidade da obra (TODOROV, 2015). Isso podemos perceber, de alguma maneira, na fortuna crítica de Adão Ventura. Porém algumas das motivações para isso são distintas das que subsistem na crítica tradicional, dizendo respeito à própria formação da literatura afro-brasileira, ou literatura negro-brasileira,¹⁹ e à construção de uma história da literatura que contemple suas origens, precursores, o período de sua consolidação, novas formas poéticas e novas estratégias de ficção.

Concomitantemente à afirmação de que precisa ser escrita, essa história já está em processo e busca, tal qual um campo discursivo, estabelecer-se como disciplina, delineando nesse processo um campo literário. Dito isso, faz-se pertinente a questão: em que medida essa necessidade de consolidação justificaria uma busca por encadeamentos mais abrangentes, uma busca pela unidade, que atente para a noção de identidade?

¹⁹ Conceito elaborado pelo poeta e pesquisador Cuti, em opção ao "afro-brasileiro". Cogita-se discutir aqui a usança dos termos (literatura afro-brasileira, com ou sem hífen, negro-brasileira, ou negra brasileira), que tem relação com posicionamentos ideológicos que implicam em diferenças conceituais. Essa discussão, que têm sido bastante produtiva, deve acontecer em espaços e momentos em que o debate possa ser mais imediato e direto. De toda forma, quaisquer que sejam os termos utilizados, deverá ser compreendida aqui como uma literatura produzida por escritores negros e negras.

A poesia de Adão Ventura é frequentemente lida a partir de um caminho interpretativo marcado por imagens construídas, repetidas e reiteradas – às vezes sem a devida reflexão –, que afirmam uma "verve surrealista", sugerida por certo hermetismo dos primeiros livros. Essas imagens acabam alcançando os versos de linguagem mais simples e acessível dos livros posteriores, cuja fatura consolidaria a ideia de uma evolução em sua expressão poética. Outras vezes, sua obra é lida partindo do seu quarto livro, *A cor da pele* (1980), considerado o mais importante, porque seria o lugar onde o poeta teria assumido sua negritude.

Esses pontos de partida para a leitura impedem que seja possível perceber nuances importantes de sua obra, que apontam inclusive para as questões relacionadas ao racismo, ao preconceito, à cor da pele, mesmo antes do referido livro. A meu ver, essas nuances revelam um projeto coerente, no qual são realizadas abordagens diferentes de uma mesma questão: a (re)construção da identidade, por meio de uma arte literária bem planejada, composta por muitas metáforas, muitas vezes ligada a uma reescrita poética do passado histórico.

Essas leituras cristalizadas pela crítica ameaçam, frequentemente, a efetiva leitura da poesia, criando "armadilhas críticas" que prendem os leitores – os "profissionais" e mesmos os diletantes – em determinados horizontes de interpretação. Observa-se, aí, um processo semelhante ao que aponta o professor Sérgio Alcides, em seu livro *Armadilhas para Ana Cristina: e outros textos sobre poesia contemporânea* (2016), no qual se analisa o fascínio pela morte trágica da autora, contraposto à sua poesia, confirmando, no caso da poeta carioca, o mito trágico da poeta que sacrifica sua vida pela literatura. (ALCIDES, 2016, p. 12).

Sem descurar dessa observação, realizei um levantamento abrangente da crítica publicada sobre Adão Ventura, que complementou o *corpus* de textos sobre o poeta, reunindo e identificando suas principais questões e sua abrangência.²⁰ Na análise dos paratextos, buscou-se explorar todos os peritextos²¹ – por integrarem a obra publicada – nos quais podem ser encontradas leituras de renomados escritores e críticos, como Affonso Romano de Sant'Anna, em *As musculaturas do arco do triunfo* (1975); Rui Mourão, Fábio Lucas e Silvano Santiago, em *A cor da pele* (1980); fragmentos diversos de críticas sobre Adão Ventura, em *Texturaafro* (1992); e nota de apresentação de Ferreira Gullar, em *Litanias de*

²⁰ Encontra-se, nas Referências Bibliográficas deste trabalho, uma listagem abrangente da fortuna crítica de Adão Ventura, que foi elaborada a partir do trabalho de pesquisa, complementada com notas explicativas entre colchetes.

²¹ Peritexto é um elemento paratextual que circunda o texto, dentro do espaço da obra, isto é, em continuidade com relação ao texto (GENETTE, 2009, p. 10-11).

ção (2002). Com uma proposta diferente, existem alguns epitextos,²² em trabalhos cuja motivação é o estudo acadêmico, como os de Benedita Gouveia Damasceno (1988), Maria José Somerlate Barbosa (1997), Jussara Santos (1998), Édimo de Almeida Pereira (2004 e 2010), Maria do Rosário Alves Pereira (2004) e Anelito de Oliveira (2004 e 2015).

A análise dos comentários peritextuais, por sua característica, está vinculada aos livros em que foram publicados, marcando, assim, o momento da edição do livro. Já que o primeiro livro do poeta não possui qualquer tipo de comentário, passemos ao segundo. *As musculaturas do arco do triunfo*, de Adão Ventura, contém um comentário assinado por Affonso Romano de Sant'Anna, que se localiza nas orelhas do livro. Nele, o crítico chama a atenção do leitor para a poesia como território dividido em "sesmarias onde não faltaram os títulos e brasões de família". Porém, graças às iniciativas de jovens escritores, como Adão Ventura, "[os coronéis da literatura iniciam a perda do] controle de suas posses", que são conquistadas por esses novos lavradores da palavra, em uma "liberação do fazer poético, [...] [uma] democratização da poesia, fazendo com que ela não seja apenas um exercício de elites pervertidas em mil e uma teorias sofisticadas (e inúteis)". Affonso Romano de Sant'Anna percebe que a prosa poética é "ligada ao mágico, ao primitivo e ao inconsciente, [...] a escrita da liberação do homem, sua catarsis [sic] estética e existencial", categorização importante para uma análise da trajetória de Adão Ventura, não apenas como um passadizo até sua última produção.

O livro *Jequitinhonha: poemas do Vale* (1980) possui um comentário de orelha, assinado por Wilson Chaves, coordenador da Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais, em que são destacados os problemas do Vale do Jequitinhonha, a transfiguração e a reflexão desses problemas em imagens da terra e do homem, de suas lutas, de suas dores, de seus anseios, de suas esperanças e de seu desejo de viver e vencer. Nesse comentário, a intenção é a apresentação do volume, dentro de um projeto literário idealizado pela Coordenadoria de Cultura.

O livro *A cor da pele* (1980) possui três peritextos, trazendo opiniões críticas. O primeiro, "O poeta se renova", é assinado pelo escritor Rui Mourão. Nele o crítico revela a transformação da escrita de Adão Ventura, que foi da "composição de sobrecarga metafórica e de decidido engajamento surrealista [...] à simplificação, para o discurso direto e seco" (MOURÃO, 1980, s.p.), cujo resultado, para ele, possui uma função social. Esse texto de

²² Epitexto é um elemento paratextual que tem, em relação ao texto, uma descontinuidade, ou seja, se encontra afastado do texto original (GENETTE, 2009, p. 303).

apresentação possui a relevante consideração de que a poesia de Ventura faz antes uma caracterização da tragédia histórica do negro, do "emparedamento" denunciado por Cruz e Sousa, do enclausuramento cujo "sistema de bloqueio se confunde com o [...] corpo", do que propriamente uma denúncia do preconceito racial.

O segundo texto crítico de *A cor da pele* é assinado pelo escritor e crítico literário Fábio Lucas. Ele afirma, acertadamente, que não é a consciência da cor que faz o poeta, mas o trajeto realizado para alcançar a "temática negra", "numa realização mais depurada, mais dirigida, mais carregada de História, pois sai do mundo neutro da magia", exprimindo as barreiras sociais impostas aos negros pela ideologia colonial eurocentrada, em que a "cultura é expressão monolítica do poder branco". Ainda conforme Fábio Lucas, os poemas são contundentes e de "um lirismo da revolta, um Cruz e Sousa às avessas", em "versos curtos, diretos, nada descritivos do mundo exterior nem de indecisões interiores" (LUCAS, 1980, s.p.).

O terceiro texto crítico, com o mesmo nome do livro, é do ensaísta, poeta, professor, contista e romancista brasileiro Silviano Santiago. Nele o escritor alude ao fato de o livro não seguir uma certa tradição modernista da poesia negra, de Jorge de Lima ou Raul Bopp, por exemplo, que utiliza "referências concretas e precisas a elementos de cultos africanos ou afro-brasileiros, [...] transcrições fonéticas um pouco ridículas do que seria o falar 'estropiado' do negro". Pelo contrário, Adão Ventura estaria dentro da tradição da qual Cruz e Sousa é maior vulto, em que o elemento negro é objeto de reflexão, não é "arabesco de decoração", nem é:

não é produto da ornamentação vocabular, o que denotaria certo exotismo tão ao gosto de poetas de linha romântica. [...] [mas] advém do drama negro que é refletido pela poesia e que o poema (sem cor vocabular) carrega de alta tensão emocional. (SANTIAGO, 1980, s.p.).

O livro *Texturaafro*, de 1992, foi editado com uma seção intitulada "Fragmentos: fala crítica sobre Adão Ventura", localizada na parte final do volume. Ela é composta por dez excertos de crítica, de dez diferentes escritores: 1) Silviano Santiago, 2) Fábio Lucas, 3) Rui Mourão, 4) Carlos Antoninho Duarte, 5) Alberto Silva, 6) Henrique L. Alves, 7) Duílio Gomes, 8) Eliana Mourão, 9) Manoel Lobato, 10) Libério Neves.

Os fragmentos dos três primeiros foram retirados dos textos inseridos no livro *A cor da pele*. Como vimos, o primeiro aponta para certa história da literatura, tratando da filiação de Adão Ventura como poeta a uma tradição de poesia negra; o segundo fala da mudança

temática, dizendo sobre a assunção de uma "biografia soterrada por montanhas de preconceitos"; (VENTURA, 1992, p. 33) o terceiro aponta para a escrita, para a modificação de seu modo de composição.

O quarto fragmento é assinado por Carlos Antoninho Duarte. Nele, o crítico cita os versos "Nem debruçar-me sobre mim quando a meu lado / Há fome e mentira", do poema "Mensagem à poesia", e o poema "Blues para Emmet Louis Till", ambos de Vinicius de Moraes. Este poema é uma longa mensagem à lírica intimista, que canta um único ser, porque, segundo o eu lírico do poema, há muitos acontecimentos/fatos sobre um Outro, que impedem uma poesia lírica descolada desses eventos, ainda que o eu lírico oscile e não esteja seguro.

Blues para Emmet Louis Till

Os assassinos de Emmet
 – PoorMammaTill!
 Chegaram sem avisar
 – PoorMammaTill!
 Mascando cacos de vidro
 – PoorMammaTill!
 Com suas caras de cal.
 Os assassinos de Emmet
 – PoorMammaTill!
 Entraram sem dizer nada
 – PoorMammaTill!
 Com seu hálito de couro
 – PoorMammaTill!
 E seus olhos de punhal.
 – I hate to see that evenin'sun go down...
 Os assassinos de Emmet.
 (MORAES, 2010, p. 131-132).

Este poema trata da violência e do linchamento de Emmet Louis Till, (BURNHAM, 1955) um adolescente de 14 anos, em 1955, em Mississipi, por ter supostamente assoviado para uma mulher branca, cuja repercussão contribuiu para o movimento pelos direitos civis dos afro-americanos. É um poema lamento, evocando já no título "blues" o gênero musical afro-americano, nascido em torno do Delta do Mississipi, (OAKLEY, 1997) cuja origem remonta às cantigas de eito nas plantações, expressando melancolia e tristeza. Outro poema lembrado pelo crítico é "Incidente", do poeta Countee Cullen, um dos responsáveis pelo Harlem Renaissance (Renascimento do Harlem), primeiro movimento cultural realizado por escritores afro-americanos nas Américas, e não oriundo da Europa, que se estendeu ao longo da década de 1920. Vemos, nesse poema, a voz poética representada por uma criança, que perde a ingenuidade e vê-se negro em um país racista.

Incidente

Uma vez andando na cidade velha de Baltimore
 Coração-pleno, coração-cheio de alegria,
 Eu vi um menino
 olhando fixamente para mim.

Eu tinha oito anos e era muito pequeno
 Ele era tão pequeno quanto eu,
 E eu sorri, mas ele pôs para fora
 sua língua, e me chamou: – negro.

Eu vi toda a Baltimore
 De maio a dezembro;
 E de todas as coisas que passaram ali
 É só disso que eu me lembro.²³

Essas filiações poéticas, entre a percepção do corpo físico e da razão sobre o racismo e o preconceito, seriam, para o crítico, o caminho assumido pelo poeta Adão Ventura.

O quinto fragmento de crítica contido no livro *Texturaafro* foi escrito por Alberto Silva. O texto recupera a leitura que Affonso Romano de Sant'Anna faz do segundo livro de Ventura, onde se diz que o poeta não joga com os vazios da página, mas com o espaço interior e seus arquétipos, e adiciona a ela a observação de que a poesia de Ventura "retorna o poeta enquanto vale no sentimento lembrado por Huizinga" (SILVA, 1992, p. 34). É interessante a referência a esse historiador da cultura, que estudou um certo "sentimento coletivo" partilhado por todos, que daria direcionamento às ações humanas num determinado período histórico.

O sexto excerto crítico, assinado por Henrique L. Alves, afirma que Adão Ventura está predestinado a ficar como uma grande voz do século XX e diz que sua poesia reafirma o conceito de Senghor, segundo o qual quando o poeta enfoca a negritude, ele precisa ter "o calor emocional que dá vida às palavras" (ALVES, 1992, p. 34). É interessante, aqui, essa ligação do escritor itambeano com um poeta da negritude francesa. Duílio Gomes, autor do sétimo fragmento, destaca a continuidade de uma prática poética "de textura seca, implícita, sem derramamentos", cujo "trunfo" estaria na preocupação formal e de raízes negras (GOMES, 1992, p. 34).

²³ Once riding in old Baltimore, / Heart-filled, head-filled with glee, / I saw a Baltimorean / Keep looking straight at me. // Now I was eight and very small, / And he was no whit bigger, / And so I smiled, but he poked out / His tongue, and called me, "Nigger." // I saw the whole of Baltimore / From May until December; / Of all the things that happened there / That's all that I remember. ("Incident" by Countee Cullen). Poema retirado do sítio "The Baltimore Literary Heritage Project". Disponível em: <<https://goo.gl/vVLgz>>. Acesso em 18 set. 2016. (Tradução minha).

Eliane Mourão, que assina o oitavo fragmento, destaca a poesia diamantina com uma tessitura forte, constituída na fibra de aço da raça e "impregnada do ferro e do ouro que corre nas entranhas das Geraes para o Universo do Mundo" (MOURÃO, 1992, p. 35), o que aponta para a universalidade que é atingida por meio do particular. Manoel Lobato, autor do nono fragmento crítico, destaca o trabalho poético de Adão Ventura em "salientar" a história e as lendas das Minas Gerais, "harmonizando-as" com as lutas de Chico Rei e do escravo Isidoro (LOBATO, 1992, p. 35). O último fragmento crítico contido em *Texturaafro* foi escrito por Libério Neves, para quem Adão Ventura alia a força da poética a seus vínculos históricos: "poesia [...] cravejada de ferros da nossa História", "poesia de abalar as antigas correntes que ainda se arrastam nas almas e nos corações" (NEVES, 1992, p. 35).

O último livro de Ventura, *Litanias de cão* (2002), contém, logo em sua abertura, um comentário do poeta Ferreira Gullar, em que se diz sobre a poesia de Adão Ventura, que coloca em primeiro plano uma espécie de função social, como "poesia-denúncia, de quem já não tolera a mentira e a farsa", oposta a uma representação do "lado encantador do real". Ferreira Gullar afirma, ainda, que "essa revolta é tão verdadeira que chega a alterar a matéria de sua linguagem".

Sobre os epitextos que comentam, criticam e analisam os livros de Adão Ventura, mas não integram o espaço dessas publicações, destaca-se primeiro o livro *Poesia negra no Modernismo brasileiro*,²⁴ de Benedita Gouveia Damasceno (1988). Nesse livro, a pesquisadora faz um estudo da expressão poética negra brasileira em relação às propostas do movimento da Negritude, de escritores e intelectuais negros francófonos, estabelecendo os pontos de contato entre as proposições desse movimento e o Modernismo brasileiro, como um momento de ruptura do domínio da cultura branca. Atesta-se, assim, a existência de uma estética negra voltada para a reabilitação e a valorização da cultura afro-brasileira.

A poesia de Adão Ventura é apresentada, nesse trabalho, com uma expressão que analisa de modo "frio" e "cru" "os estereótipos e preconceitos atribuídos ao negro" (DAMASCENO, 1988, p. 117), por meio de:

²⁴ É interessante destacar o ano de feitura desse trabalho, originalmente uma tese de doutorado, defendida em 1980.

técnicas [...] poemas curtos, onde cada palavra guarda vários significados; aproveitamento estético de formas de expressão populares; processo enumerativo, fotográfico, deslocando as palavras para o eixo da metonímia e dando uma visão quase cubista ao quadro narrado. (DAMASCENO, 1988, p. 117).

Adão Ventura integra um grupo que a autora intitula como novos autores afro-brasileiros, ao qual pertenceriam Lino Guedes (1897-1951), Solano Trindade, Oswaldo de Camargo, Eduardo de Oliveira, Oliveira Silveira, Abelardo Rodrigues, Éle Semog, José Carlos Limeira e Estevão Maya-Maya.²⁵ É interessante notar o ano 1979, registrado como data de referência do livro de Adão Ventura, revelando que ela trabalhou com o manuscrito, que naquele momento ainda não havia sido publicado.

O segundo texto crítico a ser comentado aqui foi escrito por Maria José Somerlate Barbosa (1997). Trata-se de um artigo intitulado "Adão Ventura e o (con)texto afro-brasileiro". Nele, é realizada uma leitura interessante, que sugere um caminho interpretativo para os dois primeiros livros de Ventura. Essas prosas poéticas com "sobrecarga metafórica" e de verve surrealista e simbólica são lidas a partir de uma relação com o contexto brasileiro do golpe civil militar e da perda das garantias e liberdades individuais. As circunstâncias da emergência das reivindicações raciais, que até então tinham sido proibidas, são colocadas no bojo das interdições sociais e políticas impostas pela ditadura. Destacar esse contexto é revelar o caráter combativo e revoltoso das produções culturais e literárias, num momento em que forças opressoras atuaram intensamente, mas não foram capazes de impedir a continuidade das lutas dos grupos pelo "espaço histórico, social, ético e étnico do Brasil negro" (BARBOSA, 1997, p. 2).

Para a autora, a linguagem "surrealista" e sobrecarregada de metáforas dos primeiros livros é uma estratégia discursiva contra a censura, que impelia os escritores e compositores a procurar o caminho oblíquo das metáforas e do simbolismo, como maneira de burlá-la e "de expressar um Brasil surrealisticamente caótico, vivendo as leis da 'ordem e progresso' e da 'segurança nacional'" (BARBOSA, 1997, p. 3). Outro ponto importante é a percepção de que os dois primeiros livros de Adão Ventura, embora marcados por uma prosa poética hermética

²⁵ A autora trabalha também com os antecessores ao período estudado: Domingos Caldas Barbosa (1738-1800), José da Natividade Saldanha (1796-1830), Antônio Gonçalves Crespo (1846-1883), Machado de Assis (1839-1908), Luiz Gama (1830-1922) e Cruz e Sousa (1862-1893).

que não tem como eixo central a raça e raízes africanas, não se furtam a realizar "denúncias das condições econômicas, políticas, sociais e raciais do Brasil" (BARBOSA, 1997, p. 3).

Após essa reflexão interessante sobre a ilegibilidade do primeiro livro de Ventura, a pesquisadora comenta características desse livro, como o fato do poeta itambeano optar por não utilizar letras maiúsculas, o que seria "uma quebra da hierarquia ortográfica" (BARBOSA, 1997, p. 4). Vale notar que a crítica vai além da consideração de que o poeta produz versos de "verve surrealista", elaborando uma estratégia de leitura de contraposição dos jogos de palavras ao contexto de restrição ao estado de direito e percebe a ironia resultante de certas frases incluídas no fluxo caótico do pensamento. Como na análise do primeiro poema em prosa, "Noite do passaporte", que ela qualifica de multifacetado e polissêmico:

fala de flores, relógios, da musa Lygia, liquidação de tergal, prédio de vinte e cinco andares, títulos protestados e pagamento à vista. No meio destes elementos aparentemente díspares, no penúltimo verso, ele inclui: "era expressamente proibida a entrada de pessoas de cor naquele **REIcinto de segurança**." (BARBOSA, 1997, p. 3-4, grifo meu).

Esses significantes "recinto de segurança", "REI" e "cinto de segurança" são, para ela, "índices e símbolos da ditadura militar no Brasil, com sua mão de ferro e censura máscula, sentidos em dimensão nacional" (BARBOSA, 1997, p. 4). A pesquisadora prossegue com esse tipo de procedimento de leitura, como no trecho que se segue: "'vendem-se empregadas domésticas que saibam descascar Bach' também indicia ultrajes cometidos pela escravidão negra no Brasil, em que as pessoas trazidas da África eram vendidas nas feiras como se vendem batatas" (BARBOSA, 1997, p. 4).

Na análise do segundo livro de Adão Ventura, *As musculaturas do arco do triunfo* (1975), Barbosa identifica aspectos formais da divisão do livro em partes:

A primeira, intitulada "Livro de Hagbe", apresenta um poema introdutório e sete outros poemas numerados e sem títulos, todos exaltando e/ou explicando a musa Hagbe. A segunda parte ("Unidade Segunda") e a última ("Unidade Terceira") demonstram o mesmo teor prosador do livro anterior. Anexando um tom surrealista/tropicalista, Ventura satiriza a alienação político-social em que se refugiaram as pessoas para escapar da repressão implantada pela ditadura militar: "das cabeças nascem os cogumelos, / porque a palha é fosca e o cito / árido, porque o estábulo é a / farsa, e a marca é o malho, por / que escuro é o medo e espúria é / a pele, porque escuso é o encarte / entre o corpo e o chão." [Único poema, sem título, da "Unidade Terceira"]. (BARBOSA, 1997, p. 4).

Dando prosseguimento à sua exegese, a pesquisadora faz um comentário breve sobre o livro *Jequitinhonha: poemas do Vale* (1980), percebendo nele elementos como a miséria, "a tradição, folclore, sabedoria e arte popular" (BARBOSA, 1997, p. 5), numa demonstração da pobreza e da "cor escura" do vale do Jequitinhonha, esta lida também pelas fotografias que acompanham o livro. Assim, ela se aproxima dos dois próximos livros, *A cor da pele* (1980) e *Texturaafro* (1992), aos quais dará maior atenção, até o desfecho do artigo.

No livro *A cor da pele*, ela ressalta o ritmo rápido dos versos, as frases menores, a precisão e o cálculo do efeito das palavras (BARBOSA, 1997, p. 5). Esse cálculo é percebido pelo destaque dado à recorrência de certos vocábulos ligados ao racismo, à escravidão e à segregação racial. No estudo de *Texturaafro*, a autora busca relacionar a epígrafe – um aforismo de Manuel Bandeira: "Somos duplamente prisioneiros: de nós mesmos e do tempo em que vivemos" – e os poemas contidos na obra. Esse é, segundo a crítica, um direcionamento para a leitura: "uma libertação dos grilhões que a cor da pele e o tempo/história lhe impõem" (BARBOSA, 1997, p. 6).

O ponto alto da análise, a meu ver, é a afirmação de que há uma recorrência às origens, resgatando reconstruindo uma "contextura afro" que "tem-se traduzido em pausas e silêncios dentro da 'história oficial'" (BARBOSA, 1997, p. 6). Nesse sentido, ela destaca a novidade que a poesia de Adão Ventura traz, ao trabalhar a memória popular mineira a partir de personagens afro-mineiras, que estão à margem dessa história oficial. Com isso, ela acredita que a poesia, nesses dois livros, atua para desmistificar as formas de racionalização da realidade histórica de opressão (os mitos, estereótipos e convenções).

O terceiro texto a ser comentado aqui é da poeta e pesquisadora Jussara Santos, que estudou em sua dissertação de mestrado, defendida em 1998, a construção da identidade e da alteridade em três poetas: Edimilson de Almeida Pereira, Marcos A. Dias e Adão Ventura. O capítulo intitulado "Corpo, cor e poesia" (SANTOS, 2001, p. 19-35), como o título sugere, é dedicado à análise do corpo negro na poesia, a partir dos livros *A cor da pele* (1980) e *Texturaafro* (1992). Logo no início desse capítulo, a autora sinaliza o que buscará como significação possível para esse corpo negro, que é visto como um espaço de clausura, e para o corpo da poesia, permeado de signos de aprisionamento, de dor e de melancolia. O ponto de partida foram, segundo ela, as "constantes discursivas do texto [...] as marcas textuais – de conteúdo e de temas – e o trabalho com a linguagem, tomados como significantes da busca de identidade do negro brasileiro" (SANTOS, 2001, p. 12). A autora conclui sua análise

afirmando que foram demonstrados "instantes que apontam para o movimento e para uma proposta de 'libertação' do homem negro dos lugares fixos da cor da pele e das cicatrizes "como mote para a efetivação da palavra" (SANTOS, 2001, p. 35).

Outro texto sobre Adão Ventura assinado por Jussara Santos é o artigo "A não cor do poema ou uma escrita acima de qualquer suspeita?" (2000). Nesse artigo a autora realiza uma análise discursiva, em que vai desconstruindo os argumentos do crítico Silviano Santiago no já citado peritexto de *A cor da pele*, ao mesmo tempo em que realiza uma crítica sobre o livro em questão. De modo geral, é um texto corajoso, embora por vezes seja um pouco confuso em relação ao modo de aproximação do texto literário e da crítica. A leitura analítica de alguns poemas, realizada por Santos, sugere uma abordagem das questões trazidas pelo livro estudado que oscila entre percebê-lo ora como uma fonte documental comprobatória de um momento da poesia (e que, por isso, deve estar atada ao contexto de sua produção), ora como um material que pretendia a completude por tratar integralmente da heterogeneidade do negro.

O crítico Silviano Santiago afirma que o poeta faz "legítima poesia ao mesmo tempo em que faz excelente poesia negra" (SANTIAGO, 1984 *apud* SANTOS, 2000, p. 124). Embora isso realmente pareça ser uma dicotomia, como observado por Jussara Santos, não nos parece que se trate de uma dicotomia excludente, sendo possível fazer poesia legítima e não fazer poesia negra, assim como outras possíveis combinações. De maneira geral, o texto da pesquisadora aponta, como uma necessidade, para um projeto de teorização da arte literária, e mais, da arte literária afro-brasileira, porém sem sugerir modos concretos de abordagem, de caminhos teórico-metodológicos a serem perseguidos.

Veja-se, agora, o estudo do pesquisador Édimo de Almeida Pereira, uma dissertação de mestrado defendida em 2004, editada em livro pela editora Nandyala em 2010, cujo título é *Metamorfoses do abutre: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura*. Nele, o pesquisador interpreta a obra de Ventura a partir da fragmentação e do descentramento do sujeito, próprios da pós-modernidade: "[...] uma das marcas do sujeito contemporâneo é buscar novos caminhos que o capacitem para a compreensão da realidade que o envolve" (PEREIRA, 2010a, p. 10).

A partir dessa perspectiva, Pereira retoma os grupos sociais e os discursos que diferem dos grupos e discursos hegemônicos. Observa, então, que há, na produção de Adão Ventura, reflexões sobre várias temáticas, considerando uma dimensão plural – étnica, cultural,

estética, social e política –, que também caracteriza a sociedade brasileira. No caminho de sua interpretação, o ensaísta identifica e evidencia aspectos que possibilitam que:

[...] a produção literária do poeta mineiro Adão Ventura se configure como instrumento de reflexão acerca de seu tempo, na medida em que a abordagem da fragmentação se converte em elemento significativo em seu roteiro de apreensão de questões relacionadas tanto à história passada quanto aos fatos da vida contemporânea. Esse embate, antes de dividir a obra do autor em faces irreconciliáveis, transforma-a no lugar privilegiado, onde a natureza estética e de reflexão sobre a cultura brasileira se nos apresenta desde o ângulo provocador da diversidade. (PEREIRA, 2010a, p. 8).

Essa diversidade está, conforme demonstra Pereira, distendida ao longo dos livros de Adão Ventura, abrindo diferentes caminhos pelos quais o leitor pode percorrer. A "atmosfera enigmática" dos primeiros livros, marcada pelo uso de imagens carregadas de nuances "surrealistas", num "mergulho nos espaços oníricos gerados pela palavra" (PEREIRA, 2010a, p. 13), é vista pelo pesquisador como a figuração de uma sociedade composta por relações de conflito. Pereira aponta também a poética como veículo de notas biográficas, por meio das quais o poeta trabalha com sua ascendência, seu cotidiano familiar, a vida no interior de Minas Gerais, com sua riqueza cultural – vereda geográfica e estética permitida pelo *Jequitinhonha* – poemas do vale. Trata-se, para o pesquisador, de "um deslocamento ideológico da herança da escravidão [...] como em *A cor da pele*, livro em que, decididamente, a voz do poeta se alça como a voz indignada de seu povo contra a discriminação racial" (PEREIRA, 2010a, p. 13).

Para além da consideração apenas do aspecto étnico-social, a pesquisa de Pereira vai mais adiante e busca uma perspectiva mais abrangente, observando as diferentes fronteiras que a poesia de Ventura oferece, entre a "história e literatura, a autobiografia e a metalinguagem, o engajamento e a pesquisa estética" (PEREIRA, 2010a, p. 13). Os elos entre essas diversas temáticas é estabelecido por meio da identificação dos elementos de sentido expressos pelo gênero, pelo mundo rural, pela cultura popular, pela periferia, pela margem.

O procedimento de considerar na poética de Adão Ventura a fragmentação do sujeito em relação à noção de unidade e a diversidade temática da obra como um todo torna a leitura mais transversal. Para tanto, Pereira utiliza o conceito de "caminho do meio",²⁶ que significa a opção que fazem aqueles que se encontram à margem do cânone por um caminho de

²⁶ Termo proposto por Bernd & Utéza (2001), citado por Édimo de Almeida Pereira (2010, p. 11).

significação que se contrapõe ao "mundo edificado pela razão dos dominadores (PEREIRA, 2010a, p. 11). Um caminho que possibilita escutar a voz dos dominados, dos excluídos, dos que estão à margem, daqueles que se encontram na periferia (PEREIRA, 2010a, p. 11):

Esse caminho representa [...] uma quebra do modelo que opta somente pela razão ou pela magia, a fim de determinar uma forma única e definitiva de o ser humano alcançar o conhecimento do mundo em que vive. Pelo contrário, no caminho do meio, instaura-se uma dinâmica que considera os conflitos e as negociações como partes do próprio processo de criação e no qual, questões como a da identidade cultural de um grupo ou de um sujeito tendem a ser apreendidas como realidades abertas, ou seja, em processo de construção e de reelaboração. (PEREIRA, 2010a, p. 11).

Estes são os pressupostos críticos e teóricos que Pereira toma como pontos de partida para uma leitura das "paisagens e roteiros" da obra de Ventura, percebendo nela "a utilização da linguagem poética como veículo de ideias marcantes acerca de assuntos da contemporaneidade" (PEREIRA, 2010a, p. 19). O pesquisador articula, assim, uma metodologia de leitura que o auxilia na apreensão e na interpretação dos "entrecruzamentos" que definem a poética de Adão Ventura.

Pereira considera que a história do negro brasileiro, traçada desde o continente africano até a escravidão nas Américas, sendo obrigado a adotar a língua do colonizador como uma das "formas de viabilizar a comunicação" (PEREIRA, 2010a, p. 21), contribuiu para a fragmentação da identidade e para a exclusão do negro, por um discurso que o inferiorizou e o reificou. Para tratar desse processo compulsório de aculturação, Édimo trabalha com a ideia foucaultiana de discurso como instância de poder, segundo a qual o discurso dominante se faz como representante de uma vontade de verdade e cria estratégias de inclusão e de exclusão de outros discursos, como o dos negros.

A partir dessa ideia, são demonstrados, pelo pesquisador, os esforços das elites brasileiras para manter e justificar o domínio exercido pelo homem branco sobre o homem negro. Mas ele também apresenta os movimentos de resistência, o movimento da Negritude e o discurso de tomada de consciência pelos negros, que culminariam nos processos de independência dos estados africanos e na alteração do ponto de vista do Ocidente em relação à África (PEREIRA, 2010a, p. 28). São abordadas, ainda, as discussões sobre o conceito e os critérios para a identificação da Literatura Negra ou Literatura Afro-brasileira, ressaltando-se a relação entre a transposição e a continuidade das culturas africanas no Brasil, bem como as

questões da tradição, da memória e da assunção da identidade negra, que "exige um contínuo processo de afirmação e re-construção" (PEREIRA, 2010a, p. 31-32).

Para isso, segundo o autor, são utilizadas estratégias discursivas que constituem um "repertório de recursos de linguagem": "Elementos estéticos comuns nas frases populares, as metonímias e as referências aos festejos populares são utilizados para ampliar a rede de significados das palavras" (PEREIRA, 2010a, p. 35). O trabalho passa, então, a examinar criticamente os poemas de Ventura, conforme suas afinidades temáticas. Pereira observa que o poeta, ao acionar velhas imagens do negro e sobre ele, como as ideias do branqueamento e a "admissão da noção [...] de que no Brasil não existe preconceito e segregação, constituindo-se entre nós uma democracia racial" (PEREIRA, 2010a, p. 35), retoma-as para transformá-las.

A terceira seção do trabalho de Pereira, intitulada "Afrodescendência: antonímia da estranheza", trata da constituição da concepção do negro como um estranho e de como essa noção é construída a partir do ponto de vista do observador. Essa estranheza foi associada, ao longo da história da colonização europeia, aos indivíduos provenientes de universos culturais considerados não civilizados, o Outro. O pesquisador utiliza, para caracterizar esse conceito, argumentos da psicanálise freudiana, da linguística e dos estudos literários, e os relaciona à estranheza atribuída ao negro e ao afrodescendente no Brasil.

Para tanto, perfaz um longo caminho histórico, discutindo o Iluminismo, o Século das Luzes, e seu discurso em relação às culturas não-europeias, que "deu margem à criação de uma imagem do negro como criatura estranha e selvagem, hierarquicamente inferiorizada em relação ao branco" (PEREIRA, 2010a, p. 60). Observa também que tais discursos fizeram parte das justificativas para a colonização, ainda que as impressões dos colonizadores sobre as terras e a população africanas tenham sido baseadas nos relatos dos viajantes, que eram orientados mais "pela curiosidade, pelo exótico, [do] que pelo olhar científico" (PEREIRA, 2010a, p. 61). Pereira demonstra, ainda, que esse conjunto de ideias foram "importadas" pelas elites brasileiras e serviram para a criação da imagem da violência atribuída ao negro, um ser "demoníaco, horrível e assustador", "bárbaro, homicida e torturador" (PEREIRA, 2010a, p. 62-63).

Ainda nesse capítulo são tratadas questões sobre a estética negra. O pesquisador indaga sobre a adoção, no Brasil, dos paradigmas culturais eurocêntricos, entre eles o padrão estético que diz o que é belo e o que é feio. Esse modelo – em que a cor negra é classificada como negativa – é danoso para os negros, que buscam embranquecer-se como forma de busca

pela felicidade e pela aceitação. Manifestados de maneira sutil e carregados de uma camuflada discriminação racial, esses paradigmas desenvolvem no afrodescendente um senso de autodiscriminação, chegando por vezes à negação de sua própria identidade. Como contrapeso a essas práticas, existem, "paralelamente ao desenvolvimento dos discursos de exclusão, as tentativas para a formação de uma fala de valorização das populações negras como forma de resistência aos padrões estéticos impostos por uma elite social notadamente branca" (PEREIRA, 2010a, p. 70), nas quais pode ser inserida a produção de Adão Ventura.

Pereira delineou uma trajetória poética de Ventura diferente daquela em que interessa ao percurso apenas a face em que o poeta assume, forma e afirma sua identidade negra. Desse modo, são consideradas todas as fases (ou faces) de sua obra, como provas de um contínuo e ativo processo de mudança e de experimentações – desde o uso do padrão estético do surrealismo, segundo o pesquisador, e dos aspectos da cultura e da linguagem populares até um maior envolvimento com as questões sociais.

Percebendo a insuficiência de apontar, nos dois primeiros livros de Ventura, a escolha por uma estética dita surrealista, sem estabelecer as razões de ser dessa observação frente ao que seria a obra completa do poeta, Pereira buscou estabelecer um histórico desse movimento artístico proveniente dos anos 1920, cuja motivação era a insatisfação com a ordem imposta pela valorização do racionalismo, que levou a uma busca da libertação do espírito, relacionada às temáticas "do sonho, da poesia e da visão sobre o feminino" (PEREIRA, 2010a, p. 77). A partir desse histórico, o pesquisador investiga os "entrecruzamentos, diálogos e aproximações que permitem um melhor entendimento da ampla atmosfera estética, histórica, social e imaginária explorada por Adão Ventura" (PEREIRA, 2010a, p. 77).

Em procedimento análogo à vertente popular contida em *Jequitinhonha: poemas do Vale* (1980), Pereira considera que o poeta amplia "as fronteiras de sua poética, abordando temas como a religiosidade, a memória, a música, a dança, o trabalho, a família, o conflito entre a vida no meio rural e a vida nos grandes centros urbanos – temas que possuem, simultaneamente, um significado regional e universal" (PEREIRA, 2010a, p. 86).

Por fim, vale ressaltar o destaque dado por Pereira ao aspecto formal do poema em prosa, "que vai se manter até o último livro" (PEREIRA, 2010a, p. 93). Um procedimento que, nas palavras do pesquisador, "abre as portas de sua poética para os ares da polêmica (a que se levantou em torno de Baudelaire, em *As flores do mal*) e da hibridação" (PEREIRA, 2010a, p. 93). Com isso, o pesquisador retoma a polêmica sobre a suposta inferioridade da

prosa poética frente à poesia em versos, marcando "um momento de crise em que a problematização de uma diferença se torna o discurso sobre a diferença" (PEREIRA, 2010a, p. 93). Ele conclui que a opção de Adão Ventura por esse gênero – que é veículo de um questionamento sobre a própria diferença – é bastante reveladora, por ser um recurso "polêmico e transgressivo, [que] fornece elementos formais adequados para a discussão de temas" abordados pelo poeta, estabelecendo "a ligação entre a polêmica que caracteriza o gênero textual [...] e a potencial perturbação e o incômodo" gerados por sua obra (PEREIRA, 2010a, p. 95-96).

A partir dessa abordagem – que reconhece a riqueza dos aspectos temáticos e estéticos da poesia de Ventura, nomeados por ele como "outras vertentes, outros caminhos" –, o pesquisador se propôs a "mapear os questionamentos do poeta em relação a outros temas [...] como as relações de gênero, [...] a religiosidade, a memória, a cultura popular e a relação do homem com sua terra de origem" (PEREIRA, 2010a, p. 97).

Passo em revista, agora, ao artigo "A consciência da negritude", de Maria do Rosário Alves Pereira (2004b). Tendo em foco o problema indicado no título, a autora afirma que a poesia de Adão Ventura contribui, por um posicionamento próprio, para a "consolidação de um sistema literário afrodescendente" (2004b, p. 3). Assim, ela observa que, em sua trajetória, o poeta busca:

a construção de uma poesia negra que foge à folclorização e a um apelo cultural vigente no imaginário coletivo, marcado por estereótipos; é a busca de uma identidade não mais construída sob uma perspectiva do branco, mas, ao contrário, é o ponto de vista interno de quem conhece e vivencia os estigmas da pele e contra eles se rebela. A linguagem caracteriza-se pelo abandono do excesso de metáforas dos primeiros textos e busca uma comunicação mais fácil e direta com o leitor. (PEREIRA, 2004b, p. 1).

Nesse artigo, a ensaísta delinea três fases temáticas na obra de Ventura, cuja decomposição é importante não só para perceber a fase de assunção da cor, porque esta já tinha sido delineada em outros trabalhos, mas para reforçar os outros momentos da poética de Adão Ventura, como partes de um trabalho marcado por "uma perspectiva política e social referente não apenas ao negro, mas à problemática social brasileira num sentido mais amplo" (PEREIRA, 2004c, p. 1). Integrando a primeira fase estaria o livro *Abrir-se de um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul* (1969), em que, segundo a autora, o poeta:

trabalha mais a questão do significante, há um refinamento linguístico e poético que por vezes chega ao hermetismo. Essa proposta aproximava-se mais do surrealismo, e era marcada pela "construção de versos largos e arrebatados" e um "automatismo psíquico". (PEREIRA, 2004b, p. 4-5).

Na segunda fase estariam inseridos os livros *Jequitinhonha: poemas do Vale*, de 1980, e *A cor da pele*, do mesmo ano, em que foram trabalhados o "resgate da cultura mineira, em uma tentativa de valorização dos elementos populares" e "a construção de uma poesia negra que foge à folclorização, a um apelo cultural vigente no imaginário coletivo, marcado por estereótipos" (PEREIRA, 2004c, p. 5). A pesquisadora aponta para a modificação da linguagem poética, que abandona o excesso de metáforas, característica do que nomeara como primeira fase, em busca de uma "comunicação mais fácil e direta com o leitor" (PEREIRA, 2004c, p. 5). É interessante a afirmação de que o livro *A cor da pele* trata de um modo fazer política:

sem atrelar-se ao partidarismo político (o livro não levanta bandeiras nem faz apologia a qualquer segmento político, como o comunismo, por exemplo). É um texto político, mas sob uma outra perspectiva: a da "política de identidade", que, segundo Hall, configura um novo sentido para a política na pós-modernidade. (PEREIRA, 2004c, p. 5)

Ainda sobre esse livro, a ensaísta afirma que ele "trabalha o plano do significante" e apresenta "um refinamento linguístico e poético que [...] chega ao hermetismo" (PEREIRA, 2004, p. 1).

A terceira fase estaria marcada pela publicação de *Litanias de cão* (2002), em que o poeta buscou uma perspectiva outra, não "referente apenas ao negro, mas em um sentido mais amplo" (PEREIRA, 2004, p. 5), destacada a temática das relações entre poder e corrupção. Para tratar da questão da identidade, a autora traz ao discurso a noção de nação e sua unidade, cujo pressuposto básico é baseado na junção de todos, a despeito das diferenças, em uma identidade nacional. Entretanto, no caso brasileiro, isso se deu pela violenta e sistemática tentativa de apagamento da cultura do negro. A conclusão é que as identidades culturais não podem ser mais refletidas como unas, porque "atravessadas por profundas divisões e diferenças" (HALL, 2003, p. 62 *apud* PEREIRA, 2004c, p. 6). No artigo "A consciência da negritude", Maria do Rosário Alves Pereira faz também uma leitura do livro *Texturaafro* (1992), percebendo nele uma continuação da expressão por meio de versos mais curtos e diretos, como nos dois livros imediatamente anteriores. Os assuntos são:

mais ou menos definidos: na primeira [parte], aparecem poemas abordando a questão de uma descendência comum aos afro-brasileiros, uma raiz cultural que os mantém interligados; na segunda, as figuras emblemáticas da resistência e do orgulho negro, como Chico-Rei e Zumbi, são exaltadas; na terceira parte, o autor problematiza a condição de indigência em que ainda vivem muitos negros: a favela, por exemplo, seria a nova senzala do século XX. Na última parte do livro, aparecem as figuras familiares ao poeta: pais e avós se tornam material poético. (PEREIRA, 2004c, p. 2).

Uma das análises mais produtivas da poesia de Adão Ventura tentou descolar o poeta dessa imagem monolítica de engajamento, e mais, buscou também desatar a ideia de uma certa evolução em sua poética, (d)efeito corriqueiro das críticas regulares. De modo frequente, os críticos reproduzem imagens efêmeras, ligadas ou a modismos teóricos ou a superficialidades ocasionais, embora sempre bem fundamentadas por alguma teoria. Dessa forma lemos o artigo "Dois meninos", do poeta e professor Anelito de Oliveira, publicado em jornal, em que ele destaca o inusitado do título do primeiro livro de Adão Ventura, "Título-poema ressoando o surrealismo" (OLIVEIRA, 2015a, s.p.). O crítico assinala que é no livro *A cor da pele* que o "poeta se encontra, encontra seus próprios temas e formas" (OLIVEIRA, 2015a, s.p.), na maturação de um processo iniciado, de modo paradoxal, já nos dois primeiros livros. Em análise do poema "Natal (II)", do livro *Jequitinhonha: poemas do Vale* (1980), Anelito de Oliveira percebe o contraponto entre a:

pobreza material, visual, e ideal catolicista, entre o menino jequitinhonhense, negro, mestiço, e o Menino Jesus, branco, puro, tal qual reverenciado no catolicismo, entre o menino segundo o corpo, digamos, e o menino segundo a alma. (OLIVEIRA, 2015a, s.p.).

A conclusão a que o crítico chega é a de que são modos diversos de abordagem de uma mesma questão, que seria a revelação da conjunção das "pontas extremas do processo de criação poética na modernidade, o sublime e o grotesco, o belo e o 'feio', o ideal e o real, enfim – e revelar para ir mais longe." (OLIVEIRA, 2015a, s.p.). Sobre o terceiro livro de Adão Ventura, *Jequitinhonha: poemas do Vale*, considerado como "rito de passagem", ele diz:

Esse trabalho configura um significativo exercício socioantropológico, revelando, verbal e visualmente, a vontade sincera de um sujeito de compreender e incorporar referenciais da ancestralidade africana em situação, isto é, acontecendo, atuando sobre modos de ser, estar, viver. OLIVEIRA, 2015a, s.p.).

Na crítica de 2015, intitulada "O drama da expressão: estética, ideologia e negritude em Adão Ventura" (2015c), o pesquisador retoma esse poema natalino e o conjuga à leitura de outro, "Natal (I)", ambos do livro *Jequitinhonha: poemas do Vale* (1980), falando sobre as diferenças de abordagem do tema do Natal. Conclui afirmando que há uma vinculação, nesse livro, entre o "drama da percepção do sujeito lírico" e um "drama existencial", que "acabaria por levá-lo à poesia da consciência crítica e da revolta" (VENTURA, 2015a, s.p.). Esse tipo de reflexão persegue as analogias criadas pelo crítico Silviano Santiago, no já citado prefácio intitulado "A cor da pele". Assim, Anelito de Oliveira nos convida a repensar o lugar do poeta, de sua poesia, dentro da literatura brasileira, "para além do mero engajamento, que acaba, mais cedo ou mais tarde, sempre reduzindo o horizonte de interpretação a um determinado presente histórico" (OLIVEIRA, 2004).

Ainda sobre esse trabalho de Anelito de Oliveira, publicado em jornal "O drama da expressão: estética, ideologia e negritude em Adão Ventura" (2015b) e nos Anais do II Simpósio de Literatura Negra Ibero-Americana (2015c), o pesquisador os trata, em análise do contexto dos dois primeiros livros de Ventura, como trabalhos de cunho "esteticista: um experimentalismo de base surrealista" (OLIVEIRA, 2015b), inseridos em um momento de discussão formal das vanguardas.

Aparentemente, trata-se de uma produção que nada tem a ver com a condição étnica do autor mineiro, aparentemente, ou seja, na superfície. Eram os anos de 1970, ainda marcados pela atmosfera vanguardista dos anos de 1960, momento em que se intensificou, de modo decisivo, um processo de reconfiguração de valores culturais que se iniciou nos anos de 1950. (OLIVEIRA, 2015c, p. 194).

Daí, o crítico se desloca para uma questão do "querer dizer", que seria a expressão do poeta como impossibilidade de aproximação da realidade, pensamento reforçado pelo contraste entre os dois primeiros livros de Ventura e a obra *A cor da pele* (1980).

A cor da pele dá a ver um drama da expressão, toda uma dificuldade de exprimir, de que o poeta se acerca quase que naturalmente, sem que ele mesmo se dê conta, já no início da sua produção, ao procurar dizer algo de seu, de próprio, de autêntico, no bojo de uma unidade discursiva já legitimada como valiosa. Não chegamos realmente a perceber o interior do abutre nem a força do corpo nas duas primeiras coletâneas, prevalecendo a idealidade sobre a realidade nua e crua, donde resulta o acionamento do dispositivo surrealista como uma saída ingênua até. (OLIVEIRA, 2015b, p. 195)

Para o pesquisador, tal "drama", marcado por "particularidades na expressão escrita", teria sido apresentado anteriormente, na literatura brasileira, pelos escritores Machado de Assis e Cruz e Sousa, nos quais também se observa, segundo ele, uma "profunda incapacidade de exprimir" e uma "deficiência nos órgãos da palavra" (OLIVEIRA, 2015c, p. 195). Sobre os dois primeiros livros de Ventura, o crítico diz que não conseguiu perceber o interior do abutre, nem a força do corpo, porque neles "prevalece a idealidade sobre a realidade nua e crua", levando o poeta a uma saída expressiva ingênua, baseada no acionamento do dispositivo surrealista. Em relação aos dois últimos livros, *Texturaafro* (1992) e *Litanias de cão* (2002), o crítico revela o malogro do poeta, "ao buscar a obscuridade da África e a fúria tresloucada dos caninos, ficando-nos a sensação, em ambos os casos – em relação à primeira e à última produções — de que há uma barra, um obstáculo, nesse processo criativo" (VENTURA, 2015, p. 196).

Sobre o livro *A cor da pele*, o crítico recupera a ideia de que a obra passou a ser considerada como referencial e autônoma. Entretanto, para ele, ela "constitui o ponto mais tenso, mais conflituoso, de um processo criativo bastante problemático", que ele nomeia, como vimos acima, como "um drama da expressão, toda uma dificuldade de exprimir". Esse drama relaciona-se não apenas à capacidade de expressão, mas também ao fato de que "o que se produz como estético é também ideológico, e o ideológico, por sua vez, constitui o mascaramento da diferença que o sujeito deseja inscrever no seu produto estético – o poema, o texto, a narrativa –, ou seja, sua diferença étnica, sua experiência viva, social, material, de ser negro no mundo" (OLIVEIRA, 2015b, s.p.). A conclusão a que ele chega é a de que o "drama da expressão", esse desejo de exprimir tudo, coloca-se como um obstáculo e deriva de uma relação dilaceradora "para o sujeito empírico da criação – entre dados de ordem estética, ideológica e sua negritude, sua condição de negro" (OLIVEIRA, 2015b, s.p.).

Entre os textos sobre a poesia de Adão Ventura pesquisados para esta dissertação, o mais recente é o artigo "Abrir-se uma poética: a identidade do outro na poesia de Adão Ventura", de Guilherme Rodrigues Silva e Antônio Wagner Veloso Rocha, que foi recebido em meados de outubro de 2016, para análise e publicação no portal *Literafro*²⁷. É um texto interessante, que realiza uma leitura instigante dos versos dos dois primeiros livros do poeta, apontando o modo como sua poesia aborda um mundo repleto de "proibições", "limitações", "encruzilhadas", "sonhos frustrados", "jaulas", "violações" e "violência". (SILVA; ROCHA,

²⁷ LITERAFRO. O portal da Literatura Afro-brasileira. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafro>.

2016). Nessa leitura, os autores mencionam o autoritarismo contra negros e mulheres, vistos como "metonímias de grupos socialmente silenciados", e trazem a novidade de perceber que, nessas obras iniciais, "a denúncia relacionada ao debate étnico – a tônica da segunda fase da obra venturiana – já se apresenta na voz do seu narrador-lírico, que trata da segregação racial e da reificação do negro na sociedade". (SILVA; ROCHA, 2016, p. 3).

Apontam, ainda, na poética de Adão Ventura, um comprometimento "com o dizer e o como dizer" (SILVA; ROCHA, 2016, p. 7), numa leitura embasada no conceito do dizer do Outro, do filósofo lituano Emmanuel Lévinas, que seria a maneira como esse outro se apresenta, "sem meias palavras ou subterfúgios estilísticos" (SILVA; ROCHA, 2016, p. 7). Para esses críticos, a alteridade, de que tratou Lévinas, é um modo de percepção do mundo e das relações sociais, vedando a ideia de homogeneidade, que dilui as diferenças. (SILVA; ROCHA, 2016, p. 7).

O discurso ético – que se revelará explicitamente em *A cor da pele* e, antes disso, em *Jequitinhonha* – estaria na voz desse "abutre" (o bicho, o Outro) inaugural, que é abutre ainda que se deduza dele o seu "azul", a sua essência. Revelam-se nesses dois livros as tensões de um universo opressivo, em meio ao qual se movimentam Lygia e Hagbe. O *nonsense* venturiano não é uma forma de negar a realidade, mas friccioná-la para extrair dela um sentido que não se fazia permitido de outro modo. (SILVA; ROCHA, 2016, p. 3).

Para esses autores, Adão Ventura teria, em sua expressão, ultrapassado um limite no campo estético e no social. Limite este que, vencido, lhe teria rendido, agora em concordância com Anelito de Oliveira, "o silêncio em torno do seu nome de meados dos anos 1990 para cá, a indiferença da mídia e dos críticos, o abandono" (SILVA; ROCHA, 2016, p. 19). Uma questão problemática desse texto – mesmo que pontual – é uma espécie ato falho que aparece quando, em análise do livro *Texturaafro*, os autores dizem que "não se trata aqui apenas de uma poesia de lamúria" (SILVA; ROCHA, 2016, p. 11), deixando transparecer uma das ressalvas que se faz à literatura afro-brasileira como lugar para lamentos e litânias, e que serve, igualmente, à branquitude, como acusação contra quem se propõe a desvelar o racismo brasileiro.

Nesse apanhado da fortuna crítica sobre Adão Ventura, podemos perceber que algumas das imagens do poeta e de sua poesia produzidas pelos estudiosos acabam funcionando como armadilhas críticas, impondo limites à interpretação. Algumas dessas imagens, como a da poesia surrealista dos dois primeiros livros, ou a da assunção da cor negra em *A cor da pele*, se reproduzem e se desdobram em diversos textos.

Tentando ir além dessas redundâncias (que algumas vezes vêm acompanhadas de alguma precariedade analítica), considero que esta é uma oportunidade de perceber o sistema de exclusão do negro e seus modos de representação na literatura nacional. Um sistema que atrelou ao negro ora uma imagem de lascivo, como Amaro (personagem do romance *Bom-crioulo*, de Adolfo Caminha) e Rita Baiana (de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo), ora uma representação animalizada, como a de Bertoleza (desse mesmo romance) e a de Tia Anastácia, personagem já do século XX, das histórias da coleção do Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato.

Podemos perceber, também, ecos dos modos de silenciamento do discurso do negro e de aniquilação de seu corpo – tanto físico, nas chacinas do cotidiano, quanto textual, por sua ausência nas historiografias literárias, nas publicações das grandes editoras²⁸ e nas feiras, festas e academias literárias. Um dos argumentos mais eficazes sobre a expressão literária do negro brasileiro é o que desqualifica sua literatura por meio da consideração de que é ela marcada mais pela militância do que pela elaboração estética. É necessário indagar, aos especialistas que tomam como "militância" a luta contra a manutenção dos privilégios da branquitude, se esse silêncio não é um modo de militar, de atuar politicamente? Por outro lado, existem também, como em todo movimento dinâmico, modos de inclusão de temas e formas negras suavizadas, pasteurizadas e transformadas em mercadoria, por fetichistas.

Uma maneira de superar essas limitações é pela percepção dos paradigmas de interpretação empregados, comumente gestados por modelos branco-ocidentais. É preciso evitar a redução de movimentos complexos, como se vê na obra de Adão Ventura, a uma simples progressão ou mesmo a uma evolução na sua expressão poética, culminando na ideia do engajamento. Deve-se tentar superar o que se vê e já está patente, buscando o que está latente, o que ainda pode ser visto. Do nosso ponto de vista, o problema não está tanto no fato dos poemas serem considerados engajados – mesmo que isso seja um problema colocado pela academia, segundo uma concepção da Arte como autônoma e sem uma finalidade além dela mesma –, mas nas "sinfonias de uma nota só" que a crítica de viés mais tradicional por vezes apresenta sobre os escritores afro-brasileiros. Talvez seus textos sejam combatidos porque trabalham com imagens das ruínas, que borram essa "literatura como sorriso da sociedade", e "desafinando o coro dos contentes", porque destoam dessa literatura contemporânea egocentrada, escrita por autores ligados a espaços privilegiados da produção discursiva,

²⁸ Sobre isso ver DALCASTAGNE, 2012.

pertencentes às classes alta e média, predominantemente homens e brancos. Esse combate impele os críticos identificados com a arte afro-brasileira a um eterno processo de defesa, a um trabalho de Sísifo em que a pedra gestada pela crítica habitual funciona como uma condenação, que não permite prosseguir nos estudos sobre a estética negra. Outra armadilha crítica frequentemente encontrada é perseguição por aproximações peremptórias entre afro-brasileiros e africanos, como se suas expressões tivessem de manter uma reflexividade, o que nega a diversidade dos negros.

Assim, o panorama crítico exposto neste capítulo mostra que as produções sobre Adão Ventura são importantes para levantar discussões a respeito do campo literário em si e para a construção do conhecimento sobre o poeta e seus textos, tendo em vista que desenvolvem importantes questionamentos e abrem caminhos para novos trabalhos, que possibilitem avançar na análise. Destacam-se, desse ponto de vista, as abordagens que se debruçam sobre sua prosa poética de linguagem mais hermética, porém, como foi demonstrado, nunca afastada da reflexão sobre ser negro no Brasil, e sobre suas ligações com a expressão da cultura popular afro-mineira, das festas religiosas ao povo negro do Vale do Jequitinhonha, sobre a cor da pele e suas (con)texturas, políticas e artísticas.

2. REFLEXÕES SOBRE O ARQUIVO LITERÁRIO

L'idée que l'Histoire est vouée à l'«exactitude de l'archive», et la philosophie à l'«architecture des idées», nous paraît une fadaise. Nous ne travaillons pas ainsi.

(Arlette Farge e Michel Foucault).

Arquivos pessoais e arquivos literários

A ideia de nação, essa "comunidade imaginada" (ANDERSON, 1993), se dá por meio de uma narrativa oficial que constrói uma nação pedagógica (BHABHA, 1998), que objetiva a unidade, a coesão, entendida pela metáfora "muitos como um" (BHABHA, 1998, p. 219), que sói apagar as marcas das alteridades na cultura. A outra face desse sistema é a "nação de baixo" (HOBSBAWM, 1990), que trabalha a metonímia "menos que um/menos como um", concretizada pelas performances e pelas diferentes demandas e desejos das minorias. Não existe, como disse o teórico indiano, apenas uma nação, porque, se existisse apenas a pedagógica, se estaria no reino do totalitarismo sem dissidência (todos teriam que ser/agir da mesma maneira). Caso fosse apenas uma narrativa performática, não se teria algo que unisse essas diferentes performances, essas diferentes demandas e desejos que podem formar uma comunidade, com uma memória que forneça um quadro e pontos de referências comuns a fim de manter a coesão dos grupos (POLLAK, 1989, p. 6).

Desta forma, para que seja fundada uma narrativa da nação, é necessário o apagamento da violência da origem. Tal violência original – que separa, que divide – dever ser, portanto, "esquecida", para que seja possível "inventar" uma tradição que possa ser constantemente lembrada, de forma a constituir os ideais da nação. Destarte, a narrativa da nação trata de uma memória que remonta a uma origem amena e idealizada, aos laços de irmandade sem atritos, às questões de um território imaginado que pertenceria a todos, concretizando a soberania nacional, à percepção de uma etnia ligada à ideia de unidade (pela via da miscigenação como projeto nacional), a uma religião oficial que sincretiza as diferenças e é professada por todos, retirando qualquer ponto de fricção/discussão entres os entes nacionais, entre as diferenças; silenciando, por assim dizer, as minorias. Como disse Reinaldo Marques, citando Benedict Anderson:

[...] ao lado do jornal, o romance viabiliza a construção de uma imagem pedagógica da nação, de feição mítica e exemplar, baseada em uma nova experiência de temporalidade – a de um "tempo homogêneo e vazio", em termos benjaminianos. (MARQUES, 2008, p. 107).

A literatura é uma das responsáveis pela criação e manutenção da ideia de nação, e mais, por gestar, em seus modos de representação, a noção de unidade entre inconciliáveis, rasurando a violência dos conflitos, criando padrões de relacionamento com a realidade. Isso pode ser comprovado nas maneiras pelas quais as minorias são representadas dentro das obras literárias: quando não são invisibilizadas, são tratadas por meio de estereotipia. Lembremos, por exemplo, para citar apenas um, o romance indianista *Iracema*, de José de Alencar, que trabalha a representação idealizada do brasileiro, filho da terra. Este seria oriundo do relacionamento entre uma indígena, Iracema, e o colonizador português Martim. Vemos ainda que essa obra desconsidera em sua representação o negro, escravizado, como parte formadora do Brasil e dos brasileiros.

Para o crítico cubano Roberto González Echevarría (2011), há uma correspondência entre o desenvolvimento dos Estados Modernos, o aparecimento da ficção picaresca em torno da organização da lei (o que exemplarmente está em *Dom Quixote*) e o modo de organização social através de uma burocracia patrimonial. Essa burocracia possui relação com as instituições de memória, como as bibliotecas, os museus e os arquivos, que são responsáveis pela guarda e conservação de documentos e contribuem para a criação da ideia de unidade, que sustém o Estado, por uma certa narrativa da nação.

Não é por acaso que os estados nacionais modernos tenham se valido da criação dessas instituições, tão logo foram fundados: "com o advento do Estado-nação, as instituições arquivísticas nacionais são criadas – o Arquivo, a Biblioteca, o Museu –, num processo que remonta à criação do Arquivo Nacional da França, em 1789" (MARQUES, 2008, p. 106). Lembremos que o Arquivo Nacional no Brasil foi fundado em 1838 e mantinha uma política de sigilo para seus documentos, liberando o acesso apenas para uso da máquina administrativa ou para indicados diretamente pelo imperador (COSTA, 1998).

Ainda em relação à criação e à função desses arquivos modernos, Terry Cook diz que eles eram tradicionalmente criados pelo Estado, para servir a ele, como parte de sua própria estrutura hierárquica e de sua cultura organizacional (COOK, 1998, p. 133), e serviam como "mecanismos de legitimação do estado" e lugar para a "criação das memórias nacionais" (MARQUES, 2008, p. 106). Os arquivos coloniais foram instrumentos de legitimação e configuração de poder, uma representação pedagógica da nação que tem um caráter patrimonialista e que implica na "manipulação de suas memórias e arquivos" (MARQUES, 2008, p. 107). Dessa forma, os arquivos, como instituição de memória e de poder,

contribuíram para a formação e o reforço de imagens da nação, no tempo homogêneo e vazio, ao qual se reporta Walter Benjamin em suas teses "Sobre o conceito de História" (BENJAMIN, 1994), que se relaciona a uma sacralização/idealização do passado e a uma linearidade importantes para a constituição e a naturalização da nação.

Nesse sentido, o sujeito das letras, na sociedade moderna – indivíduo direcionado para vida privada, vida de leitura e estudo dentro dos gabinetes – movimentou-se, deslocando-se para a cena pública, a fim de atuar como uma espécie de porta-voz da nação, cuja função seria a de contribuir para a formação do espírito nacional, o que o compeliu a gestar/gerir uma imagem pública (MARQUES, 2012, p. 63). Este é um movimento interessante: a nação necessitava de figuras que coadunassem com esse espírito nacional e assim fortaleceu estruturas de memória, tais como os arquivos, bibliotecas e museus, aproximando-se de indivíduos os quais passariam a contribuir como uma espécie de "herói" nacional. Por esse seu papel, há uma operação de mão dupla, uma espécie de ciclo, em que certa opinião pública, composta por pessoas que partilhavam do projeto de nação, passa a se interessar pela imagem desse sujeito, e este começa a buscar modos de se arquivar, na tentativa de controlar sua imagem pública.

Destarte, esses arquivos da nação passaram a compor-se também de múltiplas subjetividades, de memórias individuais, ainda que, naquele momento, fossem poucos os "escolhidos". Em relação à pesquisa em arquivos, houve, como disse Sabina Loriga (1998), uma valorização dos arquivos pessoais por parte dos historiadores, que se deve também a uma valorização dos indivíduos. Nesse sentido, os acervos documentais passam a ser vistos como:

[...] os meios de acesso seguro ao passado, os arquivos funcionam como "prova" das trajetórias às quais se busca associar o atributo da exemplaridade e da singularidade, fundamentais à construção da noção de "legado". Nesse movimento, os acervos são associados à categoria de patrimônio, e passam a ser vistos como material cuja preservação deve ser garantida em nome da memória da coletividade, seja local seja nacional. (HEYMMAN, 2009, p. 1).

Em busca de modos de ler e interpretar os arquivos, foram pesquisados vários textos e autores que trabalharam, em diversas abordagens e para diversos fins, com esta figura da memória. É importante frisar que esses textos não são vistos aqui como partes de uma teoria geral do arquivo, nem como tendências teórico-metodológicas que, por isso, poderiam ser excludentes umas em relação às outras. Pelo contrário, o que se buscou foi refletir sobre de que modo esses pensamentos enriquecem a ideia mais geral de arquivo literário, com vistas a

um trabalho mais detido com o arquivo do poeta afro-brasileiro e com a ideia de arquivo afro-brasileiro.

Para o filósofo argelino Jacques Derrida, em seu livro *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (2001), o arquivo relaciona-se a duas acepções, a de origem e a de poder. Ele é, portanto, o lugar "onde as coisas começam", lugar da memória, do registro do passado, do arquivamento, e ao mesmo tempo "o princípio da lei [...] onde os homens e os Deuses comandam, [...] onde se exerce a autoridade, a ordem social" (2001, p. 11). Esse arquivo que adquire importância "em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória" – onde guarda-se aquilo que está sob a ameaça da destruição, do esquecimento – é atravessado por algo que o filósofo chamou de "pulsão de morte", uma ameaça que trabalha em função de sua destruição, apagando seus próprios traços e rastros (DERRIDA, 2001, p. 21). Ainda, esse mal de arquivo adviria de um certo fascínio pelas técnicas de fazer durar e de recuperar a memória, na justa consciência sobre a impossibilidade de obter êxito no acesso à sua verdade e origem.

Já para o filósofo Michel Foucault (2008), o arquivo é uma espécie de sistema que rege a permanência/apagamento dos discursos. Noção que, no interior de sua fase arqueológica, possui uma intenção epistemológica.

[...] temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas do outro) que proponho chamar de *arquivo*. (FOUCAULT, 2008, p. 146).

Se, para Derrida, o arquivo implicaria dois aspectos – nomológico, seus princípios de organização e classificação dos documentos; e topológico, relacionado ao espaço de acomodação desses documentos, sua exterioridade e topografia, que são "predicados essenciais à existência do arquivo" (MARQUES, 2014, p. 22) –, a concepção foucaultiana acentua mais o caráter discursivo do arquivo, atravessado pelo jogo do poder, deslocando a importância da topografia como o espaço de acúmulo e fazendo irromper a questão das formas de acumulação desses enunciados (MARQUES, 2007, p. 14; 2014, p. 22).

A constatação de que nossa memória é frágil para reter voluntariamente a totalidade das experiências humanas, esse sentimento de que "não há memória espontânea" (NORA, 1993, p. 13) e de que é necessário guardar aquilo que está prestes a ser olvidado, viabiliza a

criação de locais de convergência de um "sentimento de continuidade". Esse fenômeno vincula-se ao que Nora chamou de processo de "aceleração da história", uma espécie de ruptura do equilíbrio relacionada à ancestralidade, à tradição e à consciência de uma perda da memória coletiva, em que a ideia de memória passa a ser central porque ela já não mais existe, ao menos como costumava ser (NORA, 1993, p. 7-8).

Esse esforço de memória sugere algo que ainda nos escapa: que temores subsistem e mobilizam – mesmo que não se saiba – tais esforços? Seria o medo de desaparecer sem deixar vestígios ou o simples medo de que o mundo que era conhecido, com suas garantias de perpetuidade (da dominação) – na atual fragilidade das tradições totalizantes e obsolescência dos "produtos" da modernidade –, desapareça?

Os "lugares de memória" passaram a conter aquilo que se tinha medo que se perdesse, na intenção de que a memória esteja perpetuada nos vestígios e resíduos do passado. Conforme Pierre Nora:

Museus, arquivos, bibliotecas, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 13).

Esses "lugares de memória" se formaram por um movimento de desritualização acontecido no Ocidente, que alterou a relação entre a ancestralidade e a tradição, invertendo, assim, a ordem de valorização, que não seria direcionada aos mais velhos e suas experiências sobre o passado, mas ao mais novo, ao mais jovem, ao futuro. Se são esses lugares que secretam, vestem, estabelecem, constroem, decretam, mantêm "pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação" (NORA, 1993, p. 13), ou seja, se são eles que viabilizam a permanência na história e no tempo, eles não o fazem de modo a demonstrar sua característica lacunar, fragmentária, e mesmo particular. Ao contrário, contribuem para a gestação da ideia de totalidade, de unidade, de generalidade.

Os arquivos que fundamentam, em grande parte, as teorias arquivísticas foram criados a partir das experiências institucionais, como parte de serviços de transação/comunicação e guardados como evidência desses trâmites e trânsitos (DOUGLAS, 2013). As teorias arquivísticas clássicas viam os arquivos públicos ou institucionais como "acumulações naturais, orgânicas, inocentes, transparentes, que o arquivista preservava de modo imparcial, neutro e objetivo" (COOK, 1998, p. 132). De modo contrário, os arquivos pessoais são vistos como "artificiais, antinaturais, arbitrários, parciais, algo realmente mais próximo de um material de biblioteca, publicado, como as autobiografias e as memórias, do que de documentos de arquivos oficiais e públicos" (COOK, 1998, p. 132). Entretanto, são possíveis algumas homologias entre esses tipos de arquivo:

Primeiro: ambos são artefatos de registro derivados de uma atividade; os arquivos são evidências das transações da vida humana, seja ela organizacional, e por conseguinte oficial, seja individual, e portanto pessoal. (COOK, 1998, p. 130-131).

Esses arquivos, que são comumente chamados de arquivos pessoais e têm sido, hoje em dia, objeto de estudo e de preocupação de parte dos arquivistas, são "formados por causa das necessidades, desejos e preferências de seus titulares no tocante à produção e preservação de documentos" (HOBBS, 2016, p. 303). Eles são, assim, concebidos e mantidos por sujeitos que passam a guardar e conservar objetos e documentos, como evidências e comprovação, necessárias para a vida.

Durante a trajetória dos indivíduos na vida, eles são compelidos a guardar papéis que registram sua ação no mundo, como disse Artières (1998), como "injunção social":

Pois, por que arquivamos nossas vidas? Para responder a uma injunção social. Temos assim que manter nossas vidas bem organizadas, pôr o preto no branco, sem mentir, sem pular páginas nem deixar lacunas. O *anormal* é o *sem-papéis*. O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico. (ARTIÈRES, 1998, p. 10-11, grifos do autor).

Vivemos em uma sociedade grafocêntrica, centrada nas letras, na qual a existência, ainda segundo Artières (1998, p. 12), está relacionada à inscrição em registros de nascimento, médicos, escolares, bancários etc. A isso, Reinaldo Marques chama de "inescapável submissão ao controle gráfico" (MARQUES, 2003, p. 146), que subsiste mesmo para aqueles que estão fora dos limites da cidade letrada. Isso requer que os sujeitos desenvolvam e reflitam, ainda que de maneira precária ou amadora, sobre o "objeto" a ser guardado e sobre

os processos utilizados para o seu arquivamento, sobre as "práticas múltiplas de arquivamento" (MARQUES, 2003, p. 147), que culminam em práticas de arquivamento do eu, visando, na verdade, à construção de uma imagem de si, uma "intenção autobiográfica",²⁹ como disse Philippe Artières, no que Foucault chamou de "preocupação com o eu" (ARTIÈRES, 1998, p. 3).

Uma das preocupações dos estudiosos são as definições de "arquivo pessoal", elaboradas partindo de diferentes pontos de vista, quer seja pensando em seu criador, no caso, o indivíduo que o elabora, ou pela diferenciação entre seus propósitos, descolados de uma obrigação legal fundante (DOUGLAS, 2013). Para Heloísa Bellotto, os arquivos pessoais são formados:

[...] por documentos produzidos e/ou recebidos por uma pessoa física (cidadão, profissional, membro, de uma família ou integrante de uma sociedade), enfim, de documentos que, preservados para além da vida dessa mesma pessoa, constituem seu testemunho, como um conjunto orgânico, podendo então ser abertos a pesquisa pública. (BELLOTTO, 2006, p. 265-266).

Quaisquer que sejam os modos de abordagem, os arquivos pessoais possuem um controle realizado por um indivíduo, que dita as "as formas que os documentos assumem, os gêneros de sua escrita e as mudanças realizadas durante o uso" (HOBBS, 2016, p. 303). Essa liberdade de geração e de controle, sem obediência a regras mais rígidas para a criação e a organização – haja vista que qualquer modificação na rotina do criador do arquivo pode modificar suas características –, faz com que seja difícil a reconstituição dos "fios tênues da memória humana e [d]a rede de histórias familiares e pessoais para a revelação de arquivos" (HOBBS, 2016, p. 304). Porque não possuem uma estrutura fixa de criação/preservação, é pouco possível de conhecer a real natureza de alguns documentos de arquivos pessoais. Como disse Luciana Duranti, citada por Catherin Hobbs:

[...] a liberdade interior dos seres humanos é tamanha que uma obediência rígida a regras não deve ser esperada num contexto pessoal, de forma que uma pesquisa diplomática do tipo documental talvez revele pouco sobre a real natureza, por exemplo, de uma fotografia amadora ou um bilhete materno. (DURANTI *apud* HOBBS, 2012, p. 303).

²⁹ Ana Maria de Camargo usa o termo "Egodocumentos", cunhado pelo historiador holandês Jacob Presser, em 1958, para designar documentos que tratem de uma escrita de si (CAMARGO, 2009, p. 30).

De todo modo, o tratamento dos documentos deve ser realizado, e não poderia ser diferente, observando-se critérios de classificação definidos pelas técnicas arquivísticas,³⁰ que são basicamente os mesmos, quer a origem seja de órgãos públicos, quer sejam provenientes de ambientes privados (DUCROT, 1998, p. 152). Porém, trabalhar os "ornitorrincos documentais", "aquilo que é passível de ser inserido – mesmo que provisoriamente – em vários lugares ao mesmo tempo, dada a diversidade muitas vezes contraditória de seus traços" (MACIEL, 2007, p. 156), não é pedir a falência dos procedimentos classificatórios ou de organização. Pelo contrário, na medida em que se debruça sobre esses inclassificáveis – dentro de estruturas rígidas –, é possível reforçar as limitações e ampliações do campo e repensar os limites dos procedimentos.

Uma questão que se interpõe, portanto, se relaciona mais a um certo direito hermenêutico de interpretação dos arquivos do que ao estabelecimento e manutenção de um diálogo com as diferentes formas de abordar o tema. De um lado, reclama-se, ao meu ver sem muita razão, de que há certa sedução, que poderia desencaminhar o pesquisador de arquivos pessoais, que o levaria a manter uma ideia da imprevisibilidade do documento, esta mesma que alimenta os próprios anedotários dos reclamantes. Por outro lado, imagina-se que questionar os modos de acumulação dos documentos e apresentar discussões mais teóricas sobre eles seja crer que tais acumulações são deveras desordenadas e caóticas, sendo também inclassificáveis, o que prejudicaria seus modos de ver mais tecnicistas. De todo o modo, o necessário a se discutir não é o método, pois este integra o fazer de certo campo científico, mas os diversos modos de abordar teoricamente os acervos pessoais, dado que são objetos de interesse de outras áreas, cujas características e ordenamentos poderiam, a meu ver, dar visibilidade às fronteiras do campo científico, e, por conseguinte, reforçar suas abordagens técnicas.

³⁰ Toca-se, aqui, em uma das questões apontadas por Ana Maria Camargo, em seu artigo "Arquivos pessoais são arquivos" (2009), no qual ela trata o domínio da informação [do assunto] sobre o contexto de produção do documento como um problema gerado pela presença da Biblioteconomia na formulação de normas de descrição para arquivos. Até porque, para a Biblioteconomia, o objeto, diferente do documento arquivístico, interessa sobretudo por seu assunto, e não pelos seus contextos de produção. Vale lembrar que existem diferenças importantes entre os documentos de arquivos e de bibliotecas. A biblioteca e o arquivo diferem-se quanto ao gênero dos documentos; origem; aquisição ou custódia; método de avaliação; método de classificação; método descritivo. (Cf. SCHELLENBERG, 2002).

Os arquivos pessoais podem revelar o papel dos sujeitos no que se refere às estratégias e táticas de construção da memória. Já que o arquivo, como lembra Reinaldo Marques:

[...] não é uma realidade pronta e acabada; ao contrário, em certa medida ele é construído e desconstruído pelo olhar do sujeito, que, ao cumprir nele um itinerário, deixa pegadas, seus vestígios, instituindo um certo roteiro de viagem. (MARQUES, 2000, p. 34).

Há lugar para o estudo de arquivos de escritores neste cenário contemporâneo. Eles são vistos como arquivos de pessoas que atuam no campo das letras, formados por documentos relacionados às suas vidas e atividades profissionais, "cujos fundos documentais são reunidos segundo critérios e interesses particulares" (MARQUES, 2013, p. 6).

Os arquivos pessoais são inteiramente controlados por pessoas físicas antes de darem entrada em uma instituição arquivística. Pelo fato de indivíduos criarem documentação por razões pessoais fora de contexto administrativo ou institucional, são eles quem dita[m] as formas que os documentos assumem, os gêneros de sua escrita e as mudanças realizadas durante o uso. (HOBBS, 2012, p. 303).

Segundo Reinaldo Marques (2014), a noção de "arquivo de escritor" está imbricada à sua localização no âmbito privado, no espaço da economia doméstica. Em contraposição, o "arquivo literário" é o arquivo pessoal de escritora ou escritor alocado em espaços públicos e submetido a saberes disciplinares especializados (MARQUES, 2014, p. 20). Essa ideia está relacionada com o lugar de destinação desses arquivos pessoais de escritores, alocados não mais na economia doméstica, mas ultrapassando os limites da casa por meio de "negociações entre as partes – escritor, seus herdeiros, ou familiares, e as instituições –, formalizadas em termos de doação, venda ou comodato" (MARQUES, 2007, p. 14). Este trânsito afeta de modo drástico a topologia, as acomodações espaciais desses documentos, e a nomologia, os princípios de "organização e operação" dos documentos (MARQUES, 2007, p. 14). Assim, os arquivos que estavam alocados na "casa das escritoras e escritores", passam a estar:

sob a guarda de centros de documentação e pesquisa de universidades, de bibliotecas públicas, de fundações culturais. Mantido com dinheiro do Estado ou mesmo de instituições privadas, o arquivo do escritor deve agora estar acessível para consultas e pesquisas, tanto por parte de pesquisadores acadêmicos quanto do cidadão de maneira geral. Dessa forma, os fundos documentais do escritor são tratados segundo princípios arquivísticos, biblioteconômicos e museológicos [...]. (MARQUES, 2013, p. 7).

Tais princípios são utilizados por conta da especificidade dos arquivos pessoais, que são compostos não apenas por documentos em papel, mas também por objetos de diversas naturezas. Como exemplo, no acervo de Adão Ventura foram encontrados: máquina de escrever, medalhas, chapéu, alguns objetos artísticos etc. Esses arquivos possuem uma ambiguidade, já que se inserem em um limiar entre o privado e o público, podendo ser vistos como uma "figura epistemológica", por se submeterem a diversos "saberes especializados e a saberes disciplinares dos estudos literários e históricos" (MARQUES, 2013, p. 7), que passam a inquirir sobre seus limites e condicionamentos, seus vínculos e aplicações, sendo entendidos como:

um construto, um efeito de campos discursivos [...] que se apropriam do arquivo do escritor e dele falam; remanejam, classificam e expõem seus documentos; os perscrutam e interpretam, construindo-se o arquivo literário. (MARQUES, 2013, p. 7-8).

Os arquivos de escritores, agora entendidos como "arquivos literários", que integram, atualmente, acervos³¹ de todo país, possuem histórias de constituição relativamente recentes. Há espólios de escritores em algumas instituições – como o Museu Histórico Nacional, que possui uma seção dedicada aos documentos literários, e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro –, que dispõem de "valiosas coleções de manuscritos de nossos autores" (ANDRADE, 1972, p. 5). A Academia Brasileira de Letras foi precursora no que diz respeito à preservação de acervos de escritores no Brasil, promovendo discussões sobre a guarda de documentos dos seus membros, além dos advindos da burocracia administrativa dessa instituição (OLIVEIRA, 2014, p. 50-51). Em 1962, foi fundado, pelo intelectual Sérgio Buarque de Hollanda, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo. O IEB é "um dos primeiros lugares criados como um centro de documentação literária no Brasil" (OLIVEIRA, 2014, p. 51), abrigando os acervos de Mário de Andrade (adquirido por

³¹ "Acervo" e "Arquivo" possuem diferenças epistêmicas. Segundo *o Dicionário brasileiro de terminologia arquivística* (2005), "Acervo. Documentos de uma entidade produtora entidade produtora ou de uma entidade custodiadora." (BRASIL, 2005, p. 19) e "Arquivo. 1 Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte. [...] 2 Instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o custódia processamento técnico, a processamento técnico conservação e o conservação." (BRASIL, 2005, p. 27). Já a *NOBRADE* (2006), "Acervo. Totalidade de documentos de uma entidade custodiadora." e "Arquivo. Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza dos suportes." (BRASIL, 2006, p. 14).

compra, em 1968), Guimarães Rosa (adquirido por compra, em 1973) e Graciliano Ramos (adquirido por doação em 1980 e complementação em 1984). (LANNA, 2010, p. 16).

Em 11 de julho de 1972, o poeta Carlos Drummond de Andrade assina a crônica "Museu: fantasia?", publicada no *Jornal do Brasil*, em que faz questionamentos sobre a necessidade de construção da memória da Literatura Brasileira, por meio dos acervos de escritores. Em dezembro desse ano, foi criado o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, na Fundação Casa de Rui Barbosa.³²

Em 1978, foi fundado o Centro de Estudos Murilo Mendes, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), por meio da doação da biblioteca e de parte da pinacoteca desse escritor, composta por gravuras de Picasso, Miró, Chagall, Braque, Léger e Ensor, por óleos de Guignard, Portinari, Ismael Nery, Vieira da Silva, De Chirico e Magnelli, além das águas-fortes de Ensor. (GUIMARÃES, s.d., p. 3).

Quando Jorge Amado comemorou seus 70 anos de existência e 50 de vivência literária, em 1982, houve uma pressão por parte de universidades estrangeiras para que fosse doado seu acervo literário. A escritora Zélia Gattai, esposa do escritor, se opôs à ideia de que o acervo saísse da Bahia, porque pertenceria ao povo baiano. Após esse fato, a UFBA iniciou, em 1984, por meio da equipe de professores da Escola de Biblioteconomia, a organização da documentação. Em 1986, foi criada a Fundação Casa de Jorge Amado, situada em um casarão de frente para o Largo do Pelourinho, onde está abrigado o acervo documental do escritor, com cerca de 250 mil documentos, distribuídos em três fundos: Fundo Jorge Amado, Fundo Zélia Gattai e Fundo documental sobre a própria instituição.³³

O interesse pelos arquivos pessoais, como um tipo específico de arquivo,³⁴ é relativamente recente, embora tenha aparecido em diferentes momentos, a partir da segunda década do século passado, com novas maneiras de abordá-los, novos modos de leitura. Em relação aos impactos que esses arquivos trazem aos Estudos Literários, Reinaldo Marques (2008) afirma que eles contribuem para a relativização da autonomia e auto-suficiência do texto literário, bem como para a problematização das categorias de "autor" e "obra", tão

³² O acervo literário dessa instituição é formado pelos documentos de 68 escritoras e escritores, entre os quais destacam-se o próprio Drummond, cujas ideias serviriam de mote para sua fundação, e o acervo do poeta afro-brasileiro Cruz e Sousa. Disponível na seção Arquivos literários:

< http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=259>.

³³ FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Disponível em: <<https://goo.gl/la6JS7>>.

³⁴ Não é objetivo deste trabalho discorrer sobre a história dos arquivos. Para isso, ver SILVA; RIBEIRO. *Arquivística...*, 2002.

importantes para a crítica textual e estética, além dos resultados obtidos por meio do manuseio dessas documentações, como a edição de diários, correspondências e livros que contribuem para a (re)escrita da crítica e da história literária.

Segundo Reinaldo Marques (2013), os arquivos pessoais – constituídos por meio de práticas de produção, organização e armazenamento de documentos, objetos, livros, recortes de jornais, cartas, fotos, manuscritos, entre outros formatos e suportes – compõem uma imagem do escritor, por vezes diferente, ou ao menos complementar àquela forjada pela obra literária e sua crítica. Desse modo, "arquivar a própria vida possibilita forjar uma imagem íntima de si mesmo, como contraponto à imagem social" (MARQUES, 2008, p. 147), e é, nesse sentido, segundo Artières (1998, p. 11), uma prática de construção de si mesmo e também de resistência. Consiste, ainda, em uma "dupla operação de arquivamento":

[...] por meio da qual o escritor executa uma série de práticas arquivísticas, constituindo arquivos literários, e, ao mesmo tempo, se arquivava, constrói uma imagem de autor e preserva a memória de sua formação e relações afetivas e intelectuais. (MARQUES, 2003, p. 142).

Isso colaborou para que a constituição de arquivos pessoais por parte dos escritores (MARQUES, 2012, p. 70) – uma busca pelo controle da imagem pública – se tornasse responsável por reconfigurar as próprias noções de arquivo. Além de um desejo de poder sobre o conteúdo arquivado, as necessárias estruturações do arquivo influirão também sobre a estrutura de seu conteúdo: "O arquivo sempre foi um *penhor* e, como todo penhor, um penhor do futuro. [...] O sentido arquivável se deixa também, e de antemão, co-determinar pela estrutura arquivante" (DERRIDA, 2001, p. 31).

Em relação aos aspectos apontados por Artières para a constituição dos arquivos pessoais, o pesquisador Reinaldo Marques aponta certas semelhanças e diferenças em relação aos arquivos literários dos "escritores mineiros", reunidos no AEM. Suas práticas de arquivamentos vão além das injunções sociais e "resultam de uma rede de relações literárias e afinidades intelectuais na qual esses escritores se inscrevem" (MARQUES, 2003, p. 148), por meio de uma ação compartilhada para preservar a memória alheia (MARQUES, 2003, p. 149). Ao recorrer às práticas de arquivo, o escritor:

parece manifestar o desejo de distanciar-se de si mesmo, tornando-se um personagem – o autor. O que permite compor outra imagem de si, neutralizando de certa maneira o eu biográfico, sua precariedade e imprevisibilidade. Arquivando, o escritor, deseja escrever o livro próprio da vida, da sua formação intelectual; quer testemunhar, se insurgir contra a

ordem das coisas, afirmando o valor cultural dos arquivos. Mas como é impossível arquivar nossas vidas de uma vez por todas, e em sua totalidade, os arquivos apresentam um caráter lacunar, de inacabamento. (MARQUES, 2003, p. 149).

É possível, ainda, pensar os documentos do arquivo a partir da noção de documento-monumento, com um olhar que problematize o documento e o modo de produzi-lo, buscando entender que sua presença ou ausência depende de causas humanas, implicadas nos processos de registro, seleção e escolha. Para Le Goff:

O documento não é inocente, não decorre apenas da escolha [do pesquisador]; [...] o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado tanto para impor uma imagem desse passado como para dizer a "verdade". [...] é preciso localizar, explicar as lacunas, os silêncios da história, e fundamentá-las tanto nesses seus vazios como na densidade daquilo que sobreviveu. (LE GOFF, 2011, p. 168).

Assim, o documento-monumento, em Jacques Le Goff (1996), é tratado como um instrumento que está a serviço de interesses, ao qual se atribui um valor de prova e testemunho, e, como monumento, uma função de transmissão da memória, de "uma herança do passado". No caso do arquivo pessoal, dos documentos que são guardados nele, tratá-los como documentos-monumentos significa perceber, em consonância com estes tempos pós-modernos, ou relativamente afastados dos chamados paradigmas modernos, que os documentos são "artificiais, antinaturais, arbitrários, parciais", e que ao arquivista clássico cabia "uma condição positiva de ordem em seu domínio, excluindo tudo aquilo que ameaça minar a ordem existente" (BROTHMAN *apud* MARQUES, 2013, p. 10).

Com efeito, ao tratar e classificar os fundos documentais de um arquivo, o arquivista formula os princípios de um arranjo, institui certa ordem e organização desses fundos, levando-se em conta o respeito à proveniência do arquivo, sua ordem original. Como um arconte, o arquivista desempenha o papel de guardião da ordem instituída, zelando pelos princípios que a estruturam, por sua origem. Como um legislador, ele procura normalizar os fundos documentais do arquivo, hierarquizar as informações contidas em seus documentos, segundo uma lógica que permita tanto armazená-los quanto recuperá-los. (BROTHMAN *apud* MARQUES, 2013, p. 10).

Nesse sentido, é necessário estar atento a algumas armadilhas que pairam sobre os arquivos, como "imaginar o arquivo pessoal como espelho da trajetória de seu titular, a partir do qual se poderia buscar reconstituir todas as atividades desenvolvidas por ele" (HEYMANN, 1997, p. 44). Não se pode fazer uma associação especular, vendo um reflexo

idêntico entre o arquivo pessoal e a trajetória individual do titular. Mais factível é atentar para o esforço de memória que o indivíduo realiza ao guardar documentos, porém muitas vezes sem dominar seus efeitos possíveis.

Outra armadilha seria imaginar esse arquivo como "'a memória', em estado bruto, de seu titular, como resultado de uma seleção estabelecida definitivamente por ele quanto ao que preservar e de que maneira" (HEYMANN, 1997, p. 44), imaginando que os procedimentos que envolvem a seleção e a conservação dos itens a serem guardados sejam estáveis, ordenados, invariáveis, estagnados e contínuos. Tal equívoco se relaciona ao que Pierre Bourdieu tratou como "ilusão biográfica", que relaciona-se a uma percepção, problemática, de que as histórias que um indivíduo vive constituem-se "um todo, um conjunto coerente e orientado" (BOURDIEU, 1996, p. 184). A fim de evitar essas ciladas, Reinaldo Marques sugere a existência de um "anarquivista", que seria um pesquisador que atuasse como:

[...] antilegislator, instaurando uma anomia no arquivo, de modo a desconstruir a ordem estabelecida, a desarmar a intencionalidade que a estruturou. É um sujeito desconfiado da solenidade das origens, dos protocolos da lei, da retórica do princípio, que busca subverter a ordem original, lendo os documentos de outra forma, dentro de outras (des)ordens possíveis. Ele quer, assim, deslocar as histórias já contadas e oficializadas, formulando outras maneiras de interpretar e compreender a realidade histórica, tanto a do passado quanto a do presente. (MARQUES, 2013, p. 10).

Este "anarquivista" – conhecedor da proveniência e da ordem original – abandona a antiga postura de imparcialidade e neutralidade, porque conhece os limites da objetividade, e inicia uma leitura do "arquivo a contrapelo" (MARQUES, 2008, p. 117).

[...] cabe a ele desnaturalizar o que se toma como natural, orgânico, desconstruindo a intenção que totalizou o arquivo, e desvelando o seu caráter de universo fragmentário, de artifício de construção social, num atitude típica da pós-modernidade, que desconfia do que presume natural, da verdade absoluta. (MARQUES, 2000, p. 35).

Ainda em relação aos modos diferentes de se portar diante dos arquivos, Cleber Cabral, no artigo "Escutar com os olhos" (2015), sugere – dentro do que trata como uma poética de leitura – uma dinâmica sinestésica de "ouvir" as fontes documentais. Ao mesclar o sentido da audição ao da visão, considerado próprio para a leitura e a interpretação, faz convergir as perspectivas de atuação do pesquisador no manuseio dos "registros" presentes nos arquivos, atento às múltiplas relações de sentido que essas fontes possuem. Essa poética

de leitura é vista como uma "poética dos rastros", uma vez que o pesquisador trata o arquivo do escritor como "um palimpsesto de tempos, valores e vozes culturais a decifrar, mas, sobretudo, como local propício à elaboração de ficções, quer de ordem teórica ou não" (CABRAL, 2015, p. 1).

A ideia de constelação, como um ferramental possível para a leitura de arquivos, aponta para modos de organização diferentes da tradicional classificação arquivística. Ela não intenciona criar outro sistema, mas, ao sistematizar os elementos documentais, evidencia o procedimento próprio das classificações. Ela não demanda, programaticamente, uma análise de um conjunto pertencente a um fundo específico, podendo fazer uso de outras documentações, textos e imagens, ou mesmo de outras tipologias documentais, de documentos de outros acervos, em outros modos de organização.³⁵ A leitura dos documentos de arquivo que ela propõe não se embasa, como sugere a epígrafe deste capítulo, na ideia sectária de uma modernidade composta por totalidades e sujeitos completos, de uma "exatidão do arquivo", pois o arquivo:

[...] não é uma realidade pronta e acabada; ao contrário, em certa medida ele é construído e desconstruído pelo olhar do sujeito, que, ao cumprir nele um itinerário, deixa pegadas, seus vestígios, instituindo um certo roteiro de viagem. (MARQUES, 2000, p. 34).

³⁵ Alguns dos arranjos constelares propostos neste trabalho são disponibilizados tanto na "Bibliografia de Adão Ventura" quanto nas "Referências sobre o poeta". O primeiro agrupamento de "estrelas" foi composto por uma extensiva complementação dos textos dispersos em periódicos e em antologias. Destaca-se a recuperação do poema "Para a ciência das partes", publicado na revista *Nova*, em 1976, editada pelo poeta Herberto Helder (1976). O segundo agrupamento foi configurado por um levantamento extensivo, realizado em todas as bases de dados das maiores bibliotecas e universidades do país e algumas do mundo, das críticas sobre o poeta Adão Ventura.

A institucionalização e os primeiros olhares do arquivo de Adão Ventura

a vida não tem rascunho & rasuro & rasuro & rasuro
 vida é só acúmulo & ajunto & ajunto & ajunto
 o rasuro o rascunho o acúmulo.
 (Anízio Vianna).

Não é difícil, tratando-se dos arquivos de escritores, perceber uma obsessão pela coleção e pelo próprio arquivo, pela biblioteca, pelo objeto museológico, que formam um "conjunto heteróclito de textos, objetos e documentos" (MARQUES, 2000, p. 36). Essa obsessão está intimamente ligada ao que já foi tratado como a intenção de construir uma imagem de si, um gesto autobiográfico que faz com que sejam guardados mais do que documentos *stricto sensu* – aqueles que são "reflexos" do exercício da cidadania de um indivíduo –, como um modo de interpretar a si mesmo frente aos processos sociais de memória, que funcionam como fragmentos por meio dos quais se busca construir uma imagem social.

Adão Ventura acumulou, durante sua vida, diversos documentos e constituiu um arquivo composto por biblioteca, objetos e documentos pessoais, fotografias, correspondências ativas e passivas, oficiais e pessoais, além de clipagens de notícias de jornais, que marcam sua trajetória de vida e sua passagem pelo mundo das letras. A primeira parte de seus documentos foi doada, em 2009, por Luana Diana dos Santos,³⁶ amiga da família de Adão Ventura, que o havia conhecido em 2003, por intermédio de seu irmão, Pedro Ventura, quando o poeta já estava debilitado, conhecido de seu pai.

Àquela época, Luana teria recebido de presente um exemplar do livro *Litanias de cão*, o qual conserva em sua biblioteca (SANTOS, 2017). "Encontrei Adão Ventura com a saúde

³⁶ Luana Diana dos Santos, que assina Luana Tolentino, é professora da educação pública, cronista, historiadora e ativista do Movimentos Negro e Feminista. Foi finalista do Prêmio Lélia Gonzalez, de artigos acadêmicos, promovido pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano, em 2013. Em 2016, recebeu, pela relevância social do seus trabalhos, a Medalha da Inconfidência. Participa, desde 2013, do projeto "Mulher e Escrita: Produção Letrada e Emancipação Feminina no Brasil", coordenado pela Profa. Dra. Constância Lima Duarte, realizando pesquisas sobre a imprensa feminina e feminista no Brasil. É organizadora, juntamente de Aline Arruda, Iara Barroca e Maria Inês Marreco, do livro *Memorialismo e resistência: estudos sobre Carolina Maria de Jesus* (Paco Editorial, 2016).

bastante debilitada. Embora fosse um homem alto e forte, a voz era pouca" (SANTOS, 2017). Alguns meses após aquele encontro, Adão faleceu. Ela continua: "Pedro então decidiu me presentear com parte dos pertences de Adão, o que incluía livros, objetos pessoais e alguns inéditos. [...] Um presente de valor inenarrável" (SANTOS, 2017).

Essa primeira doação de documentos de Adão Ventura ao AEM aconteceu no período em que ele era gerido pelo Professor Reinaldo Martiniano Marques, tendo sido demandada, para a feitura do inventário, a participação de servidores da instituição. À época, o fundo³⁷ foi considerado como uma Coleção Especial, recebendo tratamento de saberes especializados da Arquivologia, da Museologia e da Biblioteconomia, por meio dos quais foi constituído o seu inventário.

Nesse inventário, relativo à primeira doação, foram identificados e classificados 474 documentos, conforme suas espécies e quantidades, a saber: Série Bibliográfica, 66 documentos; Série Iconográfica, 7; Série CDs, 2; Série Documentos Pessoais, 11; Série Correspondências, 17; Série Estudos sobre o Autor, 2; Série Fortuna Crítica, 39; Série Recortes de Jornais: Subsérie Relações Raciais, 80; Subsérie Jazz/Blues, 38; Subsérie FGTS/Questões Trabalhistas, 38; Subsérie Diversos, 56; Série "Caderno Pensar", do *Estado de Minas*, 7; Série *Suplemento Literário*, 16; Série Inéditos, 36; Série Certificados e Diplomas, 9; Série Periódicos, 8; e a última, Série Diversos, 42.

Em 2014, decenário da morte do poeta, Luana ainda receberia uma segunda doação, com um conjunto maior de documentos, cedido a ela pela esposa de Pedro Ventura, após o falecimento, nesse mesmo ano. Luana, juntamente da professora Constância Lima Duarte, integrante do CELC, intermediaria, em mais uma corrente de generosidade, a doação desses últimos documentos ao AEM. Junto do primeiro conjunto documental, essa segunda doação passou a integrar o que agora se considera o acervo do poeta, por se tratar de um conjunto mais completo de documentos.

Essa segunda parte do que se pode nomear como arquivo literário de Adão Ventura é composta por documentos, assim como a primeira doação, porém em um volume sensivelmente maior: são mais de 1700 itens, os quais foram descritos por mim, em trabalho voluntário. Foram 60 sessões de trabalho no AEM, com uma duração média de 4 horas, sendo que, desse total, 12 visitas foram utilizadas para a resolução de questões relativas à

³⁷ Definido como conjunto de arquivos cuja unidade não pode ser quebrada e que se basta a si mesmo (DUCROT, 1998, p. 154).

conservação e à alocação dos documentos no espaço do AEM, e o restante dos dias utilizados para a descrição documental propriamente dita.

Uma relação com a memória e com o gênero memorialístico é, segundo Reinaldo Marques, um traço saliente nos escritores mineiros, ao menos naqueles cujos acervos foram entregues, antes do de Adão Ventura, ao AEM. É possível afirmar que nosso poeta persegue essa cultura arquivística, manifestando uma "mania do arquivo no sangue" (DRUMMOND *apud* MARQUES, 2012, p. 72), da qual o escritor Murilo Rubião, mentor da "Geração Suplemento"³⁸ e chefe de Adão Ventura no *Suplemento Literário*, pode ser considerado exemplar, por sua reconhecida obsessão pelo arquivamento. Como indício dessa relação entre os dois escritores, pode ser mencionada, a título de exemplo, certa semelhança nos procedimentos de separação e classificação das clipagens realizados por Murilo Rubião e seguidos pelo poeta em algumas de suas coleções de recortes: colagem da matéria selecionada em uma folha de papel ofício, com um cabeçalho datiloscrito, referenciando a origem e a data do documento.

As correspondências são um gênero muito comum em arquivos pessoais. Escritores e escritoras frequentemente trocam missivas que, mais ultimamente, vêm sendo objeto de pesquisas que trazem novidades para a crítica literária sobre o titular. Elas são, também, um lugar em que o próprio titular exercita a crítica literária³⁹ e influenciam seu modo de se relacionar com o outro e com a linguagem, funcionando como um procedimento retórico de autenticação do escritor (ARFUCH, 2010, p. 45-47). Os primeiros documentos do acervo de Adão que descrevi foram as cartas, tanto por perseguir uma intimidade narrada/contada, quanto por saber das possibilidades críticas e analíticas que tal gênero traz.

O poeta itambeano não era um "sujeito epistolar", tal como Mário de Andrade, que manteve regularmente contato por carta com diversos escritores seus contemporâneos. Interessante observar que esse é um "gênero praticamente ausente do arquivo afro-brasileiro

³⁸ Diversos escritores, entre prosistas e poetas, fizeram parte da "Geração Suplemento", por trabalharem na redação e/ou por terem sido publicados no *Suplemento Literário*. Além do próprio Adão Ventura, são eles: Carlos R. Pellegrino, Duílio Gomes, Guilherme Mansur, Jaime Prado Gouvêa, Henry Correa de Araújo, Humberto Werneck, Lázaro Barreto, Libério Neves, Luís Gonzaga Vieira, Luís Márcio Vianna, Luiz Vilela, Sérgio Sant'Anna, Sérgio Tross, Silviano Santiago e Wander Piroli.

³⁹ Sobre esse tema, ver: PEREIRA. *Mário de Andrade e os mineiros: a carta como exercício crítico*, 2014.

em geral", pois "poucas cartas trocadas entre escritores afro-brasileiros estão disponíveis para o público e menos ainda foram objeto de reflexão historiográfica ou literária" (BICALHO, 2014, p. 49). Talvez porque não havia um lugar, com uma posição de referência, nem para o arquivo literário de escritoras e escritores afro-brasileiros nem para suas literaturas.

Contudo, há, no acervo do poeta, aproximadamente 190 missivas, entre oficiais e não-oficiais. As cartas pessoais mostram o escritor na cena íntima e podem revelar suas "relações discursivas", sua rede de relacionamentos com outros escritores. As oficiais (dos tempos de atuação no *Suplemento Literário*, como revisor/redator e também como organizador de duas edições especiais do periódico, e dos tempos como pesquisador e como presidente da Fundação Palmares) mostram sua atuação nessas instituições. Há, ainda, por exemplo, a missiva crítica remetida pelo poeta Ferreira Gullar, contato que culmina na apresentação do livro *Litanias de cão* (2002); e as cartas de Mestre Didi, Carlos de Assumpção, Paulo Colina, entre outros, que (re)criam um espaço de relação entre escritores e artistas, cujas vidas e tessituras são/foram dedicadas às questões concernentes à cultura/literatura afro-brasileira.

Por meio da correspondência, é possível perceber também o papel de Adão Ventura nas redes de legitimação do valor literário, pelo recebimento de originais de um grande número de escritores "amadores" e mesmo de escritores já relativamente reconhecidos. Como, por exemplo, a carta enviada pelo poeta Paulo Colina informando sobre o novo livro, *Manual de Espanto*, de autoria de Jayne Cortez, Mazisi Kunene, Cristina Rodriguez Cabral e dele, trilingue, com traduções do próprio Colina, que nunca seria editado;⁴⁰ ou o envio do projeto de um filme de média-metragem intitulado *A volta de Lima Barreto ao país dos Bruzundangas* (1989). Sabemos que o documentário-ficção sobre a vida e a obra do escritor Lima Barreto, dirigido por José Maria Bezerril, foi produzido no ano de 1990. Esses exemplos nos fazem inquirir sobre o papel do poeta como legitimador de produções sobre afro-brasileiros. Em relação à carta de Paulo Colina, evidenciam-se as redes de relação que, além de manter escritores em conexão, por meio da troca de experiências e de leituras, contribuem para o arquivamento do outro: Colina revela-se como tradutor. Ao arquivar a crítica (de sua produção e dos outros) o escritor passa a preservar uma "fonte inesgotável de paratextos, que ajudam a entender a produção e recepção da sua obra" (MARQUES, 2003, p. 147).

O poeta dedicou-se ainda à realização de clipagens, ao recorte de matérias publicadas em jornais e revistas. A análise do conteúdo colecionado nos revelou uma quantidade de

⁴⁰ Esta carta foi trabalhada na dissertação sobre Paulo Colina. Ver: BICALHO, 2014.

recortes sobre si, sobre sua literatura, o que aponta para uma tentativa de conhecer sua imagem, construída pela crítica jornalística, ou mesmo de estabelecer uma espécie de controle sobre ela. Como disse Reinaldo Marques, esses documentos podem servir como "suplemento da memória e da obra" (MARQUES, 2003, p. 149). Ao arquivar-se, ele busca "estabelecer nexos e conexões não apenas com seu passado pessoal, mas com o passado de toda a humanidade" (MARQUES, 2003, p. 150).

Outra parte quantitativamente significativa desse conjunto são os recortes sobre questões raciais. Os primeiros recortes iniciam-se na década de 1970 – destaque, por exemplo, da matéria sobre o poeta angolano Agostinho Neto – e continuam até o ano de falecimento de Adão Ventura. Reunindo notícias sobre racismo e preconceito, esse subconjunto torna-se importante porque permite inferir uma intenção de constituição de um fundo sobre as questões raciais brasileiras.

O campo literário, o poeta negro e os arquivos

No campo político é preciso manter a lucidez, mesmo que isso pareça uma espécie de loucura, num contexto em que a loucura é a norma. No campo literário estou a favor da loucura, da fantasia, dos fantasmas, dos mitos.
(Mario Vargas Llosa).

Na epígrafe acima, o escritor peruano adverte que é necessária, nos enfrentamentos políticos, a manutenção da lucidez, que, nestes tempos sombrios, é imprescindível para a manutenção do corpo, para que seja possível permanecer no jogo. Em relação ao campo literário, ele, pelo contrário, acredita, mais do que na suspensão dessa lucidez, na manutenção da loucura, da fantasia, dos fantasmas e dos mitos. Tal postura implica em uma defesa da verossimilhança, da invenção, da criação, da representação, em suma, da ficção. Se a política se faz com cessão e concessão, a literatura não se deve fazer do mesmo modo. E é nesse sentido que foi pensado o embate existente no interior da literatura brasileira, nesse campo literário que funciona como um espaço relativamente autônomo, onde atuam forças objetivas que conformam uma certa estruturalidade, disposta em uma dinâmica histórica (BOURDIEU, 1996, p. 259-262). Um campo sempre em disputa,⁴¹ em que certa tradição – representada por escritores, críticos, acadêmicos, editores e leitores, estes quando legitimados a enunciar seus julgamentos, como disse bem Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1996, p. 259-262) – não abre mão dos seus modos de representação e de reapresentação, em defesa de seus interesses e pontos de vista: seja pelo ideal da "finalidade sem fim" da estética kantiana, da arte pela arte; seja pela defesa da sua liberdade de trânsito, com foco nas suas tensões intrínsecas e, mais recentemente, nas considerações sobre a perda de sua autonomia frente à dessacralização da arte pela condição de mercadoria.

A cena contemporânea é, por si só, um "espaço heterogêneo", no qual são relativizadas as diferenças geográficas, linguísticas e culturais. Potencializadas pela diluição das fronteiras, concorrem produções culturais de "segmentos sociais marcados pela diferença, seja ela de

⁴¹ Referência ao título do livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, de Regina Dalcastagnè (2012), que trata do campo literário contemporâneo como um campo de disputa e analisa narrativas contemporâneas, em quinze anos de publicação, atentando para as questões da representação e da representatividade.

etnia, gênero, orientação sexual e, também, ainda, de classe" (DUARTE, 2005, p. 95), que questionam e relativizam os lugares centrais. Essa relativização que marca o momento contemporâneo, um momento multifacetado, em que subsistem vários discursos e vozes, torna-se uma tarefa essencial – uma questão política e também uma questão estética. No caso aqui tratado, das alteridades étnicas, isso significa o esforço para relativizar um passado de "monumentos intocáveis", bem como a "ideologia da inferioridade" ditada pelos processos de colonização como justificativa ao "imperialismo e à pilhagem das riquezas dos povos e regiões colonizadas" (DUARTE, 2005, p. 99), questionando uma espécie de "razão negra" criada e mantida pelos centros de poder hegemônicos (MBEMBE, 2014), que gestaram modos de ver o negro, por meio de máscaras, que são propriamente modos de invisibilização.

A mudança de paradigmas, na medida em que serve ao sujeito em sua recomposição enquanto tal, "bem como na definição de seu lugar na sociedade e na história", tem permitido "a celebração do orgulho étnico ancestral" (DUARTE, 2005, p. 100). Uma postura que possibilita o estabelecimento de novas fronteiras, novas cartografias e, ao menos como uma promessa, de um diálogo entre as múltiplas vozes da cena cultural contemporânea, por meio da busca pelo reconhecimento e pelo respeito à diversidade, contra as ambições totalizantes do universalismo, e, por isso, em movimento contrário ao da formação dos cânones, colocando em pauta a reflexão sobre a formação de um campo elitizado das artes e das letras e revigorando os valores estéticos que divergem do considerado como padrão.

Nesse sentido é que se pode perceber o campo literário afro-brasileiro como um "suplemento", em sentido derridiano, ao campo literário da tradição canônica, ressignificando-o pela perturbação nele que causa. Isto é, esse suplemento não é dado como uma complementação, ele é uma "adição, um significante disponível que se acrescenta para substituir e suprir uma falta do lado do significado e fornecer o excesso de que é preciso" (SANTIAGO, 1976, p. 88). A literatura afro-brasileira, ao reelaborar as imagens da literatura oficial, discutindo-as, reencenando-as e re-apresentando-as, na medida em que se constitui como um sistema literário – conforme a definição de Antonio Candido, em sua *Formação da literatura brasileira* (1ª ed., 1959; 1993) –, com o fortalecimento do público leitor, começa a rever suas origens, suas precursoras e seus precursores, ampliando o espaço de pesquisa e de experimentação, provocando um descentramento desse campo.

Ao tratar sobre as margens e minorias, Homi Bhabha (1998, p. 215) diz que o conhecimento do povo depende da descoberta, citando Frantz Fanon, "de uma substância

muito mais fundamental que está ela própria sendo continuamente renovada". Adiciona que tal substância é invisível na "translucidez dos costumes do povo ou nas objetividades óbvias que parecem caracterizar o povo" (BHABHA, 1998, p. 215). Para esse teórico indiano, há, no tecido do cotidiano, uma práxis dinâmica de destruição dos princípios constituintes da cultura nacional, que busca recuperar um passado "verdadeiro". Nessa busca, os "conhecimentos pedagógicos" e as "narrativas nacionais continuístas" revelam a "'zona de instabilidade oculta' onde reside o povo" (BHABHA, 1998, p. 215).⁴²

Assim, acredita-se que a literatura afro-brasileira revela essa zona de instabilidade, sendo também ela própria parte dessa região que desestabiliza e desconstrói as narrativas nacionais. É, também, um lugar de discussões com vistas à desconstrução da história oficial, do *status quo*, do *establishment*; um local de (re)escrita de uma história a contrapelo, segundo a noção benjaminiana – uma história cujo ponto de vista não é mais o do colonizador e de sua razão branco-europeia, que narra e escreve a história do negro colonizado, mas sim uma história que é narrada também partir das ruínas, lendo os monumentos e cada "Arco do Triunfo" a partir do seu próprio ponto de vista, como alteridade, como o Outro.

No contexto dessa discussão, o arquivo de Adão Ventura sinaliza uma mudança, uma espécie de ruptura com a história dos arquivos, incluindo os arquivos literários, porque, de modo análogo ao que se disse sobre a literatura afro-brasileira, ele faz (in)surgir questionamentos acerca das invisibilidades. Essa diferença não diz respeito apenas à natureza documental ou à formação do acervo e à acumulação de documentos, mas também ao deslocamento provocado pela integração do arquivo afro-brasileiro ao acervo literário de escritores e escritoras ligados à tradição literária.⁴³ Esse descentramento, efetuado pelo arquivo de Adão Ventura e, posteriormente, pelo de Carolina Maria de Jesus – um caminho sem retorno, porque não seria possível desarquivá-los –, funciona também como um "suplemento" derridiano ao campo literário, incidindo sobre sua natureza documental, vinculada às atividades da produção literária.

⁴² Nesse momento do texto, o teórico faz uma observação bem importante para o estudo da literatura afro-brasileira: "A crítica feita por Fanon das formas fixas e estáveis da narrativa nacionalista torna imperativo questionar as teorias ocidentais do tempo horizontal, homogêneo e vazio da narrativa da nação" (BHABHA, 2013, p. 247).

⁴³ É oportuno lembrar, também, o acervo de microfimes da coleção de cadernos da escritora afro-brasileira Carolina Maria de Jesus, doado ao AEM em 2014 pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, do Departamento de História da USP, doação intermediada pelo professor Eduardo de Assis Duarte, da Faculdade de Letras da UFMG.

Isso ocorre também em relação às possibilidades de reescrita da história – que se "alimenta" das fontes documentais –, uma vez que há, no acervo de Adão Ventura, por exemplo, um fundo documental sobre racismo e preconceito. Tal fundo trata dos efeitos fatuais, portanto visíveis, desse sistema de dominação e exploração, e suplementa uma lacuna na formação da nação, que foi fundada e se desenvolveu nos quase quatrocentos anos de escravidão negra. Houve, por parte do estado brasileiro, o desejo de "branqueamento" do Brasil, com as políticas migratórias de europeus, contrastando com o tratamento dado ao negro brasileiro recém liberto. Houve, ainda, a tentativa de apagamento das marcas da escravidão no Brasil, como no episódio da destruição dos documentos relativos à escravidão, por meio de uma ordem para a incineração de documentos dada por despacho datado de 14 de dezembro de 1890.⁴⁴ Em relação a isso, pode-se recordar a assertiva do Conselheiro Aires, o narrador-personagem do último romance de Machado de Assis, que se dedicou a escrever um diário compreendendo histórias entre os anos 1888 e 1889. O Conselheiro anota, no dia 13 de maio, em seu diário:

Embora queimemos todas as leis, decretos e avisos, não poderemos acabar com os atos particulares, escrituras e inventários, nem apagar a instituição da história, ou até da poesia. (ASSIS, 1997, p. 1118).

Entre todas as possibilidades de arquivamento dos negros, nos arquivos produzidos por instituições oficiais, eles são frequentemente arquivados nas páginas "marrons" dos jornais, como criminosos e praticantes de violência. Veja-se, como ilustração, ainda que ficcional, a epígrafe do *Tenda dos milagres* (1969), de Jorge Amado, que trabalha com a figura do arquivo "relatório policial": "Pardo, paisano e pobre – tirado a sabichão e a porreta. (de um relatório policial sobre Pedro Archanjo, em 1926)". A epígrafe revela, de antemão, o espírito que presidirá o romance, antecipando as agruras advindas do racismo e do preconceito vivenciados pela personagem e a hipocrisia da sociedade brasileira que mascara o racismo que estrutura seus modos de agir. A respeito de Pedro Archanjo:

⁴⁴ Há uma questão sobre a autoria de Rui Barbosa. Tentou-se comprovar o equívoco de Nina Rodrigues, que teria atribuído ao então ministro a autoria desse decreto, em 13 de maio de 1891, data que não condiz com sua passagem pelo ministério, uma vez que se exonerou em 13 de janeiro de 1891. Entretanto, a análise da documentação de Rui Barbosa comprova que o despacho que verdadeiramente ordena a queima dos papéis da escravidão é de 14 de dez. de 1890, data que o coloca como chefe da pasta. (BARBOSA, 1986). Ver, também, o Decreto 370, de 2 de maio de 1890. Disponível em: <<https://goo.gl/t8HIJc>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

[...] falham registros e arquivos, inexistem informes, notícias de qualquer espécie, embora houvesse dado lugar a atos de violência e a manifestações estudantis. Só os fichários da polícia ainda conservam o prontuário de Pedro Archanjo, estabelecido em 1928: "Mazorqueiro notório, rebelou-se contra os nobres catedráticos". (AMADO, 1969, p. 129).

Outro modo de arquivamento que possui a exterioridade como efeito são os "documentos" de negatividades, que circulam no imaginário social brasileiro, como desdobramentos do que Achille Mbembe chamou de "razão negra", ditando as formas de ver os afro-brasileiros, interferindo em seus modos de ser. Esses, em conjunto com o sentimento de que vivemos em uma democracia racial baseada na convivência pacífica entre negros e brancos, e mais, somado ao bordão "somos um país mestiço", são parte de um fenômeno complexo de exclusão social, exclusão cultural e exclusão da memória da nação, que excluiu e exclui as alteridades de seu grande arquivo nacional. Já foi discutido o papel dessa instituição de memória na construção da nação, a partir de uma ideia de unidade que privilegiou a cultura do homem branco, letrado, de posses. Este que, até hoje, segundo a pesquisa de Regina Dalcastagnè, é a figura autoral de maior peso dentro do sistema literário brasileiro contemporâneo (DALCASTAGNÈ, 2012). Nessa encadeamento de políticas de arquivamento/destruição, há, ainda, como um fenômeno refém do ideal da modernidade, a destruição dos lugares de memória dos negros, pela gentrificação de seus espaços de (con)vivência e a recente transformação da sua cultura, modificada em processos de esterilização, em mercadorias.

A trajetória literária de um autor, que se inicia, no mais das vezes, na juventude, pela leitura de livros, pela constituição de uma biblioteca particular, aproxima-se da escritura, que depende da publicação e da existência de um sistema, compreendido como uma certa tradição, na qual se inserirá o livro escrito. O campo literário afro-brasileiro, pensado a partir da ideia de sistema literário, formulada por Antonio Candido, tem adquirido contornos mais expressivos a partir da década de 1970. Porque tal sistema não se constitui apenas com a escritura do texto, como um espaço onde os negros falam de si e se veem como produtores de cultura, mas com a circulação desses textos. Naquele período, os grupos de literatura (Palmares, do Rio Grande do Sul, de 1971; Quilombhoje, de São Paulo, de 1978; Negrícia, do

Rio de Janeiro, de 1982; Grupo de Escritores Negros de Salvador, GENS, de 1985) passaram se relacionar entre si e com um público-leitor, em uma configuração mais consistente.

Assim, é possível dizer que a literatura afro-brasileira, ou literatura negro-brasileira, está em processo, reconstruindo e revisando suas tradições, nas quais o passado cultural e histórico do negro no Brasil – que envolve a Diáspora Negra, o sistema escravocrata e a abolição da escravatura sem a integração do negro na sociedade – é elemento de grande relevância. Essa revisão não significa "cassar o lugar de quem quer que seja o cânone" (DUARTE, 2005, p. 102), mas efetuar uma operação de "desconstrução" dessa "razão negra" criada pela Europa, valendo-se dos novos paradigmas que as alteridades e suas produções culturais podem desobliterar, buscando modos de leitura que visem, inclusive, questionar e reelaborar os valores estéticos ideologicamente demarcados pelo eurocentrismo.

Na concepção aqui trabalhada, o campo literário afro-brasileiro contemporâneo é constituído por textos de autoria de escritoras negras e escritores negros, que tematizam de modo direto ou não a negritude, a partir de uma perspectiva interna⁴⁵ (que contrasta com as perspectivas externas), com comprometimento – leia-se engajamento – dinâmico entre o político e o estético. Dito isso, a política da literatura não se relacionaria propriamente com o engajamento político do escritor ou com a interpretação que seus escritos podem realizar dos modos de estruturação social e dos conflitos políticos – dois aspectos frequentemente presentes nas críticas que a literatura afro-brasileira sofre dos mais conservadores –, mas sim com os modos pelos quais essa literatura negra trabalha com um novo tipo de "formas visíveis comuns", que alteram as relações entre o que é visível e seus significados (RANCIÈRE, 2005).

Essas formas, que passam a reger o que é possível ser visto, podem ser aliadas à percepção foucaultiana de arquivo, em que certos enunciados são apagados e outros reforçados, em práticas de subjetivação, sugerindo que essa política conforma, inclusive, "modos de arquivamento" – sem que se reduza a isso – como tema e/ou forma da literatura. Dito isto, ressalto que as escolhas realizadas pelos poetas negros nos planos de linguagem e

⁴⁵ Em relação à conceituação sugerida pelo prof. Eduardo de Assis Duarte, baseada nos elementos de análise: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público. "Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo." (2010, p. 122).

de conteúdo são, ou devem ser, livres, ou de outro modo seriam como uma faceta renovada do discurso/poder que envolve a hegemonia cultural branca e seu modelo social, fundamentado no escravismo e no racismo.

Se a literatura pode responder perguntas que não foram feitas, ou fazer perguntas que não possuem respostas, ela é o lugar para o desajuste entre perguntas e respostas (RANCIÈRE, 1995). Assim, as possibilidades abertas pela literatura negra aparecem como "uma perspectiva estética que pode ser caracterizada por dois caminhos complementares: um estético e um político", que concorrem para o questionamento das "metáforas dominantes" e dos "códigos hegemônicos" (OLIVEIRA, 2013, p. 26).

Essa nova linguagem pode ser relacionada ao que Rancière (2005) chamou de "partilha do sensível", que difere da experimentação do inteligível platônico (que requer hierarquias), das essências ideais, sendo essa partilha o compartilhamento e a divisão das experiências do mundo sensível (que, de maneira óbvia, se efetua no nível dos corpos). Assim, o partilhável não seria o ideal, a ideia em si, a inteligência (da mente), o transcendental, a essência; partilha-se aquilo que o corpo sente, o sensível. (RANCIÈRE, 2005, p. 15). Esse corpo, performático e em performance, é capaz de transmitir o "saber social, memória e sentido de identidade através de ações reiteradas" (TAYLOR, 2011, p. 20, tradução nossa).

Há uma crença, dentro da episteme surgida em torno da "república das letras", de que os registros escritos dão acesso à verdade inquestionável e universal, frente à tradição oral, que seria imperfeita, porque depende de sujeitos, portanto, de subjetividades, para a manutenção de uma memória viva. Entretanto, existem sociedades que mantêm na oralidade seus modos de registro da memória do povo – os africanos e as comunidades indígenas e afro-brasileiras, por exemplo –, tratando aqueles que são destacados para essa tarefa de arquivamento, geralmente os mais velhos, como verdadeiras "bibliotecas vivas", como no provérbio africano que diz que "cada velho que morre é uma biblioteca que se perde". Os *griots* e as *griottes*, divididos entre genealogistas, historiadores ou poetas (ou os três ao mesmo tempo), são, na divisão social em África, considerados "arquivistas" da sociedade, "arquivistas de fatos passados transmitidos pela tradição, ou de fatos contemporâneos" (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 175).

Contra as tendências genocidas que se serviram de práticas escriturais, a performance possibilitou, desde o princípio dos tempos, o registro e a permanência daquilo que se sabe, como indivíduo e como grupo, sem ter que recorrer a caracteres gráficos, esgrimindo o artifício epistemológico da necessidade da transcrição das experiências em documentos. Trata-se de outros tipos de arquivo. Ou, para dizê-lo de outra maneira, o não dominar os procedimentos ocidentais de leitura e escritura não implica não possuir memória, história ou reminiscências. Por esses motivos se justifica estudar as ações performáticas quando nos interessamos por nossas tradições, cultura e arte: é porque tudo o que somos e o que sabemos nos remete sempre a um mais além do sacralizado pela escrita e, mais que isso, nos impulsiona a superar os limites do que a língua – qualquer língua – pode articular por si mesma. (RAVETTI, 2003, p. 37).

A cisão entre o arquivo – de materiais supostamente duradouros (isto é, documentos, edifícios, ossos) – e o repertório, visto como efêmero, de práticas/conhecimentos incorporados (isto é, língua falada, dança, esportes, ritual) (TAYLOR, 2013, p.48) é uma marca da episteme ocidental, pela preponderância da escrita, base da manifestação da cultura ocidental escrita, nomeada Literatura. Daí, pode vir a questão: como isso se relaciona à Literatura *tout court*? As performances dos corpos (físico e literário) podem ser relacionadas à ideia de literatura afro-brasileira, em seus modos de existência e criação, sendo essa performance, que é um caminho de/para exteriorização, vista como "uma prática e uma epistemologia, uma forma de compreender o mundo e uma lente metodológica" (TAYLOR, 2012, p. 31), que creio conter um potencial para a leitura da poesia negra, em mudança de foco da cultura escrita para uma ideia de cultura incorporada.

O poder performativo do discurso oficial, que aqui se difere do conceito de "nação performática", de Homi Bhabha, relaciona-se à definição da condição de existência dos sujeitos, que gera impedimentos para a assunção de posições identitárias "não condicionadas de antemão pelo poder" (RAVETTI, 2002, p. 49). Entretanto, há uma performance ligada às artes que pode propor possibilidades de fuga desse poder, pela iteração de comportamentos transgressores (que não são mais a repetição do mesmo), em performances identitárias que contestam os sentidos normatizados e cristalizados pelo discurso oficial (RAVETTI, 2002, p. 50), contestando os estereótipos e as essencializações raciais. Essas questões interessam por trazer à baila possibilidades de pensar o texto e o corpo negro em suas diversas performances, pensar esses corpos – físico e textual – como "arquivos", e o que e como esses arquivos performatizam. Como exemplificação desse pensamento, veja-se este poema de Adão Ventura, que trata dos modos de composição que relacionam esses corpos (do arquivo e do repertório).

Breves elementos para a instituição do poema

Inaugure-se no corpo
a seiva dos sonhos
forjados no mito.

Instaure-se no sangue
a força da fala

gerada no termo.

Imprima na pele
o silêncio da posse
haurida na forma.

Inscreva nos gestos
a forma do rito
usual do anônimo.
(VENTURA, 2006, p. 60).

O poema retoma várias imagens e gestos que contribuíram para a sua composição poética e que apontam para o que acredito ser os novos rumos da literatura negra brasileira contemporânea, que tem superado os discursos sobre o que deviam ser seus paradigmas (frequentemente criados por padrões "brancocidentais"). Dito isso, interessa aqui a expressão de luta do negro como o movimento da capoeira:⁴⁶ a luta-estratégica (realizada no interior do "eu penso" cartesiano), a dança-tática (para pensar a metáfora derridiana e seus questionamentos sobre a "estruturalidade da estrutura" do pensamento, cf. DERRIDA, 2002), uma hesitação, precipitação e finta. Esse jogo simularia o próprio movimento da repetição deleuziana (DELEUZE, 1988), instaurando um certo desequilíbrio, uma dessimetria, que promoveria uma abertura para a diferença.

Assim, ao conceito do arquivo, tratado ordinariamente como um depósito de fatos e provas, que seriam vinculados a uma vontade de verdade, eterna e imutável, pode ser adicionado uma ideia de arquivo performático, cujo "ato performativo", situado em um tempo e espaço, portanto "presentificável", se relaciona a uma representação (re)construtiva de um passado, que já se inicia com o reconhecimento das marcas subjetivas, dos gestos (auto)biográficos, ligados a uma vontade de potência, sugestiva dos dilemas, impasses, enigmas dos sujeitos.

⁴⁶ Convém destacar os termos: "capoeira verbal", de Luiz Costa Lima (1997), em leitura do jogo de estilo de Machado de Assis, e "capoeira literária", de Eduardo de Assis Duarte (2009), em nomeação do projeto literário afroidentificado do Bruxo do Cosme Velho.

3. DESEMPACOTANDO ADÃO VENTURA

Constelações

É mister explicar,
num dia como este,
o caos do ateliê,
este museu de fragmentos do insólito:
a ordem diária do efêmero
compõe denúncias para todos os excessos do arquivo,
estes deverão ser arquivados num alforje,
juntado numa das caixas,
a compor,
com outras tantas caixas,
repleta de textos,
variadas tessituras e asterismos,
diversos objetos,
e páginas rascunhadas,
de prosas e
de versos,
uns amassados, outros passados,
ora editados em livros,
coleção disponível em bibliotecas,
da qual seu catálogo,
arranjo em livro cuja capa – impreterivelmente – se inscreve:
nossa própria coleção humana de instantes
a que chamamos vida.

(Gustavo Tanus).

A descrição e ordenamento dos documentos do poeta

Administração

A administração, organismo autoritário,
é feita de papel, isto é, de figuração de coisas.
(Carlos Drummond de Andrade).

O processo de descrição e ordenamento dos itens documentais de um arquivo pessoal é constituído por procedimentos realizados com observância de técnicas especializadas, por saberes da biblioteconomia, da arquivologia e da museologia, haja vista as diferenças tipológicas entre seus materiais. Terry Cook (1998, p. 135-137), integrante da corrente pós-moderna da Arquivologia, observa que as práticas, princípios e conceitos da Arquivologia tradicional não podem mais ser vistos como suficientes para as práticas de organização de um arquivo, que não são mais mono-hierárquicas e estáveis.

A ação de classificar gera uma instabilidade nos critérios de classificação, por mais contrassensual que isso pareça, porque todo ordenamento, todo ato classificatório é uma escolha que se faz por uma das ordenações lógicas possíveis em detrimento de outras, sejam elas regidas por critérios nomológicos ou por critérios topológicos. Não há desestímulo à "necessidade de fixar ordens que nos permitam sobreviver ao caos da multiplicidade e da diversidade" (MACIEL, 2009, p. 16). Outrossim, não há arquivamento "sem critério de classificação e de hierarquização, sem ordem" (DERRIDA, 2001, p. 56).

Para a organização desses documentos, há um conjunto de operações intelectuais e materiais a serem empreendidas, a fim de que, organizado o arquivo, haja uma facilitação na recuperação dos documentos, em observância aos temas das pesquisas dos usuários (DUCROT, 1998, p. 151). Essa organização se faz respeitando os princípios da ciência dos arquivos, entre eles o princípio da proveniência e da ordem original dos documentos. No entanto, essa não é uma posição consensual, como se vê abaixo:

Ao reconhecer a complexidade dos arquivos pessoais, ele [Powell, em seu trabalho "Archival principles and treatment of personal papers", de 1976] a utiliza como justificativa para rejeitar a ordem original, porque, "na maioria deles, simplesmente não existem traços que ajudariam o bibliotecário a restaurar a ordem original e, se aquele arquivo se tornar utilizável, deveria ser criado um plano próprio de organização". Por essa razão, Powell defende estratégias de classificação temática e de serialização por tipologia documental (de acordo com os interesses dos pesquisadores) que derivam da tradição do manuscrito. (HOBBS, 2016, p. 306-307).

Em relação aos arquivos pessoais, sobretudo quando se trata de um arquivo literário, qualquer rigidez lógica foge à regra de organização desses documentos, visto que são os indivíduos que:

determinam o arranjo de seus arquivos, que podem, assim, ser bem ou mal organizados. O arranjo pode ser alterado quando o ponto de vista de seu criador também sofre alteração, ou quando muda a utilidade desses documentos para ele. Alterações também ocorrem diante de pressões da vida diária, como mudanças de endereço residencial ou comercial, viagens ou simplesmente o abandono de um projeto devido à falta de tempo ou perda de interesse. (HOBBS, 2016, p. 303).

Essas vicissitudes do cotidiano podem acarretar indefinições/imprecisões com relação à classificação dos documentos, ou mesmo apenas uma confusão em seu arquivamento, que podem causar problemas para o profissional incumbido da organização do acervo.

Comumente, os arquivos pessoais são locais de guarda de objetos fronteirícios, de contornos fluídos, que desafiam as definições/classificações das tipologias documentais. Porém, esses materiais não são inclassificáveis. Sua tipologia está relacionada a uma operação de reconhecimento do fundo, em busca de estabelecer o chamado "vínculo arquivístico" (DURANTI, 1997), que é a relação que um item documental possui com o seu conjunto. Sobre isso, Ana Célia Rodrigues afirma que:

As tipologias, entretanto, não são reconhecíveis se não se conhecer o funcionamento da entidade produtora dos arquivos – o que possibilitará o estabelecimento do vínculo arquivístico – e se não se conhecer os elementos externos, internos e a estrutura dos documentos que os compõem. (RODRIGUES, 2008, p. 33).

A massa documental pertencente ao poeta Adão Ventura passou por um processo de identificação, concomitante a um procedimento de descrição minuciosa, embora preliminar, de cada item, realizados em trabalho voluntário por mim, sem que se perdesse a ordem em que os itens estavam originalmente agrupados. Isso foi realizado de tal forma com o intuito de

que o trabalho fosse de constatação desse universo documental, evitando tomar medidas que pudessem interferir de modo irreversível nos procedimentos arquivísticos.

O que nos interessa na ordem original, isto é, no modo de articulação dos documentos gerado pelo processo de acumulação, não é propriamente a preservação de sua disposição física. É apreender a operação de acumulação como rede articulada de sentidos da qual o arquivador é o centro lógico. (VIANNA; LISSOVSKY; MORAES DE SÁ, 1986, p. 68).

Em relação ao universo documental, parte dos documentos foi encontrada já alocada em caixas compostas de papel neutro, e outra parte organizada em pastas e caixas do tipo arquivo, ambas em plástico polionda, cujas etiquetas de identificação parecem ter sido produzidas por intermediadores do acervo. Como procedimento metodológico para a descrição, optou-se por analisar cada documento em sua ordem "original", com a descrição tanto das características do suporte quanto da sua informação, e a anotação, na medida em que avançava o processo de classificação, das relações entre os itens documentais.

Com base no artigo de Ariane Ducrot, foram anotadas as anomalias ("lacunas; documentos cuja presença no fundo não se justifica; deteriorações como selos ou carimbos postais cortados, folhas arrancadas, fotocópias, em substituição aos originais etc") (DUCROT, 1998, p. 153), a fim de se constituir uma descrição mais detalhada. A partir dessa descrição, cujos resultados foram disponibilizados ao bibliotecário da instituição, deverá ser composto o termo de doação, o arranjo definitivo e o inventário do acervo.

Esse universo compunha-se de documentos já parcialmente organizados pelos intermediadores do arquivo, da seguinte forma: "Arte", "Clipagem etc" (5 pastas), "Correspondência" (2 caixas do tipo arquivo), "*Curriculum vitae*", "Caixa 1", "Caixa 2", "Caixa 3" (nomeadas assim, visto que os documentos já se encontravam em caixas manufaturadas de papel alcalino), "Documentos pessoais" (2 pastas), "Fotografias", "Fundação Palmares" (2 pastas), "Jornais etc" (3 caixas), "Livros de Terceiros" (1 caixa do tipo arquivo) e "Memoriabilia".

A descrição realizada por mim compreendeu, de maneira geral, a elaboração de registros com propriedades agrupadas nos seguintes campos: a) "Classificação": campo onde foram colocadas as descrições tipológicas, juntamente com uma análise do estado de conservação; b) "Título": quando havia; quando não havia, foram colocadas as primeiras palavras do texto; c) "Data": de escritura, de publicação ou de envio, no caso das cartas; e d) "Outras informações": onde foram colocadas outras informações que pudessem auxiliar o

servidor responsável no entendimento do todo orgânico. No campo "Classificação", foram detalhadas as características do documento – se era manuscrito, datiloscrito ou impressão por computador; se era uma cópia, xerográfica ou mimeografada; se havia acidentes como perda de suporte do papel, furos, amassamentos; se havia marca de grampo (quando o grampo ainda existia, ele foi retirado e foi aberta uma pasta para conter todas as folhas do documento). Além disso, foi informado se os documentos eram duplicatas, ou mesmo se tinham alguma relação (con)textual, um "*nexo arquivístico*" com outros documentos do acervo, o que deverá ser importante para a composição de um arranjo definitivo.

O trabalho com as fontes documentais do acervo de Adão Ventura permitiu formar agrupamentos de documentos, que serviram para reforçar os traços da composição das imagens do poeta. Um processo que começa na intenção do próprio titular de exercer um controle das imagens de si, uma vez que a lógica do arquivo e seus critérios de constituição e de organização são escolhas suas.

Quando acumula [os documentos], o titular o faz em diferentes situações, muitas vezes contraditórias, de uma forma que não é evidente no momento mesmo da acumulação. Trata-se, assim, de uma memória particularmente propícia à implosão do indivíduo único e coerente das narrativas autobiográficas, ainda que muitas vezes representativa de um esforço semelhante de produção dessa unidade. (HEYMANN, 1997, p. 46).

Luciana Heymann (1997) tratou da ilusão de coerência e de totalidade que as histórias de vida e os arquivos pessoais podem gerar. No caso das histórias de vida, essa "ilusão biográfica" é potencializada pelo afastamento espaço-temporal da dinâmica dos acontecimentos narrados e pelo desejo de refazer os caminhos vividos pela "personagem" até o instante do relato. Cria-se, assim, uma rede de "fatos relevantes" que, vinculados sucessivamente na narração, produzem uma impressão de causalidade e uma "unidade coerente onde só existiam fragmentos" (HEYMANN, 1997, p. 44).

Segundo a autora, esse efeito de unidade também ocorre nos arquivos pessoais, porém de um modo um pouco diferente. A ilusão é gerada pela ideia de que a acumulação é baseada nos mesmos critérios, com relação aos "fatos relevantes" da vida do titular. Conforme Heymann, a sequência descritiva dos inventários é análoga ao encadeamento narrativo, porque é apresentada dentro da cronologia da trajetória de vida do biografado/arquivado, sem menção às lacunas documentais, à história da constituição do acervo e "nem às opções que

orientaram o trabalho arquivístico e definem um particular arranjo dos documentos entre os vários possíveis" (HEYMANN, 1997, p. 45).

Os agrupamentos sugeridos nesta dissertação são possibilidades, repletas de lacunas, de leitura dos documentos. Proponho, então, ler o acervo de Adão Ventura a partir de cinco conjuntos documentais, que serão abordados nos subcapítulos que se seguem: "Constelações de originais – éditos e inéditos – e o uso de pseudônimos"; "Atuação institucional como servidor público"; "O poeta e sua rede de relações"; "A biblioteca do poeta"; e "Clipagens – série de recortes temáticos". Considera-se, aqui, que esses conjuntos documentais são vestígios, rastros, pegadas que orientam o caminho de uma perseguição às avessas de evidências, essas pontas do passado, preservadas nas materialidades documentais. Devem ser lidos, portanto, como "mônadas", constituídas por objetos fragmentados (BENJAMIN, 1994, p. 231), figurando imagens do poeta também como "unidades" fragmentárias, que não se pretendem definitivas nem totalizantes, como muitos acreditam que os arquivos deveriam ser.

Constelações de originais – éditos e inéditos – e o uso de pseudônimos

No acervo de Adão Ventura, defrontou-se com textos assinados por pseudônimos. Sabe-se que o uso de pseudônimos na literatura é um fenômeno antigo, com motivações diversas. Muitas vezes eles foram usados para mascarar a autoria, diante de interditos sociais, como aqueles impostos às escritoras, quando apenas homens podiam escrever. Este é o caso, por exemplo, da maranhense Maria Firmina dos Reis, mulher negra e escritora que assinava M.F.R. ou "Uma maranhense" (OLIVEIRA, 2007, p. 69). Outro caso interessante são os 23 pseudônimos de Machado de Assis, anotados por José Galante de Sousa, que seriam, segundo Eduardo de Assis Duarte, um disfarce para que o escritor pudesse explicitar suas posições sobre questões polêmicas (DUARTE, 2009, p. 30). Procedimento comum, principalmente para escritoras e escritores negros, como José do Patrocínio e sua coluna no *Gazeta de notícias*, antes de sua entrada na campanha abolicionista (INNOCENCIO, 2015, p. 119); os 164 textos que Lima Barreto publicou em revistas satíricas do Rio de Janeiro, recém-descobertos pelo professor da King's College Felipe Botelho Corrêa (BARRETO, 2016, p. 77); e, ainda, o poeta Cruz e Sousa, que, conforme a professora Zahide Muzart, fazia uso dos pseudônimos em textos em que criticava os costumes e a política de sua época (MUZART, 2013, p. 164).

Adão Ventura também fez uso desse ardil. No exame de seu acervo, foram registrados os seguintes pseudônimos: "Alphonsus", "Griot", "Iam" (nome que também aparece como o do interlocutor da voz poética em *Jequitinhonha: poemas do Vale*), "Theo", "Xerxes", "Zarvos", "Zoom" e "Zumbi". A motivação para utilização desse artifício não é a mesma dos seus antecessores, em suas crônicas críticas da sociedade de então. No caso de Adão Ventura, o uso do pseudônimo está ligado a um fenômeno da literatura contemporânea: o concurso literário, cujos regulamentos geralmente o exigem.

Com relação ao pseudônimo "Zumbi", encontrou-se a folha de rosto contendo o título "Costura de nuvens" (ver Anexo F). Esse título contém uma imagem interessante. Se, por um lado, representa o ato de unir por agulha e linha algo que é intangível, por outro, sendo a nuvem, em seu sentido figurado, pesar ou aquilo que dificulta a compreensão, pode ser entendido como uma metáfora para o fenômeno contemporâneo das ideologias.

Foi encontrado, também, um outro documento, com o mesmo título e a mesma formatação (tipo de letra e editoração), sem o pseudônimo, ao qual se seguem o poema "I" (iniciado pelo verso "o mundo continua Caim..."), idêntico ao publicado no livro homônimo *Costura de nuvens* (2006), e outros poemas numerados: "I" (iniciado pelo verso "O alvaiade da força cobria-lhe o rosto"), o poema "II":

a perícia descobriu
 que em meus bolsos
 havia apenas
 cartas de amor-desamores,
 apesar das várias cicatrizes
 no abdômen
 e algumas manchas no corpo,
 lembrando ligeiramente
 o mapa da Índia.
 (ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.).

O poema "III" (iniciado pelo verso: "O primeiro filho nascera coberto de / arame farpado") corresponde ao nono poema em prosa do livro *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul* (1969), com modificações, supressões e trocas de palavras. Os poemas que se seguem nessa pasta são:

I
 a fuselagem do rosto, o mundo
 despejando cinzas na íngua do
 vento.
 um corte de
 faca afiada cruzando as têmperas do
 cavalo encantado.
 (ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.).

II
 cerrar os olhos
 confiscar a sombra
 de alguma coisa
 que dói
 desse cimento
 que a gente forja
 no mapa-mundi
 do dia-dia.
 (ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.).

O original de *Litanias de cão* está sob o pseudônimo "Griot", registrando diferenças com relação ao livro editado (edição do autor, 2001). Entre elas, as divisões internas do livro não são as mesmas, sendo aquele dividido por partes numeradas. Ainda, o original contém

poemas que não constam na versão editada, e outros contêm profundas modificações. Analisando e comparando o original encontrado no acervo do escritor com a versão publicada, foram anotadas as seguintes diferenças: não foram publicados os poemas "Garimpar", "Alegorias", "Postura", "Exercício", "Laboratório" e o poema "Biografia", transcrito abaixo:

Biografia

O corpo do negro batido pelo asfalto-pelo,
fazendas/eitos & litanias de leis inócuas.
(ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.).

São inéditos, ainda, os poemas "100 anos da Abolição da Escravatura no Brasil", "Bala(da) ou um flash de uma visita a morro do Borel no Rio" e "Zimbabwe ou Namíbia". Os poemas que registram modificações são: "Dar nome aos bois", que possui um ligeiro e preciso corte em seu verso final; "Cena de um poeta carioca em pleno verão ou Ultraje passeio completo", que teve a primeira parte do título cortada e ao qual foi adicionada uma epígrafe; "Ordem do dia", que teve o título mudado para "Stand By" e uma supressão dos versos iniciais; o texto poético intitulado "Poema", que é uma versão do "Cena brasiliense"; e o poema "Visita de Desmond Tutu ao Brasil", que contém um verso a menos. Foram publicados da mesma forma os poemas "Fábula", "Limite", "Corrupção" e "Luanda", que contém uma nota explicativa.

Há uma outra versão do original de *Litanias de cão*, também encadernada, contendo os seguintes poemas: "Fábula", "Dar nome aos bois", "Elegia de final de século", "Alegorias", "Ultraje passeio completo", "Ordem do dia" e "Lavra" (os quatro últimos abertos por uma página capitular intitulada "Ars poética"). Há, ainda, nesta versão, uma segunda página capitular, que também está no editado, intitulada "Brasília ou reflexões sobre o poder", porém abrigando apenas um poema, "Brasília", cujo título foi escrito à mão. Outra diferença desta versão não editada é que ela contém uma página capitular intitulada "Zumbi entre outros poemas", seguida dos poemas "Biografia" (citado acima, porém com diferença nos versos: "asfalto-pelo", cambiada por "asfalto-rush"), "Zumbi (com a palavra "vivo", completada à

mão) e "Bala(da) ou um flash de uma visita ao morro do Borel no Rio". (Ver Apêndice I – Constelações *Litanias de cão* e *Texturaafro*).⁴⁷

Tudo indica que em um dos originais do livro *Texturaafro* foi utilizado o pseudônimo Calibã. Porém, não é possível afirmar em qual, pois a folha de rosto que contém o nome está apartada dos textos. Encontra-se, porém, na série originais, três encadernações nas quais consta título igual ou semelhante. Em uma delas aparece o título "Algumas fábulas & Textura Afro", e em duas outras o título "Textura Afro". (Ver Apêndice I – Constelações *Litanias de cão* e *Texturaafro*). No original "Algumas Fábulas & Textura Afro", encontra-se o seguinte poema:

**E a perna do neguinho
bamboleia no vento
de uma trave improvisada**

– Minha paixão é pelo futebol-várzea,
este é que ainda tem graça,
– caminhão caindo aos pedaços.

meninos
 jovens
velhos
 tambores
zabumbas
 o já ganh ô ôôô.

– Minha paixão é pela bola de meia,
esperramada no lote vago,
pé-poeira, sorriso suor,
cachacinha tomada na birosca da esquina.

– futebol-várzea,
o raio, o cometa,
ginga de corpos
– sonho que se repete
todos os sábados e domingos
coreografado em garra
e emoção.
(ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.).

Esse poema é uma versão diferente do que fora publicado no Suplemento Literário do Minas Gerais, em 1986, veja abaixo:

⁴⁷ Nesse apêndice, busco estabelecer as redes de relação entre os originais não editados e suas partes, que são os poemas, e também em relação aos livros publicados, por meio de uma disposição visual. Nela, as linhas pontilhadas indicam a ligação entre as diferentes versões dos textos poéticos.

**E a perna do neguinho
bamboleia no vento
de uma trave improvisada**

– minha paixão é pelo futebol de várzea,
este que ainda tem graça e emoção
– caminhão velho, milvozes
– meninos/jovens/velhos
tambores/zabumbas/
rainha do time/
– o já-ganhei.

– minha paixão é pela bola de meia
esparramada no lote vago,
pé-poeira, sorriso solto, suor,
cachacinha na birosca da esquina.

– futebol de várzea,
o raio, o cometa,
ginga de corpos
– sonho que se repete
todos os sábados e domingos,
coreografado em garra
emoção e magia.
(VENTURA, 1986, p. 3).

Ainda do original de *Textura Afro*, destacam-se os poemas "100 anos da Abolição da Escravatura no Brasil" e "100 anos da Abolição da Escravatura no Brasil II", que não são a versão encontrada nos dois inéditos de *Litanias de cão*, mas versões recusadas pelo autor, visto que ele as rasurou. Encontra-se, também, outro poema inédito, a saber:

Do calibre do negro que sou

Do calibre do negro
que sou
herança:
o sol a sol,
o eito
e o corpo-a-corpo
com a vida.
(ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.)

Há dois documentos com o título "Poema cidadania" seguido pelo pseudônimo "Zoom". Porém, há outros dois documentos contendo a expressão "Poema & Cidadania", sem pseudônimo, o que indica a possibilidade dos documentos com o pseudônimo serem folhas de rosto de um possível original. Após esses documentos estava o poema abaixo:

CIDADANIA?

Poema do preconceito

Muitas vezes,
a grande parede
é a cor da pele

– daí
o beijo mal dado,
o abraço frouxo
e o sorriso amarelo.
(ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.)

Sob o pseudônimo "Xerxes", encontra-se apenas a "folha de rosto" de um original enviado ao Concurso Nacional Cidade de Belo Horizonte, intitulado *Amor mecânico*. Anota-se que com esse mesmo título, há o poema abaixo:

Amor mecânico

ferrugem
no traço
de um abraço

insalubres
troca
de olhares
(ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.)

É importante lembrar que Adão Ventura venceu um dos mais importantes concursos de literatura brasileira, o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, com o original *As musculaturas do arco do triunfo*, apresentado sob o pseudônimo de "Zarvos". Esse original foi dividido em quatro livros (partes), sendo que os dois primeiros e seus poemas não foram incluídos na versão editada livro *As musculaturas do arco do triunfo* (Editora Comunicação, 1975). São eles: os poemas do "Livro I – Dos registros de móveis", intitulados "A cadeira", "A cama", "A chave", "A porta" e "da indumentária"; e os poemas do "Livro II – Das variedades", intitulados "poema para ligia", "poema para ligia (2)", "algumas considerações sobre o medo", "procissão" (este integraria o livro *Jequitinhonha: poemas do Vale*, de 1980), "das ações & a bolsa", "macumba", "dos cônjuges", "algumas incursões sobre o pássaro", "a morte", "os cavalos do apocalypse", "poema das instituições" (posteriormente publicado, com modificações, no livro *Costura de nuvens* (Dubolsinho, 2006) sob o título "Breves elementos para a instituição do poema") e "do atropelamento".

A terceira parte, intitulada "Livro III – As musculaturas do arco do triunfo", é uma versão primeira do livro homônimo. O primeiro poema, "Perspectivas sobre dentro de um retrato", não consta do livro publicado.

1. nesta mão eu te trago a estrada suja de suor, nela escrevi meu nome, dele reconheci firma, apesar da dor e do sofrimento, muitos anos ocorreram até eu chegar aqui, com este testamento timbrado de armaduras e distâncias e – fragmentado pelo sorriso frágil de inconsequentes memórias – áfricas noite viajadas em navios e correntes.

2. o meu mundo é limitado em selos e em números e ossos perco os meus sonhos, viajando em espessos mitos. ainda não alcancei a torre de babel, nem nos momentos das mais agudas paixões. o meu cordão umbilical ainda me prende à terra.

(ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.).

Em igual situação, encontra-se o poema que se segue, intitulado "Da Zebra". Já a quarta parte, "Livro IV – Hagbe", possui os seguintes poemas:⁴⁸ "desnacer o corpo que Hagbe jurou possuir na lavratura da pedra...", que está idêntico ao publicado em livro; o poema "2. assimilamos todos os planetas, dentre eles o Zadley...", que foi modificado sensivelmente na versão editada; "3. Hagbe contornou seus músculos vermelhos-estridentes na parede plástica dos sonhos...", que parece ser um poema inédito, com exceção do último verso, usado na composição do poema "6" do livro editado; "4. procedeu-se a tatuagem dos pares. Hagbe voltou com os seus aventais brancos de sonhos", que é exatamente a parte não incluída no poema "2" do livro editado.

O poema "5. seccionamos os rios, mas todos os corpos foram submetidos às lâminas..." contém partes do poema "3" do livro *As musculaturas do arco do triunfo* (1975). O poema "6. foi quando assassinamos o porto seguro de nossas mãos..." foi publicado sem modificações. Observa-se algumas modificações no poema "7. Hagbe amarrou os cabelos em tranças, apanhou água do rio...", cujos versos, no original inédito, aparecem da seguinte forma:

[...] envolveu-se em unguento colocando ao forno seu corpo. as primeiras reações surgiram após circunscreverem-se os primeiros 90 dias necessários para um sorriso. (ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.)

⁴⁸ No original aqui comentado, esses poemas estão, na maioria das vezes, encabeçados por números. Para maior clareza na identificação, optei por indicar o primeiro verso como título.

Esses versos sofreram modificações de tempo verbal (do pretérito perfeito ao mais-que-perfeito) do verbo "envolver-se"; de ritmo, com a supressão do sintagma "colocando ao forno"; além da trocado pouco sonoro "circunscreverem-se" por "circuncisão".

envolvera-se em unguento o seu corpo. as principais reações surgiram após circuncisão dos primeiros 90 dias necessários para um sorriso. (VENTURA, 1975)

O poema "8. as grandes estações haviam terminado no sangue...." foi publicado como poema "6", com a troca de "máquinas voadoras" por "máquinas fabricantes de arco-íris", uma expressão mais próxima da ideia de sonho, e houve a supressão deste belo verso: "calçamos as nossas primeiras botas, as mais coloridas – os costumes" (ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.). O poema "9. Hagbe deixou que seu corpo fosse sepultado no veio do vale..." é o poema "7" do livro editado com uma supressão de um verso intermediário, e com um verso, veja abaixo, que não constam deste original editado.

voltemos ao poder dos senhores, eles eram donos de todos os instrumentos de força, a grande ponte colocada na entrada das coisas, o grande porto de pedra praiando no corpo do perigo, os sorrisos frisados de amargas mágoas e o afago do lago macio dos seios da princesa. (ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.)

Esse original termina – diferentemente do livro, que contém mais três poemas – com o texto intitulado "Perspectivas entre duas linhas paralelas", contendo um verso a mais. Assim, após esse cotejamento, percebe-se que houve modificações entre esses textos (o original, assinado por pseudônimo, e o editado), e isso poderá ser, futuramente, um excelente material para estudos genéticos.

A prosa poética "ou simplesmente festa" é um texto de uma página, assinado com o pseudônimo Theo.⁴⁹ Já o pseudônimo "Griot" foi utilizado nas folhas de rosto de "Ocorrências: conto de final de século" e "Sombras de escorpião".⁵⁰ Em correspondência enviada pela Biblioteca Pública Municipal Luiz Eugênio Botelho ao endereço do poeta, quando ele residia na cidade de Passos/MG, constata-se que o poema "O Amor", sob o pseudônimo "Iam", foi classificado como finalista do VIII Festival de Poesias Augusto dos Anjos, de Leopoldina-

⁴⁹ Ver Anexo C –O poema em prosa "ou simplesmente festa".

⁵⁰ Ver Anexo D - Duas folhas de rosto: "Ocorrências" e "Sombras de escorpião".

MG, em 1998.⁵¹ O pseudônimo "Alphonsus" foi o último utilizado, como se observa no Aviso de Recebimento dos Correios, datado de 28 abr. 2004, recebido 46 dias antes do falecimento do escritor. Em uma espécie de arqueologia desses pseudônimos, pode-se observar que suas escolhas e usos caminham de nomes "afroidentificados" a este último nome, latino, ligado, inclusive, às tradições poéticas mineiras.

Os poetas da geração de Ventura comumente publicavam versões de poemas em periódicos, antes que passassem a integrar a unidade do livro. Há casos em que republicavam o mesmo poema mais de uma vez, com diferenças em relação à versão anterior. Segundo Júlio Castañon Guimarães, a publicação em periódicos possuiria duas justificativas: "como experimentação de recepção, ou [...] como efetiva forma de divulgação, de afirmação de uma presença na vida literária" (GUIMARÃES, 2000, p. 5). Em meio a essas versões públicas, é possível encontrar no arquivo de Ventura alguns manuscritos de poemas lidos, comentados, anotados e rasurados, nos quais se pode observar uma "proliferação das lições" de amigos escritores. No caso de Adão Ventura, há várias versões de um mesmo poema, publicadas, e em seu acervo há documentos que revelam as experimentações diversas, em busca do texto definitivo.

⁵¹ Carta e Envelope. Data de postagem: 07 nov. 1999; Data da carta: 05 nov. 1999; Data do evento: 22 nov. 1999. (ACERVO ADÃO VENTURA).

Atuação institucional como servidor público

Como na história de tantos outros escritores, a atuação em órgãos de imprensa foi uma das profissões do campo das letras que acolheu Adão Ventura e que o sustentou – nos sentidos literal e conotativo – em sua vida literária. A outra foi o serviço público. No caso desse escritor, o serviço público foi uma forma de manter a vida – tanto do corpo físico quanto do corpo textual – e abriu, de alguma maneira, espaços para que ele estabelecesse laços profissionais e de amizade, ampliando sua rede de relações e possibilitando que ele cultivasse a vida literária. A trajetória profissional do poeta Adão Ventura iniciou-se na Imprensa Oficial em 1968, lotado na seção do *Suplemento Literário*, com o cargo de redator. De acordo com a sua documentação, ele permaneceu nessa instituição até o ano de 1989, com uma interrupção entre os anos de 1973 e 1974, período em que esteve nos Estados Unidos, com bolsa do *International Writing Program*.⁵²

Em relação à passagem do poeta pela Fundação Palmares, existem três momentos distintos. O primeiro diz respeito à inclusão do poeta no Conselho Consultivo do Programa Nacional Centenário da Abolição da Escravatura, conforme telegrama enviado por Carlos Alves Moura, que era coordenador do MinC.

De ordem do sr. ministro da cultura cumpre informar que vossa senhoria integra o conselho consultivo programa nacional centenário abolição escravatura. [...]. Carlos Alves Moura /Coordenador do Minc. [Telegrama] (ACERVO ADÃO VENTURA, 24/07/1987). **MINC vai comemorar o centenário da Abolição** Brasília – Affonso Arinos, Otávio Ianni, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Benedita da Silva e Capinam são algumas das personalidades que integram o Conselho Consultivo, criado pelo ministro da Cultura, Celso Furtado, para levar à frente a coordenação e execução do Programa Nacional do Centenário da Abolição [...]. Do Conselho Consultivo fazem parte também Paulinho da Viola, Grande Otelo, Martinho da Vila, o poeta Adão Ventura e o deputado Abdias Nascimento. [...] (ESTADO DE MINAS, 24 jul. 1987). [Nota jornal anexada ao telegrama] (ACERVO ADÃO VENTURA, 24/07/1987).

⁵²Clipagem da coluna "Gente, Livros & Bichos", de Lúcia Machado de Almeida, publicada no *Estado de Minas*, em 25 nov. 1973. "O poeta Adão Ventura, mineiro que está nos Estados Unidos há quase um ano, após lecionar num curso de literatura brasileira na Universidade do Novo México [...]". (ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.).

O resultado desses trabalhos pode ser conferido no volume – pertencente à primeira doação do arquivo do escritor – *Cem anos da abolição: 1888-1988*, autoria institucional do Ministério da Cultura, publicado em 1988. Já o segundo momento, foi quando ele assumiu a Diretoria de Estudos, Pesquisas e Projetos da Fundação Palmares, tendo sido nomeado em 29 de junho de 1989 e permanecendo no cargo até o dia 13 de maio de 1991, quando, em seu terceiro momento na instituição, assumiu a presidência da fundação, cargo exercido até janeiro de 1994.

Dessas experiências no serviço público, a que foi mais produtiva em relação à composição do arquivo do poeta foi sua passagem pela Fundação Palmares, lugar onde o poeta alcançou um alto cargo na administração pública e também onde teria conhecido as disputas políticas na esfera administrativa. Após esse tempo na Fundação Cultural Palmares, o poeta continuou em Brasília, atuando no Ministério da Justiça, de 1994 a 1996, quando retornou a Minas Gerais. E logo mudou-se para a cidade de Passos, onde exerceu o cargo de Juiz Classista, como representante dos empregados, perante à 2ª Junta de Conciliação e Julgamento de Passos, trabalhando durante o triênio 1996/1999.

A leitura da imagem do escritor como funcionário público, possibilitada pelo arquivo do poeta, pode ser potencializada pela menção ao poema "Funcionário Público", que integra o volume *Litanias de cão* (2002). Há nele a figuração da rotina laboral de um funcionário do chamado "baixo escalão" da administração pública. O poema se constrói também pela enumeração de características comuns a esses servidores.

Funcionário Público

(Estados)

as conversas
na esquina.

– o cafezinho,
a assinatura do ponto,
o paletó surrado,
a barba semi-branca,
o sonho
do plano de aposentadoria.

o BNH
e o carro de quadragésima
mão.

(VENTURA, 2002, p. 45).

Interessante contrapor, a essa figuração, as experiências literárias do romance *O amanuense Belmiro*, do escritor também mineiro Cyro dos Anjos (1936), um livro de memórias ficcionais de um funcionário público, também em uma função de *status* social menor. A diferença é que, no romance, o narrador, o próprio Belmiro, apesar de narrar as banalidades do cotidiano da função, demonstra uma profundidade psicológica em sua narração. De modo diverso, no poema há a criação de imagens que compõem uma espécie de inventário do cotidiano, enumerativo e descritivo, sendo, como uma figura do arquivo, uma forma de arquivamento dessa função menor na administração e do que isso representa na vida desse trabalhador. Outro poema que constrói uma imagem sobre o trabalho na esfera pública é o poema "Rotina", de Adão Ventura, publicado na antologia *Cantária* (2000), organizada por Wagner Torres.

Rotina

Pela manhã,
 uma enorme barata caminha em direção
 aos meus sapatos.
 uma rádio FM, no entremeio das músicas,
 anuncia suas vantagens.

Em seguida, de banho tomado e vestido,
 assisto a barata, sobrevoar pomposamente
 o meu crachá.
 Suas patas se entrelaçam no emaranhado das letras,
 onde se lê: Imprensa Oficial.

No entanto,
 ela se sente atraída
 pela palavra O f i c i a l.

– por ali
 passaram
 velhos redatores- escritores- revisores,

– alguns já nomes
 de avenidas.
 (VENTURA, 2000, p. 32)

Nesse poema, a estratégia poética não é a descrição, mas a narrativa da "rotina" de um funcionário, em preparação para o dia de expediente na instituição pública. A cena da barata nos remete a aproximações possíveis com o inseto da novela *A metamorfose*, de Kafka, e a barata do romance *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Em ambos os casos, o inseto é uma metáfora da alteridade. No primeiro, a personagem se transforma nesse Outro, e por

isso é rechaçado pelos familiares; no segundo, a personagem, ao se estranhar com as naturezas diferentes entre si, reforça o reconhecimento da diferença desse outro em relação a si própria, quando ingere o inseto. No poema "Rotina", o inseto também parece ser uma metáfora da alteridade, porém, evidencia o reconhecimento da alteridade da própria voz poética, em perseguição não apenas de uma colocação no serviço público, mas de um atravessamento quase impossível para muitos cidadãos negros brasileiros, nesta "tradição" difícil de ser rompida, de uma sociedade em que homens dão nome a avenidas, alguns deles maiores que a liberdade.⁵³ Vale lembrar, aqui, o impedimento de Cruz e Sousa (SOUSA; ALVES, 2013) em assumir cargo público de Promotor, e o ingresso complicado de Lima Barreto no serviço público, diga-se de passagem, por meio de prova em concurso, anotado no *Diário Íntimo*, em 12 de junho de 1903: "O meu concurso. Lá o fiz. Fui de prova em prova num crescendo medonho... como eu sei, hein! E o nomeado foi o Milanes! Com certeza, o bom-bocado não é para quem o faz e sim para quem o come." (LIMA BARRETO, 1953, p. 5). Por fim, em relação à proximidade dos escritores com a administração pública, o poeta Adão Ventura escreve este poema, que trabalha com o que ele chama de "postura", um posicionamento, uma atitude desejável de afastamento da arte que serve ao poder instituído, o que ele acredita ser necessário para a criação poética.

Postura

é preciso despojar a poesia do cinza das gravatas,
afastá-la das penumbras dos gabinetes,
enxotá-la do espaço das grandes mesas de jacarandá
e seus punhos rendados.

é preciso desmascarar u r g e n t e o verniz menti-
roso das palavras e o subterfúgio das reticências.

é preciso asfixiar os camaleões.

é preciso amarrar os porcos
e sangrá-los.
(ACERVO ADÃO VENTURA).

⁵³ A cidade, em leitura de Angel Rama (1985), pode ser vista como um texto, cuja escrita se dá em seus modos de organização do espaço. Isso demonstra/revela relações de poder, entre o centro, lugar da escrita, e as periferias, que seriam o espaço das oralidades. Poderia ser iniciada, aqui, uma discussão sobre o recente talho conservador nessa cidade-texto, pela transformação do centro político, lugar de poder, em um circuito de cultura que, na "boa" intenção de representar as alteridades, mescla pastiche e fetiche. Quando falo "Liberdade", estou me referindo ao nome da principal avenida da cidade de Belo Horizonte, trocado para João Pinheiro.

O poeta e sua rede de relações

No contexto aqui estudado, os escritores e artistas cultivavam a tradição de estabelecer "redes discursivas", formadas geralmente por mais novos que orbitavam em torno de um mentor. Como, por exemplo, a conhecida relação entre Murilo Rubião e os escritores pertencentes à chamada "geração suplemento", assunto já tratado nesta dissertação. Essas relações podiam ser conhecidas pelo público leitor, por meios externos ao texto publicado, por exemplo, a crítica literária feita em jornais – crítica esta que atualmente se encontra fragmentada em outros veículos de comunicação –, ou por meio dos paratextos que mantêm uma continuidade com relação à obra: as orelhas dos livros, prefácios e apresentações. Por vezes, essas interações sugerem uma relação que parece extrapolar os limites da apreciação literária, uma maior profundidade no contato entre os escritores, o que sem sempre é condizente com a realidade.

Tais redes discursivas, chamadas assim porque são também relações entre discursos, podem ser recuperadas por meio da documentação do escritor. Não mais para saciar o desejo *voyeurístico* de olhar os bastidores da criação literária, mas poder perfazer os caminhos da criação e "restituir ao texto sua gestualidade perdida de escritura, sua dinâmica de transformações, acréscimos, subtrações e apropriações" (MIRANDA, 2003, p. 35).

O poeta Adão Ventura escreveu um livro infantil intitulado *Pó-de-mico, macaco de circo* (1984), editado por ele mesmo, que passou praticamente despercebido pela crítica em geral. Nesta pesquisa, foram encontrados apenas dois textos de recepção crítica desse livro. No início da pesquisa, o próprio livro ainda não havia sido localizado. Em uma pesquisa abrangente,⁵⁴ foram encontrados apenas alguns exemplares, nas seguintes bibliotecas: Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais (um exemplar na Seção Infante-Juvenil e um na Memória Infantil); um exemplar na biblioteca da PUC-Minas; e dois exemplares na Biblioteca Universitária da UFMG. Os exemplares da UFMG nos chamaram a atenção por estarem vinculados aos acervos dos escritores Oswaldo França Jr. e Murilo Rubião, ambos

⁵⁴A busca foi feita nos catálogos da Biblioteca Nacional e da rede *Pergamum*, que alcança mais de 8.000 bibliotecas que usam esse sistema.

integrados ao AEM. Essa descoberta leva a questionamentos sobre como essas relações entre escritores frequentemente os colocam em papéis de auxiliares da memória do outro.

Reproduzindo, por seu lado, essa relação, Adão Ventura selecionou, por exemplo, dois recortes de jornais que tratam desses dois autores mineiros: o texto "Memória do realismo mágico", de Carlos Herculano Lopes, publicado no *Estado de Minas* em 26 de agosto de 2001, que noticia a homenagem que a Secretaria de Cultura faria a Rubião, dez anos após o seu falecimento, e fala sobre uma possível adaptação que uma rede de televisão faria de um de seus contos; e a notícia "Legados da vida literária em extinção", publicada no caderno "Cultura" do jornal *Hoje em dia* em 18 de abril de 1995, que trata do Acervo de Escritores Mineiros e da "conservação da história de autores como Oswaldo França Júnior e Murilo Rubião". Da ação de guardar esses documentos, simples acaso ou uma espécie de gesto premonitório, pode-se inferir o desejo do poeta de integrar a República das Letras.

No que se refere à relação entre Oswaldo França Jr. e Adão Ventura, contemporâneos e conterrâneos, eles se conheceram em um evento acontecido na cidade do Serro, do qual não foram encontradas mais notícias. Como lembrança desse evento, no entanto, encontra-se no acervo de Adão Ventura a seguinte fotografia:



Adão Ventura e Oswaldo França Jr. na escadaria da Igreja de Santa Rita, Serro/MG, visita.
Fonte: ACERVO ADÃO VENTURA.

A fotografia pode ser lida a partir dos conceitos formulados por Barthes para a leitura das fotografias, o *studium* e o *punctum*, definidos no livro *A câmara clara* (1984). Grosso modo, o primeiro corresponde à leitura/interpretação da imagem, tendo como referência suas características técnicas e contextuais. É o perceptível, em função do saber e da cultura do observador (BARTHES, 1984, p. 46-48), constituindo-se como um caminho de leitura preestabelecido (COLOMBO, 1991, p. 48). O *punctum*, por sua vez, é atravessado pela subjetivação, irrompendo para quebrar e contrariar o *studium*, sendo aquilo que faz "extravasar proativamente a imagem" (RIBEIRO, 2015, p. 37), uma espécie de presentificação do inesperado, que conduz para além do *studium* (COLOMBO, 1991, p. 48).

Como *studium*, a cena captada pela lente é o encontro dos escritores contemporâneos e conterrâneos – Adão Ventura, natural de Santo Antônio do Itambé, antigo distrito do Serro, e Oswaldo França Jr., natural da cidade do Serro. Fugindo a essa lógica preexistente de criação, a pungência que irrompe da fotografia é a experiência diferente dos dois escritores em relação à cidade, à tradição religiosa mineira ou mesmo à tradição das cidades partidas, divididas entre centro e periferia, município sede e distrito. Interessante notar que essa configuração se repete em muitos outros casos no interior do campo literário brasileiro.

Como foi dito acima, além dessa representação iconográfica, como evidência desse contato, há no acervo de Oswaldo França Jr. um exemplar do livro infantil de Adão Ventura, confirmando as redes intelectuais, as relações discursivas constituídas pelos contatos entre escritores, de modo a reforçar os laços de convívio e de trocas intelectuais e artísticas. (Ver Anexo E).

O estabelecimento de redes de sociabilidade intelectual promovido pelo convívio epistolar encurtava distâncias geográficas e aproximava os escritores do sul ao norte do país, bem como possibilitava o diálogo para além das fronteiras nacionais. (PAIVA, 2012, p. 121).

No caso de Adão Ventura, essa relação não pode ser atestada por meio de trocas contínuas de missivas com seus pares. Porém, existem em seu arquivo diversos textos – em verso e em prosa – de vários escritores e escritoras. Encontram-se, por exemplo, os ensaios de Éle Semog e Oliveira Silveira, ambos com o título "A recodificação do mundo pelo negro na diáspora através da literatura". Esses textos foram apresentados no evento Perfil da Literatura Negra – Mostra Internacional de São Paulo, ocorrido entre 20 e 26 de maio de 1985, conforme se confirma pela leitura do próprio documento, no primeiro caso, e por informações

fornecidas por Mário Augusto Medeiros da Silva (2011, p. 89), no segundo. Do poeta Abelardo Rodrigues há um ensaio intitulado "Do fundo da memória agora", datado de 29 de maio de 1986, que esboça um panorama da literatura afro-brasileira por meio de autores e livros.

Do poeta Cuti encontram-se os textos em prosa "Sob a alvura das pálpebras" e "Ver-se ler-se". Este último, datado de 11 de abril de 1986, é uma espécie de monólogo em terceira pessoa, preparado para o lançamento do importante livro *Reflexões* (QUILOMBHOJE, 1985), publicação que reúne ensaios de oito escritores e escritores afro-brasileiros (o próprio Cuti, Esmeralda Ribeiro, J. Abílio Ferreira, Jamu Minka, Márcio Barbosa, Miriam Alves, Oubi Inaê Kibuko e Sônia Fátima da Conceição). Ainda de Cuti, encontram-se o poema "Versus em maio" e a esquete "O que é, o que é? Pula pra cima e se veste de branco", que teria sido escrita para o "Momento de criação" do 1º Encontro de poetas e ficcionistas Negros, realizado em São Paulo nos dias 7 e 8 de setembro de 1985.

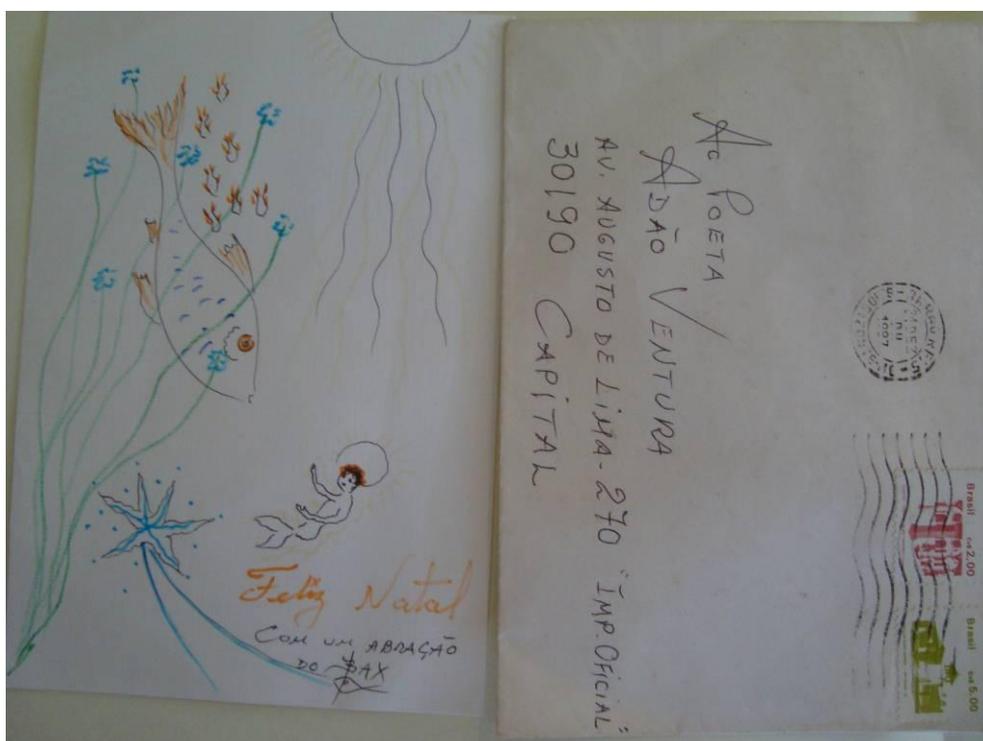
Do poeta Paulo Colina encontram-se algumas traduções de poemas: "Poem" e "Night Song City", do poeta sul-africano Denis Brutus; "View from Rosehill Cemetery: Vicksburg", "Baptism" e "He said come", da escritora afro-estadunidense Alice Walker; "Cold Term", do poeta afro-estadunidense Imamu Amiri Baraka; "The primitive", do poeta afro-estadunidense Don L. Lee; "Cuando bate el tam-tam", do poeta haitiano Jacques Roumain; "Es necesario decir algo" e "El silencio", do poeta cubano Belkis Cuza Male; "Poema sencillo", do poeta cubano Guillermo Cuevas Carrion. Além das traduções, há cópias de alguns poemas autorais de Colina ("Forja", "Balanço", "Fronteiras" e "Forma e conteúdo") e um ensaio intitulado "13 de maio: a História Oficial", datado de 23 de abril de 1986. Também de São Paulo, estão presentes no acervo de Ventura os poemas "Mágoa...", "Dor", "Enterro de Maria" e "Raça Viva", assinados por Ruth Souza, que é verdadeiramente Ruth de Souza Saleme, educadora paulistana cujo poema "Raça Viva", escrito na década de 1980, foi premiado na Bienal do Livro de 1986 (BATISTA, 2009).

Do grupo Negrícia (Rio de Janeiro), fundado na década de 1980 pelo poeta Éle Semog, encontram-se os poemas "Militando PT", "Tese Tesão e Pesquisa", "Pano de boca" e "Maneiras", do próprio fundador; "Justificativa Europofágica" e "Duvisão", de Helena; "Das graças", "Brits" e "Marina Mulher", de Delei de Acari; "Tributo a Mandela e a Benjamin Musoli" e "Malandro ou lobos e cordeiros", de Helio de Assis – todos eles participantes do grupo. Encontram-se ainda o poema intitulado "I", assinado por Roseli Nascimento, que é

poeta paulista que publicou nos *Cadernos negros 9* e *Cadernos negros 15* (ANTÔNIO, 2005; PALMEIRA, 2010), e o poema "Treze de maio", do poeta afro-brasileiro sul-rio-grandense Oliveira Silveira, contendo a informação de que fora escrito em 13 de maio de 1969 e reescrito em 13 de maio de 1986.

Apesar da escassez de documentação epistolar no acervo de Adão Ventura, podem ser encontradas missivas de Mestre Didi; um cartão de Carlos Nejar, com agradecimento pelo envio de entrevista; um cartão de Natal de Petrônio Bax (ver figura abaixo); cartas de Affonso Romano de Sant'Anna, Manoel Lobato, Carlos Herculano Lopes, Rui Mourão e Moema Parente Augel; e um cartão de Carlos Drummond de Andrade, agradecendo o envio do exemplar do *Suplemento Literário* (ver figuras abaixo).

A imagem de Adão Ventura que emana da documentação de seu arquivo, em relação à sua rede de pares, é a de uma pessoa tímida e contida, cujo contato com outros escritores se deu, na maioria dos casos, com aqueles pertencentes ao seu universo profissional, sobretudo na Imprensa Oficial, e com escritores afro-brasileiros, por conta de eventos literários, o que indica uma participação na recente vida literária dos escritores negros.



Carta de [Petrônio] Bax a Adão Ventura, datada em 24 dez. 1997.

Fonte: ACERVO ADÃO VENTURA.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio de Janeiro, 24 de novembro, 1982.

Obrigado, poeta Adão Ventura, pelos
belos versos que me dedicou no Sl de "Mi-
nas Gerais", em ocasião meu aniversário.

Atenciosamente de

Carlos Drummond de Andrade

Carta de Carlos Drummond de Andrade a Adão Ventura, datada de 24 dez. 1982.
Fonte: ACERVO ADÃO VENTURA.

A biblioteca do poeta

Como já foi dito, a trajetória literária de um escritor se inicia pela leitura de livros, que geralmente são acumulados para a constituição de uma coleção particular. Almuth Grésillon afirma que "todo autor é antes de tudo leitor", que "lê ao mesmo tempo para seu prazer e para se documentar em função de um projeto de escrita" (GRÉSILLON, 2011, p. 7). A biblioteca de escritores, sua disposição (caso seja possível recuperá-la),⁵⁵ sua extensão e, sobretudo, seus livros podem informar muito sobre o titular. Abraham Moles (1978, p. 51) afirma que "a biblioteca é a carteira de identidade do intelectual" e que ela reflete muito do espírito e da cultura de seu mantenedor:

Todo intelectual possui uma biblioteca, cujo arranjo e extensão são testemunhas dele mesmo, e é bem sabido que uma olhada na biblioteca de um intelectual diz muito sobre o que ele é, o que pensa, o que faz, sobre suas orientações políticas, seus gostos artísticos ou seus projetos mais recentes, pois ela é uma testemunha de sua atividade mais específica. (MOLES, 1978, p. 40).

A coleção de 66 livros que integra o acervo de Adão Ventura faz parte da primeira doação recebida pelo Acervo de Escritores Mineiros (2010). A partir da análise do inventário, pode-se constatar que ela não é numerosa ou extensa, se comparada com as bibliotecas de outros escritores que possuem seu acervo custodiado pelo AEM.⁵⁶ Posteriormente, na segunda doação, foram acrescentados mais 28 livros, perfazendo um total de 94 livros.

Uma prática perceptível do autor era assinar seus livros e datá-los com dia, mês e ano. Ele assim o fez em 17 dos exemplares, sendo que o que tem a data mais antiga é o exemplar de *A abolição do tráfico de escravos no Brasil*, de Leslie Bethell, datado em 30 de março de

⁵⁵ No caso da biblioteca de Adão Ventura, a disposição espacial não pode ser atestada.

⁵⁶ Dentre os escritores com maior número de exemplares de livros no AEM estão: Abgar Renault (5.976), Henriqueta Lisboa (4.637), Fernando Sabino (3.595), Murilo Rubião (3.446), França Junior (2.355), Cyro dos Anjos (2.117), Wander Piroli (1.766), Carlos Herculano Lopes (1.323), Octavio Dias Leite (1.246) e José Maria Cançado (832). Dentre as menores bibliotecas estão as de Lúcia Machado de Almeida (42), Leopoldo Pereira (8) e Paulo Emílio Rubião (3). A Coleção Achiles Vivacqua não possui livros, somente periódicos. A quantidade de livros presentes no acervo de um escritor é condicionada por inúmeros fatores, dentre eles as condições em que o acervo foi preservado e doado a uma instituição pública.

1976. A última datação, 09 de agosto de 1988, foi colocada no livro *Tumbeiros: o tráfico de escravos para o Brasil*, de Robert Edgar Conrad.

Há também os livros com dedicatórias do autor⁵⁷ e os livros autografados. Dentre os exemplares dedicados ao poeta, que são 31 de um total de 94, destaca-se *O quilombismo*, de Abdias Nascimento, publicado pela editora Vozes em 1980. Este autor também dedica o livro *Axés do sangue e da esperança*, de 1983, a Adão Ventura. Podem ser destacados ainda os seguintes exemplares dedicados: *Pecado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*, da escritora Ana Maria Machado, de 1976; os livros *O desemprego do poeta* (1962) e *Poesia sobre poesia* (1975), de Affonso Romano de Sant'Anna; e as memórias *Chão de ferro* (1976) e *O círio perfeito* (1983), de Pedro Nava.

Constam também os exemplares com dedicatória: *Decurso de prazo* (1988), da escritora mineira Laís Corrêa de Araújo, com dedicatória da autora; do amigo e poeta Manoel Lobato, o livro *Somos todos algarismos*, de 1979; o livro *Monopólio do escravo*, de Rui Mourão, 1983; o livro *Junk box* (uma tragicomédia nos tristes trópicos), de Sérgio Sant'Anna; a coletânea lançada em 1984 *Os melhores contos de Lygia Fagundes Telles*, seleção de Eduardo Portella, com a dedicatória da autora; o livro infantil *Coração de Latão*, de Pérola Gandra; ainda, de Waldemar Euzébio Pereira, o livro *Do cinza ao negro*, lançado em 1993, presenteado em "18 dez. 2001"; o livro *Rebelamentos*, de Marcos A. Dias; e, por último, destaca-se o livro *Repasse*, de 1985, de Maria de Lourdes Dias Reis, autora cujos poemas "Festa do congado" e "Negro Isidoro" fazem parte da seção Textos de Terceiros do acervo de Adão Ventura.

Num exame um pouco mais detido da biblioteca de Adão Ventura, verifica-se certa diversidade de temas e gêneros, incluindo livros de auto-ajuda (sendo um deles com dedicatória da autora), biografia, cinema, religiosidade, história da música, crítica literária, literatura inglesa, literatura infantil e uma maior quantidade de livros de literatura brasileira e de ciências sociais e humanas. É possível também encontrar periódico, livro promocional e

⁵⁷ As dedicatórias de exemplar se diferenciam das dedicatórias de obra, embora ambas consistam em prestar homenagem num livro a uma pessoa, a um grupo real ou ideal ou a alguma entidade de outro tipo. Segundo Genette (2009, p. 109), "as primeiras dizem respeito à realidade material de um exemplar singular, a quem consagra em princípio a doação ou a venda efetiva; a outra diz respeito à realidade ideal da própria obra, cuja posse (e, portanto a cessão, gratuita ou não) só pode ser simbólica". Por exemplo, "uma obra de exemplares múltiplos, digamos generosamente três mil, pode ser, enquanto obra, dedicada a uma pessoa, e cada um de seus exemplares dedicado a três mil outras, ou pelo menos a dois mil novecentos e noventa e nove" (GENETTE, 2009, p. 125).

livro didático. O material didático é um caderno produzido em comemoração dos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, coordenado por Joel Rufino dos Santos, cujo título é *A vida de Zumbi dos Palmares* (Caderno do aluno), editado pela Fundação Cultural Palmares em 1995.

Dentre os livros sobre religiosidade, estão livros que tratam das religiões de matriz africana: *Da desordem à doença: a magia na umbanda*, de Paula Montero (1985), *Os orixás africanos na Umbanda*, de José Paiva Oliveira (1992), e *Cantos sagrados do Xangô do Recife*, de José Jorge Carvalho (1993), editado este último pela Fundação Cultural Palmares. Dentre os muitos livros de ciências sociais, os que tratam da questão da escravidão são os seguintes: *A escravidão no Brasil: ensaio histórico, jurídico, social*, de Perdigão Malheiro (1976); *O mundo dos senhores de escravos: dois ensaios de interpretação*, de Eugene D. Genovese (1979); *A abolição do tráfico de escravos no Brasil*, de Leslie Bethell (1976); *O negro no Brasil: história e desafios*, de Marcos Rodrigues da Silva (1987); *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, de Neuza Santos Souza (1983); *Nem Preto nem branco: escravidão e relações raciais no Brasil e nos EUA*, de Carl N. Degler (1976).

É interessante destacar, também, que o gênero biográfico se faz presente por meio do livro *Zumbi*, escrito por Joel Rufino Santos, editado pela Moderna em 1985. Os livros de ciências sociais mais numerosos abordam temas como a escravidão no Brasil, a abolição e a questão do negro no Brasil. O livro *Cem anos da abolição 1888-1988*, editado pelo Ministério da Cultura, em Brasília, 1988, traz entre suas páginas um encarte com os eventos comemorativos do Centenário da Abolição promovidos pelo MIC, cujo Conselho Consultivo tinha Adão Ventura entre seus membros. No material recebido na segunda doação, em relação a essa temática, encontra-se apenas o livro *Escravidão e transição: o Espírito Santo (1850/1888)*, de Vilma Paraiso Ferreira de Almada, publicado em 1984.

Há dois exemplares do livro do escritor mineiro Márcio Almeida *Orwelhas Negras: retrospectiva de poesia visual*. 64-85. Um deles contém a seguinte dedicatória de exemplar: "Ao maior poeta brasileiro (1.90m) irmão de palavra de longas e maravilhosas vidas, abraço e a admiração do amigo Marcio Almeida." No segundo exemplar, há uma outra dedicatória: "Ao companheiro Adão, 1/2 pedra - 1/2 tijolo com minha admiração e um abraço dieyético [?] de +de 20 anos de luta -juntos seu amigo ??? Marcio Almeida 85." Interessante notar que na notícia de jornal "Documento inédito da consciência negra", escrita por esse escritor e publicada no *Estado de Minas* em 25 de fevereiro de 1988, ele faz uma rápida crítica à poesia

de Adão, utilizando essa mesma expressão: "Adão meio pedra meio tijolo Ventura". Por esse motivo, ele foi contestado por Osmar Faria, em uma carta remetida de Nova Iorque, em 14 de março de 1988.

Como já foi dito, observa-se que a biblioteca do poeta negro consiste numa pequena coleção de livros, especialmente quando comparada a outros acervos abrigados no AEM.⁵⁸ Isso talvez se explique pelo fato dele ter se desfeito de sua casa, indo morar com o irmão Pedro Ventura, quando o poeta adoecera, no início dos anos 2000. O que é possível saber, por meio dessa coleção, é a qualificação do acervo por obras que mergulham na questão racial brasileira, pelos diferentes vieses de campos do saber como a sociologia, a história, a psicologia, a religião e também a literatura; por diversas obras de autoria negra.

⁵⁸ De última hora, soube da informação de que há livros da biblioteca pessoal do poeta – um volume expressivamente maior – que foram doados, por seu irmão Geraldo Ventura, para a cidade de Santo Antônio do Itambé, para compor o acervo da biblioteca que leva o mesmo nome do poeta. Em conversa com o atual secretário de Turismo da cidade, Sr. Ibraim Mourão, por telefone e e-mail, no dia 14 de agosto de 2017, a doação não foi confirmada.

Clipagens – série de recortes temáticos

Na leitura de um poema de Néstor Perlongher, a argentina Gabriela Nouzeilles realiza um interessante movimento de interpretação, afirmando os limites que impossibilitariam o arquivo, caso dispuséssemos apenas de uma paisagem de ruínas e nos mantivéssemos desconectados do devir histórico (NOUZEILLES, 2011, p. 132). Prosseguindo em sua leitura dos versos desse poeta argentino que se radicou no Brasil, Nouzeilles afirma que o poema em questão "anuncia a evidência, mas nega a possibilidade do documento", porque se trata imediatamente dos desaparecidos da ditadura naquele país. Essa contundente afirmação serve, aqui, para pensar sobre um movimento outro, possibilitado pelo arquivo do poeta negro, que vai do documento à evidência: a "clipagem", essa prática de recortar, selecionar e guardar, conservando as "notícias" que, guardadas em conjunto, revelam mais do que prometera cada item isoladamente, na época de sua produção. Isso porque o poeta recorta as notícias de um espaço discursivo que trabalha com o efêmero, o jornal, cuja intenção é a informação cotidiana. Ao selecionar e guardar, ele demonstra a importância da informação para o futuro, ao mesmo tempo em que cria, ao reunir esses recortes, um fundo documental que conserva, dentro da noção foucaultiana de arquivo, para além da materialidade do papel, os "enunciados", essas marcas e registros de um fato, de um acontecimento.

As notícias que foram guardadas por Adão Ventura, em seu processo de clipagem, são matérias sobre si, o que é um modo de "controlar" sua imagem pública e construir uma memória pessoal, ou tratam de um outro, pertencente à sua esfera de relação, criando uma cooperação de arquivamento.

Los archiveros, en particular los archiveros de colecciones, están en parte en el negocio de asegurar que un archivo personal del que se considera que tiene valor para la sociedad en general se incorpora a los archivos colectivos de la sociedad, y constituye así una parte accesible de la memoria de esa sociedad, de su conocimiento experiencial y su identidad cultural – evidencia de nosotros. (MCKEMMISH, 1996, p. 2-3).

Esses recortes de notícias revelam, portanto, as imagens de si que o poeta tentou arquivar. Sobre seus livros, Ventura selecionou, por exemplo, matérias que falam do livro *A cor da pele* (11 notícias, excluindo-se as duplicatas), além de notícia sobre o lançamento do

Jequitinhonha: poemas do Vale (1980). Está arquivado na clipagem o texto "Poetas lançam livros sobre o Vale do Jequitinhonha", assinado por Wilson Simão, de 11 de dezembro de 1980, que refere-se também ao lançamento de *Cantigas de amor & outras geografias*, de Paulinho Assunção, e de *Nas águas do Jequitinhonha*, de Ronald Claver.

As clipagens podem servir também para conservar informações sobre eventos, como no caso da 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, ocorrida entre os dias 7 e 11 de julho de 1986. Da sessão "O negro na literatura brasileira", participaram os pesquisadores Otávio Ianni, Clóvis Moura e Audálio Dantas (editor de Carolina Maria de Jesus), além dos escritores afro-brasileiros Abelardo Rodrigues, Joel Rufino dos Santos, Adão Ventura, Éle Semog, Oliveira Silveira, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina e Ruth Guimarães.⁵⁹ Encontram-se, também, registros sobre a Mostra de São Paulo, evento de Literatura Negra acontecido no ano anterior, já tratado na seção "O poeta e sua rede de relações". Sobre esse evento, estão presentes os artigos "A literatura negra, um assunto para o debate" (*O Estado de S. Paulo*, 21 maio 1985), "Literatura negra: aberta a discussão" (*O Estado de S. Paulo*, 21 maio 1985), "Literatura negra, perfil deixa um saldo positivo" (*O Estado de São Paulo*, 28 maio 1985), além de uma montagem contendo um datiloscrito intitulado "Síntese das conclusões tiradas no Perfil da Literatura Negra – Mostra Internacional de São Paulo Realizado de 20 a 26 de maio último" e o título da matéria "A cultura negra, reafirmando sua importância".

De modo geral, esses recortes podem ser vistos como índices da vida literária em que Adão Ventura buscava se inserir, especialmente do contato entre escritores negros, como parte do processo de formação de um campo literário afro-brasileiro contemporâneo, bem como de sua própria experiência de arquivamento. Observa-se que essas "redes de relações" que o poeta estabelece podem funcionar como um mecanismo de cooperação no processo de arquivamento de si, em que um contribui com o arquivo do outro, pela guarda ou pelo envio de matérias jornalísticas e outras informações. É bastante pertinente, nesse sentido, a observação de Kellen Paiva: "Arquivar a própria vida, arquivando, de modo intencional ou não, outras vidas, em uma operação que franqueia certo "caráter dialógico do arquivo" (PAIVA, 2012, p. 17).

A partir dessa perspectiva, podem ser mencionadas alguns dessas notícias, tais como os textos "A poesia ante a porta da liberdade, por Oswaldo de Camargo" e "Literatura Negra Sul-africana; Poesia traduzida por Paulo Colina", ambos publicados no *Jornal da Tarde*, dia 3

⁵⁹ Ver clipagem da programação. Anexo B.

de agosto de 1991. Naquele momento, os dois escritores já se conheciam, visto que haviam viajado juntos para a cidade de Três Corações. Há também clipagens dos escritores afro-brasileiros Márcio Barbosa, Henrique Cunha Jr., como podemos ver nos textos "Entre a comédia das flores e a festa de Palmares", por Márcio Barbosa (*Leitura*. São Paulo; v. 6; n. 71; abr. 1988) e "Os movimentos negros no Brasil", por Henrique Cunha Júnior (*Leitura*. São Paulo; v. 6; n. 74; jul. 1988).

Uma das características interessantes desse acervo de clipagens construído por Adão Ventura é a possibilidade de que, em conjunto, essas notícias possam evidenciar aspectos que a sociedade brasileira dissimula, tratando-os como eventos isolados, de modo a tornar evidentes questões que ainda hoje subsistem, mas não estão na ordem do dia.

Dito isso, a série do acervo intitulada "Relações Raciais" conta com 166 clipagens sobre a questão racial, o negro, o racismo e o preconceito. Integrantes da primeira doação, encontram-se aí nove recortes sob o termo descritor "Racismo": "O racismo nos negócios", de Marta Vieira, publicado no *Estado de Minas* em 26 de maio de 1996; "JCJ condena empresário por racismo", de autoria não identificada, publicado na *Folha da Manhã* em 27 de abril de 1997; "Enfim, o racismo é condenado", por Maria Clara Prates, no *Estado de Minas* de 13 de maio de 1997; "Excluídos pelo racismo", de Júnia Almeida, no *Estado de Minas* de 19 de novembro de 2000; "Mulheres documentam racismo no Brasil", por Eliana Fonseca Almeida, no jornal *O Tempo* de 4 de julho de 2001; "Racismo policial", de autoria não identificada, na *Folha de S. Paulo* de 11 de Fevereiro de 2004; e "Instrutor demitido por racismo consegue reintegração inédita", no *Estado de Minas*, assinado por Carlos Calaes, sem data de publicação.

No segundo conjunto de documentos doado, encontram-se nove notícias com esse mesmo termo descritor ("Racismo"), sendo elas: "Anúncio racista gera representação criminal", sem indicação de jornal e sem data; "Ódio racial, menina negra, acusada de roubar loja, teve o corpo pintado de branco", sem indicação de jornal e sem data; "Salário do negro é menor do que o do branco em SP", *Jornal do Brasil*, 06 de novembro de 1985; "Constituintes registram hoje queixa-crime contra Newton" (por cartilha que avilta e humilha os negros), *Estado de Minas*, 08 de abril de 1988; "Sancionada a lei que define os crimes de preconceito de cor", 11 de janeiro de 1989; "Racismo" (sobre votação para a emenda segundo a qual racismo é crime inafiançável), sem indicação de jornal, 04 de fevereiro de 1988.

Sobre o racismo, encontram-se ainda, por exemplo, as notícias: "Constituinte põe racismo inafiançável", *Estado de Minas*, 3 de fevereiro de 1988; "Um golpe no racismo", *Estado de Minas*, 07 de fevereiro de 1988; "Negros denunciam prospecto da Educação que estimula o racismo", *Estado de Minas*, 03 de abril de 1988; "Racismo e resistência", por Diva Moreira, *Estado de Minas*, 21 de agosto de 1999; "Racismo: o ódio que separa irmãos", 22 de março de 1992; e a última, sobre casos de racismo, "Negros processam firma por racismo", *Estado de Minas*; [2?] de março de 1988.

Com a palavra descritora "Preconceito", encontram-se os artigos de jornal: "Câmara aprova emenda sobre preconceito", *Estado de Minas*, 26 nov. 1985; "Projeto contra preconceito de sexo aprovado na Câmara", *Estado de Minas*, 26 de novembro de 1985; "[Pesquisa]: 'A mancha negra da escravidão'; 'Liberdade e preconceito'", *Estado de Minas*, Gurilândia, 25 de setembro de 1993; e diversas notícias do caderno "Cidades", da *Folha de S. Paulo*, do dia 09 de maio de 1988. São elas: "Casal negro sente o preconceito no cotidiano", por Renata Rangel; "Filhos descobrem a diferença de cor"; "Abolição Ano 100: Paulistano acha que o preconceito existe mas só os outros é que tem", assinada pela Redação; "Pesquisa confirma a dissimulação", por Antonio Manuel Teixeira Mendes, do DataFolha; "Médica diz o que é verdade nos mitos sobre os negros", por Dacio Nitrini; "Para agência de publicidade, imagem do negro é a do Brasil", por Wagner Carelli; "Tribunal julgará os efeitos da Lei Áurea na mulher", sem autoria; "Exposição no Rio mostrará a história da escravidão"; "Na Bahia há protestos em outdoors"; "Ministra do Benin recusa-se a visitar o arcebispo primaz", por Bob Fernandes; "Verger traz arte africana ao Masp"; "Igualdade demorou 100 anos", por Carlos Eduardo Lins da Silva; "Apartheid legalizou o racismo", por Caio Blinder; "Maria, 107 anos, ainda se lembra do 13 de maio de 1888".

Por fim, acredito que as clípagens realizadas pelo poeta, que consistiram na seleção, recorte e conservação de notícias de jornais, intencionaram uma tentativa de controle da sua imagem como autor, ao mesmo tempo em que, no caso do fundo de questões raciais, buscaram extrair, desse cotidiano noticiado, informações, ou melhor, provas desse racismo e preconceito estruturais e estruturantes da sociedade brasileira.



Montagem feita com algumas clipagens do acervo de Adão Ventura.
Fonte: ACERVO ADÃO VENTURA.

4. CONSTELAÇÕES DE IMAGENS DE ADÃO VENTURA

Encontrei minhas origens
Em velhos arquivos
.....livros
encontrei
em malditos objetos
troncos e grilhetas
encontrei minhas origens
no leste
no mar em imundos tumbeiros
encontrei
em doces palavras
.....cantos
em furiosos tambores
.....ritos
encontrei minhas origens
na cor da minha pele
nos lanhos de minha alma
em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei.

(Oliveira Silveira).

Iniciei este trabalho evocando alguns usos do termo "Constelação", a fim de mobilizar uma argumentação que balizasse seu uso metafórico. Das acepções encontradas, a maioria gravitava em torno da ideia de conjunto. Foi encontrado também um significado que se afastou um pouco dessa noção, acrescentando a ela uma nuance de agrupamento que desafia o sentido de agrupar. É nesse sentido que a metáfora da "constelação" permitiu refletir sobre os modos de organização do universo documental estudado, confrontando a naturalidade de sistemas organizados, uma vez que a escolha dos agrupamentos aponta/sinaliza para a natureza subjetiva desses sistemas. Cada documento, pensado como uma estrela dessa constelação, é convocado a "brilhar" mais do que outros, quando selecionado em uma análise. De maneira a continuar a metáfora, tais agrupamentos de estrelas em constelações decorrem de uma observação metódica dos "céus", e são constituídos em arranjos definidos por grupos sociais e utilizados por eles segundo suas ideologias.

Em busca das imagens do poeta Adão Ventura, foram analisadas três instâncias capazes de fabricá-las e/ou constituí-las: a obra, a crítica e o conjunto de registros documentais que compõem o seu acervo. Para a leitura da obra poética, foram convocados os seus seis livros de poesia publicados, que indicaram um outro caminho de interpretação. Com a intenção de complementar a bibliografia do autor, foram perseguidas pistas sobre textos publicados cujas informações estavam perdidas e não constavam das listagens de suas publicações. Para tanto, foi realizado, ainda, um levantamento exaustivo dos textos dispersos em periódicos, antologias, nacionais e internacionais, e em material audiovisual. Nessa busca, foram encontrados também textos críticos, que contribuíram para a complementação de sua fortuna crítica, os quais foram abordados no sentido de se observar qual ou quais imagens do poeta eram ali gestadas.

É possível que, em um primeiro momento, imaginemos, como leitores apreciadores, que há sempre uma enormidade de imagens possíveis, como caminhos múltiplos que podemos escolher, numa amplitude que pode até nos confundir. Porém, o que geralmente se faz é o inverso: o escritor e sua obra são atrelados a determinadas (e determinantes) imagens, o que faz com que a multiplicidade produtiva se situe na simples recorrência de imagens tratadas como verdades inquestionáveis, repetidas à exaustão, em uma ilusão de excesso que nos apazigue, e da qual é difícil abstrair. Tal repetição de imagens facilita a ampliação dos equívocos – que podem evoluir de modo exponencial – ou, na melhor das hipóteses enredam-nos – crítico, escritor e obra – em tramas inadequadas.

Como se viu ao longo desta dissertação, algumas dessas armadilhas estão presentes nos trabalhos críticos que abordam a obra e a trajetória poética de Adão Ventura. Uma delas, como já vimos, é atribuir apenas ao quarto livro do poeta, *A cor da pele*, o momento de sua "assunção da cor". Como argumento para essa leitura, utilizam-se da informação biográfica, da estada do poeta nos Estados Unidos, sete anos antes da publicação desse livro, que é de 1980, num período das lutas pelos direitos civis dos negros estadunidenses. De fato, os eventos anteriores podem influenciar os vindouros. Porém, as relações de causalidades devem ser tratadas, caso não existam meios de verificação e comprovação, como possibilidades e não como afirmações peremptórias, com o risco de se assumir, no mínimo, afirmações falaciosas.

Tal ideia de assunção da cor passa ao largo das imagens criadas pelo poeta em seus dois primeiros livros. Vimos que tanto o *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul* quanto o *As musculaturas do arco do triunfo* representam os negros e os sistemas de dominação, nas dinâmicas do racismo. Melhor seria pensar, por exemplo, que Adão Ventura toma o lugar do poeta negro.

Assim, foi possível ampliar a significação da metáfora do "abutre", já utilizada por Édimo de Almeida Pereira (2010a), no sentido da "metamorfose" em busca de outros caminhos que capacitassem o poeta para a compreensão da realidade que o envolve. Refiz a leitura dessa ave com base em seu procedimento de perseguir poeticamente a podridão das relações humanas baseadas nos processos de dominação, de exclusão e de aniquilação do outro. Em relação a essa aniquilação, o segundo livro trata mais diretamente sobre o racismo, na dissecação desse corpo do poder, demonstrando as "musculaturas" que movimentam os sistemas de dominação, dinamizadas nesses lugares de memória da aniquilação do Outro, realizada por meio de uma prosa poética de imagens extra-ordinárias.

Foi questionada, ainda, a manutenção de caminhos de leitura edificados pela crítica que, para confirmação de seus próprios argumentos, parece se afastar de seu objeto, o texto poético, e se aproximar de outros comentários. Por vezes, os críticos buscam identificar pontos articulares de uma expressão, idealizando um equilíbrio no sistema, em que "elementos estranhos e contraditórios são reunidos em uma certa unidade de escrita através da qual todas as diferenças são reduzidas aos princípios da evolução, da maturação ou da influência" (SAID, 2002, p. 45). Esses caminhos podem gerar outras "armadilhas críticas", como, por exemplo, a ideia de uma "evolução" da expressão poética de Adão Ventura, que teria "desisti-

do", como tem sido dito, da prosa poética repleta de imagens herméticas dos primeiros livros, optando por poema "mais direto", de versos curtos.

A análise dos registros documentais foi feita a partir do manuseio de seu acervo, no qual foram identificados vestígios da atuação de Adão Ventura no campo literário/intelectual de seu tempo. Esse *corpus* documental foi estudado a partir de cinco conjuntos: "Constelações de originais – éditos e inéditos – e o uso de pseudônimos", em que foram estudados os originais não publicados em relação aos livros editados; "Atuação institucional como servidor público", em que é traçado um perfil profissional a partir da documentação e do texto poético; "O poeta e sua rede de relações", onde foi esboçada a rede discursiva com outros escritores do seu tempo; "A biblioteca do poeta", em que foi feita a análise do conjunto de livros que constavam na biblioteca do poeta; e, por fim, "Clipagem – séries de recorte temáticos", onde se busca refletir sobre a constituição de um fundo documental que agrupa matérias jornalísticas que demonstram o racismo e o preconceito estruturais e estruturantes da sociedade brasileira.

Para a interpretação do descentramento realizado pela integração do acervo do poeta dentro do AEM, perfiz um caminho interpretativo dos arquivos em seu sentido "moderno", portanto como formadores de uma unidade nacional. O arquivo nacional, que sintetizou uma ideia de povo, imagem construída pelo apagamento das brutalidades e violências originais, contribuiu, com tal processo, para a formulação da ideia de comunidade. Concomitante ao processo de arquivamento da memória e da cultura canônicas e ao engendramento de meios e métodos de sustentação de determinados segmentos sociais, houve, em diversos momentos da nossa história, o apagamento e a destruição das culturas e memórias das "minorias majoritárias", os indígenas e os negros. Esses arquivos são, de maneira geral, parte de projeto de construção de uma identidade nacional – do qual participam diversas instâncias e instituições da memória – baseada na ideia de que não há fratura, nessa ideia de que somos todos iguais quando reivindicamos direitos, e diferentes no momento de questionarmos seus privilégios.

Sob esse modo de pensar, em uma ideia de um "caldo homogêneo", são criados vários impedimentos para a visibilidade de manifestações artísticas afro-brasileiras, como, por exemplo, as literárias, que por vezes não partilham dos valores do sistema dominante. Se a literatura afro-brasileira é política (como todas são) e leva discussões raciais e sociais, isso não significa, do meu ponto de vista, em linhas gerais, uma tendência. O que se observa é que, em alguns casos, ela parece irromper como uma forma de memória involuntária, como um sinto-

ma de algo que é produzido independentemente da intenção, tal como a experiência individual, que Walter Benjamin viu lendo a literatura de Proust.

[...] se quisermos captar com pleno conhecimento de causa a vibração mais íntima dessa literatura, temos que mergulhar numa camada especial, a mais profunda, dessa memória involuntária, na qual os momentos da reminiscência, não mais isoladamente, com imagens, mas informes, não-visuais, indefinidos e densos, anunciam-nos um todo, como o peso da rede anuncia sua presa ao pescador. O odor é o sentido do peso, para quem lança sua rede no oceano do *temps perdu*. E suas frases são o jogo muscular do corpo inteligível, contêm todo o esforço, indizível, para erguer o que foi capturado. (BENJAMIN, 1994, p. 49).

Esse esforço de memória pode ser visto nos versos de "tendência mais historicista" (PEREIRA, 2006) de algumas obras da literatura afro-brasileira. Acredito que essa "tendência" vem de uma necessidade de arquivo, ao menos de uma forma outra de arquivamento, diante da intenção clara de apagamento das memórias da escravidão, pela queima dos documentos e outras iniciativas por parte do estado. Contudo, sendo a escravidão uma instituição historicamente recente, cujos efeitos não foram resolvidos, sua memória é, e não poderia ser diferente, fundamento para as identidades culturais negras, integrantes da diáspora africana nas Américas (GILROY, 2001).

Se é fato que os arquivos são necessários para o funcionamento da sociedade organizada (DELMAS, 2010), entender aquilo que falta nesses arquivos – e por que falta – é tarefa de vital importância para uma compreensão mais acertada dessa sociedade e de suas grandes questões. A noção de que os arquivos servem para provar, lembrar, compreender e produzir identificações (DELMAS, 2010, p. 21) ainda é produtiva para seus sentidos e suas configurações na modernidade, que se constroem e são construídas por ideais de nação baseados em unidades identitárias, das quais as minorias não participam. Compreende-se, portanto, por que um cidadão negro ou uma cidadã negra podem não se identificar, nem compreender-se ou lembrar-se; podem não se sentir ali representados.

Nesta dissertação, busquei indicar alguns dos caminhos de arquivamento do negro, na linguagem e na literatura (lugares onde ele ocupa uma posição social desprivilegiada), bem como nos arquivos policiais e nos "documentos de negatividades" tão comuns no imaginário brasileiro (que são partes de um complexo processo de exclusão social, cultural e racial de uma memória nacional que valoriza uma ideia de mestiçagem calcada no apagamento daquilo que se afasta da matriz europeia). Se o arquivo é, tanto para Foucault quanto para Derrida,

uma "metáfora do cruzamento entre memória, saber e poder", um "construto político que produz e controla a informação, orientando a lembrança e o esquecimento" (HEYMANN, 2012, p. 24), é importante estar atento não apenas para o que ele conserva, mas também para aquilo que ele não guarda, ou que guarda de forma residual e algumas vezes involuntária.

Assim, acredito que o arquivo afro-brasileiro contribui para o descentramento da própria noção de arquivo, ao trazer um questionamento acerca dos "modos de arquivamento dos negros" que são igualmente "modos de silenciamento". No contexto dessa discussão, o arquivo de Adão Ventura sinaliza uma mudança, por ser ele próprio revelador das invisibilidades, concomitante ao que seus documentos, como tentei demonstrar, podem revelar.

Esse descentramento, efetuado pelo arquivo de Adão Ventura e, posteriormente, pelo de Carolina Maria de Jesus, é um caminho sem retorno, no sentido em que não é possível desarquivá-los sem deixar rastros. É produtivo, também, como um "suplemento", no sentido derridiano, ao campo literário, incidindo sobre sua natureza documental, vinculada às atividades da produção literária.

Observei que alguns de seus documentos – em suas formas e conteúdos – dizem respeito a uma vida literária. A interpretação desses documentos permitiu perfazer um quadro de seu envolvimento no campo da poesia. Ainda, os documentos, inseridos no que se nomeia arquivo literário, congregam diversos valores, tais como a possibilidade de construção de uma memória negra baseada em documentos, de uma história que possibilita a percepção sobre os lugares de atuação dos negros na sociedade, na constituição de um "arquivo afro-brasileiro", ao qual se integra o acervo do poeta negro Adão Ventura.

Acredito que os sentidos do arquivo do poeta negro vão além do fenômeno moderno do "arquivamento de si". Ao realizar a clipagem sobre "Racismo e Preconceito", ele constrói um fundo de afrobrasilidade que pode ser lido como um "arquivamento de nós", na percepção de um coletivo, em consonância com a "filosofia de nós",⁶⁰ nos espaços da UFMG, dentro do AEM. É bom lembrar que, no caso dos acervos do poeta e da escritora de *Quarto de despejo*, a integração se deveu a iniciativas de uma estudante e de professores, e não por uma política institucional consolidada. Esse fundo sobre questões raciais é composto por notícias sobre violências perpetradas contra os negros no Brasil, que urge por reforçar a trivialidade desses

⁶⁰ Conceito criado pelo filósofo congolês, da República Democrática do Congo, Tshiamalenga Ntumba para designar o Ubuntu, uma filosofia africana que, grosso modo, significa a consciência de que se é parte de um todo maior, e que, como uma prática, as ações são orientadas para o outro, "eu sou porque nós somos". (Ver: NASCIMENTO, 2014).

crimes. A escolha do que é "preciso" conservar e do que se deve remeter ao esquecimento faz parte de um jogo de poder cujas regras são estruturais e estruturantes, entre políticas e literaturas, como é o próprio racismo.

Essa é uma questão a ser pensada sobre o arquivo literário como "lugar de memória" (NORA, 1993): além de conservar registros de seu titular, ele pode conter, por exemplo, histórias de vida de outros que compõem suas redes de relacionamento literário e cultural, registrando "a movimentação literária, cultural e social de uma época e a 'biografia' das obras" (PAIVA, 2012, p. 17). Igualmente, ele pode conter registros culturais que são também memórias da barbárie, pois "não há documento cultural que não seja ao mesmo tempo um registro da barbárie" (BENJAMIN, 1994, p. 225). Por isso, pode romper potencialmente com a historiografia literária – uma espécie de arquivo, com seus modos de arquivamento – essa narrativa constituída, legitimada e permitida, que às vezes se pretende inalterável.

Esse olhar para o arquivo funda um caminho teórico para o entendimento das relações do poeta com sua produção artística e seu modo de pensar/refletir o mundo, perseguindo os lugares onde é exercida a "função autor" – como "modo de existência do discurso" e de reagrupamento e delimitação de um conjunto de enunciados (FOUCAULT, 2009, p. 274). O fato de, no entorno desse conjunto, orbitar uma instância crítica, desperta no escritor um desejo de controle de suas imagens, um desejo autobiográfico.

Conceber o arquivo como esse sistema de organização de enunciados permitiu tratar a vida de Adão Ventura, sua produção textual e a produção crítica sobre ele como instâncias indissociáveis, que não se divergem nem mesmo se baralham. Articula-se, assim, uma abordagem produtiva para a constituição do que propus, aqui, como "constelações", que são as maneiras de olhar para construir/desconstruir o arquivo, desmantelando suas naturalizações, em um processo cujo o arranjo em si já demonstra os modos de observação. Modos próprios de um "pesquisador-astrônomo", próximo ao que Reinaldo Marques chamou de "anarquivista", responsável por "desconstruir a ordem estabelecida no arquivo, contestando a intencionalidade que o erigiu" (MARQUES, 2008, p. 117), e sempre atento nessa "escuta com os olhos" (CABRAL, 2015). Nesse sentido, os arquivos de escritores, quando se tornam arquivos literários, são mediadores culturais e "constituem-se em instância de produção de valores estéticos e simbólicos" (MARQUES, 2007, p. 15).

Sobre os modos de ver os arquivos pessoais, considero que eles, por terem algumas características diferentes dos arquivos administrativos – que são o objeto maior da arquivologia

–, podem apontar e testar os limites dos princípios teóricos que embasam esse campo do saber. Não no sentido de aniquilá-los, mas, pela possibilidade de desvelar/revelar/ algumas questões (por exemplo, as relativas ao que pode tornar coesa uma massa documental de ordem pessoal), reforçando os laços interdisciplinares, tão procurados nestes tempos contemporâneos.

Considero, por fim, que essa "constelação" trata-se de uma espécie de dispositivo, um modo de organização dos documentos e uma abordagem do arquivo literário que se integra a uma "poética do arquivo" por meio da qual se busca pensá-lo não mais apenas como uma instituição de guarda e disponibilização de documentos, mas como um local que oferece a possibilidade de observar as lacunas e, a partir delas, as invisibilidades e também os dilemas, impasses e enigmas dos sujeitos.

O mais interessante dessa metáfora não são os conjuntos que dela resultam, mas a consideração de que todo arranjo – dos mais conservadores aos menos, baseados em técnicas consolidadas por disciplinas e campos do saber – é uma escolha subjetiva frente a outras possíveis, cujos limites são os usos sociais que dele são ou podem ser feitos. Nesse sentido, é importante tomar os itens documentais de um arquivo literário como figurações/representações possíveis de serem interpretadas, ainda que de modo conservador, mediante uma estruturação textual narrativa em que o passado – irrecuperável, em sua totalidade como experiência, e irrestituível como vivido – pode ser acessado pelo "poder de evocação da linguagem, a ingenuidade do narrador e a imaginação do leitor" (OPHIR, 2011, p. 82). Ainda que a fonte documental seja também um construto, tal como a narração e a descrição históricas ou a explicação teórica, ela teria a seu favor a vantagem de sua materialidade, que lhe garantiria certa estabilidade frente a outros interesses que podem gravitar ao seu redor (BORDINI, 2005, p. 19).

Por fim, o próprio esforço contemporâneo de memória aponta para algo que nos escapa, sugerindo questões que ainda permanecem abertas: que intenções subsistem e mobilizam – mesmo que de antemão não saibamos – esse esforço? Esse "mal de arquivo" adviria também de um certo fascínio pelas técnicas de fazer durar e de recuperar o lembrado, na justa consciência sobre a impossibilidade de êxito em acessar a verdade e origem? Seria o medo de desaparecer sem deixar vestígios ou o simples temor de que esse mundo e suas garantias de perpetuidade (das dominações), na atual fragilidade das tradições totalizantes e na obsolescência dos "produtos" modernos, desapareça?

BIBLIOGRAFIA DE ADÃO VENTURA

e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso começo escrever mil páginas [...].

(Haroldo de Campos, *Galáxias*).

Publicações individuais

VENTURA, Adão. **Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul.** Belo Horizonte: Edições Oficina, [1969]. [Poesia em prosa].

VENTURA, Adão. **As musculaturas do arco do triunfo.** [Ilustrações de James Scliar]. Belo Horizonte: Comunicação, [1975]. [Poesia em prosa].

VENTURA, Adão. **Jequitinhonha** (poemas do vale). Belo Horizonte: Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais, 1980. 2ª edição revista e ampliada. Belo Horizonte: Mulheres Emergentes Edições Alternativas, 1997. [Poesia].

VENTURA, Adão. **A cor da pele.** Belo Horizonte: Edição do Autor, 1980. [Poesia].

VENTURA, Adão. **Pó-de-mico de macaco de circo.** Belo Horizonte: Edição do autor, 1984. [Literatura infantil].

VENTURA, Adão. **Texturaafro.** Ilustrações de Naíche Cardoso. Belo Horizonte: Lê, 1992. [Poesia].

VENTURA, Adão. **Litanias de cão.** Belo Horizonte: Edição do autor, 2002. [Poesia].

Antologias

ARAÚJO, Henry Corrêa de; NEVES, Libério; SAMPAIO, Márcio; VENTURA, Adão. **Antologia.** Belo Horizonte: Interlivros, 1975. [p. 135-155; Nota biográfica, p. 136; "Para a ciência das partes (fragmento)", p.137; "Hagbe (fragmento) 1", p. 138; "2", p.139; "3", p. 140; "Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul", p. 141; "2", p. 142; "3", p. 143; "4", p.144; "5", p. 145; "6", p.146; "7" p.147; "8", p. 148; "9", p. 149; "10", p. 150; "11", p. 151; "12", p. 152; "13", p. 153; "14", p. 154; "15", p. 155].

ASSIS BRASIL (Org.). **A poesia mineira do século XX.** Rio de Janeiro: Imago, 1998. [p. 149; p. 209; p. 314].

BERND, Zilá (Org.). **Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. [AV p. 199-204; Nota biográfica, comentário crítico e seleção de poesias: "Para um negro", "Eu, pássaro preto", "Negro forro", "Em negro". AV é colocado em um rol de poetas que trabalham a afirmação identitária, apontado uma

questão, de que tal "enraizamento" – buscar a "afirmação identitária", leva à "raiz única" – desconsiderar "as alteridades da nação brasileira"].

CAMARGO, Oswaldo de. **A razão da chama** – antologia de poetas negros brasileiros. Colaboração de Paulo Colina e Abelardo Rodrigues. São Paulo: GRD, 1986. [Nota biográfica, p. 69; "Faça sol ou faça tempestade / texturaafro", p. 70; " Negro forro" p. 71].

COLINA, Paulo. **Axé: Antologia de Poesia Negra Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982. ["Para um negro", "Eu, pássaro preto", "Negro forro", p. 15; "Faça sol ou faça tempestade", "pai Moçambique", p. 16; Nota biográfica, p. 101].

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Vol. 2, Consolidação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. ["8", p. 198; "Um", "Dois", p. 199; "Três", "Para um negro", "Negro forro", p. 200; "Preto de alma branca: ligeiras conceituações", p. 201; "Origem", p. 201-202; "Comensais", "Menino de rua", p. 202; "Limite", p. 203; "Por que Jesus Cristo é sempre branco?", p. 204].

FÉLIX, Moacyr *et al.* **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 153-155. [Nota biográfica, p. 153; "Biografia (I)", p. 154; "Biografia (II)", "Biografia (III)", p. 154; "Para um negro", "Faça sol ou faça tempestade", p. 155].

FUJIYAMA, Y; NADER, Wladyr (Org.). **Cem poemas Brasileiros**. São Paulo: Ed. Vertente, 1980.

LYRA, Pedro (Org.). **Sincretismo: a poesia da Geração 60 – introdução e antologia**. Rio de Janeiro: Topbopoks, 1995. [Nota biográfica, p. 497; Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul. "1. Noite do passaporte"; "3. Idade para sombras", p. 498; "5. Apontamentos para Lygia I", "6. Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul", "7. Apontamentos para Lygia II", p. 499; "8. Águas de testamento", "11. Lembrança", p. 500; "Mortos", p. 500-501; "13. O fio da meada cerrou os dentes do gigante rente aos ossos", "Iam I", "Iam II", p. 501; "Iam III", p. 502; "Das biografias - Um", "Para um negro", p. 502; "Preto de alma branca: ligeiras conceituações", "O negro escravo", "Faça sol ou faça tempestade", p. 504; "Senzala", "Meu sonho", "Algumas instruções de como levar um negro ao tronco", p. 504; "[A cor da pele]", "Origem", "Menino de rua", p. 505-506].

MIRANDA, Wander Melo (Org.). **Belo Horizonte: a cidade escrita**. Organização de Wander Melo Miranda. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1996. ["O beira-mar de Pedro Nava", p. 184].

MORICONI, Ítalo (Org.). **Os cem melhores poemas do século**. Organização de Ítalo Moriconi. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. ["Negro forro", p. 275].

NETO, Afonso Henriques (Org.). **Roteiro da Poesia Brasileira: Anos 70**. São Paulo: Global, 2009.

NEVES, José Alberto Pinho (Org.). **Companhia de poetas**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2003. [p. 29-41] [Nota biográfica, p. 29; "Poema", p. 31; "Origem", p. 32; "Eu, pássaro preto", p.

33; "Faça sol ou faça tempestade", p. 34; "Flash back", p. 35; "Negro forro", p. 36; "Preto de alma branca: ligeiras conceituações", p. 37; "Por que Jesus Cristo é sempre branco?", p. 38; "Cantiga", p. 39; "A cor da pele", p. 40; "Quilombo", p. 41].

NUNES, Sebastião (Org.). **Poesia viva, viva poesia**. Sabará: Dubolsinho, 2003.

OLIVEIRA, Joanyr de (Org.). **Poesia de Brasília**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1998. ["Agora", p. 29; "Congado", "A cor da pele", p. 30; "Origem"; "Faça sol ou tempestade", p. 31; Nota biográfica, p. 385].

PEIXOTO, Sérgio Alves (Org.). **O Melhor da Poesia Brasileira – Minas Gerais**. Apresentação de Gilberto Mendonça Telles. Joinville, SC: Editora Sucesso Pocket, 2002. ["Preto de alma branca: ligeiras conceituações", p. 97-98, Nota biográfica, p. 128].

PRAZERES, Ângelo (Org.). **Momentos de Minas**. Coletânea de textos. Vários autores. São Paulo: Ática, 1984. ["é preciso curar a bicheira da mula, polir os cincerros, descansar a madrinha da tropa...", p. 36.].

SANTOS, Luiz Carlos dos; GALAS, Maria; TAVARES, Ulisses (Org.). **Antologia de poesia negra brasileira: o negro em versos**. São Paulo: Moderna, 2005. ["Comensais", p. 76; "Faça sol ou faça tempestade", p. 77].

SAVARY, Olga (Org.). **Antologia da nova poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Rio; Hipocampo, 1992. ["Um", p. 1].

TORRES, Wagner (Org.). **Cantária**. Belo Horizonte: Plurarts, 2000. ["O poeta do Jequitinhonha, por Juliana Brandão Caldeira, p. 13-14; "Interior", p. 17; "Itambé ou cidade de Santo Antônio do Itambé", p. 18; "Rio Pampã", p. 19-21; "Divisão", p. 22-23; "Decadência da história", p. 24-26; "II", p. 27; "Poemagem para Detefon, o artista", p. 28-29; "Gilberto poeta plástico Abreu", p. 30; "Lavouras de café", p. 31; "Rotina", p. 32; "Memória", p. 33; "Far west", p. 34; Nota biográfica, p. 279-280].

TORRES, Wagner (Org.). **Signopse: a poesia na virada do século**. Belo Horizonte: Plurart's, 1995. [Fotografia do poeta, por Rangel, p. 7; Nota biográfica, p. 8-9; "Faça sol ou faça tempestade", p. 10; "Origem", p. 11; "Moenda", p. 12; "Comensais", p. 13; "Chico-rei", p. 14-15; "Congado", p. 16; "Escravo Isidoro", p. 17-18; "Zumbi", p. 19-20; "Menino de rua", p. 21; "Ainda", p. 22; "Agora", p. 23; "Panorâmicas drummondianas", p. 24; "Identidade", p. 25; "O beira-mar de Pedro Nava", p. 26; "Mestre Frieiro", p. 28; "Poema de quando da morte de Fritz Teixeira Salles", p. 28; "Encantamento", p. 29; "Pra Rangel Anjo Fotógrafo", p. 30; "Poema da morte de um pai", p. 31].

VENTURA, Adão. **Costura de nuvens**. Antologia poética. Organização e seleção de Jaime Prado Gouveia e Sebastião Nunes. Ilustrações de Debret e de Rugendas. Sabará: Edições Dubolsinho, 2006. [Antologia dividida em quatro partes: Biografias; Servidão e Chumbo; Raízes e Costura de Nuvens].

VENTURA, Adão. Poema. [1968]. In: GOULART, Fernanda; BRANDÃO, Luis Alberto (Org.). **Revista Literária da UFMG** - 50 anos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2016. p. 131. ["1968", p. 131].

VENTURA, Adão. **A cor da pele & outros poemas negros**. Ilustrações de Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas. Sabará, MG: Dubolso Digital, 2014. [Esta reedição, eletrônica, conta com todo o livro *A cor da pele* (1980) adicionados os poemas, que também figuraram no *Costura de nuvens* (2006): "Recenseamento", "Fábula", "Limite", "Dar nome aos bois", "Corrupção", "Zumbi", "Alfabetização", "Diário de Teodoro", "Nesta mão", "Clima", "Preclusão", "Da palavra e seu habitat", "Breves elementos para a instituição do poema", "Viagem à capital", "Preconceito", "Oração da perda", "Festa na Fazenda (Morro do Pilar)", "Noite de Natal", "Os tropeiros", "Poema-cipó", "Mundo Caim", "Recusa"].

Periódicos

VENTURA, Adão. A ausente. **Revista Literária**. Ano II, n. 2, p. 45, nov. 1967. Disponível em: <<https://goo.gl/fqDKFv>>.

VENTURA, Adão. A chave. Ilustração de Márcio Sampaio. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 81, p. 12, mar. 1968.

VENTURA, Adão. A Dor. Ilustração de Chanina. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 76, p. 5, fev. 1968.

VENTURA, Adão. A festa do divino em Diamantina. **Revista Literária**, ano 17, n. 18, p. 99, 1983. Disponível em: <<https://goo.gl/6ipTpG>>.

VENTURA, Adão. A Invasão. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 49, p. 8, ago. 1967.

VENTURA, Adão. A morte. **Revista Literária**. Ano V, n. 5, p. 50, nov. 1970. Disponível em: <<https://goo.gl/T7cOHe>>.

VENTURA, Adão. A propósito de algumas fases do tratamento dentário. **Revista Literária**. Ano V, n. 5, p. 40, nov. 1970. Disponível em: <<https://goo.gl/T7cOHe>>.

VENTURA, Adão. Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul. Ilustração de Eliana Rangel. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 116, p. 7, nov. 1968.

VENTURA, Adão. Agora. **Revista Exu**. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, n. 25, Ano V, p.14-15, jan. 1992. (poesia).

VENTURA, Adão. Águas de testamento. Ilustração de. Pompéia (P. Péret Britto da Rocha). **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 5, n. 196, p. 5, maio 1970. [cf. poema publicado em 1969].

VENTURA, Adão. águas de testamento. Ilustração de Irene Abreu. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 142, p. 9, maio 1969.

VENTURA, Adão. Ainda. **Revista Exu**. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, n. 25, Ano V, p.14-15, jan. 1992. (poesia).

VENTURA, Adão. Algumas incursões sobre o pássaro. Ilustração de José Alberto Nemer. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 136, p. 12, abr. 1969.

VENTURA, Adão. Apontamentos para Lygia. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 69, p. 6, dez. 1967.

VENTURA, Adão. As musculaturas do Arco do Triunfo. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 6, n. 275, p. 1, dez. 1971.

VENTURA, Adão. As musculaturas do arco do triunfo. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Edição Especial/50 anos, Belo Horizonte, out. 2016. p. 14-15.

VENTURA, Adão. Brasília. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 33, p. 15, jan. 1998.

VENTURA, Adão. Cônjuge. Ilustração de Chanina. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 1, n. 9, p. 3, out. 1966.

VENTURA, Adão. Da zebra: para Riva Szapiro. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 6, n. 258, p. 3, ago. 1971.

VENTURA, Adão. De origem. Ilustração de Carlos Wolney Soares. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 5, n. 222, p. 11, nov. 1970.

VENTURA, Adão. De um jantar ou as deduções da mesa. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 6, n. 241, p. 1, abr. 1971.

VENTURA, Adão. Decadência da história. Ilustração de Gilberto de Abreu. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 20, n. 969, p. 5, abr. 1985.

VENTURA, Adão. Do ofício do inventário. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 79, p. 3, mar. 1968.

VENTURA, Adão. Dois. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 14, n. 736, p. 3, nov. 1980.

VENTURA, Adão. Dos porcos e algumas de suas obsessões. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 8, n. 344, p. 12, mar. 1973.

VENTURA, Adão. E a perna do neguinho bamboleia no vento de uma trave improvisada. Ilustração de Carlos Wolney Soares. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1042, p. 3, set. 1986.

VENTURA, Adão. Ele e Itabira. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1085, p. 5, set. 1987.

VENTURA, Adão. Eu, pássaro-preto. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 14, n. 736, p. 3, nov. 1980.

VENTURA, Adão. Faça sol ou faça tempestade. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 14, n. 736, p. 3, nov. 1980.

VENTURA, Adão. Far west. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1003, p. 5, dez. 1985.

VENTURA, Adão. Godofredo Guedes, artista completo. Ilustração de Godofredo Guedes. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1117/1118, p. 37, mar. 1989.

VENTURA, Adão. Hagbe. Ilustração de Sebastião Nunes. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 6, n. 263, p. 5, set. 1971.

VENTURA, Adão. Hagbe. Ilustração de Sebastião Nunes. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 7, n. 289, p. 12, mar. 1972.

VENTURA, Adão. Idade para sombra. Ilustração de Eduardo de Paula. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 101, p. 9, ago. 1968.

VENTURA, Adão. Lavoura de café. Ilustração de Jarbas Juarez. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1101, p. 12, jul. 1988.

VENTURA, Adão. Leitura recomendada. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, p. 3, 27 ago. 2000. Caderno Fim de Semana.

VENTURA, Adão. Lúcia McCartney. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 5, n. 184, p. 7, mar. 1970.

VENTURA, Adão. Mulher. Ilustração de Eduardo de Paula. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 90, p. 12, maio 1968.

VENTURA, Adão. Musculaturas do Arco do Triunfo. Ilustração de Leonor d'Almeida. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 8, n. 354, p. 12, jun. 1973. [cf. poema homônimo? publicado em 1971].

VENTURA, Adão. Natureza morta. Ilustração de Jarbas Juarez. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 10, n. 451, p. 12, abr. 1975.

VENTURA, Adão. Noite no passaporte. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 27, p. 4, mar. 1967.

VENTURA, Adão. O A do Z. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 6, n. 245, p. 2, maio 1971.

VENTURA, Adão. O primogênito da culpa. **Jornal do Brasil**, Caderno B, p. 4, 27 out. 1972.

VENTURA, Adão. O Primogênito da culpa. Ilustração de Nello Nuno. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 123, p. 6, jan. 1969.

VENTURA, Adão. O que eles estão lendo. **Jornal do Brasil**, Ideias, p. 12, 10 abr. 1993.

VENTURA, Adão. Ocorrência. Ilustração de Roberto Moreno. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 8, n. 373, p. 8, out. 1973.

VENTURA, Adão. Os Cavalos do apocalypse. Ilustração de Álvaro Apocalypse. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 104, p. 7, ago. 1968.

VENTURA, Adão. Panorâmicas drummondianas. Ilustração de Eimir Magalhães. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 15, n. 839, p. 3, out. 1982.

VENTURA, Adão. Para ciência das partes (fragmento) a. **Revista Exu**. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, n. 25, Ano V, p.14-15, jan. 1992. (poesia).

VENTURA, Adão. Para ciência das partes (fragmento) b. **Revista Exu**. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, n. 25, Ano V, p.14-15, jan. 1992. (poesia).

VENTURA, Adão. Para ciência das partes. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 8, n. 334, p. 12, jan. 1973.

VENTURA, Adão. Para um negro. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 14, n. 736, p. 3, nov. 1980.

VENTURA, Adão. Passagem. Ilustração de Carlos Wolney Soares. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 156, p. 11, ago. 1969.

VENTURA, Adão. Passagem: fragmento. Xilogravura de Rosa Helena. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 9, n. 429, p. 1, nov. 1974.

VENTURA, Adão. Perspectiva sobre o dentro de um cadáver. **Revista Literária**. Ano VI, n. 6, p. 49, nov. 1971. Disponível em: < <https://goo.gl/4mkgP1>>.

VENTURA, Adão. Perspectivas entre duas linhas paralelas. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 7, n. 297, p. 12, maio 1972.

VENTURA, Adão. Pisar como caranguejo, quase. Ilustração de Chanina. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 9, n. 412, p. 7, jul. 1974.

VENTURA, Adão. Poema das Instituições. **Revista Literária**. Ano VI, n. 6, p. 67, nov. 1971. Disponível em: < <https://goo.gl/4mkgP1>>.

VENTURA, Adão. Poema Malcolm X. **Revista Literária**. Ano III, n. 3, p. 51, nov. 1968. Disponível em: < <https://goo.gl/kb4BTB>>.

VENTURA, Adão. Poema pra Detefon, o artista. Ilustração de Gilberto de Abreu. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1065, p. 12, mar. 1987.

VENTURA, Adão. Poema. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 98, p. 7, jul. 1968.

VENTURA, Adão. Poemas/ Móveis a) A cama. **Revista Literária**. Ano IV, n. 4, p. 43, nov. 1969. Disponível em: < <https://goo.gl/AwO8MR>>.

VENTURA, Adão. Poemas/ Móveis b) a cadeira. **Revista Literária**. Ano IV, n. 4, p. 63, nov. 1969. Disponível em: < <https://goo.gl/AwO8MR>>.

VENTURA, Adão. Poesia concreta. Ilustração de Marília Andrés Paixão. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 8, n. 340, p. 12, mar. 1973.

VENTURA, Adão. Poesia. Ilustração de José Alberto Nemer. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 153, p. 7, ago. 1969.

VENTURA, Adão. Poesia. Ilustração de Marília Andrés Paixão. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 7, n. 329, p. 5, dez. 1972.

VENTURA, Adão. Poesia. Ilustração de Marília Andrés Paixão. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 7, n. 329, p. 5, dez. 1972.

VENTURA, Adão. Poesia: meras sugestões. Ilustração de Sônia M. Barbosa. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 20, n. 988, p. 12, set. 1985.

VENTURA, Adão. Procissão. Ilustração de Bax (Petrônio Pereira B.). **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1077, p. 12, jun. 1987.

VENTURA, Adão. Procissão. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 74, p. 4, jan. 1968.

VENTURA, Adão. Retr/ato. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 109, p. 7, set. 1968.

VENTURA, Adão. Retrato. Ilustração de. Pompéia (P. Péret Britto da Rocha). **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 5, n. 196, p. 5, maio 1970.

VENTURA, Adão. Rio Pampã. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 18, n. 900, p. 6, dez. 1983.

VENTURA, Adão. Teodoro, meu avô. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1172, p. 3, dez. 1991.

VENTURA, Adão. Terrível espera do Godot? Ilustração de Luiz Carlos Maia. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 19, n. 952, p. 8, dez. 1984.

VENTURA, Adão. Texto para Mary Cathleen Clay. Ilustração de Chanina. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 10, n. 438, p. 12, jan. 1975.

VENTURA, Adão. Textura afro. **Revista Tempo Brasileiro**. O Negro e a abolição, n. 92-93, p. 7-8, 1988.

VENTURA, Adão. Textura afro. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1033, p. 13, jul. 1986.

VENTURA, Adão. Um Corte na morte. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 5, n. 180, p. 3, fev. 1970.

VENTURA, Adão. Um. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 14, n. 736, p. 3, nov. 1980.

VENTURA, Adão. Vanguarda e subdesenvolvimento. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 5, n. 186, p. 7, mar. 1970.

VENTURA, Adão. Viver. **Revista Literária**. Ano XV, n. 15, p. 57, nov. 1980. Disponível em: < <https://goo.gl/vVdvW2>>.

VENTURA, Adão. Zumbi. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 18, n. 872, p. 12, jun. 1983.

VENTURA, Adão; BARRETO, Elizabeth. Chanina: quando a cor recria o mundo. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1095, p. 1, mar. 1988.

Organização

PAULA, Virgínia de; VENTURA, Adão (Org.). **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1086, p. 1, out. 1987. (Número Especial dedicado à Petrônio Bax).

VENTURA, Adão (Org.). **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Cultura afro-brasileira, Belo Horizonte, v. 21, n. 1033, p. 1, jul. 1986. (Publicação comemorativa).

VENTURA, Adão; BREGUÊZ, Sebastião Geraldo. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Cem (100) anos de abolição - o negro hoje, Belo Horizonte, v. 22, n. 1098, p. 1, maio 1988. (Número especial dedicado aos 100 anos da Abolição).

Publicações no exterior

AUGEL, Moema Parente (Org.). **Schwarze poesie**. Poesia Negra Antologia (17 poetas negros). Alemanha: Edition Dia, 1988. ["Em negro", p. 70; "In Schwarz", p. 71; "Eu, pássaro-preto", p. 72; "Ich, Schwarzer Vogel", p. 73; "Para um negro", p. 72; "Für Einen Neger", p. 73; "O negro-escravo / uma versão para o século XX", p. 74; "Der Negersklave / Eine Version Für Das 20. Jahrhundert", p. 75; "Algumas instruções de como levar um negro ao tronco", p. 74; "Einige Anweisungen Wie Man Neger An Den Pranger Stellt", p. 75; "Negro de ganho", p. 76; "Nutz Neger", p. 77; "Preto de alma branca: ligeiras conceituações", p. 76; "Schwarzer Mit Weisser Seele: Kurze Begriffe", p. 77; "Negro Forro", p. 78; "Freigelassener Neger", p. 79; "Faça sol ou faça tempestade", p. 78; "Ob Sonne, Ob Sturm", p. 79; "A cor da pele", p. 80; "Die Farbe Der Haut", p. 81; Nota biográfica, p. 171].

MATOS, Gramiro de; SEABRA, Manuel (Org.). **Antologia da novíssima poesia brasileira**. Portugal: Livros Horizonte, [s/d]. (Coleção Horizonte de Poesia). [Sem indicação de data, porém, provável início da década de 1980]. ["Ocorrência", p. 145; "Uma Ilustração", p. 146; "O primogênito da culpa", "Natureza morta", p. 147; "Dos porcos e algumas de suas obsessões", p. 148; Nota biográfica, p. 190; Nota bibliográfica, p. 194].

MODERN POETRY IN TRANSLATIONS 19-20 (Uma Antologia de Poetas dos séculos XIX e XX). Edições do International Writing Program – University of IOWA, Iowa city, USA, 1973.

PAULINI, Livia (Org.). **Pérolas do Brasil/Pearls of Brazil/Brazilia Gyögyei**. Tradução para o inglês e o húngaro da organizadora. Budapeste: Ego, 1993. [Edição trilingue, português/inglês/húngaro. Poema: "Faça sol ou faça tempestade", p. 140; Tradução inglês: "Be hail or sunshine", p. 141; "Jó Idöben...", p. 142; Nota biográfica, p. 156: AV "[...] é o mais conhecido poeta negro do Brasil].

VENTURA, Adão. In: THE INTERNATIONAL WRITING PROGRAM. **Modern poetry in translation** 19-20. Iowa, USA: University of Iowa, 1974. p. 50.

VENTURA, Adão. In Schwarz. **Deutsches Allgemeines Sonntageblatt**, n. 14, 3 April 1988.

VENTURA, Adão. Die Farbe der Haut. Traduz. **Deutsches Allgemeines Sonntageblatt**, n. 14, 3 April 1988.

VENTURA, Adão. Poemas Para ciência das partes. **Nova / magazine de poesia e desenho**, Jornal do fundão, Lisboa, n. 1, 1976. [Nota biográfica, p. 9; "Para ciência das partes", "a", "b", p. 9; "c", "d", p. 10. Revista editada pelo poeta Herberto Helder.]

VENTURA, Adão. A Festa da Amizade. **Estado de Minas**. Belo Horizonte, 31 maio 1986.

Traduções inéditas

SEM AUTORIA. I- // De algunas de las manías de um rico mercader de menphis. In: Acervo Adão Ventura, s.d. [poesia do livro *As musculaturas do Arco do Triunfo*].

JUAN PABLO. Flash Back. In: Acervo Adão Ventura, s.d. [poesia do livro *A cor da pele*].

JUAN PABLO. Haga sol ó haga tempestad. In: Acervo Adão Ventura, s.d. [poesia do livro *A cor da pele*].

JUAN PABLO. Uno. In: Acervo Adão Ventura, s.d. [poesia do livro *A cor da pele*].

JUAN PABLO. Para un negro. In: Acervo Adão Ventura, s.d. [poesia do livro *A cor da pele*].

Audiovisual

DANÇANTES. [Sinopse: O envolvimento de personagens do congado na tradicional festa de Nossa Sra do Rosário no Serro, e em Milho Verde. Dança, música, histórias, representações e fé são apresentados pelos dançantes e por *Adão Ventura* - poeta nascido na região do Serro]. Ficha técnica / Ano/país: 2004, Brasil / Duração: 23 min. / Formato: Vídeo, colorido / Gênero: Documentário / Direção e roteiro: Elisa Tostes Gazzinelli / Fotografia: Elisa Gazzinelli, Sávio Leite / Elenco e música: Dançantes do Serro/MG / Som direto: Gustavo Campos / Direção de arte: Elisa Gazzinelli / Montagem: Angela Maris / Produção: Olhar XXI.

VENTURA, Adão. **Programa "Vereda Literária"**. [7, maio 1996]. Entrevista concedida a Helton Gonçalves de Souza. Direção: Melquíades Lima; Produção: Abel Amâncio Silva. Disponível em: < <https://youtu.be/tSogDvzcb8U>>. Acesso em 08 fev. 2014.

REFERÊNCIAS

[...] onde o fim é o começo onde escrever sobre o escrever é não escrever sobre não escrever e por isso começo descomeço pelo descomeço desconheço e me teço um livro [...].

(Haroldo de Campos, *Galáxias*).

Sobre o poeta Adão Ventura

ADÃO Ventura (1946 - 2004). **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 38, n. 1269, p. 24, jun. 2004. [Homenagem ao poeta AV].

ADÃO Ventura em alemão. **Suplemento literário de Minas Gerais**, Minas Gerais, n. 568, p. 2, 20 ago. 1977. [Informação de que AV deverá ser traduzido para o alemão, por Curt Meyer-Clason, o mesmo tradutor de Guimarães Rosa].

ADÃO Ventura, um poeta da cultura negra. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1.172. 7 dez. 1991. (Edição Comemorativa do Centenário). [Nota biográfica: "[...] trabalhou muitos anos na redação do SLMG, sendo seu secretário interino, em 1988, por alguns meses" e poema "Teodoro, meu avô"].

ADÃO VENTURA. In: **Literafro** – o portal da Literatura Afro-brasileira. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. [Verbete dedicado ao poeta, contendo Dados biográficos, Bibliografia, Fontes de consulta, Textos escolhidos, e *links* para outros materiais de pesquisa].

AFOLABI, Niyi. Interfacial Archetypes in Afro-Brazilian Cultural Studies: The Pan-African Consciousness of Márcio Barbosa, Paulo Colina, and Salgado Maranhão. **The Journal of Pan African Studies**, v.5, n.8, p. 52-73, December 2012. [AV destacado por seu refinamento e precisão poéticos, p.60; sobre a antologia de Ítalo Moriconi, e a inclusão do poema "Negro forro" de AV, p. 61; inserido em um rol dos que iniciaram um projeto da nova imagem do afrobrasileiro, p. 65; AV em nota sobre a antologia Axé, organizada por Paulo Colina, p. 70].

AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Org.). **The Afro-Brazilian mind: contemporary Afro-Brazilian literary and cultural criticism** Trenton-NJ; Asmara: África World Press, 2007. [Ensaio sobre a poética de AV, p. 351; p. 352; p. 485].

AFOLABI, Niyi. Quilombo without borders: allegories of Afro-Brazilian modernist impulses. **Afro-Hispanic Review**, v. 29, n. 2, p. 65-80, fall 2010. [Citado o *A cor da pele* em um rol de livros que mostram o racismo como uma das doenças do Brasil, produtor de "gruesome and unbearable anxieties in the victims", p. 76; Referências, p. 80].

AFRO-ÁSIA. Centro de Estudos Afro- Orientais da Universidade Federal da Bahia, n. 19-20, 1997. [p. 185, 196].

AGUALUSA, José Eduardo. **O ano em que Zumbi tomou o Rio**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008. [p. 221] [Poema "Agora", do *Texturaafro*, lido pela personagem Jararaca, um chefe dos traficantes, que possui um projeto, utópico, em relação ao povo explorado].

ALMEIDA, Márcio. Alguns aspectos da poesia de Adão Ventura. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 800, p. 3, 30 jan. 1982.

ALMEIDA, Márcio. O lugar dos sem-lugar na poesia. **Cronópios**. 28 jul. 2007. [AV, poesia dedicada à diferença étnica, p. 1].

ALVES Felipe; LOPES, Marcio; BATISTA, Maria Fernandina. Edições Vale do Jequitinhonha. In: FONSECA, Patrícia; QUEIROZ, Sônia (Org.). **Editoras mineiras: o lugar da poesia**. 2. ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2012. p. 91-98. [Pesquisa sob o descritor "Poesia Vale Jequitinhonha" recupera livro de AV, p. 96].

ALVES, Guilherme. Adão: uma ventura da cor da pele. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 813, p. 8, 1 maio 1982. [Ensaio crítico, repleto de inverdades]

ALVES, Henrique L. [Fragmento] 6. In: VENTURA, Adão. **Texturaafro**. Ilustrações de Naíche Cardoso. Belo Horizonte: Lê, 1992. p. 34. [Paratexto do tipo peritexto, sobre AV].

ALVES, Henrique L. A cor da pele. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 743, p. 8, 27 dez. 1980. [Resenha sobre o livro *A cor da pele*].

ANDRADE, Vera Lúcia. A biblioteca fantástica de Murilo Rubião. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 55-60, mar. 1994. [AV é citado dentro de um rol de escritores que se projetaram com algum auxílio de Murilo Rubião, p. 55].

ANGELO, Ivan. Ah, escritores... In: ANGELO, Ivan. **As melhores crônicas de Ivan Angelo**. Seleção e prefácio de Humberto Werneck. São Paulo: Global, 2007. (Coleção Melhores Crônicas). [p. 169-171; Crônica trata de anedotas da vida de escritores, ao que se inclui sobre o poeta Adão Ventura].

ARAÚJO, Henry Côrrea. Este é Adão Ventura conheça-o. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 02 mar. 1974. [Matéria sobre AV].

ARQUIVO DE CULTURA CONTEMPORÂNEA. Disponível em: <<https://goo.gl/iOEXhK>>. Acesso em 23 dez. 2016. [Banco de dados com clipagens diversas sobre AV].

ARRUDA, Aline Alves. **Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. [Conceição Evaristo leitora de AV, p. 8; Epígrafe, p. 92; AV e quilombos literários, p. 94].

BARBOSA, Maria José Somerlate. Adão Ventura e o (con)texto afro-brasileiro. **Afro-Hispanic Review**, Fall, v.16, n. 2, 1997. [Artigo acadêmico sobre AV].

BARRETO, Lázaro. Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dêle o azul. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p. 7, 6 jun. 1970. [Resenha desse livro].

BIAGGI, Enio Luiz de Carvalho. A revelação de jovens poetas brasileiros na Revista Literária do Corpo Discente da UFMG. In: FONSECA, Patrícia; QUEIROZ, Sônia (Org.). **Editoras**

mineiras: o lugar da poesia. 2. ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2012. p. 119-124. [AV como um dos poetas que iniciou na RL, p. 120, 122].

BIAGGI, Enio Luiz de Carvalho. Arquivo, Memória e Identidade Cultural: a Revista Literária do corpo discente da UFMG e os periódicos artísticos nas décadas de 1960 e 1970. **Recorte**, UNINCOR, v. 12, n. 1, p. 1-12, jan./jun. 2015. [A revelação de escritores, incluindo AV, pela RL, p. 1, 8].

BIAGGI, Enio Luiz de Carvalho. **Revista Literária do corpo discente da UFMG:** um periódico revelador de escritores. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. [AV citado dentre outros escritores que publicaram na RL, p. 69; pequena nota bibliográfica, p. 111; perfil biográfico p. 164-165; relação dos textos de AV publicados na RL, p. 196, 197, 199, 201, 202, 203, 220, 227].

BICALHO, Gustavo de Oliveira. "**BASTARIA AO POEMA APENAS A COR DA MINHA PELE?**": Imagens do arquivo literário afro-brasileiro de Paulo Colina. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. [Citado como autor na antologia *Axé*, de Paulo Colina, p. 35; modificação na recepção crítica de alguns escritores, incluindo AV, p. 43; Carta de Colina no acervo de AV, p. 49; participação de AV na Bienal, p. 91; sobre acervo de AV, p. 97, p. 98; referência de texto de Colina publicado no SL organizado por AV, p. 108; Citado por Oswaldo de Camargo, em entrevista, p. 142].

BIOGRAFIA DOS NOVOS AUTORES DO AEM. **Nota biográfica de Adão Ventura.** Disponível em: <<https://goo.gl/Czny8M>>. Acesso em 08 jun. 2016. [Nota biográfica AV com erro fatural].

BOEHLER, Marcella. Poeta social. **Conexão Biblioteca**, Ano 3, n. 10, p. 2-3, out./nov. 2014. [Sobre o acervo de AV].

BORGES, Márcio. **Os sonhos não envelhecem:** histórias do Clube da Esquina. São Paulo: Geração Editorial, 1996. [Citada as redes intelectuais de vida literária, roda de conversas em bares, com presença de AV, "Abrir-se um Adão, mesmo depois de deduzir dele o Ventura"].

BRANCO, Wilson Castelo. A cor da pele. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 736, p. 3, 8 nov. 1980. [Resenha sobre *A cor da pele*, de AV].

BRITO, Walter Gualberto de. **Memórias de uma família negra brasileira:** os inquilinos da casa amarela. Brasília: Thesaurus, 2006. [AV citado, como escolheram-no presidente da Palmares, entre outras situações dessa fundação, p. 137, 138, 139, 164, 174, 177].

CALDEIRA, Juliana Brandão. O poeta do Jequitinhonha. In: TORRES, Wagner (Org.). **Cantária**. Belo Horizonte: Plurarts, 2000. p. 13-14. [Perfil biográfico de AV]

CAMARGO, Oswaldo de. **A descoberta do frio**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011. [Dedicatória do livro à AV, p. 7].

CAMARGOS, Léia Patrícia. **A presença das literaturas portuguesa e africana de língua portuguesa no Suplemento Literário Minas Gerais (1966/1988)**: indexação, coletânea de textos e banco de dados. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2004. [AV citado como um dos redatores do AL, p. 23, 27].

CAMPOLINA, Camila. De volta aos tempos áureos: Responsável pela revelação de importantes escritores, Revista Literária volta a ser editada pela Fale. **Boletim UFMG**. Ano 27, n. 1325, 22 ago. 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/drc1jv>>. Acesso em: 25 maio 2016. [Sobre a RL e os autores projetados por ela, incluindo AV].

CAMPOMIZZI FILHO. Ventura e desventura. **Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte**, p. 7, 13 fev. 1971. [Pequeno ensaio sobre o *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*, de AV].

CARMONA, Kaio Carvalho. **26 Poetas ontem**: Belo Horizonte Literária. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. [AV citado como escritor com "intensa produção" na década de 1970, p. 42; AV na antologia da nova poesia brasileira, de Olga Savary, p. 45; AV na antologia de Ítalo Moriconi, p. 49; AV na antologia da Interlivros, 1975, p. 51; AV na antologia da Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais, p. 57; diálogo poético de Caio Junqueira Maciel e outros escritores, incluindo AV, p. 116; AV como colaborador do SL, p. 218; AV como colaborador do Ponta de lança – 1988, p. 219].

CASA NOVA, Vera. Roteiros, roteiros, roteiros... No risco do rastreamento da poesia mineira contemporânea. CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega. **Olhares sobre Minas**: sugestões de leitura. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura, Superintendência de Bibliotecas Públicas, 2008. p. 186-193. [Reprodução da capa do *A cor da pele*, de AV, p. 186; referências desse livro e do *Texturaafro*].

CASTELO BRANCO, Wilson. A cor da pele novo contexto de Adão Ventura. **Suplemento Literário**, Belo Horizonte, n. 736, p. 3, 8 nov. 1980. [Ensaio crítico sobre AV]

CASTRO, Silvia Regina Lorenso de. **Corpo e erotismo em Cadernos Negros**: a reconstrução semiótica da liberdade. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007. [Citado o livro *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura*, de Oswaldo de Camargo, logo poemas de AV, inseridos e temáticas: identidade, p. 42; religião, festas, oração, p. 43; viver negro, racismo, p. 44; década de 1970, AV entre outros, marcaram a literatura negra, p. 61].

CIDADE de Belo Horizonte: os prêmios de 72. **Suplemento Literário**, Belo Horizonte, p. 5, 16 dez. 1972. [Notícia sobre AV vencedor do prêmio nacional Cidade de Belo Horizonte/1972].

CORRÊA, Cláudia Maria Fernandes. **Encontros meridionais, histórias transnacionais**: quando a voz feminina (re)nasce pela poesia. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. [AV é citado na entrevista com Conceição Evaristo, p. 303].

COSTA, Luiz Carlos Guimarães da. **História da literatura brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2005. [AV tratado como escritor brasileiro, p. 82; 106; 114; 197; 203; 258].

DAMASCENO, Benedita Gouveia. **A poesia negra no modernismo Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras e Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 1980.

DAMASCENO, Benedita Gouveia. **Poesia negra no modernismo brasileiro**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 1988. p. 117-121. [Leitura/interpretação de poesias de AV].

DANTAS, Beatriz. **Beatriz Dantas** (Entrevista Temática). Belo Horizonte: Programa de História Oral/ Centro de Estudos Mineiros /Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. [Entrevistada cita poema – que desconhecemos – "Primado", de AV].

DUARTE, Carlos Antoninho. A cor da pele. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 744, p. 8, 3 jan. 1981. [Ensaio sobre livro homônimo, de AV]

DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. [Verbetes dedicados à AV, p. 20-21].

DUARTE, Eduardo de Assis. Entre orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra. In: DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Vol. 1,. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 13-18. [AV citado].

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XXI. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010. [AV dentro de uma vertente poética, p. 123].

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Vol. 4, História, Teoria, Polêmica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. [AV citado nas entrevistas: Entrevista Oswaldo de Camargo, p. 39, 43; Entrevista Conceição Evaristo, p. 112; Entrevista Edimilson de Almeida Pereira, p. 141; Ensaio Silvano Santiago, p. 180; Ensaio Leda Martins, p. 284, 296, 304, 307; Ensaio Eduardo de Assis Duarte, p. 387].

EMEDIATO, Luis Fernando. 999.999 poetas. **Ars media**, n. 148, 8 fev. 1976. [Sobre o lançamento do *As musculaturas do Arco do Triunfo*].

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. [Poema "História", de AV, p. 24; referência, p. 31].

EX-ALUNOS são homenageados pelo Sempre UFMG. **Boletim UFMG**, Ano 31, n. 1500, 15 set. 2005. [Sobre medalha de honra concedida postumamente à AV, por ter sido aluno destaque da UFMG].

FARIA, Wellington do Carmo. **Entre eventos, prêmios e hinos na educação escolar: reflexões sobre a memória afro-brasileira em Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. [5º lugar na edição 2006-2007 do Prêmio Paulo Freire trabalhou um poema de AV, p. 116].

FERREIRA, Isabel Cristina Rodrigues. **The dialogue about racial democracy among African-American and Afro-Brazilian literatures**. Tese (Doutorado em Romance Languages) – University of North Carolina at Chapel Hill. 2008. [Perfil biobibliográfico de AV, p. 103].

FILIPPO, Thiara Vasconcelos de. **Imagens poéticas: o negro, a África e a noite na literatura de Oswald de Camargo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Belo Horizonte, Faculdade de Letras, UFMG. 2007. [Participação de AV no seminário "O Negro na Literatura Brasileira" 1987, p. 22; epígrafe, p. 28; leitura de poesias, p. 38-39, p. 56;].

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Poesia afro-brasileira: vertentes e feições. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 15, p. 97-111, 2007. [AV na Antologia Axé, p. 99; sobre poesia de AV, p. 100-101].

FONSECA, Patrícia; QUEIROZ, Sônia (Org.). LIVROS de poesia publicados por editoras mineiras. In: FONSECA, Patrícia; QUEIROZ, Sônia (Org.). **Editoras mineiras: o lugar da poesia**. 2. ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2012. [Livros de AV, p. 136, 137, 139, 145, 155, 156, 163, 184].

FRANÇA, Junia Lessa; BERNARDINO, Rosângela Costa; SILVA, Antônio Carlos Cortez e. **Banco de dados Suplemento Literário de Minas Gerais digitalizado**. Biblioteca da Faculdade de Letras da UFMG, 1999. Disponível em: < <http://grabify.link/3VPEPS> >. Acesso em: 09 fev. 2015. [Projeto de digitalização do SL, todos os números até o ano de 2009].

FREITES, Gilberto Quevedo. **Plano de intervenção a pacientes idosos asmáticos no município de Santo Antônio do Itambé**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. [Cita nome de AV como itambeano, p. 10].

GOMES, Duílio. [Fragmento] 7. [Fragmento] 6. In: VENTURA, Adão. **Texturaafro**. Ilustrações de Naíche Cardoso. Belo Horizonte: Lê, 1992. p. 34. [Paratexto do tipo peritexto, sobre AV].

GULLAR, Ferreira. Prefácio. In: VENTURA, Adão. **Litanias de cão**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2002. [Prefácio do referido livro].

HORTA, Marina Luiza. **A imagem improvável do escritor**: Raymundo de Souza Dantas – apontamentos sobre vida e obra. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. [AV em Epígrafe, p. 78; AV em nota sobre AEM, p. 70].

KASAI, Maria Inêz Nunes. **Cor, pobreza e ação afirmativa**: o projeto Geração XXI (SP, 1999/2006). Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006. [AV no rol de escritoras negras e escritores negros contemporâneos, p. 65].

LACERDA, Dayse. O arco do Adão. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 598, p. 6, 18 mar. 1978. [Ensaio crítico sobre *As musculaturas do arco do triunfo*, de AV].

LEAL, Juliana Helena Gomes; MIRANDA, Elaine dos Santos Arcanjo de. A cor da pele na poética de Adão Ventura. In: CONGRESSO ROA BASTOS, VIII., 2016, Florianópolis. **Anais...** Po(éticas) e políticas: do Caribe ao Grande Charco. Florianópolis: DLLE/UFSC, 2016. p. 74-94. Disponível em: <<https://goo.gl/AjGltz>>. Acesso em: 10 nov. 2016. [Apresentação de trabalho sobre a poética de AV].

LOBATO, Manoel. [Fragmento] 9. In: VENTURA, Adão. **Texturaafro**. Ilustrações de Naíche Cardoso. Belo Horizonte: Lê, 1992. p. 35.

LOPES, Carlos Herculano. **Nota biográfica para Programa Sempre UFMG / Ex-alunos**. Medalha de Honra 2005 – Homenagens Póstumas. Disponível em: <<https://goo.gl/1hH6v1>>. Acesso em: 08 jun. 2016. [Nota sobre o recebimento da Medalha de Honra da UFMG].

LOPES, Carlos Herculano; SCHIMIDT, Paulo. **Minifolder Adão Ventura / Homenagem do Programa Sempre UFMG ao ex-aluno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, [2005?]. Disponível em: <<https://goo.gl/4eGLex>>. Acesso em: 08 jun. 2016. [Sobre o recebimento da Medalha de Honra da UFMG].

LOPES, Elisângela; PEREIRA, Maria Do Rosário Alves . Adão Ventura. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.). **Literatura Afro-Brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XXI. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2014, v. 1, p. 140-142. [Perfil biobibliográfico de AV].

LOPES, Nei. **Dicionário literário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. [Perfil biográfico de AV, p. 19].

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004. [Perfil biográfico de AV, p. 673].

LOPES, Nei. O negro na literatura brasileira: autor e personagem. **Revista Brasileira**, Fase VII, Ano XVII, n. 66, p. 157-170, jan./fev./mar. 2011. [AV citado como autor negro do século XX, p. 168].

MAROCA, Viviane Monteiro. **Nos rastros dos novos: O fazer crítico e literário dos contistas do Suplemento Literário do Minas Gerais (1966-1975)**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. [AV no SL, p. 15; Humberto Werneck sobre SL, p. 22; Luiz Claudio Vieira de Oliveira sobre SL, p. 23; Laís Corrêa de Araújo sobre os novos, inclui AV, p. 27; AV dentro da rede de intelectuais, p. 64; Entrevista com Jaime Prado Gouvêa, p. 127].

MARQUES, Fabrício (Org.). **Sebastião Nunes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. [p. 62; Entrevista com Sebastião Nunes, p. 82; fotografia da redação do SL, 1968, p. 91; cronologia, 1966, conhece AV, p. 98, 100; referência de AV, p. 136].

MARQUES, Reinaldo. Acervo Mineiro em Expansão. **Rádio UFMG**, Programa Universo Literário. 16 maio 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/p1nYS1>>. Acesso em: 25 maio 2016. [Sobre AEM e acervo AV].

MARTINS, Leda. A fina lâmina da palavra. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 15, p. 55-84, 2007. [AV em Livros editados pelos próprios autores, p. 73; corpo e história do negro em AV, p. 73; rol de escritoras negras e escritores negros, p. 74, 79; referência, p. 84].

MIRANDA, Elaine dos Santos Arcanjo de. **O corpo negro na poética de Adão Ventura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Campus JK, 2014. [Monografia sobre AV].

MOREIRA, Adriana de Cássia. **Africanidade: morte e ancestralidade em Ponciá Vicêncio e Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. [AV é incluído em uma genealogia de escritores afrodescendentes, p. 45].

MOSTRA DE CINEMA. Dançantes, 23', direção de Elisa Gazzinelli/BH. In: FESTIVAL DE INVERNO DA UFMG, 36., 2004, Diamantina: UFMG, 2004. 21/07, 18h30. Programação. Disponível em: <<https://goo.gl/0JVbGi>>. Acesso em: 08 jun. 2016. [Sobre curta em que AV participa com texto e argumento].

MOURÃO, Eliane. [Fragmento] 8. In: VENTURA, Adão. **Texturaafro**. Ilustrações de Naíche Cardoso. Belo Horizonte: Lê, 1992. p. 35. [Paratexto do tipo peritexto, sobre AV].

MOURÃO, Rui. O poeta se renova. In: VENTURA, Adão. **A cor da pele**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1980. s.p. [Paratexto do tipo peritexto, sobre o livro *A cor da pele*, 1980].

NASCIMENTO, Abdias. O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980. [Interpreta poesia AV, p. 120-121; AV em rol de escritoras negras e escritores negros que publicam sobre cultura afro-brasileira, p. 217].

NASCIMENTO, Alexandre do; PEREIRA, Amauri M.; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; SILVA, Selma M. da (Org.). **Histórias, Culturas e Territórios Negros na Educação: Reflexões docentes para uma reeducação das relações étnico-raciais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. [Cita ensaio de Silviano Santiago sobre AV, p. 94].

NAVA, José. Abrir-se um abutre e dêle deduzir um poema azul e branco. **Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte**, p. 5, 29 maio 1971. [Ensaio crítico sobre AV].

NEGREIRO, Carlos Alberto de ; BEZERRA, Rosilda Alves . Costura de nuvens: identidades e alteridades na poética de Adão Ventura. In: ARRUDA, Luciene Vieira de; BEZERRA, Rosilda Alves; CHAGAS, Waldeci Ferreira (Org.). **Interface dos saberes, formação docente e diversidade cultural**. João Pessoa: Ideia, 2014, p. 251-264. [Ensaio sobre AV].

NEVES, Libério. [Fragmento] 10. In: VENTURA, Adão. **Texturaafro**. Ilustrações de Naíche Cardoso. Belo Horizonte: Lê, 1992. p. 35. [Paratexto do tipo peritexto, sobre AV].

NOVAES, Mariana. **O Suplemento Literário do Minas Gerais no arquivo de Murilo Rubião: 1966-1969**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2014. [Sobre o AEM e alguns fundos documentais, incluído o de AV, p. 10; escritores que trabalharam na Imprensa, p. 21; escritores que trabalharam no SL, p. 27; redatores do suplemento, p. 37, 47, 57; AV citado em entrevista, p. 75, 77, 108, 109; escritores em início de carreira e geração suplemento, p. 87; fotografia Adão Ventura, Murilo Rubião e Jaime Prado Gouvêa, p. 110].

NUNES, Sebastião. Adão Ventura, poemas inéditos. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, Setembro/outubro, 2012. p. 18-23. [Apresentação de poemas inéditos de AV].

NUNES, Sebastião. Adão Ventura: A poesia: perguntas sem respostas: a necessidade da arte. **Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte**, p. 6, 30 maio 1970. [Ensaio que intercala criação de Nunes com as do *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*, de AV].

NUNES, Sebastião. Honorável poeta Ventura. **vinteculturaesociedade**: uma perspectiva negra. 05 mar. 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/fC38en>>. Acesso em: 01 jan. 2015. [Informações sobre o trabalho de seleção e organização de poemas de AV, que sairia naquele ano, sob o título de *Costura de nuvens*; há novidades biográficas sobre o poeta].

NUNES, Sebastião. **Somos todos assassinos**. Sabará: Dubolso, 1980. [AV é uma das personagens].

OJO-ADE, Femi. **Being black, being human**: more essays on black culture. Nigeria: Obafemi Awolowo University Press, 1996. ["Black Brazil, once mesmerized by the mirage of mulattohood, has finally awakened to the realities of her culture and colonial condition". Os poemas "Para um negro", "Preto de alma branca", e "Meu pai (I)", traduzidos, respectivamente: "For a black", "Blacks with a white heart", e "My father", do ACDP são interpretados e base para argumentação. p. 25-27; Referências, p. 30].

OLIVEIRA, Anelito de. Abrir-se um poeta ou uma abordagem de Adão Ventura. In: LUCAS, Elcio; OLIVEIRA, Ilca Vieira de (Org.). **Literatura e Criação Literária**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2014. [Ensaio sobre AV].

OLIVEIRA, Anelito Pereira de. Dois meninos. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 17 jan. 2015a. [Matéria sobre AV].

OLIVEIRA, Anelito Pereira de. O drama da expressão. **Rascunho** – jornal de literatura do Brasil, n. 181, jun. 2015b. [Ensaio sobre AV].

OLIVEIRA, Anelito Pereira de. O drama da expressão: estética, ideologia e negritude em Adão Ventura. In: MACHADO, Rodrigo Vasconcelos (Org.). **Panorama da literatura negra ibero-americana**. Curitiba: Imprensa UFPR, 2015c. p. 193-198. [Ensaio sobre AV].

OLIVEIRA, Anelito Pereira de. Revolta interior. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, p. 05 - 05, 03 jul. 2004. [Ensaio sobre AV].

OLIVEIRA, Eduardo de. **Quem é quem na negritude brasileira**. São Paulo: Congresso Nacional Afro-brasileiro; Brasília: Secretaria Nacional, DATA. [Perfil biográfico de AV, p. 24].

OLIVEIRA, Ely de. **O dia nacional da Consciência Negra & O mundo de Adão e Eva**. [S. l]: Biblioteca24horas, 2009. [AV citado em rol de escritoras negras e escritores negros, p. 68].

OLIVEIRA, Gustavo Lopes de. **Acervo de Escritores Mineiros: gênese e constituição**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. [Citado o fundo documental de AV, p. 74, 106, 110].

OLIVEIRA, Leni Nobre. **Espaços contemporâneos de consagração e disseminação da Literatura Brasileira**. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. [Comentário sobre *Litanias de cão*, de AV, p. 181].

OLIVEIRA, Luiz Claudio Vieira de. **Guimarães Rosa no Suplemento: a recepção crítica da obra de Guimarães Rosa no Suplemento Literário do Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. [AV citado geração suplemento, p. 9].

OLIVEIRA, Margarete Aparecida de. **Narrativas de favela e Identidades negras: Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. [AV citado, poema epígrafe, p. 73].

PADILHA, Laura Cavalcante. **Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. [AV e outros, como o "caroço do

dendezeiro", possuem a responsabilidade de guardar dentro senão todos os segredos do mundo, os dos povos negros, ressignificados, p. 284].

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coord.). **Literatura:** ensino fundamental. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 204 p. : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 20). [AV é citado como escritor negro consagrado da literatura brasileira, p. 155].

PAPÉL da universidade é lembrado na entrega da Medalha de Honra UFMG. **Boletim UFMG**, 19 set. 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/GXMZUH>>. Acesso em: 08 jun. 2016. [Sobre medalha de honra, UFMG].

PEREIRA, Edgar. Adão Ventura: meu chão é feito de chão batido e puro. PEREIRA, Edgard. **Mosaico insólito:** ensaios e resenhas de literatura brasileira. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 36-40. [Ensaio sobre AV].

PEREIRA, Edgar. Entre o minério e a pedra: a poesia de Márcio Almeida. **Revista do CESP**, v. 21, n. 28/29, p. 141-148, jan./dez. 2001. [AV citado como a outra vertente da poesia dos 80, p. 141].

PEREIRA, Edgard. Adão Ventura. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil:** antologia crítica. Vol. 2, Consolidação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. [Verbete com perfil biográfico sobre AV, apreciação crítica da obra, e poemas escolhidos, p. 193-206].

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Poesia brasileira contemporânea: invenção e liberdade na tradição cultural afro-brasileira. **Verbo de Minas:** Letras, Juiz de Fora, 2006. [Artigo acadêmico; análise a partir das obras poéticas de Cuti, Estevão Maya-Maya, Oliveira Silveira e AV].

PEREIRA, Édimo de Almeida. A poesia de Adão Ventura em uma nova ordem para o discurso. In: MACHADO, Rodrigo Vasconcelos (Org.). **Panorama da literatura negra ibero-americana.** Curitiba: Imprensa UFPR, 2015. p. 199-226. [Apresentação sobre AV, em congresso].

PEREIRA, Édimo de Almeida. Adão Ventura: o poeta e sua linguagem. **Suplemento Literário**, Belo Horizonte, v. 1264, 2004a. [Ensaio sobre AV].

PEREIRA, Édimo de Almeida. **Metamorfoses do abutre:** a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura. (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, 2004b. [Dissertação sobre AV].

PEREIRA, Édimo de Almeida. **Metamorfoses do abutre:** a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura. Belo Horizonte: Nandyala, 2010a. [Publicação em livro da dissertação sobre AV].

PEREIRA, Édimo de Almeida. Texturas da linguagem: surrealismo e cultura popular na poética de Adão Ventura. In: Edimilson de Almeida Pereira. (Org.). **Um tigre na floresta de**

signos: estudos sobre poesia e demandas sociais. Belo Horizonte: Mazza Edições Ltda., 2010b. p. 438-459. [Artigo acadêmico sobre AV].

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. A consciência da negritude. **Literafro**, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte. 2004b. [Artigo sobre AV].

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. A poesia de Adão Ventura. MARRECO, Maria Inês de Moraes; PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **Linhas cruzadas:** literatura, arte, gênero e etnicidade. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2011. p. 154-162. [Ensaio sobre AV].

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **Adão Ventura:** a consciência da negritude na literatura afro-brasileira. Monografia (Bacharelado em Letras/Português) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte. 2004c. [Monografia sobre AV].

PEREIRA, Prisca Agustoni de Almeida. **O Atlântico em movimento:** travessia, trânsito e transferência de signo entre África e Brasil na poesia contemporânea em língua portuguesa. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. [A diáspora para AV, p. 27, 67; 106; Jequitinhonha: poemas do Vale, p. 113, epifania, p. 123; leitura de poesia, p. 128; AV e Paula Tavares, p. 131, 134; apropriação de matrizes orais, p. 152; metonímia de Exu, p. 162; faces de AV, p. 176; diferença entre AV e Edimilson de Almeida Pereira, p. 177-178; leitura de poema e comparação com Paula Tavares, p. 188-189; característica da poesia de AV, p. 191; aproximação com o surrealismo, p. 298].

PEREIRA, Teresinka. Anunciada morte inesperada de Adão Ventura. **LB:** revista da literatura brasileira, Edições 29-40, 2003. [Ensaio sobre AV].

PEREIRA, Teresinka. Da literatura brasileira contemporânea: a volta ao romantismo-realista. **Brotéria:** Cultura e Informação, Lisboa, v. 114, n. 1, p. 46-56, jan. 1982. [Perfil biográfico de AV e interpretação de poema do *Jequitinhonha*: poemas do Vale, p. 54].

PIMENTA, Márcio Flávio Torres. **Arquivos Literários, Lugares da memória:** o caso do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. [Cita o fundo documental de AV, p. 92].

PIRES, Maria Coeli Simões. **Direito adquirido e ordem pública:** segurança jurídica e transformação democrática. Belo Horizonte: Del Rey, 2005. [Epígrafe cita verso de AV, p. V].

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, v.18, n 50, São Paulo, Jan./Abr 2004. [AV integra rol de escritoras negras e escritores negros contemporâneos, p. 178].

RECITAL composto Apresentações de música e poesia celebram Dia Nacional da Consciência Negra. **Boletim UFMG**, 24 nov. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/TGfq9i>>. Acesso em: 08 jun. 2016. [Recital baseado em várias obras e na obra de AV].

REIS, Edgard Pereira dos. O abutre e o deduzir difícil do azul. **Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte**, p. 7, 15 ago.1970. [Crítica sobre AV].

REIS, Sérgio Rodrigo. A cor da alma. **Estado de Minas**, Caderno Pensar, Belo Horizonte, sábado, 19 de junho de 2004, p. 5. [Depoimentos sobre AV, em razão de seu falecimento].

REZEK, Francisco. [Discurso em ocasião do recebimento da Medalha]. Reitoria da UFMG. Belo Horizonte, 19 set. 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/hGt9cM>>. Acesso em: 08 jun. 2016. [AV citado no discurso].

RIBEIRO, Patrícia. O olhar de Minas: diálogo entre Conceição Evaristo e Adão Ventura. **Cadernos CESPUC**, Belo Horizonte, n. 20, 2010. [Artigo sobre AV].

SÁBER, Rogério Lobo. Adão Ventura: uma poesia-alarme. **RevLet** – Revista Virtual de Letras, UFG, v. 08, n. 01, p. 709-716, jan./jul. 2016. [Artigo sobre AV].

SALLES, Fritz Teixeira de. O dono da metáfora. **Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte**, p. 10, 30 jan. 1971. [Crítica sobre AV].

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Comentário. In: VENTURA, Adão. **As musculaturas do arco do triunfo**. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1975. [Paratexto do tipo peritexto. Orelha de livro].

SANTIAGO, Silviano. A cor da pele. In: SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-sociais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. [Ensaio].

SANTOS, Carlos Alberto dos. **Aspectos estilísticos dos poemas de A cor da pele**. (Dissertação de Mestrado em Letras). Universidade Federal Fluminense, UFF, 1994. [Trabalho citado em vários outros, porém nunca encontrado].

SANTOS, Jorge Fernando dos. Pó-de-mico, macaco de circo. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 920, p. 10, 19 maio 1984. [Primeira crítica ao livro infantil de Adão, contém entrevista com AV].

SANTOS, Jussara. A não cor do poema ou uma escrita acima de qualquer suspeita?. **Boletim do CESP**, v. 20, n. 27, p.123-130, jul./dez. 2000. [Ensaio sobre AV, p. 124, 126, 127, 128, 129].

SANTOS, Jussara. **Afrodições: identidade e alteridade na construção poética de três escritores negros brasileiros**. 1998. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. [Dissertação sobre AV].

SANTOS, Luana Diana dos. **Acervo de Adão Ventura, uma história**. Entrevista concedida a Gustavo Tanus, 30 jan. 2017. [Entrevista sobre a doação do arquivo pessoal do escritor para o AEM].

SANTOS, Luiz Carlos dos (Org. e Apres.). **Antologia da poesia negra brasileira: o negro em versos**. São Paulo: Moderna, 2005. (Coleção Lendo & Relendo). [AV citado neste livro, selecionado pelo PNBE 2006, p. 76, 179].

SANTOS, Patrícia Ferreira dos. **Pinta e rabisca**, menino poeta. São Paulo: Agbook, 2011. [Livro infantil que em verso cita AV, p. 25].

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **De livros e vicências tecidas: Acervos literários dos kits escolares**. Belo Horizonte: SMED, 2011. [Costura de nuvens, de AV, no Kit escolar 2008, p. 24].

SILVA, Alberto. [Fragmento] 5. In: VENTURA, Adão. **Texturaafro**. Ilustrações de Naíche Cardoso. Belo Horizonte: Lê, 1992. p. 34. [Paratexto do tipo peritexto, sobre AV].

SILVA, Antonio Manoel dos Santos; SANT'ANNA, Romildo. **Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas - Brasil**. São Paulo: Artes e Ciência, 2007. (Coleção Literaturas de Língua Portuguesa, organização de Maria Aparecida Santilli e Suely Fadul Villibor Flory). [p. 274].

SILVA, Guilherme Rodrigues. **A face do abutre: a experiência da alteridade na poesia de Adão Ventura**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras/ Português) – Universidade Estadual de Montes Claros, 2016. [Monografia sobre AV].

SILVA, Guilherme Rodrigues; ROCHA, Antônio Wagner Veloso. Abrir-se uma poética: a identidade do outro na poesia de Adão Ventura. **Literafro**, Crítica de Adão Ventura. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 14 out. 2016. [Artigo acadêmico sobre AV].

SILVA, Jônatas Conceição da. **Vozes quilombolas: uma poética brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2004. [AV integra rol de escritoras negras e escritores negros, p. 114, 115].

SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. Os integros e os marginalizados. **Boletim UFMG**, Ano 38, n. 1789, 10 set. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/vfWj2>>. [Ensaio que usa na argumentação poema de AV].

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Por uma militância ativa da palavra: antologias, mostras, encontros e crítica sobre literatura negra, anos 1980. **História: Questões & Debates**, Curitiba: Editora UFPR, v. 63, n.2, p. 161-194, jul./dez. 2015. [Participação de AV na Mostra Internacional de São Paulo – Perfil da Literatura Negra, p. 182; AV como escritor negro que furou o cerco editorial, p. 184; participação de AV na III Bienal Nestlé de Literatura, p. 189; cita notícia sobre o evento, p. 190; escassez de documentos sobre evento, e falecimento de participantes, incluindo AV, p. 194].

SOUTO, Maria Generosa Ferreira. Apresentação. In: SOUTO, Maria Generosa Ferreira (Org.). **Escritores mineiros: poesia e ficção**. Montes Claros: Clube de Autores, 2014. [Perfil biográfico, p. 13-14; Lista de poetas mineiros, p. 23].

SOUTO, Maria Generosa Ferreira; BRANDÃO, Carlos Alberto Ferreira; RODRIGUES JUNIOR, Francisco. Literatura das "bordas" do São Francisco. **Revista Litteris**, n. 6, nov. 2010. [Artigo sobre escritores fora do cânone, AV citado].

SOUZA, Ângela Leite de. A cor da pele. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 816, p. 2, 22 maio 1982. [Crítica, leitura de poemas de AV].

SOUZA, Marco Antônio. Valor da arte de ensinar: Adão Ventura. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, n. 959, p. 10, 16 fev. 1985. [Segunda crítica ao livro infantil de Adão. "ensinar pela sutileza" "a vida em movimento"].

SOUZA, Patrícia Fonseca de. O Suplemento Literário sob a direção de Carlos Ávila. In: FONSECA, Patrícia; QUEIROZ, Sônia (Org.). **Editoras mineiras: o lugar da poesia**. 2. ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2012. p. 61-64. [AV citado por Jaime Prado Gouvêa, como um dos autores iniciantes que publicaram no Suplemento Literário, p. 62].

SOUZA, Patrícia Fonseca de. Poesia em números. In: FONSECA, Patrícia; QUEIROZ, Sônia (Org.). **Editoras mineiras: o lugar da poesia**. 2. ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2012. [Levantamento de publicações por autores mineiros, p. 29, 30].

SOUZA, Ricardo Silva Ramos de. **Afirmando outras versões da História... Memória e Identidade nas poéticas de Éle Semog e José Luis Hopffer Almada**. Dissertação (Mestrado em Relações Etnicorracais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Rio de Janeiro, 2014. [AV como um dos autores na antologia *Schwarze Poesie – Poesia Negra*, organizada por Moema Parente Augel, p. 25, 148].

TANUS, Gabrielle Francinne; PEREIRA JUNIOR, Antônio Afonso; TANUS, Gustavo . Acervo de Escritores Mineiros: a biblioteca de Wander Pirolí. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS - SNBU, 2014, Belo Horizonte. **Anais...**, 2014. [Constam do inventário de Wander Pirolí os exemplares com dedicatória das obras *As musculaturas do arco do triunfo*, de 1975; *A cor da pele*, de 1980; e *Jequitinhonha: poemas do vale*, de 1980].

TANUS, Gustavo. Adão Ventura sob o olhar de Édimo de Almeida Pereira. **Literafro**, Belo Horizonte: NEIA/FALE/ UFMG, 2014 [Resenha crítica de livro sobre a poética de AV].

TANUS, Gustavo. **Africanos e afrodescendentes nas estantes: a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa**. Monografia (Bacharelado em Edição) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. [AV listado como quinto em quantidade de obra disponível no acervo da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, p. 29].

TANUS, Gustavo. Marujos, caboclos e catopês: a afro-mineiridade na poesia de Adão Ventura. SEMANA DA LETRAS DA UFOP, XIV; SIMPÓSIO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM, I., 2016, Mariana. **Resumos...** Mariana: UFOP, 2016. p. 138. [Análise do *Jequitinhonha: poemas do Vale*].

TANUS, Gustavo. O poeta Adão Ventura: seu lugar no Acervo de Escritores Mineiros. In: PENSANDO ÁFRICAS E SUAS DIÁSPORAS, IV; SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO UNIAFRO, I.; SEMINÁRIO SOBRE CULTURAS INDÍGENAS NA UFOP, I.; ENCONTRO DOS PIBIDS DE TEMÁTICA AFRICANA E INDÍGENA, I., 2015, Mariana. **Africanidades e Culturas Indígenas: histórias que importam**. Mariana: ICHS / Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, 2015. p. 85-85. [Apresentação de trabalho sobre AV].

TANUS, Gustavo. Panorama da fortuna crítica de Adão Ventura. In: **Literafro**, UFMG, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://grabify.link/ESICIL>>. [Artigo sobre AV].

TANUS, Gustavo. Reflexões para uma poética do arquivo: a experiência de organização do acervo do poeta Adão Ventura. In: ARAÚJO, Cléber; SILVA, Marcelino (Org.). **Escavações e impressões**: escritos sobre acervos literários e memória cultural. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2017. [Ensaio sobre acervo AV. No prelo].

TANUS, Gustavo. Visões do Abutre: imagens do poeta Adão Ventura na obra e na crítica. In: CONGRESSO INTERNACIONAL, I; CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA, III., 2016, Vitória. **Anais...** Vitória: UFES - Universidade Federal do Espírito Santo, 2016. p. 1-12. [Análise da crítica e obra de AV].

TAVARES, Marco. Kátia Bento: no reino das palavras, castelã. In: DALVI, Maria Amélia; LOPES, Orlando; NEVES, Reinaldo Santos (Org.). **Bravos companheiros e fantasmas 5**: estudos críticos sobre o autor capixaba. Vitória: EDUFES, 2014. p. 205-216. [Reportado o contato de Kátia Bento com vários escritores mineiros, incluindo AV, p.208].

TEIXEIRA, Valéria Maria Borges. "Abrindo-se as cancelas da África": rompendo as barreiras do conhecimento - a experiência educacional do projeto Geração XXI. In: SILVA, Cidinha da (Org.). **Ações afirmativas em educação**: experiências brasileiras. São Paulo: Selo Negro, 2003. p. 79-113. [Reflexão sobre Educação, e proposta de educação diferenciada; AV integra rol de escritoras negras e escritores negros contemporâneos, p. 104].

TOLENTINO, Eliana da Conceição. **Literatura Portuguesa no Suplemento Literário do Minas Gerais**: relações Brasil/Portugal. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. [Servidores do Suplemento, p. 22, 41; Carta de apoio de AV à Murilo Rubião, que sofria campanha difamatória de funcionário ligado à ditadura, p. 62; Intelectuais lecionando fora do país, AV nos EUA, p. 143; Entrevista com Duílio Gomes, Anexo I, p. 1].

TVUFOP. **Faça sol ou faça tempestade**. In: TVUFMG. Movimento. Adão Ventura em vídeo e artes variadas em cartaz em Belo Horizonte [11 set. 2014]. Disponível em: <<https://vimeo.com/105893386>>. [18'36"]. [Audiovisual sobre AV].

UFMG lança 27ª edição da Revista Literária. **Boletim UFMG**, Ano 29, n. 1385, 20 fev. 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/bM3e2h>>. [Sobre a RL, Adão citado por Ronald Claver].

UFMG reinaugura Acervo de Escritores Mineiros com novas obras. **Boletim UFMG**, 19 out. 2011. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/online/imprensa/arquivos/021330.shtml>>. Acesso em: 08 jun. 2016. [Informação sobre AEM, incluindo o acervo de AV].

VARGAS, Mônica. História que se conta no presente. **Conexão Biblioteca**, ano 5, n. 15, p. 8, mar./abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/2KTMEB>>. [Matéria em que o Prof. Dr. Rubens Silva, da ECI/UFMG cita, entre outros, AV].

VENTURA, Adão. **Programa "Vereda Literária"**. [7, maio 1996]. Entrevista concedida a Helton Gonçalves de Souza. Direção: Melquíades Lima; Produção: Abel Amâncio Silva. [Audiovisual sobre poesia de AV].

Teórica

ALCIDES, Sérgio. **Armadilhas para Ana Cristina:** e outros textos sobre poesia contemporânea. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2016.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas:** reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Museu: fantasia? **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 jul. 1972.

ANTÔNIO, Carlindo Fausto. **Cadernos Negros:** esboço de análise. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2005.

ARAÚJO, Débora Soares de. Poesia como lugar de existência e resistência. In: MACHADO, Rodrigo Vasconcelos (Org.). **Panorama da literatura negra ibero-americana.** Curitiba: Imprensa UFPR, 2015. p. 227-238.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: mapa do território. In: ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico:** dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 32-82.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos. Arquivos pessoais**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

ASSIS, Machado de. **Memorial de Aires.** In: ASSIS, Machado de. Obra completa. V. I. 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. (1ª edição, Garnier. 1908).

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**, volume único. Prefácio, organização de André Seffrin. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

BARBOSA, Rui. **Atos legislativos. Decisões ministeriais e circulares.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986. (Obras completas. Vol. XVII, 1890, Tomo II).

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha.** 5.ed. São Paulo: Ática, 1971. (Série Bom livro).

BARRETO, Lima. **Diário íntimo.** São Paulo: Mérito, 1953.

BARRETO, Lima. **Sátiras e outras subversões.** Organização de Felipe Botelho Corrêa. São Paulo: Penguin/Companhia das letras, 2016.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. nota sobre a fotografia. 2. ed. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p. 65-70.

BATISTA, Jucélia. Mulheres que dão exemplos e são exemplos de vida. Fundação Cultural Palmares, 05 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=3287&lang=es>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos pessoais como fonte de pesquisa. In: BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 263-270.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I** – magia e técnica, arte e política. 7. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I** – magia e técnica, arte e política. 7. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERND, Zilé. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BHABHA, Hommi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BICALHO, Gustavo de Oliveira. "BASTARIA AO POEMA APENAS A COR DA MINHA PELE?": Imagens do arquivo literário afro-brasileiro de Paulo Colina. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

BORDINI, Maria da Glória. Acervos de escritores e o descentramento da história da literatura. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 11, p. 15-23, 2005.

BORDINI, Maria da Glória. Acervos sulinos: a fonte documental e o conhecimento literário. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello. **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 129-140.

BORGES, Afonso. A biblioteca é o segredo da obra do autor. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 dez. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/artigo-biblioteca-o-segredo-da-obra-do-autor-20703855>>. Acesso em 04 jan. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRASIL. ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. (Publicações Técnicas, 41) Disponível em: <www.conarq.arquivonacional.gov.br>.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/publicacoes_textos/nobrade.pdf>.

BURNHAM, Louis. **Behind the Lynching of Emmet Louis Till**. New York, USA: Freedom Associates inc., 1955.

CABRAL, Cleber A. . Escutar os arquivos com os olhos : uma proposta e duas cenas. **Revista Z Cultural**, UFRJ), v. X, p. 1-16, 2015.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Dicionário de terminologia arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros - Núcleo Regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

CAMARGO, Ana Maria de. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, ano XLV, n. 2, p. 26-39, jul./dez. 2009.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CANDIDO, Antonio. **A Educação pela noite**. São Paulo: Ática, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**: (momentos decisivos). 7. ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

COLOMBO, Fausto. **Os arquivos imperfeitos**: memória social e cultural eletrônica. Tradução de Beatriz Borges. São Paulo: Perspectiva, 1991.

COSTA, Célia Leite. Intimidade versus Interesse Público: a Problemática dos Arquivos. **Estudos históricos. Arquivos pessoais**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 189-199, 1998.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo; Rio de Janeiro: Horizonte; Editora da Uerj, 2012.

DAY, Linda. **Gender and power in Sierra Leone**: women chiefs of the last two centuries. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta**. Lisboa: KKYM, 2013.

DOUGLAS, Jennifer Lynn. **Archiving authors**: rethinking the analysis and representation of personal archives. Tese (PhD) – Faculdade de Informação, Universidade de Toronto, Toronto, Canada, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis, FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e afrodescendência**

DUARTE, Eduardo de Assis. A capoeira literária de Machado de Assis. **Machado de Assis em linha**, ano 2, n. 3, p. 27-38, jun. 2009. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero03/num03artigo03.pdf>>.

DUARTE, Eduardo de Assis. Estratégias de caramujo. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Machado de Assis afro-descendente**: escritos de caramujo. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2009. p. 249-291.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política e identidade**. BH: Fale/UFMG, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v.14, n.23, p. 113-138, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/download/10953/8012>>. Acesso em: 10 agosto 2017.

DUCROT, Aline. A classificação dos arquivos privados e familiares. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 151-168, 1998.

DURANTI, Luciana. The archival bond. **Archives and Museum Informatics**. Vancouver (Canada), Kluwer Academic Publishers, v. 11, n. 13, p. 213-218, sept. 1997.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. 6. ed. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECHEVERRÍA, Roberto González. **Mito y Archivo**: una teoría de la narrativa latinoamericana. Trad. de Virginia Aguirre Muñoz. 2 ed. México: FCE, 2011.

FIGUEREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Mazza Edições; PUC Minas, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luis Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2008.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos III**. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. 22. ed. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2006.

GBOLONYO, Justice Stephen Kofi. **Indigenous knowledge and cultural values in Ewe musical practice: their traditional roles and place in modern society**. PhD – Faculty of Arts and Sciences, University of Pittsburgh, 2009.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GRÉSILLON, Almuth. Ler para escrever. Trad. Júlio Castañon Guimarães. **Escritos**, Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, ano V, n. 5, p. 7-22, 2011.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade: o poema do periódico ao livro. **Ipotesi**, Departamento de Letras, UFJF, v. 4, n. 2, 2000.

GUIMARÃES,, Júlio Castañon. Murilo Mendes acervo de poeta. **Fundação Casa de Rui Barbosa**. [s. d.] (Seção de Artigos).

Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_JulioCastanonGuimaraes_MuriloMendes_acervo_poeta.pdf>. Acesso em 12 set. 2016.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. (Ed.). **Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

HAY, Louis. **A literatura dos escritores: questões de crítica genética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HELDER, Herberto (Ed.). **Nova / magazine de poesia e desenho**, Jornal do fundão, Lisboa, n. 1, 1976.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre Arquivos Pessoais e o caso Filinto Müller. **Estudos Históricos**, v. 10, n. 19, p. 41-66, 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

HEYMMAN, Luciana. Estratégias de legitimação e institucionalização de patrimônios históricos e culturais: o lugar dos documentos. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 8., 2009, Buenos Aires. **Processos de patrimonialização da cultura no**

mundo contemporâneo. Buenos Aires, 2009, GT 33. Disponível em: <<https://goo.gl/Pk2iH1>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

HOBBS, Catherine. Reenvisioning the personal: reframing traces of individual life. **Currents of Archival Thinking**, Santa Barbara, Libraries Unlimited, 2010.

HOBBS, Catherine. Vislumbrando o pessoal: reconstruindo traços de vida individual. In: EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather (Org.). **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Tradução de Anderson Bastos Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. p. 303-341.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. 2ed. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

INNOCENCIO, Isabela Torres de Castro. **Memória de afrodescendentes no Vale do Paraíba**: de colônia agrícola Nossa Senhora da Piedade a bairro de Vila Isabel. Lugar de memória, história e esquecimento em Três Rios, 1882-1951. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

JURT, Joseph. De Lanson à teoria do campo literário. Tradução de Rodrigo Lacerda e Sergio Miceli. **Tempo social**, São Paulo, v. 16, n.1, p. 29-59, Jun. 2004.

LANNA, Ana Lúcia Duarte (Org.). **Guia do IEB**: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: IEB/USP, 2010.

LE GOFF, Jacques. A História Nova. In: NOVAIS, F.; SILVA, R. F. da (Org.). **Nova História em Perspectiva**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

LIMA, Luiz Costa. Machado: mestre de capoeira. **Espelho**: revista machadiana, Virginia (EUA), v. 3., p. 37-43, 1997.

LIMA, Sônia Maria van Dijck. **Gênese de uma poética da transtextualidade**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1993.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998. p. 225-249.

LUCAS, Fábio. 2. [Três opiniões críticas sobre Adão Ventura]. In: VENTURA, Adão. **A cor da pele**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1980. s.p.

LUDMER, Josefina. Literaturas posautónomas. **Ciberletras**. Revista de crítica literaria y de cultura n. 17, julio 2007.

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MANIMANIS, V. N.; THEODOSSIOU, E.; MANTARAKIS, P.; DIMITRIJEVIC, M.S. Astronomy and constellations in the Iliad and Odyssey. **Journal of Astronomical History and Heritage**, v. 14, n. 1, p. 22-30, 2011.

MARQUES, Reinaldo (Org.). **Literatura e arquivos literários**. Belo Horizonte: FALE, UFMG, 2008. (Coleção Viva Voz).

MARQUES, Reinaldo. Acervos literários e imaginação histórica: o trânsito entre saberes. **Ipotesi**: revista de estudos literários, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 29-37, jul./dez. 2000.

MARQUES, Reinaldo. Arquivos literários e reinvenção da literatura comparada. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, XIII, 2013. **Anais...** Internacionalização do Regional, Campina Grande-PB, julho de 2013. (inédito).

MARQUES, Reinaldo. Arquivos literários, entre o público e o privado. **Lo que los archivos cuentan**, v.3, p.17-62, 2014.

MARQUES, Reinaldo. Memória literária arquivada. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 18, p.105-119, jul. 2008.

MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello. **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 141-156.

MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário como figura epistemológica. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, p. 13-23, jul./dez. 2007.

MARQUES, Reinaldo. O arquivo literário e as imagens do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria de; TOLENTINO, Eliana da Conceição; MARTINS, Anderson Bastos (Org.). **O futuro do presente**: Arquivo, gênero e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 59-89.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MCKEMMISH, Sue. Evidencia de mí... Tradução Alejandro Delgado Gomes para o espanhol. **Archives and Manuscripts**, v. 24, n.1, 1996.

MIGEOD, Frederick William Hugh. **Mende Natural History Vocabulary**. London: Kegan Paul, Trench, Trübner & Co. Ltd., 1913.

MIRANDA, Wander Melo. A Coleção Archivos e a memória cultural da América Latina. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello. **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MOLES, Abraham A. Biblioteca pessoal, biblioteca universal. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, v.6, n.1, jan./jun. 1978.

MORAES, Vinicius de. **Para viver um grande amor**. Organizado por Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 131-132.

MUZART, Zahidé Lupinacci. O "popular" na poesia do jovem Cruz e Sousa. **Travessia**, n. 26, p. 163-170, 1993.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: a problemática dos lugares. SP: 1993. P. 9-29.

NOUZEILLES, Gabriela. Os restos do político ou a ruína dos arquivos. Tradução de Rômulo Monte Alto. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 130-154.

NTUMBA, Tshiamalenga. *Apud* NASCIMENTO, Alexandre do. Ubuntu como fundamento. **UJIMA**, Revista de Estudos Culturais e Afrobrasileiros. Ano XX, n. XX, 2014.

NUNES, Roberson de Sousa. **Haikai e performance**: imagens poéticas. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

OAKLEY, Giles. **The Devil's Music**: A history of the blues. Cambridge: Da Capo Press, 1997.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. **Gênero e etnicidade no romance *Úrsula***, de Maria Firmina dos Reis. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

OLIVEIRA, Natalino da Silva de. **Labirintos performáticos nas narrativas de Campos de Carvalho e de Mario Bellatin**. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.

OPHIR, Adi. Das ordens no Arquivo. In: SALOMON, Marlon (Org.). **Saber dos arquivos**. Goiânia, GO: Edições Ricochete, 2011. p. 73-98.

OTTE, Georg. **Linha, Choque e Mônada**: tempo e espaço na obra tardia de Walter Benjamin. 285f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.

OTTE, Georg; VOLPE, Miriam Lídia. Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin. **Fragmentos**, Florianópolis, n. 18, p. 35-47, jan./jun., 2000.

PAIVA, Kellen Benfenatti. **Nos bastidores do arquivo literário:** Henriqueta Lisboa entre versos e cartas. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012.

PALMEIRA, Francineide Santos. **Vozes femininas nos Cadernos Negros:** representações de insurgência. Dissertação (Mestrado em Letras) – Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, 2010.

PAZ, Octávio. **Signos em rotação.** Rio de Janeiro: Perspectiva, 2003.

PEREIRA, Edmilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos:** estudo sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **Mário de Andrade e os mineiros:** a carta como exercício crítico. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

PIRES, Antonia Cristina de Alencar; TANUS, Gustavo. . Literatura, jornalismo, e a gênese da mídia contemporânea nas *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto. **Darandina**, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 9, n. 1, set. 2016.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

QUILOMBHOJE. **Reflexões:** sobre a literatura afro-brasileira. São Paulo: Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985.

RAMA, Angel. **A cidade das letras.** São Paulo: 1985.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível.** Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental org.; Ed. 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita.** Tradução de Raquel Ramallete, Laís Eleonora Vilanova, Lígia Vassalo e Eloísa de Araújo Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

RAVETTI, Graciela. Narrativas performáticas. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Org.). **Performance, exílio, fronteiras:** errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG, 2002. p. 47-68.

RAVETTI, Graciela. Performances escritas: o diáfano e o opaco da experiência. Tradução de Melissa Gonçalves Boechat e Karla Fernandes Cipreste. In: HILDEBRANDO, Antônio; NASCIMENTO, Lyslei de Souza; ROJO, Sara. **O Corpo em performance:** imagem, texto, palavra. Belo Horizonte: NELAP/FALE/UFMG, 2003. p. 31-61.

RIBEIRO, Ewerton Martins. **Retrato de um escritor bifurcado e de sua paixão pela literatura:** um biografema de Fernando Sabino com foco no livro *Zélia*, uma paixão.

Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

RODRIGUES, Ana Célia. **Diplomática contemporânea como fundamento metodológico de identificação de tipologia documental em arquivos**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

SAID, Roberto. **O gauche e a política**: imagens do intelectual modernista em Drummond. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2002.

SALLES, Cecília Almeida. Transformação em processo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 40, p. 147-160, 1996.

SANCHES NETO, Miguel. Autobiografia material. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 64-75.

SANTIAGO, Silviano. A cor da pele. In: VENTURA, Adão. **A cor da pele**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1980. s.p.

SANTIAGO, Silviano. **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio** (Província de Minas Gerais). Rio de Janeiro: Typographia AMERICANA, 1868. Disponível em: <<https://goo.gl/WxqCjJ>>. Acesso em 15 ago. 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Zumbi**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 1985 *Apud* DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. *Navegações*, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013.

SANTOS, Luana Diana dos. **Acervo de Adão Ventura, uma história**. Entrevista concedida a Gustavo Tanus, 30 jan. 2017.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? Tradução de Dandara. **O Percevejo** - Revista, Rio de Janeiro: UNI-RIO, ano 11, p. 25-50, 2003.

SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. **Arquivos modernos**: princípios e técnicas. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SILVA, Armando B. Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. 2. ed. Porto: Afrontamento, 2002.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A Descoberta do Insólito**: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000). Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SILVA, Pedro Henrique Souza da. Èsù Èmi: Representações do orixá na literatura afro-brasileira. **Literafro**, Belo Horizonte, 2013.

SOUSA, João da Cruz e. **Obra completa**. Introdução, organização, cronologia e bibliografia por Andrade Muricy. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.

SOUSA, João da Cruz e. **Últimos inéditos**: Prosa & poesia. Coordenação de Uéinton Farias Alves. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

SOUSA, João da Cruz e; ALVES, Uelinton Farias (Coord.). **Últimos inéditos**: prosa & poesia. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica genética e crítica biográfica. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 25-29, out./dez. 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de; LYSARDO-DIAS, Dylia; BRAGANÇA, Gustavo Moura (Org.). **Sobrevivência e devir da leitura**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014.

SOUZA, Eneida Maria de; LYSARDO-DIAS, Dylia; BRAGANÇA, Gustavo Moura (Org.). **Sobrevivência e devir da leitura**. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello. **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SVICERO, Thais Jeronimo. **Construindo um lugar na história**: o arquivo pessoal de João Antônio (1937-1996). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2012.

TAYLOR, Diana. Introducción. Performance, teoría y práctica. In: TAYLOR, Diana, FUENTES, Marcela A. (Ed.). **Estudios avanzados de performance**. México : FCE; Instituto Hemisférico de Performance y Política, Tisch School of the Arts, New York University, 2011. p. 7-30.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Tradução de Eliana Lourenço de Lima. Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

TAYLOR, Diane. **Performance**. Buenos Aires: Asunto Impreso Ediciones, 2012.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

VENTURA, Adão. Rotina. In: TORRES, Wagner (Org.). **Cantária**. Belo Horizonte: Plurarts, 2000.

VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Mauricio; MORAES DE SÁ, Paulo Sérgio. A vontade de guardar: lógica na acumulação em arquivos privados. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 62-76, jul./dez. 1986. Citados por SVICERO, Thais Jeronimo. **Construindo um lugar na história**: o arquivo pessoal de João Antônio (1937-1996). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2012.

WERNECK, Maria Helena. As poéticas de elogio ao Homem de Letras. In: WERNECK, Maria Helena. **O homem encadernado**: a escrita das biografias de Machado de Assis. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. p. 37-49.

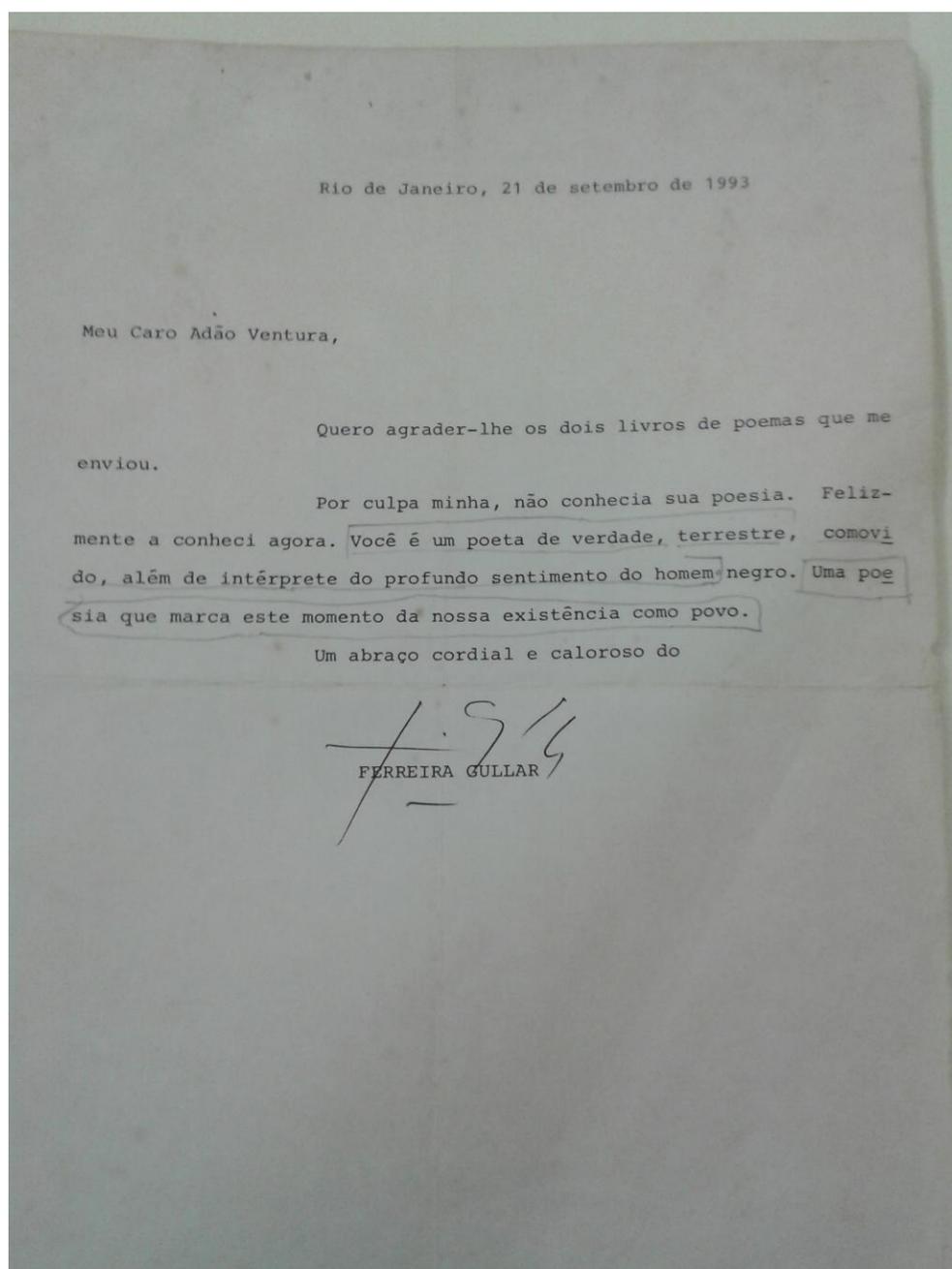
WERNECK, Maria Helena. As poéticas do elogio ao homem. In: WERNECK, Maria Helena. **O homem encadernado**. RJ: Editora UERJ, 2008.

WILLIAMS, Caroline. Personal papers: perceptions and practices. **What Are Archives?**, Aldershot, Ashgate, 2008.

XAVIER, Arnaldo. Dha lamba à qvizila – a busca de hvma expressão literária negra. In: ALVES, Miriam; CUTI, Luiz Silva; XAVIER, Arnaldo (Org.). **Criação crioula, nu elefante branco**. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura / Imprensa Oficial, 1986.

ANEXOS

Anexo A – Cartas de Ferreira Gullar a Adão Ventura



Rio, 26/7/01

Meu caro Adão Ventura:
Estava fora do Rio e por isso só agora posso mandar-lhe a opinião sobre seu livro.
“A poesia de Adão Ventura não é uma poesia poética, de quem deseja mostrar o lado encantador do real; é a poesia-denúncia, de quem já não tolera a mentira e a farsa. E essa revolta é tão verdadeira que chega a alterar a matéria de sua linguagem.”
Abraço do

f.gu

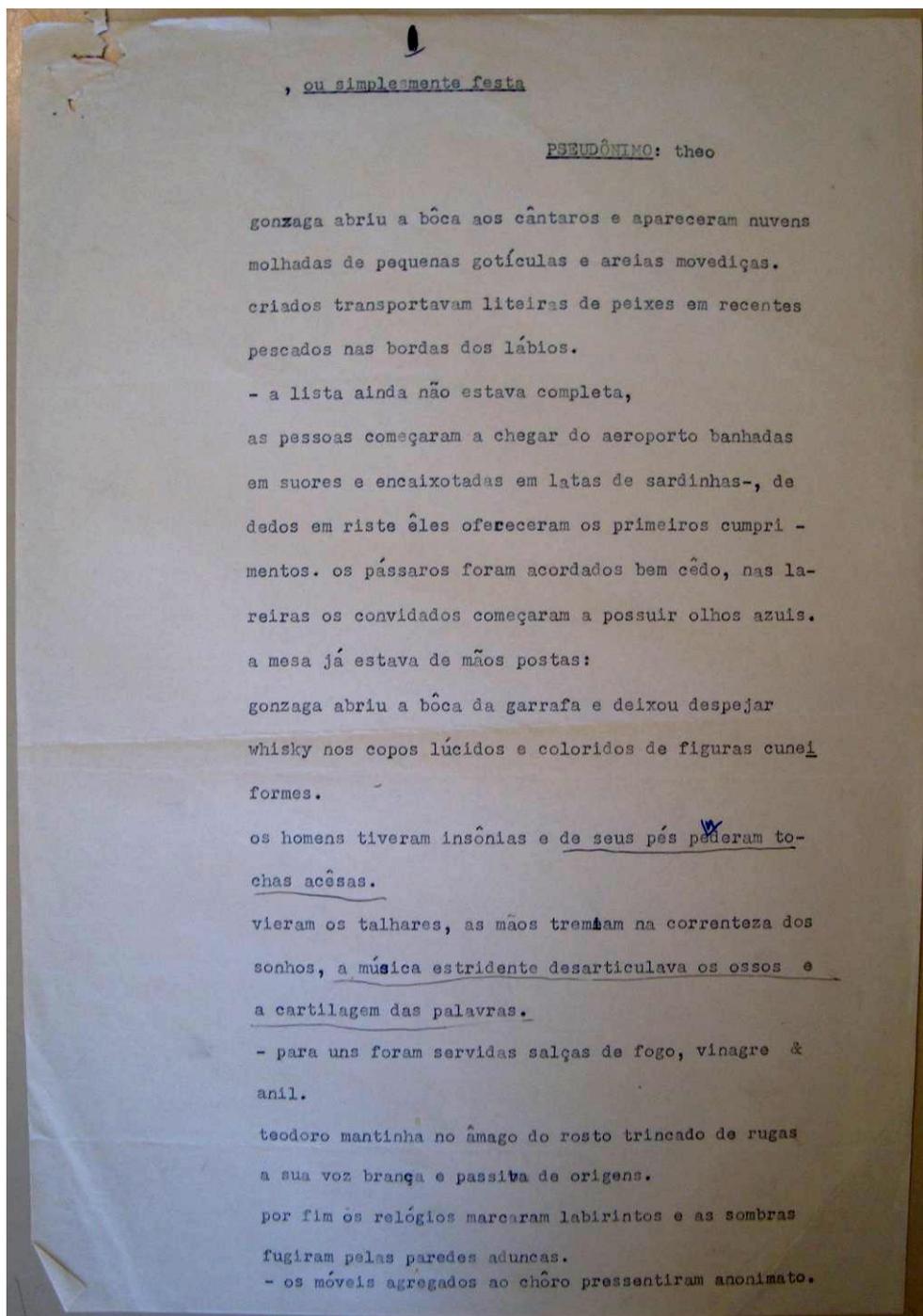
Fonte: Carta de Ferreira Gullar a Adão Ventura, 26 jul. 2001. In: ACERVO ADÃO VENTURA.

Anexo B – Clipagem da programação do evento 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, 1986

 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira Seminário de Literatura Brasileira Centro de Convenções Reboças - Grande Auditório - Av. Reboças, 600 - São Paulo - SP - de 7 a 11 de julho de 1986	
7/7 - A Mulher na Literatura Brasileira Das 9 às 12 h Expositora: Maria Alice Barroso Coordenadora: Bella Jozef Debatedoras: Eglê Malheiros Miguel Helena Parente Cunha Nádia Gotlieb Telê Ancona Lopes	Das 14 às 17 h Deponentes: Adão Ventura Audálio Dantas Éle Semog Oliveira Silveira Oswaldo Camargo Paulo Colina Ruth Guimarães
Das 14 às 17 h Deponentes: Lya Luft Lygia Fagundes Telles Myriam Fraga Nélida Piñon Renata Pallottini Sônia Coutinho Stella Leônardos	10/7 - Literatura Infanto-Juvenil Brasileira Das 9 às 12 h Expositora: Nelly Novaes Coelho Coordenadora: Marisa Lajolo Debatedores: Fanny Abramovich Laura Sandroni Regina Zilbermann Wander Piroli
8/7 - O Ensino de Literatura Brasileira Das 9 às 12 h Expositor: José Carlos Garbuglio Coordenador: José Paulo Paes Debatedores: Fábio Lucas Flávio Loureiro Chaves Letícia Mallard Marcos Accioly	Das 14 às 17 h Deponentes: Elias José Francisco Marins João Carlos Marinho Maria Clara Machado Orgenes Lessa Ruth Rocha Vivina de Assis Viana
Das 14 às 17 h Deponentes: Adonias Filho Antônio Dimas Cassiano Nunes Ignácio de Loyola Brandão João Antônio Judith Grossmann Massaud Moisés	11/7 - Literatura Brasileira e Comunicação Das 9 às 12 h Expositor: Muniz Sodré Coordenador: João Antônio Debatedores: Antônio Torres Cremilda Medina Eric Nepomuceno Gilberto Mansur
9/7 - O Negro na Literatura Brasileira Das 9 às 12 h Expositor: Leo Gilson Ribeiro Coordenador: Duílio Gomes Debatedores: Abelardo Rodrigues Clóvis Moura Joel Rufino dos Santos Otávio Ianni	Das 14 às 17 h Deponentes: Antunes Filho Hugo Carvana João Batista de Andrade Jorge Vasconcelos Judith Patarra Marcos Rey Virgínia Pinheiro

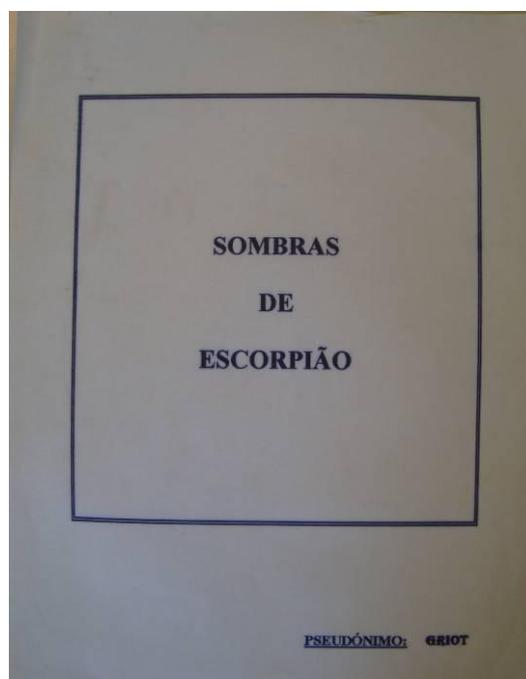
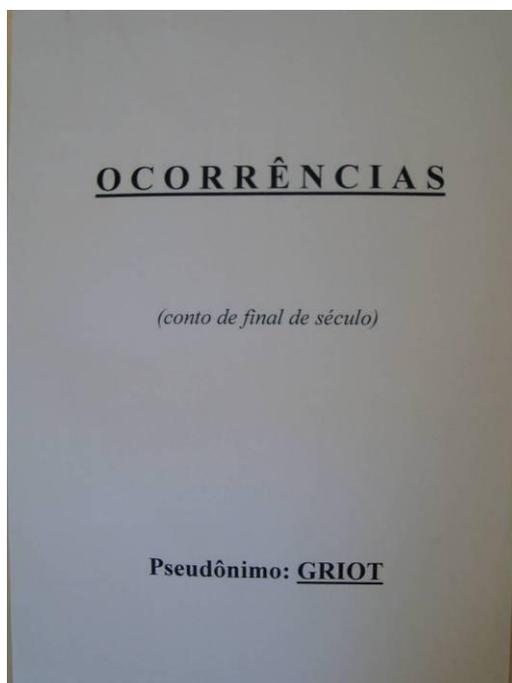
Fonte: *Folhetim*, jun. 1986. In: ACERVO ADÃO VENTURA.

Anexo C – O poema em prosa "ou simplesmente festa"

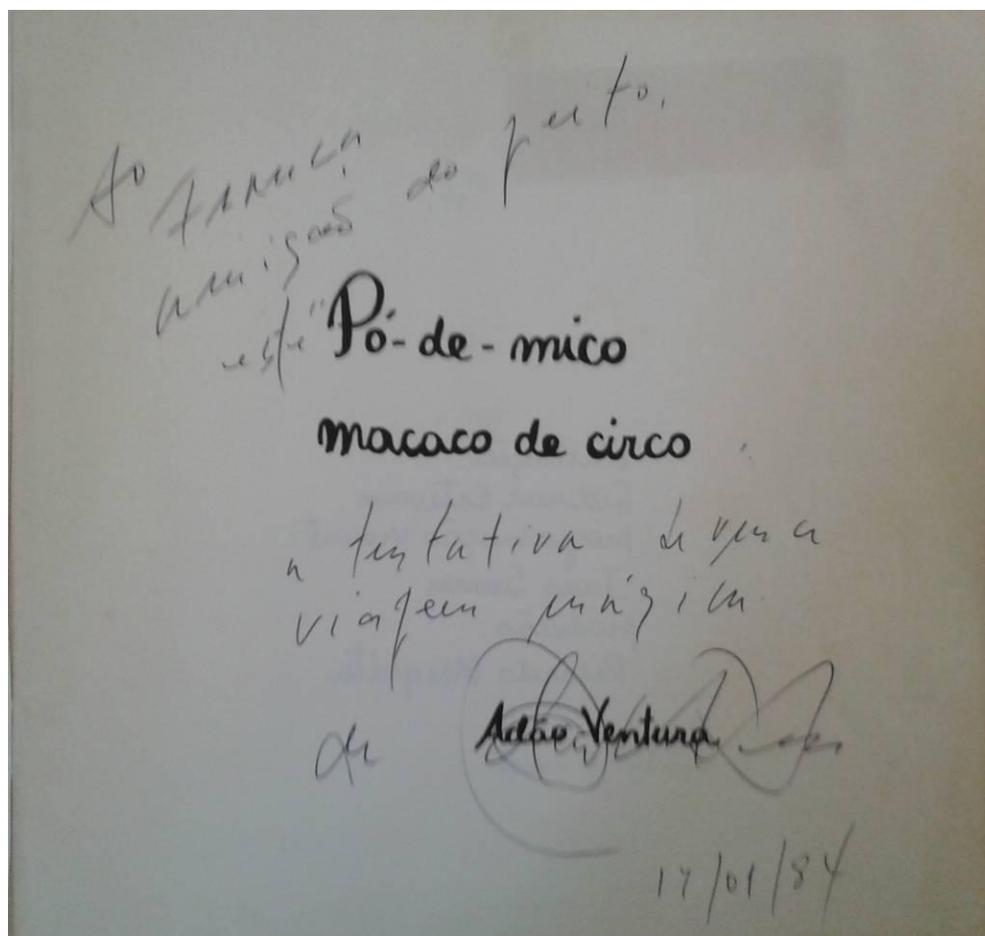


Fonte: ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.

Anexo D – Duas folhas de rosto: "Ocorrências" e "Sombras de escorpião"

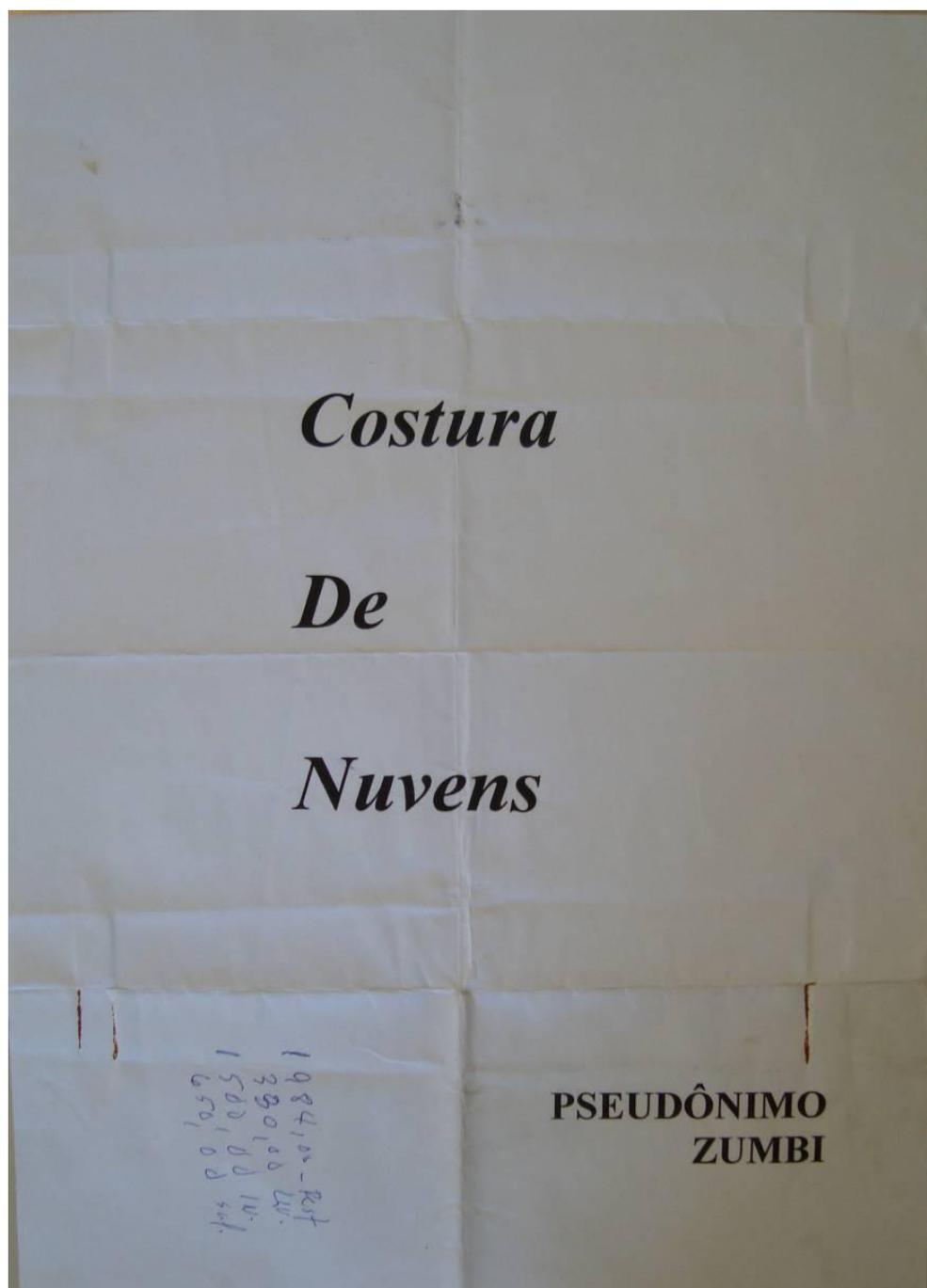


Fonte: ACERVO ADÃO VENTURA, s.d.

Anexo E – Folha de rosto do livro *Pó-de-mico, macaco de circo* (1984)

Fonte: Acervo Oswaldo França Jr. AEM.

Anexo F– Página Folha de rosto, com título "Costura de nuvens", e pseudônimo Zumbi



APÊNDICE

Apêndice I – Constelações *Litanias de cão* e *Texturaafro*

